

*Você acredita que o amor pode acontecer
mesmo havendo segredos?*

O LADO OCULTO DO AMOR

LÍVIA MAYER

VOL. I



LÍVIA MAYER

O

LADO

OCULTO

DO

AMOR

COPYRIGHT © 2019 LÍVIA MAYER

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial e revisão: Livia Mayer e Thayná
Moraes

Capa: L.S. Almeida

Vetores: Freepik

1ª Edição/2019

Nenhuma parte deste e-book pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de uma resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO



[COPYRIGHT © 2019 LÍVIA MAYER](#)

[SUMÁRIO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E UM](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E SETE](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA E OITO](#)

[EPÍLOGO](#)

[EM BREVE O OUTRO LADO DO AMOR!](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[RECADO DA AUTORA](#)

DEDICATÓRIA



À todos que estão à espera do amor.

EPÍGRAFE



“A distância faz ao amor aquilo que o vento faz ao fogo:
apaga o pequeno, inflama o grande.”

Roger Bussy-Rabutin

CAPÍTULO UM



Atlanta, Estados Unidos. 22 de maio de 2016.

— Bonitão, eu quero um drinque desse aí também.

— Não posso servir bebida alcoólica para menores de idade.

— Aff, que chato! O que será que eu posso fazer para você mudar de ideia e me servir um drinque legal, hein?

— Nada. Eu estou trabalhando e não posso ficar aqui discutindo com você.

— Que cara chato! O que tem de chato, tem de lindo e gostoso.

— Oi? Falou comigo?

— Não, tchau.

Algumas horas depois...

— Deixa-me ver como está esse ferimento.

— Aiii!

Era estranho para a doutora ver um homem daquele tamanho reclamando como um menino.

— Ainda tem um pedaço de vidro dentro do corte. Se cortou com uma garrafa?

— Foi. Alguns caras brigaram lá no meu trabalho, voaram garrafas para todos os lados.

— Hmm entendi. Vai precisar levar alguns pontos. — Disse ela, enquanto analisava o paciente.

— E isso vai doer, né?

— Homens são tão frouxos. Vou te dar uma anestesia local, porque não quero te ver gritando como um bebê. — A mulher sorriu. — Dra. Lia Collins, prazer. — Ela retirou a luva descartável para apertar a mão do paciente, que por sinal, era muito atraente.

— Mark Harris. Mas você disse doutora? Achei que fosse enfermeira. — Mark ergueu os olhos para a mulher vestida no jaleco branco e constatou que ela era extremamente sexy vestida daquele jeito.

— Por quê? — ela franziu a testa.

— Porque estou calculando a sua idade e pensando com quantos anos entrou na

faculdade? Com dez? — Disse o homem, fazendo a doutora sorrir.

— Com dezesseis. Se está curioso para saber a minha idade, tenho vinte e oito anos.

— Eu jurava que tinha menos.

— Não se preocupe, não vou fazer nenhum estrago no seu braço se é isso que te preocupa. Sou neurologista, neurocirurgiã e na falta de clínicos gerais, eu também atendo. — Ela sorriu. — Prontinho, vou te receitar um medicamento para dor e evite fazer muito esforço com esse braço, viu?

— Obrigado.

Mark sorriu, admirando como a doutora Lia era bonita. Longos cabelos negros, que estavam presos em um coque no alto da cabeça. Os olhos eram verdes e a pele pálida, rosada nas bochechas e parecia ter algumas sardas. O corpo escondido no jaleco era esguio. Sexy demais. Pensou ele.

— Por nada, tenha uma boa noite. — Respondeu a médica.

Lia tentou não ficar prestando atenção no paciente que acabara de atender, mas era um tanto difícil. Alto, moreno, cabelos castanhos num corte moderno, olhos castanhos intensos, barba bem-feita, e o corpo... Era melhor nem pensar no corpo escondido debaixo daquela camisa preta e calça jeans.

Ao final da noite, após terminar seu expediente, Lia foi para casa, morava sozinha numa boa casa em Atlanta, e encontrou sua irmã na cozinha vasculhando a geladeira.

— Chloe?

— Oi maninha! — A ruiva respondeu animada. — Fui numa boate e conheci um barman, meu Deus! Que homem lindo!

— Hmm e ficaram?

— Não, porque ele sabe que sou menor. — Chloe franziu a testa numa careta. — Lia, será que tenho tanta cara de criança assim? — perguntou sentando próximo a bancada da cozinha.

— Sabe que não, tem até uns pés de galinha aí perto dos seus olhos. Está mal para quem tem apenas dezessete anos. — A mais velha disse rindo.

— Palhaça. — Chloe mostrou a língua. — E como foi o trabalho hoje?

— Nada mal, atendi um paciente tão...

— Bonito?

— Eu diria maravilhoso.

Lia suspirou só de pensar no bonitão do braço ferido.

— Nossa! E como ele é?

Chloe estava definitivamente curiosa.

— Ele tem um rosto tão perfeito e a barba cerrada e um corpo que eu fiquei sem ar. — Disse suspirando.

— Hmm deixa eu ver se entendi, a doutora Lia Collins apaixonada por um paciente. Pode isso?

— Para Chloe! — Disse rindo. — Apenas achei ele lindo e gostoso também.

— Sei. Senti o mesmo pelo carinho da boate.

— Hmm, o que tem de bom pra comer aí?

— Manteiga de amendoim, vou fazer um sanduíche pra você.

— Ótimo! Vou subir e tomar um banho, já volto pra gente conversar. — Lia disse, indo em direção ao segundo andar da casa.

Após tomar banho na ducha morna, Lia desceu para a sala e encontrou sua irmã com os sanduíches já prontos.

— E aí, será que o bonitão vai aparecer de novo lá no hospital? — Chloe perguntou enquanto comiam.

— Provavelmente sim, terá que ir retirar os pontos que dei no braço dele.

— Hmmm então chega nele e diz: gato já dei uns pontos no seu braço, será que agora consigo marcar alguns pontos no seu coração? — ela falava rindo.

— Meu Deus! Nunca vi mais boba. — Lia também ria.

— Ou então diz para ele que lá no hospital estão precisando de doador de órgãos. Aí você pergunta se ele pode doar o coração dele pra você.

— Com essas cantadas de pedreiro eu vou levar um fora, isso sim. — A médica ria. — E dificilmente irei vê-lo novamente, eu estava atendendo na emergência hoje porque cobri a folga de outro médico. E quando o tal cara bonitão voltar lá, não vai ser eu quem irá tirar os pontos dele.

— Hmm. Amanhã vou lá de novo na boate que te falei só pra ver o barman gato de novo.

— Olha só, apaixonou mesmo hein?

— Maninha, eu só sossego quando consigo o que eu quero. Um cara daquele não pode deixar passar assim... Tem que rolar pelo menos uns beijos.

— Ah tá, sei. Deixa a mamãe saber disso. Até onde eu sei, ela queria que você namorasse o filho do pastor. — Lia disse rindo.

— Queria mesmo, mas eu não quero. Garoto besta, eu gosto de caras mais experientes.

Lia sabia que sua irmã não era santa. Na idade de Chloe, Lia ainda era virgem e já não podia dizer o mesmo da irmã mais nova. Eram irmãs, mas de fato, eram opostos.

— Sei. É bom você namorar alguém mais experiente mesmo, para ver se coloca um pouco de juízo dentro dessa sua cabecinha.

— Também te amo, Lia. — disse irônica.

— Preciso dormir. Amanhã tenho plantão logo pela manhã. — disse a mais velha subindo as escadas.

— Posso dormir no seu quarto? — Chloe perguntou.

— Pra quê? O quarto de hóspedes está aqui para isso...

— Ah Lia, por favor! Você sabe que eu não gosto de dormir sozinha. E a sua cama é grande o suficiente, dá pra dormir umas quatro pessoas tranquilo.

— Sei, não esqueci que você tem medo de escuro. — Lia sorriu. — Tudo bem, mas não vai ficar babando no meu travesseiro, né?

— Prometo que não.

Na noite seguinte, Chloe foi à casa noturna novamente e não viu o tal barman gato por lá, o que a deixou bastante decepcionada. Não iria esquecer aquele moreno de olhos intrigantes, não mesmo.

Uma semana depois...

Lia estava saindo de seu consultório, e quando abriu a porta, foi surpreendida por Mark. Os dois ficaram frente a frente, quase toparam um no outro e Lia ficou vermelha pelo constrangimento.

— Oi!

— Ah, oi! — disse o encarando, tentando não soar tão animada com aquele “encontro”.

— Vim retirar os pontos do braço. — Ele disse apontando. — E como estava passando por aqui, vim agradecer. Já sarou. — O homem sorriu.

Lia tinha certeza de que aquele sorriso era o mais bonito que já havia tido o prazer de ver em seus vinte e oito anos de vida.

— Ah, estou lembrada de você. O rapaz do braço cortado. — A doutora sorriu. — E como está?

— Bem, obrigado. Doutora, se não parecer muito ousado da minha parte, eu gostaria de te fazer um convite.

Os olhos de Lia saltaram mais que o normal e ela pensava: *“Ah, meu Deus, o que esse homem vai dizer?”*

— Eu trabalho numa casa noturna aqui perto, então pensei se quiser ir lá qualquer dia desses conhecer... Posso te oferecer um drinque como forma de agradecimento por ter sido legal comigo aquele dia e...

— Imagina! Eu só fiz o meu trabalho. — A médica o interrompeu.

— Eu sei, mas tudo bem se não quiser ou não puder ir. Você deve ser comprometida, então...

— Não, calma. Eu não sou comprometida.

Lia pensou por alguns instantes que estava agindo como uma desesperada, mas qual a probabilidade de um homem como aquele fazer um convite para sair tipo um encontro?

— Percebi porque não vi algum anel em seu dedo que comprovasse o contrário. —

Mark sorriu de um jeito terrivelmente sexy.

— Tudo bem então. — Lia assentiu.

— Pode ser na sexta? Está aqui o endereço. — Ele retirou um cartão da carteira e entregou à doutora.

— Sei onde fica. — Ela observou o pequeno cartão em mãos. — Te vejo lá então sexta à noite. Agora preciso ir, já passou o meu horário.

— Tudo bem, então até sexta. — disse ele ainda parado em frente a ela. — Foi muito bom te rever.

— Digo o mesmo. — Lia sorriu e saiu andando e pensando, “*Ar, cadê você?*”

CAPÍTULO DOIS



— Chloe? — Lia chamou por sua irmã assim que entrou em casa.

— Estou aqui em cima! — A mais nova gritou do segundo andar.

— Oi! Lembra do paciente bonitão que te falei da semana passada? — Lia tentou ignorar o fato de sua irmã mais nova estar comendo biscoitos em cima da cama.

— Sim. — Ela não demonstrava muito interesse, já que não tirava os olhos da TV de tela plana na parede à sua frente. — E o que é que tem?

— Ele apareceu hoje lá no hospital e adivinha... me chamou pra sair na sexta à noite! — Ela estava definitivamente animada.

— Hmmm nada mal hein! Pra quem não tem um encontro a tanto tempo. — Chloe riu.

— Verdade. Tenho trabalhado tanto e nem lembro qual foi a última vez que saí com algum cara.

— Pois então prepare um look bem sexy, uma make de arrasar e pronto, fisque o tal boy perfeito.

— Calma né! Preciso conhecer ele direito. Vai que é um doido qualquer... eu nem sei o que ele faz.

— Então, essa é uma ótima oportunidade para fazer isso. — Chloe disse e Lia riu. — Vai conhecer o bonitão.

— Vamos ver. Vou tomar banho agora, que tal a gente assistir um filme daqui a pouco? — Lia sugeriu.

— Ótimo! Vou ligar e pedir pizza.

Lia terminou o banho, Chloe ligou e pediu a pizza. As duas começaram a assistir um filme no quarto.

— Lia, é impressão minha ou você tá chorando? — Chloe já estava com vontade de rir.

— Pode me zoar, estou chorando sim. Filmes românticos me fazem chorar. — Ela sorriu de leve, enxugando uma lágrima que caía.

— Ah meu Deus, uma romântica nata! Não é à toa que você escolheu ser médica, você é muito boazinha, irmã. — Chloe zombou.

— Ué, eu tenho sentimentos. Graças a Deus eu tenho um coração, já você parece ter uma pedra no lugar dele.

— Ah também não é pra tanto. Você que é uma manteiga derretida. Sou 99% durona, mas aquele 1% ainda resta algum sentimento. Não sei como você tem coragem de abrir a cabeça das pessoas nas cirurgias. — Ela riu.

— Ah besta! Porque eu sou uma profissional, ora! O filme estava ótimo e a pizza também, mas agora preciso dormir. Leva a louça lá pra cozinha, por favor?

— Querendo me explorar, doutora?

— Por favor, nunca te pedi nada! — Lia fez uma cara de coitada, quase parecendo com o gato de botas do filme Shrek.

— Tudo bem, eu levo só pra provar que sou uma boa hóspede. Boa noite. — Chloe pegou as caixas de pizza e saiu do quarto.

— Obrigada, boa noite pra você também. — Lia apagou o abajur sobre o criado-mudo e logo adormeceu.

Na manhã seguinte, Lia desceu até a cozinha para preparar o café, logo viu Chloe descer as escadas esfregando os olhos.

— Bom dia.

— Bom dia, quer café? — Lia perguntou.

— Quero sim.

— Até quando vai faltar a escola? Pretende ficar em recuperação? — A mais velha encarou a irmã, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Ah, Lia! Já vai me dar sermão logo de manhã cedo? — Chloe respondeu bufando.

— Não quero te dar sermão não, eu não sou a mamãe. Mas na sua idade eu já estava na faculdade. — Ela disse e Chloe revirou os olhos.

— Só faltei a escola dois dias e não é por isso que não vou passar de série.

— Acho bom, viu?

— Não se preocupe, se estou te incomodando, eu volto pra casa hoje mesmo. Eu só vim te visitar e fazer companhia.

— Mas você pode fazer isso nas férias, Chloe.

Não era como se Lia não gostasse de sua irmã, pelo contrário, ela gostava bastante. A questão era que Lia se preocupava com o jeito displicente que Chloe levava a vida.

— Tudo bem, Lia, eu vou te deixar em paz, tá? Hoje mesmo volto pra casa. — Ela disse subindo as escadas.

— Não Chloe, também não precisa ir assim, poxa. Fica até o fim de semana. Preciso de ajuda, não sei o que vestir na sexta pra encontrar o cara bonito.

Chloe sorriu.

— Tá bom! Fico só porque você é a minha irmã favorita.

— Ah, claro, você só tem a mim de irmã. Preciso ir para o trabalho. Vai ficar em casa?

— Acho que sim. Posso usar sua hidromassagem?

— Desde que não faça bagunça nas minhas coisas, ok. Te vejo no fim da tarde, hoje vou chegar mais cedo.

— Bye, bye! — Chloe acenou.

A semana transcorreu normalmente e na sexta-feira, Chloe e Lia procuravam alguma roupa para ela vestir.

— Que tal esse casaco com essa saia?

— Lia! Você vai a um encontro com um cara que segundo você, é maravilhoso. Vestida assim parece que você vai à igreja.

— E você quer que eu vá como uma prostituta?

— Não né, mas vamos procurar uma coisa menos careta, algo mais sexy. — Chloe vasculhava entre os cabides da irmã. — Essa roupa aqui está perfeita. Vai com esse vestido, Lia.

— Tá, vou vestir.

Lia se arrumou e se maquiou, deixou os cabelos e gostou do resultado que viu no espelho. Estava usando um vestido preto e saltos altos da mesma cor.

— Que tal?

— Tá gatona! Ele vai gostar com certeza.

— Tomara que sim, mas acho que não consigo dirigir com esse salto.

— E quem falou que você vai de carro? *Hello*, querida! Você vai beber, então vá de táxi. É também uma boa desculpa pra ele te trazer em casa, isso se vocês não passarem a noite juntos, né?!

— Ei Chloe, você acha que sou tão fácil assim? Acha que vou pra cama com ele logo no primeiro encontro?

— Não Lia, eu não acho nada. Do jeito que você é careta, eu sei que não. Mas você deveria aproveitar as oportunidades, ué. Não é todo dia que um cara bonitão te chama pra sair.

— Ah está me chamando de encalhada, é isso?

— Não Lia, eu não disse isso. Mas olha, desde que você e o Jack terminaram, você não saiu com mais ninguém. Não é? — Chloe disse e Lia assentiu. — Então! Você precisa dar uma chance a si mesma, vai ser feliz!

Lia sabia que sua irmã estava certa. Desde que Jack saiu de sua vida, ou melhor, desde que ela mesma expulsou Jack de sua vida de uma forma dolorosa, nunca mais saiu com ninguém.

— Tem razão. Obrigada, viu?

— Por nada. Você tá linda, ele vai ficar caidinho por você.

— Assim espero. Vou indo, me deseja sorte.

— Boa sorte e tenha um ótimo encontro.

— Obrigada! Não esqueça de trancar a porta. — Lia advertiu.

— Pode deixar. — Elas se abraçaram antes de Lia entrar no táxi.

Quando chegou no lugar marcado, ela avistou Mark de longe e foi ao encontro dele, caminhando tímida em direção ao homem.

— Oi!

— Oi! Você está linda!

Mark observou a bela mulher à sua frente, estava maravilhosa.

— Obrigada.

— Só um minuto, já venho falar com você. — Ele disse e ela assentiu.

Mark estava atrás do balcão, ele pôs umas taças no lugar e voltou para falar com a Lia.

— Vamos?

— Onde? — Ela questionou franzindo a testa. — Achei que a gente ia ficar por aqui.

— Não, aqui é o meu trabalho, só marquei aqui para você conhecer. Vamos pra um lugar onde podemos ficar mais à vontade.

— É? — Lia engoliu em seco, pensando no que seria aquele ficar mais à vontade. Ela mal o conhecia, e se Mark fosse um homem perigoso?

— Não precisa fazer essa cara, não vou te levar para um motel. — Ele sorriu aliviando o clima tenso. — E também não sou um serial killer, relaxa.

— Eu não pensei isso.

Mentira, aquela possibilidade realmente passou pela cabeça da doutora.

— Sei. Vamos a um restaurante legal, tudo bem? — Perguntou e Lia apenas assentiu.

Mark abriu a porta do carro dele para Lia entrar, dando partida logo a seguir quando pôs a chave na ignição. Lia estava tímida e permaneceu quieta enquanto ele dirigia.

— Então, costuma sair muito à noite, Lia? — Mark perguntou quebrando o silêncio. Sua voz sobressaindo sobre a música que tocava num volume baixo no rádio do carro.

— Até que não muito, eu tenho pouco tempo disponível, menos do que gostaria de ter. Mas estou feliz com o que faço. Ser médica, pra mim é um prazer.

— É uma profissão muito bonita, se não é a mais bonita de todas. — Ele sorriu.

— Realmente. Era o meu sonho desde menina.

Mark pensou: *você ainda é uma menina, Lia, vejo isso em seus olhos.*

Mark estacionou o carro, os dois saíram do veículo e entram no restaurante. Mark pediu vinho olhando o cardápio e os dois conversam durante o jantar.

— A minha profissão não é tão bonita como a sua, mas é o que tenho no momento. — Mark disse após tomar um pouco de vinho e repousar a taça na mesa.

— Você é barman a muito tempo?

— Não, só a alguns meses. Eu morava em Montana, vim pra Atlanta a alguns poucos anos.

— Hmm e já pensou em fazer outra coisa?

— Sim, estou sempre mudando quando posso.

Lia notou que Mark era um homem de poucas palavras, mas era bastante observador. Os dois conversam, riram juntos e falaram um pouco mais da vida um do outro.

— Está ficando tarde, acho que preciso voltar pra casa. Minha irmã está passando uns dias lá comigo, então não gosto de deixá-la muito tempo sozinha. Ela é adolescente.

— Claro, entendo. Eu te levo.

Os dois foram conversando no caminho até chegarem e ele parou carro em frente à casa da médica.

— Adorei jantar com você, obrigada. — Disse ela soltando o cinto de segurança.

— Eu que agradeço por ter aceito o convite. Podemos repetir?

— Aqui está meu número. — Lia entregou um cartão a ele. — Pode me ligar quando quiser.

Ela estava morrendo de medo de parecer uma mulher fácil, o que de fato não era.

— Eu vou ligar com certeza. Mas agora quero fazer uma coisa, posso?

— O que você quer fazer? — Lia perguntou sem entender, ou melhor, ela imaginava o que seria, então, ficou tensa no banco do veículo.

— Isso aqui. — Mark passou uma mecha de cabelo dela para trás da orelha, olhando-a nos olhos, que se fecharam lentamente e os dois se beijaram ali dentro do carro.

Um beijo calmo, porém, demorado e cheio de carinho. Para ambos, poderiam passar a noite toda entregues àquele beijo. Quando o ar os faltou, terminaram com vários selinhos.

— Lia, eu quis te beijar desde quando te vi no hospital. — Confessou ele com os lábios a poucos centímetros dos dela.

— Nossa! — Ela sorriu tímida.

— É sério. Mas agora vou deixar você ir. — Ele sorriu totalmente sexy.

— Obrigada, eu adorei a noite. — Lia abriu a porta do carro, mas Mark a interrompeu com outro beijo, um selinho mais demorado.

— Boa noite! — Ele se despediu com a voz sedutora.

— Boa noite! — Lia sorriu abrindo a porta do carro e pensando que de fato teria uma ótima noite, talvez até iria sonhar com um certo beijo.

CAPÍTULO TRÊS



Lia entrou em casa toda sorridente e acendeu a luz da sala.

— E aí, como foi? — A voz de Chloe soou quebrando o silêncio da casa.

— Ai, Chloe, que susto! Quer me matar do coração?

— Ei, desculpa. Eu só estava curiosa.

— Foi ótimo, se é isso que você quer saber.

Lia trancou a porta da sala, jogando as chaves em cima da mesinha.

— Ah, fala sério, me conta os detalhes, eu quero saber de tudo, vai me conta!

— Credo, curiosa.

— Se beijaram pelo menos? — Chloe sentou-se no sofá, colocando os pés em cima do mesmo.

— Sim!

— Hmmmm e como foi?

— Foi agora dentro do carro quando ele me trouxe. Pensa num cara que beija bem, agora pensa num cara que beija maravilhosamente bem, é ele, o Mark.

— Hmmmm Mark. — Chloe ria. — Pela sua cara, deve estar arrependida de não ter ido dormir com ele, né?

— Chloe! Eu te disse que não ia passar a noite com um cara que mal conheci.

— Tá bom! Mas e aí? Vão sair mais vezes? Onde foram? Ele é cheiroso?

— Ei, uma pergunta de cada vez, tá? Ele ficou de me ligar. Fomos a um restaurante legal e ele é cheiroso demais. Agora vou tomar um banho e deitar. Boa noite, irmãzinha.

1 mês depois...

— Bem-vindo à minha humilde residência.

— Seu apartamento é tão bonito para quem...

— Mora sozinho? — Mark completou a frase.

— Eu ia dizer para quem é barman. — Lia ficou um pouco constrangida com aquela confissão, no entanto, tinha que ser honesta.

— Eu não sou barman desde que nasci. — Mark sorriu descontraído. — Bebe alguma coisa? Vinho? Uísque? Água? Chá?

— Vou aceitar uma taça de vinho.

O ponto fraco da doutora Lia era vinho.

— Vamos fazer um brinde? — Mark propôs entregando uma taça à Lia.

— E vamos brindar a quê?

— A nós. A essa noite, ao presente e ao futuro.

— *Tim-tim!* — Lia ergueu a taça.

Depois de tomar um gole, Mark pôs as taças sobre a mesa.

— Vem conhecer o restante do meu apartamento. — Disse ele, segurando a mão delicada da mulher. — Aqui é meu quarto e aqui tem uma varandinha. — Ele abriu a porta de vidro com vista para a sacada.

— Muito bonito, adorei essa vista daqui de cima.

— Eu adoro ficar aqui, especialmente à noite. — Mark afastou o cabelo de Lia, beijando seu pescoço em seguida.

— Mark... — Ela foi se esquivando.

— Que foi? Você não quer?

Ele a olhava nos olhos, os olhos verdes tão bonitos, mas que tinham algum resquício de tristeza, medo ou insegurança.

— Não é isso...

— Lia, estamos saindo juntos há um mês já. Ainda não se sente segura comigo?

— Não é isso Mark, eu estou gostando de você, mas é que faz tanto tempo que eu não... você sabe.

Ela corou.

— Não precisa ficar tímida, eu vou ser carinhoso com você, tudo bem?

Lia assentiu e ele acariciou o rosto dela.

— Você é tão linda. — Com aquela confissão, Mark beijou Lia e conduziu o corpo feminino de volta para o quarto, fazendo com que ela deitasse na cama sem parar o beijo.

Mark tirou a camisa e ajudou Lia a se despir. Ele foi totalmente carinhoso com ela, beijando cada parte do seu corpo e queria fazer com que ela se sentisse segura com ele. Quando ele sentiu que ela estava pronta, Mark pegou um preservativo e os dois fizeram amor pela primeira vez juntos.

Lia mordia os lábios enquanto suas mãos estavam nas costas de Mark. E ele a beijava enquanto penetrava em seu ponto íntimo. Eles trocam de posição, Mark sentou na cama e acomodou Lia de frente para ele, sentada em seu colo. Ele segurou o quadril dela, enquanto ela cavalgava sobre ele. Gemidos de prazer era o que se ouvia. Depois de um bom tempo naquela atmosfera envolvente de desejo e prazer, os dois atingiram o ápice.

Mark a envolveu em seus braços, Lia deitou sobre o peito dele e os dois permanecem em silêncio por um tempo. Era possível ouvir os batimentos cardíacos de ambos.

— Como foi? — Mark perguntou e ela olhou para ele sorrindo.

— Maravilhoso. — Confessou tímida. — Eu amei.

— Hmmm eu também amei. Você é especial, sabia? — Mark disse, passando a mão sobre o cabelo negro dela.

— Sou? Por quê?

— Não sei, mas só de olhar pra você, percebo o quanto você é especial. Você é linda, inteligente, tímida e charmosa. — Mark acariciava os cabelos de Lia, fazendo um carinho relaxante em seu couro cabeludo. — Foi sorte a minha ter ido naquele hospital, naquele dia, naquela hora e ter te encontrado lá. Sou um cara de sorte.

— E olha que não é a minha especialidade, hein? Não sei porque aquele dia eu estava atendendo na emergência.

— Acho que não foi sorte, eu realmente precisava te encontrar. — Mark beijou o topo da cabeça dela. — Acho que já te conhecia dos meus sonhos.

— Iiih, não vem dizer que já me conhece de outra vida, porque eu não acredito nessas coisas, tá? — Lia se ajeitou sobre o colchão.

— Eu não disse isso. Apenas disse que acho que já te conhecia, acho que você já apareceu em algum sonho meu. Princesa dos cabelos negros.

— Sendo assim, então posso dizer o quanto te acho com cara de príncipe.

— Eu? - ele riu. — Estou mais para plebeu.

— Bobo! — Ela o beijou.

— Uma vez ouvi dizer que quando a mulher chama o homem de “bobo”, é porque ela está apaixonada por ele.

— Hmmm, talvez eu esteja mesmo me apaixonando por você.

— Isso é ótimo, sabia? — Mark retornou com as carícias no cabelo dela. — Porque eu estou amarradão em você.

— Repete?

— O quê? Que estou amarradão em você? — Ele sussurrou no ouvido dela, que automaticamente se arrepiou e sorriu.

Os dois se beijaram mais uma vez e Mark apagou a luz do abajur, porque melhor do que ver, era sentir. Suas mãos passeavam sobre a cintura esbelta e desciam até as coxas. Sem muita demora, os dois fizeram amor novamente.

— Você é ótima. — Mark confessou beijando o pescoço dela.

— Para! — Ela, tímida, escondeu o rosto com o lençol.

— Acho tão bonitinha você assim tímida. — ele acariciou o rosto dela e Lia sorriu.

Pela manhã, Lia caminhou até a cozinha e avistou Mark preparando o café da manhã.

— Bom dia minha linda, quer café?

— De onde você saiu? — Ignorou a pergunta dele, lhe lançando outra. — Porque acho que você veio de algum livro de história de princesas.

— Acho que estou longe de ser um príncipe encantado, mas para você eu posso ser. — Ele caminhou até ela, dando-lhe um selinho. — Preparei panquecas, gosta? — Mark perguntou e Lia assentiu.

Ele estava usando nada mais que uma calça de moletom cinza. A visão mais sexy do dia.

— Hmm e ainda sabe cozinhar.

— Ah, eu dou meu jeito. — Deu de ombros e sorriu.

— Está uma delícia. Eu gosto de cozinhar, principalmente quando estou de bom humor.

— Ah é? Bom saber, então está me devendo um jantar. — Mark disse, sentando-se ao lado dela.

— Com maior prazer. — Disse antes de dar-lhe um selinho.

— Vai fazer o que de bom hoje? — Perguntou ele.

— Hoje é meu dia de folga, não sei. Talvez vou ao teatro ou cinema, ao shopping, não sei ainda. Quer ir comigo?

O celular de Mark tocou e ele esticou o braço para pegar o aparelho e atender.

— Alô? Sim, sei. Hoje? Sei sim. Tudo bem então, tchau. — Desligou.

— Vai ter que ficar pra outro dia o nosso passeio, hoje à noite não vai dar pra gente sair.

— Algum problema? — Lia inquireu.

— Não, só um amigo que vai precisar da minha ajuda. — Se limitou àquela resposta.

— Então tá. Vou te ajudar com a louça.

— Não, minha linda, não precisa. Deixa que eu arrumo isso. Não estrague suas unhas. — Mark deslizou sua mão pelos fios de cabelos dela, puxando o corpo esguio para perto do seu.

— Seu beijo é tão bom, sabia? - Lia confessou sorrindo.

— Sim, eu sei.

— E ainda é convencido. — Ela sorriu.

— Estou brincando, boba.

— Vou me vestir, preciso ir para casa, tá? — Lia disse e ele assentiu.

Mark lavou a louça e Lia foi se vestir, ela voltou já devidamente vestida e eles se despediram.

— Promete voltar outras vezes? — Mark perguntou mexendo no cabelo dela.

— Volto sim. Preciso ir, depois te ligo.

Lia foi para casa, tudo ao redor parecia mais vivo, até o clima parecia mais fresco, e é claro que isso foi devido a um certo homem que estava lhe fazendo muito bem. Assim que chegou, ligou para sua irmã, Chloe.

— Oi Lia!

— Oi! Como estão as coisas aí?

— Tudo bem e com você?

— Estou ótima!

— Hmmmm senti uma animação no seu tom de voz, passou a noite com o *boy*? — Chloe perguntou com voz de riso.

— Foi.

— Até que enfim, hein! Me conta, como foi?

— Que curiosa você, hein! Foi perfeito.

Fazia tempos que Lia não sorria tanto como naquele dia.

— Olha elaaaa, tirou o atraso, maninha.

— Para de graça, sua boba.

— Estão namorando? — Chloe perguntou curiosa.

— Acho que sim, já faz um mês desde que estamos saindo.

— Quero conhecer meu cunhadinho.

— Você vai conhecer em breve.

— A mamãe está mandando um beijo para você e o papai perguntando quando você vem aqui.

— Não sei ainda, mas vou assim que puder. Manda um beijo para todos, tenho que desligar. Beijo!

Atlanta, 30 de junho de 2016...

— Lia, tem um cara bonitão procurando por você. — Emily anunciou, era médica e melhor amiga dela.

Lia saiu na porta de seu consultório e sorriu ao ver quem era.

— Oi princesa! Vim te buscar. — Mark disse entregando uma rosa à ela.

— Que romântico! — Ela sorriu. — Obrigada.

— Gostou da surpresa? — Mark perguntou.

— Adorei. Vou só tirar o jaleco e a gente já vai.

Lia trocou de roupa e saiu acompanhada de Mark.

— Como foi seu dia? Muitos pacientes? — Perguntou enquanto caminhavam de mãos dadas pelas ruas de Atlanta.

— Foi bom, sim muitos pacientes. E você? Não trabalhou hoje?

— Não, hoje à noite sou todinho da minha namorada. — Com aquela confissão, Mark beijou seu rosto.

— Ah é? E quem ela é? — Lia se fez de desentendida.

— Ela é linda, tem o cabelo preto mais bonito que já vi, tem lindos olhos verdes, o rosto meigo e tem uma risada linda que enrugou o nariz. Ah, e ela fica mais vermelha que um tomate quando fica envergonhada.

— Hmmmm que sorte a dela, hein? Ter um namorado assim como você.

— Sorte a dele também, porque ela é uma mulher incrível. É uma mulher com a alma de uma menina.

— Que fofo, Mark!

— Lia, namora comigo? — Mark disse segurando na mão dela. — Sim ou não? — Ele ergueu a sobrancelha e ela sorriu.

— E por que eu diria não? Siiiiim! — Lia respondeu animada.

Mark segurou Lia e girou seu corpo no ar, depois olhou dentro daqueles lindos olhos verdes, beijando seus lábios. Mark estava definitivamente apaixonado por Lia, e ela, perdidamente apaixonada por ele.

CAPÍTULO QUATRO



— Estou feliz com você. — Mark confessou acariciando o rosto dela.

— Eu também estou muito. Você é aquela surpresa boa que poderia ter aparecido antes, mas eu também nunca fui muito pontual. Chegamos no horário certo um para o outro.

— Que linda! Eu concordo plenamente, chegamos no momento certo, e no que depender de mim, quero fazer isso dar certo. — Ele confessou segurando as mãos dela.

— Ow Mark! Eu adoro seu jeito romântico e galanteador.

— E eu adoro você. — Eles se beijaram ali mesmo na rua. — Tá com fome? Vamos jantar, que tal?

— Adorei a ideia.

Eles caminham juntos até um restaurante no centro da cidade.

— Champanhe?

— Sim, estamos comemorando, eu te pedi em namoro, amor.

— Mas esse é tão... caro. — Disse ela sem jeito.

— Lia, eu posso pagar. Se te convidei para jantar aqui, é porque posso. — Mark explicou e ela engoliu em seco.

Lia tinha que ser realista. Mark era apenas um barman, e ela uma médica. Era gritante a diferença social que existia entre eles, embora ela não estivesse ligando para esse pequeno detalhe. Uma pessoa não era medida pelo anel de grau em seu dedo.

— Desculpa.

— Tudo bem.

Eles escolhem o jantar, olhando o menu e tomam champanhe.

— Adorei a noite, obrigada.

— Eu também adorei. Não precisa me agradecer, sou seu namorado. — Ele sorriu.

— Que tal a gente ir lá pra casa hoje, então? — Lia sugeriu.

— Tem certeza?

— Amor, eu moro sozinha, você sabe disso. Não tem problema algum.

— Então tudo bem. — Mark sorriu. — Vamos?

Assim que entraram na casa, Lia disse:

— É tão bom ter você aqui para me fazer companhia. — Lia disse, trancando a porta da sala.

— E eu sou uma boa companhia? — Mark perguntou abraçando-a por trás.

— Ótima por sinal. — Eles se beijaram e Mark a conduziu para o sofá.

— Tem certeza que quer fazer isso aqui? Tem três quartos com camas confortáveis nesta casa.

— Não importa o lugar, o que importa é que seja com você. — Mark beijou Lia e começou distribuir beijos por todo o seu corpo.

— Eu estou amando estar com você. — Lia confessou sorrindo entre os beijos.

Horas depois...

— Seus pais moram aonde? — Mark perguntou enquanto mexia no cabelo dela.

— Em Rome, é perto. Você poderia ir comigo lá no Natal, né?

— Mas meus pais moram em Montana, eu queria que você fosse pra lá comigo.

— Acho que temos um problema então, porque Rome e Montana, ficam completamente distantes. — Lia respondeu.

— Eu sei, depois a gente resolve isso, tá? O Natal ainda está longe. Vamos dormir?

— Boa noite.

Pela manhã, Lia acordou antes de Mark. Ela olhou para ele dormindo e automaticamente sorriu. Caminhou até o banheiro e tomou banho, ela se vestiu, fez um coque no cabelo, vestiu um roupão e voltou para o quarto.

Ela foi até o closet e escolheu algo para vestir, até que ser surpreendida por Mark agarrando sua cintura.

— Bom dia, minha princesa. — Ele disse, abraçando-a por trás.

— Hmmm bom dia, amor. Dormiu bem? — Perguntou ficando de frente para ele.

— Muito bem, mas demorei a pegar no sono. Fiquei te olhando dormir.

— Ah é? E eu ronquei?

— Até que não, você dorme quietinha, mas com a boca aberta. — Disse rindo.

— Cruzes, que vergonha! — Lia ri. — E que tal a gente tomar café agora?

— Posso tomar banho antes?

— Claro, o banheiro é logo ali. Vou descer. Te espero lá embaixo na cozinha.

Lia arrumou a mesa para o café da manhã, minutos depois Mark desceu e tomaram café juntos, o celular dele tocou.

— Algum problema? — Lia perguntou.

— Não, mas tenho que ir.

— Já? — Ela ficou visivelmente desanimada.

— Eu realmente preciso ir. Te ligo depois, tudo bem?

— Tá, né.

— O café estava ótimo. — Ele lhe deu um selinho. — Te amo.

Mark saiu e Lia terminou de tomar seu café sozinha. Ficou pensando na forma como Mark havia acabado de confessar que a amava, no entanto, ainda não se sentia pronta para dizer o mesmo. Não que ele não sentisse o mesmo por ele, mas ainda julgava como cedo para externar o que estava sentindo, e amor, bem, amor era uma palavra muito forte.

Era seu dia de folga no trabalho, então Lia resolveu ir dar uma volta pela cidade. Fazer compras e andar à toa.

— Lia?

Ouviu a voz conhecida e virou-se no mesmo instante.

— Jack? Ah, meu Deus, quanto tempo! — Eles se abraçam, embora Lia achasse que aquilo não fosse tão conveniente.

— Deixa eu ver você. — Disse ele, olhando-a da cabeça aos pés. Os olhos azuis analisando-a minuciosamente. — Tá linda!

— Obrigada. — Ela sorriu. — Por onde andou?

— Fui para a Filadélfia, lembra?

— Ah, e agora está de volta a Atlanta?

— Não, só vim visitar uns amigos. — Ele sorriu. — Você se casou?

— Não. — Ela sorriu. — Estou namorando.

— Que bom! Fico feliz que esteja bem e foi muito bom te ver. Preciso ir. — Eles se despediram com um abraço e Jack saiu andando.

Embora tivesse sido Lia quem tinha colocado um ponto final no relacionamento deles, ela se sentia estranha ao vê-lo outra vez. Para Jack, era igualmente estranho, ainda mais pelo fato de ter sido Lia quem havia terminado com ele. Tudo bem que Jack tinha pisado na bola, mas ele a amava, ou pelo menos acreditava que sim.

Ele está tão diferente. Lia pensou consigo mesma.

Enquanto voltava para casa, ainda pensava em Jack. O telefone tocou e ela dispersou os pensamentos.

— Alô? Oi Emily!

— Lia, o pessoal do hospital vai sair mais tarde para um *happy hour*, tá a fim de ir com a gente?

— Ah Emily, eu não sei.

— Vai sair com o namorado?

— Não, na verdade não sei.

— Brigaram?

— Não.

— Então, vamos?

— Tudo bem, eu vou.

— Te vejo mais tarde então, beijo!

— Até mais. — Elas desligam.

Lia terminou de guardar as compras e preparou o almoço. Amava cozinhar. À noite, ela olhava o celular e não havia nenhuma mensagem de Mark. Estava apaixonada por ele, mas não podia negar o fato de que seu namorado era um tanto misterioso. Preferiu não ficar pensando muito para não ficar com caraminholas na cabeça, se arrumou e foi encontrar os amigos do trabalho em um pub.

— Emily, você não vai acreditar quem eu encontrei hoje mais cedo.

— Quem? O Leonardo Di Caprio?

— Não né, boba. O Jack.

— Que Jack?

— O Jack, meu ex.

— Aaaah aquele gato seu ex-noivo. Sei e aí, como ele está?

— Mais bonito do que sempre.

— Hmmm então rolou um *flashback*?

— Que nada, estou namorando, esqueceu? Ele perguntou se me casei.

— Hmmm olha só, ele pode estar interessado num “*remember*”. — Emily debochou.

— Boba! O que a gente viveu ficou lá atrás, agora estou com o Mark e estou curtindo muito esse nosso momento.

— E vamos combinar né, que ele é um gato de tirar o fôlego, com todo o respeito, claro.

— Sei. — Lia estreitou os olhos e olhou torto para ela, as duas começaram a rir.

— Já apresentou o boy pra sua família? — A médica e também amiga de Lia perguntou enquanto tomavam alguns drinques.

— Ainda não, mas em breve isso vai acontecer. Ah não...

Lia mudou de expressão no mesmo instante em que seus olhos encontraram um certo ser ao longe.

— O que foi? — Emily perguntou franzindo a testa.

— Disfarça, o Jack está vindo pra cá.

— Ai amiga, será que ele estava te seguindo?

— Claro que não. Ele está vindo, vou fingir que não estou vendo.

— Boa noite moças!

— Oi Jack! — Emily o cumprimentou.

— Oi Em! Oi Lia, que surpresa te encontrar aqui.

— Pois é!

— E o namorado? Ele deixa você sair sozinha?

— Não estou sozinha, estou com a Emily e com o pessoal do hospital.

— Foi mal, eu só estava brincando. Vou indo. — Ele não queria criar confusão.

— Ah, não Jack, senta aqui. Me conta, o que está fazendo de bom na Filadélfia? — Emily disse e Lia fez cara feia para ela.

— Ah, estou fazendo o de sempre. Abrindo pessoas... — ele riu.

— Realizando cirurgias, fica mais bonitinho assim. — Lia o corrigiu.

— Estou vendo que você não mudou nada com o passar dos anos, continua toda perfeccionista. — Jack disse, olhando para Lia.

— E você o mesmo engraçadinho de sempre.

O celular de Lia tocou e ela se afastou para atender.

— Oi amor!

— Oi linda! Está em casa? Pensei que a gente pudesse ir a algum lugar, se você quiser. — Mark disse.

— Ah, eu estou num pub com a Emily, quer vir aqui?

— Se não tiver problema... não quero atrapalhar o seu encontro de amigas.

— Vem, vai ser divertido.

Lia passou o endereço para ele e voltou para perto de Emily e Jack, que estavam no maior papo. Vinte minutos depois, Mark avistou Lia e foi ao seu encontro. Ele a beijou intensamente e Jack ficou olhando.

CAPÍTULO CINCO



— Olá! — Mark os cumprimentou e pediu uma bebida.

— Ainda gosta de dançar, Lia? — Jack perguntou e ela rolou os olhos.

— Não, eu nunca fui muito de dançar. — Ela respondeu séria.

— Amor, está tudo bem? Quem é esse cara? — Mark perguntou se afastando.

— Depois eu te falo.

— Você parece incomodada, quer ir para outro lugar? — Mark havia percebido o desconforto de Lia.

— Acho melhor. — Ela assentiu. — Já estamos indo. — Lia se despediu de Emily e saiu com Mark.

— Quer me contar agora porque estava incomodada com aquele cara? — Mark perguntou enquanto caminhavam até o carro dele.

— É o Jack, meu ex-noivo.

— Você não tinha me contado que já foi noiva. — Mark encostou-se no capô e puxou Lia para seus braços.

— Não achei que fosse necessário. Ele estava fora da cidade e voltou agora.

— Ah. E vocês namoraram muito tempo?

— Dos meus vinte até os vinte e seis anos.

— Uau, foi um longo tempo. E por que terminaram? — Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto dela, que insistia em cair em seus olhos.

— Mark, isso é um interrogatório?

— Desculpe, se não quer falar, então tudo bem. Outra hora você me conta. Quer ir para o meu apartamento?

— Não, eu quero ir para a minha casa, pode me levar, por favor?

— Ei, vai ficar assim agora por causa dele?

— Eu não estou “assim”. Estou normal.

— Não está mesmo. É TPM ou o quê?

— Prefiro que me leve para casa ao invés de ficar me fazendo perguntas.

— Tá, se é assim que você quer.

Mark percebeu que o assunto Jack era algo que ainda incomodava sua namorada. Ele dirigiu até a casa da Lia e durante o percurso ficaram em silêncio.

— Boa noite. — Ela deu um selinho nele.

— Espera. Só vai me dar esse beijinho? — Mark perguntou e Lia se aproximou dele com um beijo mais demorado.

Mark segurou o rosto de Lia com uma das mãos e com a outra, descia até a perna dela, subindo para a coxa.

— Mark... já está bom... — Disse, cortando o beijo.

— Está me dispensando?

— Não é isso, é que eu só quero entrar em casa e dormir.

— Pensei que ia me convidar para entrar.

— Desculpe, hoje não estou a fim. Tudo bem?

— Ah claro, sem problema. Boa noite.

Mark ficou um pouco decepcionado, era evidente a mudança de humor de Lia por causa do ex dela. Óbvio. O que aquele cara tinha feito com ela? Parece que Jack havia descarregado um monte de lixo tóxico em Lia, para que ela tivesse se comportando daquela forma.

Lia entrou em casa, se despiu e foi para debaixo do chuveiro, começando a chorar. Ela terminou o banho e foi se deitar, ficou encarando o teto enquanto pensava em milhares de coisas.

Mark, em seu apartamento também estava pensando. Achava que Lia ficou muito incomodada com o ex e pensou que talvez ela ainda tivesse algum sentimento por ele. Mark estava deitado no sofá, distraído em seus pensamentos, quando seu celular tocou.

— Oi Mark, vamos precisar daquele serviço seu.

— Quando?

— Você está em casa agora?

— Sim, estou.

— Anota então esse endereço, preciso que esteja lá daqui a vinte minutos.

— Sim senhor.



Lia levantou de sua cama confortável e pegou uma cadeira para subir e alcançar uma prateleira no alto do closet. Ela pegou a bonita caixa e abriu, dentro estava um vestido de noiva. O vestido que usaria em seu casamento com Jack. Lia pegou uma tesoura e começou a cortar o vestido, e enquanto cortava, chorava.

— Você não podia ter feito isso comigo, não podia. — Choramingou enquanto os pedaços de tecido se despedaçavam.

Ela pôs o vestido de volta na caixa e guardou os trapos que o vestido havia se tornado. Secou as lágrimas, pegou um casaco e entrou no carro. Lia dirigiu até o apartamento de seu namorado, chegando lá, ela tocou a campainha diversas vezes, mas ele não atendeu, provavelmente não estava em casa.

Lia sentou em frente à porta, estava aflita e resolveu esperar pelo seu namorado. De cinco em cinco minutos olhava o relógio. Passava das três horas da manhã, quando Mark apareceu.

— Lia?

— Mark, me abraça. — Pediu ao levantar do chão.

— O que aconteceu? Você estava chorando?

— Não me pergunta nada por favor, só me abraça.

— Oh, meu amor, vem cá. — Ele a abraçou, acariciando seus cabelos.

— Posso ficar aqui essa noite? — Perguntou desfazendo o abraço.

— Claro, vamos entrar.

Mark abriu a porta e acendeu a luz.

— Só não repara a bagunça, sabe como é casa de homem, né?

— Sei. Onde você estava até essa hora? — Lia questionou sentando-se no sofá.

— Fui só dar uma volta.

— E você costuma ficar andando até tarde na rua?

— Amor, não se preocupe, eu estou bem e só fui dar uma volta. Mas estou preocupado com você, quer conversar? — Inquiriu sentando de frente a ela.

— Não aconteceu nada. Eu não fui muito legal com você e não queria ficar sozinha. Fiz mal em ter vindo?

— Não, você pode vir sempre que quiser. Tá com sono? Quer ir lá para o meu quarto? — Ele perguntou e ela assentiu.

Lia tirou o casaco e a saia que usava, ficando só de lingerie. Ela deitou na cama do namorado e se cobriu.

— Vou tomar banho, já volto. Fica à vontade.

Lia ficou olhando tudo ao redor, na mesa de cabeceira, havia um porta-retrato com a foto de Mark com a família dele. Ela sorriu admirando a bonita família dele. Uma senhora é um senhor que com certeza eram os pais de Mark, ao lado uma moça bonita que julgou

ser irmã dele, e mais um rapaz muito bonito por sinal, mas que não parecia muito com Mark, mas que provavelmente era seu irmão caçula.

Alguns minutos depois, Mark voltou para o quarto enrolado na toalha. Ele foi até o guarda-roupa e pegou um short. Vestiu e deitou ao lado da namorada.

— Eu estava aqui olhando essa foto, sua família é tão bonita.

— É sim. Acho que você vai adorar conhecê-los. Essa aqui é a mamãe, Amália. Meu pai, Charles, meu irmão caçula, Bryan e essa é a Brittany, minha irmã gêmea. — Mark disse, apontando a foto.

— Lindos. Vocês se dão bem?

— Muito. Quando vou lá, minha mãe nunca quer que eu volte pra casa.

— Sei. É igual quando vou visitar meus pais.

Mark assentiu e olhou para ela sorrindo. Lia se aproximou dele com um beijo e Mark segurou a cintura dela, os dois ficaram deitados de lado enquanto se beijavam. Mark levou sua mão até o cós da calcinha de Lia, sem parar de beijá-la.

— Você está uma delícia. — Ele sussurrou em meio a carícias.

Logo um grito abafado saiu da boca de Lia enquanto Mark seguiu introduzindo um dedo em sua intimidade, cada vez com mais força.

De repente, ele sentou na cama, tirou a calcinha e a jogou no chão. Ele tirou também sua cueca boxer, liberando sua ereção. Esticou o braço até a mesinha de cabeceira, agarrando um pacotinho prateado e se moveu entre as pernas dela para que se abrissem.

— Eu te machuquei?

— Não. Pode continuar... Por favor. — Ela respondeu meio que gemendo.

O corpo de Lia implorava pelo corpo dele. Mark deitou sobre ela e pressionou seu corpo contra o dela a cada vez que entrava e saía de sua intimidade.

Beijos e carícias, sem demorar muito alcançaram o ápice. Mark deitou ao lado dela, com a respiração ofegante. Lia olhou para ele e sorriu. Mark passou o dedo em volta dos lábios de Lia, desenhando o contorno.

— Seus lábios são lindos, bem desenhados. — Disse e aproximou-se dela mordendo seu lábio inferior.

Lia involuntariamente fechou os olhos, seu corpo ainda estava estremecido. Ela abriu os olhos e elevou seu corpo, passando uma de suas pernas por cima do corpo de Mark.

Enquanto se beijavam, Lia foi descendo com a mão até o membro dele e começou o acariciar. Instantaneamente, Mark soltou um gemido.

— Lia... eu quero você. — Disse entre os beijos.

— Você tem a mim, só para você. — Ela confessou e ele desceu os beijos até os seios dela.

Mark virou, trocando de posição, ficando por cima dela. Ele fez um caminho de beijos,

começando pelos seios e descendo até sua barriga até chegar lá... embaixo. Afastou as pernas de Lia e vagarosamente deslizou a língua sobre a intimidade dela. Ele a olhava de um jeito sedutor, enquanto Lia fechava os olhos sentindo sua intimidade queimar de tanto prazer que ele a proporcionava. Depois de muitas carícias em sua intimidade, Mark começou a beijar as coxas dela e distribuiu beijos até seus pés. Ele sentou e fez uma massagem nos pés dela. Lia queria mais, ainda não se sentia satisfeita.

— Amor...

— Diga, querida.

— Eu quero mais. — Ela pediu com o rosto corado.

— Vem. — Ele estendeu a mão para que ela pudesse sentar.

Os dois se encaixaram sentados de frente para o outro e olhavam nos olhos enquanto faziam amor. Lia jogou a cabeça para trás e Mark beijou o pescoço dela, que logo se arrepiou.

Mark segurou as coxas dela, enquanto a conduzia para ir mais fundo.

— Eu te amo, doutora Lia. — Mark sussurrou no ouvido dela.

— Eu também te amo, Mark.

CAPÍTULO SEIS



— Acorda, preguiçosa, você não quer se atrasar, não é mesmo? — Mark distribuiu um monte de beijinhos no rosto dela.

A luz do sol invadia o quarto dando-lhes bom dia.

— Hmmm — Ela respondeu se espreguiçando. — Tão bom acordar assim com meu namorado todo carinhoso.

— Ah é? — Mark beijou o rosto e o pescoço dela.

— Aiiii, está me fazendo cócegas! — Lia ria.

— Levanta logo Dra. Lia Collins, a senhorita tem que ir para o hospital, sabia?

— Eu sei, é uma pena porque eu adoraria passar o dia todo aqui com você sem fazer nada, só namorando.

— Hmmm bom, mas eu também vou trabalhar mais tarde.

— Então tá. — Lia lhe deu um selinho nele e levantou.

Ela fez suas higiênes e Mark a acompanhou até a porta.

— Obrigada, amor. Vou para casa me trocar e já vou para o hospital.

— Bom trabalho pra você.

— Obrigada. Obrigada também por ontem à noite, você é incrível. — Lia confessou coluna sorriso genuíno.

— Não precisa agradecer, eu te amo, namorada.

— Hmmm também te amo, namorado! A gente se vê depois?

— Claro, eu te ligo.

Eles se beijaram e Lia foi para casa. Trocou de de roupa, entrou em seu carro e dirigiu até o hospital.

— Bom dia!

— Bom dia Dra. Lia! Estou te achando com uma cara ótima.

— Sério, Emily? — Ela sorriu.

— É sim, está com cara de quem passou a noite muito bem.

— E passei mesmo. — Suspirou. — O Mark e eu tivemos uma noite tão boa.
— Que ótimo! Olha, na hora do almoço eu preciso te contar uma coisa. — Emily disse.
— Tá, mas por que não conta agora?
— Porque tenho uma paciente para atender agora, ela já está me esperando.
— Então tá. A gente se vê depois.

Na hora do almoço, Lia e Emily sentaram juntas para almoçar no refeitório dos médicos no Atlanta Medical Center.

— Você disse que queria falar comigo. — Lia falou com Emily.
— Sim. É que... você ainda tem algum sentimento pelo Jack?
— Foi ele que pediu para você me perguntar isso?
— Não, não. Eu que estou perguntando mesmo.
— Olha Emily, eu não sinto mais nada por ele. Fazem dois anos que terminamos, eu estou namorando o Mark... por que perguntou isso?
— Porque a gente se beijou ontem à noite.
— O quê? — Lia ficou surpresa.
— Amiga, foi só um beijo, não vai acontecer de novo. Nós dois bebemos e aconteceu, mas foi só um beijo, te juro.
— Por mim tudo bem, vocês são solteiros, mas você sabe que o Jack não foi muito legal comigo na época em que fomos noivos, não é?
Emily assentiu.
— Mas ele está tão diferente, está mais maduro, sabe?
— Em, se ele quer sair com você, é natural que ele mostre ser legal e que mudou. Você é quem sabe. Por mim, não tem ressentimento, mas você é minha amiga e eu só quero o seu bem.
— Eu sei e eu te amo muito, amiga.



Lia e Mark ficaram até altas horas da madrugada namorando no tapete da sala dele e tomando vinho.

Pela manhã, Lia sentiu a mão de Mark encostando-se à dela, fazendo com que seus dedos se entrelçassem. Ela sorriu, Mark colou seu corpo junto ao dela, a ponto de

poderem sentir cada curva um do outro. Aquilo a fez estremecer, ele sabia exatamente como a fazer sorrir e ela se sentia tão apaixonada por ele.

— Bom dia, meu amor. — Ele beijou o pescoço dela, fazendo-a sorrir cada vez mais.

— Bom dia, querido. — A voz dela saiu um pouco fraca e falha devido ao sono.

Lia virou na cama para poder ver o rosto de Mark. Ele a olhava, com seus olhos castanhos, sua boca rosada e sua barba perfeitamente desenhada, sem nenhuma falha. Mesmo daquele jeito cansado, recém-acordado, ele estava lindo, e para ela, ele estava perfeito. Mark selou seus lábios nos dela, de um modo calmo e lento, fazendo com que qualquer pensamento fosse embora. Suas bocas se encaixaram perfeitamente como peças de um quebra-cabeça. Eles terminam o beijo com um selinho e ficam ali, encarando um ao outro, como dois bobos apaixonados.

— Ei, isso foi seu estômago ou tem um elefante esfomeado aqui no quarto e eu não estou vendo? — Mark descontraiu, fazendo Lia sair daquele transe.

— Talvez sejam elefantes. — Os dois começaram a rir juntos.

— Que tal tomarmos café?

— Ah, não! — Lia disse como uma criança que não quer sair da cama. — Está tão bom aqui. — Ela lhe deu um selinho nele, tentando o convencer de ficar ali.

— Se continuarmos aqui, serão três elefantes. — Ele piscou o olho para ela, selando seus lábios em seguida.

Lia pôde sentir seu corpo quente se afastando para levantar, por um momento quis puxá-lo de volta e pedir para ele ficar, quis abraçá-lo e nunca mais soltar. Ela levantou logo em seguida, foi até o banheiro fazer sua higiene matinal, lavar o rosto e escovar os dentes. Ela vestiu uma camisa do namorado, ficava como um vestido curto nela e deixou alguns botões desabotoados, o que realçava seus seios.

— Adoro como meus peitos se ajeitam em qualquer roupa. — ela disse, olhando no espelho e riu de si mesma.

— Ei, você demorou. — Mark disse assim que a viu sentando numa cadeira em frente ao balcão da cozinha. — Achei que teria que alimentar mais um elefante.

— Que tal parar de fazer piadas e alimentar a sua namorada? — disse em tom mandão, fazendo-o sorrir e se aproximar, juntando seus lábios novamente.

— Eu pensei em fazer panquecas, mas iria demorar um pouco, e como você está com uma fome de leão, espera, era elefante, né? — Ele ria enquanto falava. — Então fiz ovos mexidos com bacon e temos suco de laranja e café, o que a senhorita vai querer?

— Hmmm, suco. — Ele a serviu e ela sorriu agradecendo. — Obrigada, cozinheiro.

— Ah, eu me viro né?! Pelo menos, nunca coloquei fogo na casa.

— Como forma de agradecimento pelo café da manhã, posso lavar a louça para o senhor.

— Não precisa, não quero que estrague suas lindas unhas. Você já cozinhou ontem à noite.

Lia agradeceu mentalmente, porque estava com uma baita preguiça, na verdade ela só queria deitar.

— Podemos deixar isso pra alguém lavar mais tarde. — Mark se aproximou dela, enrolando seus braços em volta de Lia. — Agora vamos fazer uma coisa de namorados.

— Você é rápido mesmo, não é? — Ela disse com uma cara desconfiada e rindo.

— Eu não quis dizer isso, você que só pensa o que não deve. — Ele disse, apontando o dedo para o rosto dela. — Mas não seria má ideia.

— Mark! — Lia deu um tapa leve em seu braço.

— O que foi? Você que começou.

— Então eu vou acabar. — Disse, beijando-o.

— Ei, mocinha, quando eu disse fazer coisa de namorados, eu pensei em assistir um filme, sair pra passear, essas coisas... Que tal assistirmos um filme?

— Hmmm, claro!

— Mas eu escolho o filme, da última vez quem escolheu foi você. E você só gosta de filme meloso, amor.

— Ah não, por favor, não aguento assistir aqueles filmes cheios de monstros e tiros. — Lia se jogou no sofá, fazendo uma cara emburrada.

— Eu tapo seus olhos nas piores partes, prometo. — ele a envolveu em seus braços e logo em seguida, beijou seu rosto.

Já passava da metade do filme, Lia por sinal não viu nada, estava cansada e pensava que a noite tinha uma cirurgia para realizar.

— Querido? — Ela atrapalhou a concentração dele, numa parte do filme em que o policial estava prestes a atirar num alienígena. Mark não respondeu, mas ela sabia que ele estava ouvindo. — Amor, estou falando com você. — Ela cutucou o braço dele de leve.

— Hã, estou ouvindo. — Ele respondeu sem ao menos desgrudar os olhos da TV.

— Domingo vou a um evento lá do hospital, gostaria muito que você fosse comigo.

— Não vou poder.

— Poxa, por quê?

— Eu não vou! — Ele tirou a atenção do filme e olhou para ela. — Eu vou estar ocupado, sei que tenho alguma coisa para fazer nesse dia, só não estou lembrando agora o que é.

— Caramba, pensei que você pudesse ir comigo, para me acompanhar.

Lia se irritou e levantou do sofá, mas ele a puxou pelo braço, fazendo com que ela caísse em seu colo, selou seus lábios tentando fazer com que ela deixasse o orgulho de lado e o beijasse também.

— Não vou poder amor, mas eu estou com você, eu sempre vou estar com você. — ele pôs uma mecha do cabelo dela para trás da orelha. — Não vou estar lá fisicamente, mas

vou te acompanhar com o coração. — Ele colocou a mão no peito dela, onde se localiza o coração. — Eu prometo!

— Eu acredito. — Agora ela o beijava, mas dessa vez com maior intensidade, estava desesperada para tê-lo, estava desesperada para amá-lo. — Você é o melhor cara que já tive comigo e eu te amo.

— Eu também te amo, não importa onde você esteja.

Os dois se beijaram ainda mais desesperadamente, Lia pôde sentir que ele também a queria, então ela não negou. Se posicionou melhor em seu colo, em cima de seu membro, ela puxava seu cabelo enquanto o beijava, ele caminhava com as mãos pelas costas dela, descendo até os quadris e dando uma leve apertada.

— Me faça feliz Mark, por favor! — Lia pediu com a respiração ofegante devido aos beijos.

— Você será a mulher mais feliz do mundo!

Mark pegou Lia em seu colo e a levou para o quarto enquanto ela o beijava e só desejava uma coisa: ser feliz com ele, como nunca foi com nenhum outro antes.

CAPÍTULO SETE



— Meu Deus! Não posso perder essa preciosidade. — Ele comentou com um sorriso e a respiração ofegante.

— Isso foi ótimo. — Ela respondeu sorrindo.

Ficaram ali tentando recuperar o fôlego; Mark fazendo carinho nos cabelos de Lia, e ela passando a mão em seu peito. Os dois já estavam quase pegando no sono quando o telefone de casa tocou.

— Sr. Harris? — Era uma voz grossa e séria.

— Sim, sou eu. — A voz dele saiu um pouco falhada.

— Sou o policial Stevie e estou ligando para...

— Aconteceu alguma coisa? — Mark o interrompeu um pouco assustado e assustando Lia também.

— Não, não. — O policial soltou um leve riso. — Bom, na verdade... — sua voz voltou a ficar séria. — É que recebemos algumas ligações reclamando de alguns gritos em sua casa...

— Gritos? — Ele franziu a testa.

— Na verdade, gemidos. — O policial respondeu e Mark tentou controlar o riso. — Só gostaríamos de pedir para que diminuísse um pouco o volume, caso contrário, teremos que multá-lo.

— Ah, claro. — Respondeu ele segurando o riso. — Não se repetirá Sr. Stevie, me desculpe.

— Tudo bem, obrigado pela compreensão e tenha um bom dia.

— Igualmente. — Mark desligou o telefone, rindo.

— O que aconteceu? Por que está rindo? — Lia perguntou confusa.

— Você não vai acreditar! — Mark tentou acalmar o riso para poder continuar. — Ligaram para a polícia reclamando dos gemidos.

— Quê? É sério? — Ela riu. — E agora?

— Só pediram para “abaixar o volume” — ele fez aspas com as mãos demonstrando ironia.

— Acho que você precisa colocar um isolamento acústico nas paredes. — disse ela sorrindo.

— Ou então da próxima vez vou colocar uma fita na sua boca.

— Credo, isso seria torturante.

— Acho que deveríamos ir ao motel da próxima vez. — Os dois riram juntos da situação.

Deitaram novamente, agora de conchinha, Mark colando seu corpo ao de Lia, fazendo-a estremecer.

O sol invadia o quarto pela janela, Lia acordou e olhou no relógio ao lado da cama, já passava das duas da tarde. O horário de almoço já havia passado e ela sentia um vazio no estômago.

— Mark — Chamou tirando seu braço que estava embaixo dele. — Acorda, dorminhoco.

— Eu, dorminhoco? — Respondeu com a voz rouca. — Olha quem fala. — Esfregou os olhos e riu.

— Dorminhoco sim. — Ela deu um leve tapa em seu braço e riu.

— Não me bata, acabei de acordar. — falou enquanto se levantava.

— São duas horas da tarde, precisamos almoçar. — Disse, pegando sua roupa e vestindo.

— Já? Vou ter que cozinhar de novo?

— Não, eu posso fazer alguma coisa.

— Não precisa, podemos pedir comida em algum lugar.

— Os restaurantes só servem almoço até 1h da tarde, inteligente.

— Não custa nada tentar. — Mark saiu do quarto pegando o telefone enquanto Lia procurava sua lingerie em algum canto do quarto, até que acabou tropeçando no lençol que caía da cama, fazendo com que ela caísse no chão.

— Tá tudo bem por aí? — Mark gritou preocupado.

— Oh, porra! — Cochichou para que ele não ouvisse. — Sim, está tudo bem... Eu só...

— Caiu no chão? — Ele riu de leve ajudando-a se levantar.

Mark fez um pedido qualquer no restaurante, porque já estava um pouco tarde para o almoço.

— Eu não disse que conseguiria? — disse ele voltando para o quarto. — Pedi hambúrguer e batata frita.

— Melhor do que ficar com fome. — Ela deu de ombros.

Lia arrumou a cama, minutos depois a campainha tocou e Mark foi atender.

Ele colocou o lanche em pratos e levou para o sofá, entregando o prato a ela.

Depois de comerem, Lia levou os pratos para a cozinha e lavou a louça, enquanto Mark estava no banho.

— Amorzinha, não precisava ter lavado...

— Já lavei. — Ela sorriu. — Tenho que ir embora.

— Já?

— Sim, tenho uma cirurgia mais tarde, eu gosto de me concentrar antes, tudo bem?

— Ah, então a senhorita está insinuando que eu te desconcentro? — Ele disse beijando o pescoço dela.

— Eu não disse isso, mas é mais ou menos isso mesmo.

— Tá bom, vou te deixar ir embora.

— A gente se vê depois? Amanhã? — perguntou ela.

— Sim, amanhã porque hoje você vai trabalhar a noite e eu também. Mas te ligo antes de dormir. — Ele disse e ela assentiu.

— Tomara que eu não encontre nenhum vizinho no elevador, porque imagina se alguém me vê saindo daqui e associa que era eu aqui com você e os gemidos...

— Boba! — Ele riu. — Adorei ter ficado com você aqui. Te amo. — disse beijando-a.

— Eu adorei ficar aqui com você e também te amo. Fica bem, te amo! — Ela se despediu e saiu na porta.

Lia entrou no elevador e agradeceu mentalmente por não ter encontrado nenhum vizinho do namorado. Ela pegou um táxi, já que seu carro estava em casa. Ao chegar, foi direto para sua suíte, encheu a banheira e tudo o que queria era relaxar. Sorriu ao lembrar de tudo o que estava vivendo, como estava feliz com Mark e não via a hora de apresentá-lo para sua família logo. Mas também ficou pensando o porquê de ele ter dito “*Eu não posso perder essa preciosidade.*” Por que será que ele falou aquilo? Por que será que ele tinha medo de perdê-la? Mark demonstrava ser um cara tão carinhoso e romântico, realmente era difícil acreditar que um homem como aquele estava solteiro justamente quando se encontraram pela primeira vez. Lia achou melhor não tirar conclusões precipitadas e assim que tivesse uma oportunidade, iria tocar no assunto com ele.

Após o banho, Lia foi para o quarto e deitou em sua enorme cama confortável. Sentiu saudades de sua família e ligou para falar com sua mãe.

— Alô, mamãe?

— Lia! Estou com saudades.

— Eu também estou, tá tudo bem aí?

— Sim, está. Você nunca mais veio aqui...

— Pois é, mãe, mas no Natal eu vou.

— Meu Deus! Ainda faltam alguns meses. Mas e o trabalho, está tudo bem?

— Sim, está. Logo mais tenho uma cirurgia para realizar. Preciso desligar, logo vou para o hospital.

— Tudo bem, se cuida. Te amo filha.

— Eu também te amo mãe. — Ela desligou e ficou deitada pensando, acabou cochilando por uns dez minutos.

Ela olhou no relógio, levantou, trocou de roupa e se arrumou para ir ao hospital. Prendeu os cabelos e passou um batom clarinho, pegou seu jaleco e sua bolsa e foi para o carro, rumo ao trabalho. Chegando ao Atlanta Medical Center, foi direto para o seu consultório e enquanto verificava o prontuário do seu próximo paciente, viu a maçaneta girar e a porta se abrir lentamente.

— Posso entrar? — A voz masculina perguntou.

— Já entrou. — Deu de ombros.

— Desculpe, não queria atrapalhar.

— Jack, o que você quer? O que está fazendo aqui?

— Obrigada pela recepção calorosa. — Disse ele com ironia, fazendo Lia rolar os olhos.

— Diga logo o que quer.

— Vim só te dizer que voltaremos a ser colegas de trabalho. — Jack apoiou os braços sobre a mesa.

— O quê? — Ela perguntou incrédula.

— Resolvi voltar para Atlanta, estou achando a cidade bem interessante.

— Se quer sacanear a Emily como fez comigo, então vou logo te avisando que não vou permitir que você a magoe, está entendendo?

— Ei, calma. Você anda muito nervosa, Dra. Lia Collins. — Disse ele em tom irônico.

— Já está avisado e se era isso que tinha pra dizer, você já disse. Pode me dar licença, por favor?

— Tudo bem, não vou te incomodar. E o Mark, está bem? Diga que mandei lembranças. — Disse, saindo na porta.

— Aff, o que esse idiota quer de novo aqui? Só sei que não estou gostando nada disso. — Ela falou consigo mesma.

— Dra. Lia, o paciente já está indo para a sala de cirurgia. — Disse uma enfermeira.

— Ah, obrigada por avisar, já estou indo.

Ela se levantou, foi ao banheiro, trocou de roupa e lavou as mãos.

— Sr. Petterson, como está se sentindo?

— Bem, mas creio que ficarei melhor depois da cirurgia.

— Vai sim, se Deus quiser! O anestesista irá aplicar a anestesia geral agora, tudo bem?

— Lia falou com o paciente.

Minutos depois iniciou-se a cirurgia, o paciente tinha um problema na coluna lombar. A cirurgia foi bem-sucedida, horas depois, Lia e os demais médicos deixaram o centro cirúrgico. Ela foi para casa, tomou banho e comia pipoca assistindo um programa qualquer na TV. Lia olhou o celular e enviou uma mensagem para Mark.

— Oi amor, ainda tá acordado?

Minutos depois ele respondeu.

— E aí minha gata, estava quase cochilando.

— Eu estou tão cansada, só queria te dar um beijo de boa noite.

— Hmmmmmm quem me dera poder sentir seu beijo aqui agora.

— Não fala assim senão eu vou aí... Mentira, vou não, já estou de pijama.

— Então vem neném, fica melhor ainda, menos roupa para tirar.

— Não dá, estou exausta.

— Foi tudo bem no trabalho? — Ele perguntou.

— Sim, graças a Deus e no seu?

— Tudo bem também.

— Vou dormir, tá? Amanhã a gente se vê? — Lia perguntou.

— Sim, a gente combina algo. Boa noite meu amor. Te amo.

— Também te amo, meu amor.

Lia desligou o celular e Mark fez o mesmo. Ela de um lado se sentindo muito feliz, ele do outro lado se sentindo culpado por estar escondendo dela algo importante.

CAPÍTULO OITO



Pela manhã, logo cedo, Lia acordou com a campainha tocando sem parar. Ela olhou no relógio, 7:30 da manhã. Bocejou, esfregou os olhos, pôs um roupão e caminhou até a porta da sala.

Era um entregador e segurava um lindo buquê de flores do campo.

— Pediram para entregar. — Disse o rapaz assim que Lia abriu a porta.

— Obrigada. — Ela sorriu e fechou a porta.

Junto com as flores havia um pequeno cartão.

“Para Dra. Lia Collins, com carinho.”

— Só pode ser o Mark quem mandou, lógico. — Ela sorriu, pegou o telefone e discou o número dele.

— Alô? — Mark respondeu com voz de sono.

— Amor, obrigada pelas flores, são lindas eu amei!

— Que flores?

— Mark, não se faça de desentendido.

— Eu não estou fazendo, só não sei de que flores você está falando. — Disse ele sério.

— Ué, as flores que você enviou para mim, acabaram de chegar.

— Lia, eu acabei de acordar com o celular tocando, como te enviei flores?

— Chegou um buquê aqui, achei que fosse você...

— Não tem um cartão dizendo quem mandou? — Ele a interrompeu.

— Tem, mas só diz *“Para Dra. Lia Collins, com carinho.”*

— Então deve ser de algum paciente seu. — Respondeu ele.

— É... Deve ser. Desculpa ter te acordado.

— Tudo bem, minha linda, você pode ligar a hora que desejar.

— Tá, a gente se vê mais tarde?

— Sim, me encontra de noite lá no trabalho, vou te levar pra sair.

— Hmmm então tá. Um beijo e até mais. — Desligaram.

Lia ligou para Emily e foram ao shopping antes do trabalho.

— Você e o Jack saíram juntos?

— Ah... não.

— E por quê? Ele não estava interessado?

— Parece que sim, mas depois fiquei pensando no que você me falou e soa tão estranho eu sair com o cara com quem você ia se casar há dois anos atrás.

— Ah, Emily... se você tiver a fim, vá em frente, está tudo bem. Ele voltou para a cidade, deve estar interessado em você realmente. — Lia disse, abaixando a cabeça.

— É... Não sei. Acho que a gente nem deveria ter se beijado.

— Emily, está tudo bem. Se você tiver se privando de ficar com ele por minha causa... não tem nada a ver, tá?

— Obrigada amiga, mas melhor deixar assim. Eu sei o quanto ele te magoou e foi um babaca. — Emily achou melhor mudar de assunto. — E você e o Mark? Estão namorando a quanto tempo mesmo?

— Dois meses.

— Hmmm e já estão nesse amor todo? — Emily riu.

— Qual o problema? Eu gosto dele.

— Eu sei amiga, ele também gosta de você.

— Ele te disse? — Lia perguntou franzindo a testa.

— Não! — Disse rindo. — Mas é claro que ele gosta de você.

— Acho bom mesmo.

As duas passam a manhã toda fazendo compras e depois almoçam juntas. Lia tomou banho, trocou de roupa e foi para o hospital. Só teria poucos pacientes para atender, a noite sairia com o Mark. O celular dela acendeu e era uma mensagem dele.

“Amor, me encontra lá no meu trabalho mais tarde, não vai de salto e nem de carro... é só o que posso dizer no momento. Te amo!”

Lia sorriu ao ler a mensagem e pensou no que será que ele estava aprontando? Ela ficou curiosa e ansiosa para que chegasse logo. Ela foi para o hospital, foi até o refeitório tomar café, quando Jack apareceu lá sentando-se ao lado dela.

— Gosta de flores, Lia?

— Por que está me perguntando isso? — perguntou desconfiada.

— Te fiz uma pergunta primeiro. — Retrucou ele.

— Gosto, mas depende de que flor estamos falando. Foi você né?

— Eu o quê?

— Jack, não se faça de desentendido. Qual a sua intenção ao mandar aquelas flores para mim?

— Intenção nenhuma. Achei bonitas, quis comprar pra você, só isso.

— Eu tenho namorado, então não precisa mais fazer isso, tá? Procure uma namorada para você e mande flores para ela. — Lia disse, levantando-se, mas ele a segurou pelo braço.

— Eu só queria ser seu amigo.

— Amigo? — Ela riu com escárnio. — Acho que isso está totalmente fora de cogitação, depois de tudo que vivemos. — Disse ela, levantando dali.

Lia cumpriu sua agenda de trabalho, foi para casa, jogou fora as flores que seu ex-noivo, Jack, havia enviado. Pensou que mais uma vez, ele parecia querer brincar com ela. Tomou banho e lembrou o que Mark havia dito para ela sobre não usar salto alto. Então foi ao closet, pegou seu par de botas de salto rasteiro, um vestido leve e confortável e um casaco. Chamou um táxi e foi.

— Oi!

— Oi minha gata. — Beijou-lhe os lábios. — Vamos? — disse, indo em direção ao carro.

CAPÍTULO NOVE



Lia se aconchegou nos braços de Mark, ele acariciou os cabelos dela e logo adormeceram, mas logo despertaram novamente quando ouviram um barulho do lado de fora da barraca.

— Mark, o que foi isso?

— Não sei, deve ser algum bicho, vou olhar. — Disse, pegando a lanterna.

— Ah, meu Deus! Cuidado! — Ela estava preocupada.

Mark saiu da barraca, ficou parado olhando ao redor, quando avistou dois esquilos.

— São só esquilos, devem estar procurando comida. — disse ele.

— Menos mal, achei que poderia ser algum bicho selvagem. — Lia falou.

— Não é, vamos dormir.

— Agora estou com medo. — Lia sentou, estava apreensiva.

— Amor, eu estou aqui e vou te proteger. Não vai aparecer bicho nenhum, tá?

— Mark, e se aparecer alguma cobra ou outra coisa pior...

— Para de fantasiar coisas, senão você não vai conseguir dormir. Amanhã você tem um evento pra ir e não vai querer estar com cara de cansada, não é mesmo? Vem cá. — Ele a abraçou. — Boa noite, minha princesa.

— Boa noite, meu príncipe perfeito. Se aparecer algum bicho você me acorda, tá?!

— Se aparecer algum bicho, eu vou é correr e te deixar aqui. — Mark disse aos risos.

— Ah, é assim? Palhaço. — disse ela dando um tapa de leve no braço dele.

— É brincadeira, *monamour*. O único bucho selvagem aqui sou eu.

— Desse eu não tenho medo. — Ela fechou os olhos, o sono quase chegando.

Lia adormeceu e Mark ficou ainda acordado, temendo que pudesse aparecer algum animal, mas logo acabou dormindo também.

Pela manhã, Lia acordou feliz, a noite foi ótima, apesar de ter acordado com um pouco de dor no pescoço. Mark não estava ali, então ela olhou ao lado de fora da barraca e pôde avistá-lo ao longe olhando algo com os binóculos.

Ela caminhou até ele e foi recebida com um abraço de bom dia.

— Dormiu bem? — perguntou ele.

— Sim, só acho que dormi de mal jeito e preciso fazer xixi.

— É só procurar um cantinho ali no mato. — Mark disse rindo.

— É... não tenho escolha. — Lia deu de ombros indo em direção às árvores. Quando voltou, Mark estava sentado à sua espera.

— Eu trouxe água, biscoito e tem sanduíche, tá um pouco murcho, mas se você tiver com fome, acho que serve.

— Obrigada. — Ela pegou a garrafinha de água da mão dele e bebeu em seguida.

— Gostou do nosso acampamento? — ele perguntou fazendo aspas no ar.

— Gostei sim, nunca tinha feito isso antes. Foi uma aventura. — Ela respondeu sorrindo. — Meu celular descarregou e estou sem relógio, são que horas?

— Quase 9h e o meu plano de assistir com você o sol nascendo, deu errado. Você dormiu feito uma pedra. Tive que assistir sozinho.

— Ah, amor me desculpe. Poderia ter me acordado. Acho que devemos voltar para casa, o evento lá no hospital começa às 11h e eu ainda preciso me arrumar...

— Vamos sim, vou arrumar as coisas e a gente já vai. — disse ele.

Mark deixou Lia em casa e foi embora.

Ela tomou banho e precisava escolher o que vestir. Então, ela foi até o closet e escolheu uma calça com estampa escura, blusa branca e um blazer de cor forte. Lia se arrumou, se vestiu e se maquiou de forma leve. Olhou no espelho e gostou do resultado. Como não teve tempo de preparar algo que pusesse levar, passou antes em uma confeitaria e comprou uma torta para a sobremesa, já que lá teria um almoço.

Chegando no hospital, lá estavam seus colegas de trabalho, cada um respectivamente acompanhados de seus familiares. Lia sentiu-se um pouco triste porque seus pais e sua irmã não puderam ir, tinham um outro evento na cidade em que moravam e Mark por algum motivo também não pôde a acompanhar.

Lia sentou-se com Emily que estava acompanhada de seus pais e sua irmã. Jack chegou logo depois e juntou-se à elas, deixando Lia um tanto que incomodada. Almoçaram, tiraram fotos, dançaram, foi uma tarde divertida. Por volta das 7h da noite, Lia voltou para casa. Ligou para o Mark, mas só dava caixa postal. Então ela foi para a hidromassagem, era domingo à noite, ela tomou um pouco de vinho e ficou assistindo TV. Mark ligou para ela e ficou de ir até lá. Ele chegou e juntou-se à ela na hidromassagem, tomaram vinho e namoraram.

— Vou cozinhar para nós. — Lia disse após dar um selinho nele saindo da banheira.

— Eu adoro esse seu lado cozinheira.

— Sei disso.

Lia foi para a cozinha, preparou uma massa ao molho de champignons e para acompanhar, vinho branco.

— Foi legal lá no hospital? — Mark perguntou enquanto jantavam.

— Foi sim, tirando que eu era a única que não estava acompanhada da família e do namorado...

— Seus pais não foram, por quê?

— Tinham um evento de caridade na igreja. Eles são evangélicos.

— Sério? Você não tinha me contado.

— Ah, eu esqueci.

— E você vai à igreja também? — ele perguntou, pegando a taça de vinho.

— Ah... eu ia às vezes, agora não tenho ido.

— Olha, não vai entrar no céu, hein se não for à igreja. — disse ele rindo.

— Bobo! Vamos juntos então qualquer dia desses.

— Eu? — ele riu.

Mark ajudou Lia com a louça, depois foram para o quarto. Ele procurava algo para assistir na TV, enquanto Lia estava lendo um livro sentada na cama.



Lia acordou, não sentiu o corpo de Mark colado ao dela, então virou-se para poder abraçá-lo, mas isso não foi possível porque ele não estava ali. Seu lado da cama estava frio e isso significava que já não estava ali a um tempo.

Ela levantou e vestiu seu roupão, foi até o banheiro fazer sua higiene matinal e depois desceu até a cozinha. Chegando lá, se deparou com Mark sentado em uma das cadeiras em frente ao balcão, sua expressão estava triste e decepcionada, havia uma xícara de café em sua frente, seu cabelo estava mais bagunçado do que o normal, e seu pulso estava fechado em cima da mesa. Lia estranhou vê-lo assim, mas suspirou e caminhou em sua direção.

— Bom dia meu amor. — ela beijou o rosto dele, porém ele não respondeu e apenas se afastou de perto dela.

Lia se escorou no balcão analisando a expressão do namorado, mesmo daquele jeito continuava lindo. Aquilo estava deixando-a preocupada, ele não falava, não se mexia e nem sequer olhava para ela.

Lia se desescorou do balcão e foi até a geladeira analisando seu interior, rebolando para ver se ele a notava ou se animava, pegou um pote de iogurte e foi até a gaveta achar uma colher. Ao virar, Mark estava na mesma posição; pulsos fechados e expressão séria.

— Está tudo bem? — ela perguntou sentando-se de frente para ele. — Estou ficando

preocupada, está tudo bem?

— Eu que te pergunto. — ele respondeu de um modo grosseiro.

— Eu estava ótima, tivemos uma noite maravilhosa, mas agora te vejo desse jeito e nem sequer fala comigo, então como acha que estou?

— Ah, claro. — ele disse visivelmente irritado.

— Meu Deus, eu achei que estaríamos bem! — ela respirou fundo e colocou as mãos em cima do balcão. — Mark?

— Porra, Lia, eu tô tentando pensar! — disse, colocando as mãos no rosto.

— Tá legal, mas será que pode me dizer o que está acontecendo? — ele não respondeu e ficaram em silêncio por um tempo. — Meu amor, por favor só quero saber o que aconteceu. — falou com a voz chorosa para poder convencê-lo.

— Veja aí. — Mark empurrou o celular na direção dela.

— Isso? — ela levantou a sobrancelha e direcionou o celular para ele novamente.

— “Isso?” — ele imitou a voz dela e revirou os olhos. — Bonito o relógio dele, não é? Achei ainda mais bonito a mão dele bem agarrada na sua cintura. — falou ironicamente, mas ao mesmo tempo estúpido.

— De onde você arrumou essa foto? — perguntou séria.

— Ele enviou para você, vi seu celular acender, você estava dormindo e olhei o que era.

— É o Jack...

— Eu sei que é o seu ex, o conheço a ponto de querer dar um soco na cara dele.

— Você está assim por causa dele?

Lia não sabia que Mark era tão ciumento como estava mostrando agora.

— Não, imagina! — ele revirou os olhos e olhou para ela. — Caramba, eu transei com você depois disso e nem para me contar?

— Ah sim, eu deveria ter gritado o nome dele entre os gemidos, desculpa esqueci. — disse, bufando. — Será que dá para você deixar esse ego de lado e dizer logo?

— Ego? — Mark bateu na bancada fazendo com que ela se assustasse. — Quer saber o que está acontecendo? Eu confiei em você, eu disse que não poderia ir à festa e vejo você agarrada com outro, um cara que é seu ex ainda por cima. — Ele levantou, caminhou até a parede e escorou a cabeça nela.

— Confiou em mim? Se fosse verdade saberia que isso não é nada demais, ele apenas é um médico que também trabalha lá.

— Apenas um médico que trabalha lá. — Mark riu irônico. — E se encontraram na pista de dança e resolveram dançar juntos? Porque tem fotos de vocês dois dançando também.

— Estavam todos dançando com alguém, então ele não quis me deixar sozinha.

— Ah tá, aí depois todos estavam falando ao pé do ouvido e ele quis fazer o mesmo com você? Por favor!

— Mark, o som estava alto e não conseguimos escutar nada. E sabe o que nós conversamos?

— Sei, ele disse como seus peitos são bonitos e marcaram de sair, relembrar os velhos tempos enquanto o babaca aqui te ama.

— Exatamente, como você é inteligente! — Ela respondeu com ironia. — Caramba, eu esperava mais de você! Ele me perguntou se eu e você estamos juntos, eu disse que te amo muito e que você é um cara maravilhoso, mas eu estava errada, não sabia que você era assim.

— Ah tá e você achou que ele não estava dando em cima de você? Por que você é burra a esse ponto?

— Burra? O único burro aqui é você e está estragando um amor por uma briguinha boba. Mas se quer me chamar de burra e insinuar que eu estava dando confiança à ele, então pode sair por favor.

CAPÍTULO DEZ



Mark permanecia de braços cruzados diante de Lia.

— Não te chamei de burra e não quis insinuar nada, mas vou embora mesmo, não preciso ficar na casa da minha ex-namorada. — ele deu ênfase à última palavra, o que fez Lia sentir as palavras lhe atingindo como uma facada no coração.

Mark andou meio perdido pela casa, Lia apenas o observou, suspirou tentando pôr seus pensamentos em ordem. Mark pegou as chaves do carro e uma pequena caixa azul que estava em cima da mesa da sala.

— O que é isso? — Ela perguntou andando em sua direção e apontando para a caixa.

— Era algo que eu iria te dar, mas agora tanto faz.

— Posso ver? — Lia chegou mais perto e ele abriu a pequena caixa.

Era um colar com o pingente de uma chave e um coração, estava gravado nela: *seu coração é meu*.

Lia olhou o colar e sorriu, sentiu que Mark quis fazer o mesmo.

— E o que irá fazer com ele agora? — perguntou insegura.

— Sei lá. — coçou a cabeça. — Se não se importar... — Ele olhou em seus olhos verdes — Pode ficar com ele.

— Tá. — Ela assentiu.

Ele apenas acenou com a cabeça e caminhou até a porta.

— Mark! — Ele parou e virou, mas não olhou para ela. — Obrigada. — Ele deu um meio sorriso. — Eu não quis te magoar, na verdade eu não fiz nada para te magoar, eu não teria coragem de fazer qualquer mal a quem mais amo, por mais que você não acredite em mim, eu te amo...

— Eu acredito, mas não sei se isso vai mais dar certo. — Mark abriu a porta e quando estava prestes a sair, olhou nos olhos de Lia e derramou suas lágrimas. — Eu também te amo. — fechou a porta antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Lia olhou na janela e viu Mark apoiado no capô do carro e viu ele chorando, talvez estivesse pensando em voltar. Ela quis abrir a porta e correr em seus braços e beijá-lo, pedir para que ficasse, mas ele foi claro dizendo que não sabia se aquilo daria mais certo. Então, ela sentou no chão e se escorou na porta, abraçou seus joelhos e deixou as lágrimas

caírem. Lia ficou ali chorando, só queria pensar que aquilo não era verdade. Lembrou das juras de amor que fizeram desde que estavam juntos e também lembrou do quanto temia que isso viesse acontecer.

Mark foi para casa, realmente estava com o ego ferido. Sua vontade era de ir atrás de Jack e lhe dar um soco na cara, mas não o fez. Quando chegou em casa, bateu a porta, fazendo com que o chão estremecesse. Teve tanta raiva que saiu para ir à academia, praticava artes marciais e esse seria o melhor momento para descontar toda a raiva que estava sentindo.

Já Lia, chorou tanto que acabou dormindo ali mesmo no chão da sala em frente a porta, até que foi acordada com seu celular tocando. Era do hospital, havia uma emergência e precisavam dela. Ela foi até o quarto, vestiu uma roupa qualquer, pegou sua bolsa e deu uma olhada rápida no espelho. Estava horrível. Com o rosto inchado e com a cara de quem passou o dia todo chorando.

— O que aconteceu? — Lia perguntou ao chegar no hospital.

— Essa menina sofreu um acidente de moto e teve traumatismo craniano, precisamos operá-la com urgência.

Lia rapidamente se trocou, estava com a cabeça a mil, mas naquele exato momento precisava esquecer seus problemas, era a hora de cuidar de alguém que com certeza estava numa situação muito pior, entre a vida e a morte.

Assim iniciou a cirurgia, Lia e a equipe de médicos fizeram de tudo que poderiam, mas infelizmente a jovem moça não resistiu e teve morte cerebral. Lia saiu do centro cirúrgico arrasada, sempre ficava assim quando algo não dava certo. Após trocar de roupa, ela foi para seu consultório e ali chorou com o rosto sobre a mesa. Ouviu batidas na porta, então tentou disfarçar secando as lágrimas.

— Lia? O que aconteceu? — Emily perguntou adentrando a sala.

— Qual notícia ruim você quer primeiro?

— Nossa! Me conta o que houve, você está com os olhos tão inchados.

— Também pudera, passei a manhã toda chorando... o Mark terminou comigo.

— O quê? Ah meu Deus, vocês estavam tão bem.

— Estávamos mesmo, até o idiota do Jack aparecer e estragar tudo. E pra acabar de completar, eu estava agora em uma cirurgia e a menina não resistiu... teve morte cerebral. Você tinha que ver, era tão novinha, linda, dezesseis anos.

— Ow, amiga, não fica assim. Sei que fez tudo o que pôde, mas essas coisas infelizmente acontecem... e quanto ao Jack, depois você me conta com mais calma, nos vemos na hora do almoço? — Emily perguntou e Lia assentiu. — Tenho pacientes para atender agora. — disse saindo e fechando a porta.

Lia sentiu uma aflição, pensou em sua irmã, pegou o celular e ligou para ela.

— Chloe?

— Oi Lia! Tudo bem?

— Mais ou menos, mas estou ligando para saber de você.

— Estou bem, aconteceu alguma coisa?

— Não, quer dizer... sim. Olha Chloe, toma cuidado na rua, está bem? Cuidado quando for pra escola, não bebe e vai dirigir. Se cuida, tá bom?

— Por que isso agora?

— Porque me preocupo com você, sou sua irmã mais velha. Preciso desligar. Nos vemos na semana que vem. Te amo!

— Tá, também te amo.

Ela desligou, foi ao banheiro, lavou o rosto e respirou fundo. Tudo o que queria era ir embora dali, na verdade ela não estava bem, mas precisava cuidar de outras pessoas que precisavam de sua ajuda.

As horas pareciam nunca ter fim, durante o almoço Lia contou à Emily o que havia acontecido, mostrou as fotos que Jack enviou e que Mark viu tudo. No fim de seu turno, Jack estava saindo, Lia foi até lá tirar satisfações com ele.

— Se você queria estragar o meu namoro com o Mark, parabéns! Você conseguiu! Mas já fica avisado, se você voltou pra cidade pra infernizar a minha vida pela segunda vez, eu sugiro que você volte para onde estava. Pega o número do meu telefone e enfia você sabe aonde. Cretino! – Ela disse com a voz alterada, deu um tapa no rosto dele e saiu.

Jack permaneceu estático, apenas com um sorriso de canto nos lábios.

Quando Mark chegou em casa, seu rosto e o corpo estavam completamente encharcados de sangue. Rapidamente tirou a roupa, precisava se desfazer daquilo, quando de repente, a campainha tocou.

Não era uma boa ideia atender ninguém naquele estado.

CAPÍTULO ONZE



— Droga! — Mark praguejou enquanto colocava suas roupas em um saco de lixo.

Ele não tinha condições de abrir a porta naquele momento, não do jeito que estava. A campainha não parava de tocar, ele foi rapidamente ao banheiro, tomou banho para se livrar de todo aquele sangue, ao sair do banho, viu uma mensagem em seu celular.

“Mark, estou aqui tocando a campainha, você está em casa?”

Ele sorriu e foi abrir a porta.

— Oi pai!

— E aí meu filho, como está? — disse o abraçando.

— Bem...

— E como foi lá? O que aconteceu?

— Ah, pai... não quero entrar em detalhes, mas não teve outro jeito a não ser aquele que o senhor já sabe. — Mark disse juntando as mãos.

— Sei, e como está se sentindo agora?

— Normal, eu tinha que fazer, não tinha escolha. — disse, dando de ombros.

— E sua namorada? Achei que ia conhecê-la.

— A gente terminou hoje de manhã.

— Mas por que? Você parecia tão animado.

George nunca tinha visto Mark tão feliz como nos últimos tempos, desde que o filho conheceu a nova namorada.

— Na verdade, eu que terminei com ela... acho que fui um pouco estúpido, vi fotos dela com o ex numa festa no hospital onde ela trabalha.

— Ah e não conseguiu segurar os ânimos?

— É, foi isso.

— E estou vendo que está arrependido, certo? — O pai falou e ele assentiu. — Está esperando o que para ir atrás dela e pedir desculpas?

— Será que devo? — Perguntou, olhando para o pai.

— Você a ama?

— Sem dúvidas.

— Então não deixe a mulher que você ama sair da sua vida assim. Você vai dar espaço para o ex dela? — George inquiriu. — Mostre que a ama, compre flores, fale ao ouvido dela... nenhuma mulher resiste.

— E se ela não quiser voltar?

— Dê motivos para que ela volte. Mostre que é melhor que o ex dela e que ficar com você é a melhor opção. Não confia no seu taco?

— Ah, pai... — ele riu. — Confio, claro.

— Pois então, vá à casa dela, se vista de um jeito que ela goste, passe um bom perfume e quando ela abrir a porta, *tcharan!* Lá estará você pronto para reconquistá-la.

— Valeu pai, mas preciso dar um tempo. Talvez eu a procure, mas não hoje. Tenho que ir trabalhar.

— Tem que ser confiante. Se não quer perder a garota, então vá atrás dela. Bom, vou indo. Meu voo de volta para casa sai daqui a pouco.

— Obrigado por ter vindo, pai. Manda um beijo para a mamãe e a Brittany, um abraço para o Bryan.

Mark levou seu pai até a porta, depois se arrumou para ir ao trabalho.

Lia estava em sua casa assistindo TV.

“Um homem foi encontrado morto com vários tiros no rosto e com o corpo carbonizado. A perícia no local ainda não conseguiu identificar a vítima e nem o assassino. A qualquer momento, voltaremos com mais notícias sobre o caso.” Falou a repórter no noticiário.

— Credo! Que crueldade. — Lia pegou o controle remoto e desligou a TV.

Abriu sua caixa de joias e ficou olhando o cordão que Mark havia dado a ela. Sorriu por alguns instantes, olhou o celular, pensou em enviar uma mensagem, mas achou melhor não. Se ele sentisse falta, ele era quem deveria procurar por ela. Estava sem sono, desceu até a cozinha, tomou um chá de camomila, olhou ao redor... se sentia sozinha. A casa era grande para apenas uma pessoa. Lembrou-se de quando morava com seus pais e sua irmã e sentiu saudades de casa. Ela terminou seu chá e foi se deitar.

Mark terminou seu expediente na casa noturna em que trabalhava, foi para seu apartamento e também se sentiu sozinho. Pensou em várias coisas e não estava conseguindo dormir. Levantou-se e foi até o armário, pegou o presente que havia comprado para dar à Lia no Natal. Guardou de volta, olhou o celular, chegou a digitar uma mensagem, mas apagou.

Na manhã seguinte, Lia tinha plantão no hospital logo cedo. Levantou, se arrumou e foi para o trabalho. No horário de almoço, juntou-se à Emily no refeitório como de costume.

— E aí, como você está?

— Ah, tô indo. Triste né?! — deu de ombros.

— Ele não te procurou? — Emily perguntou.

— Não e isso está me matando. Ah, esqueci de te contar... falei poucas e boas pro Jack ontem e dei um soco na cara dele.

— Sério? Ah então deve ser por isso que ele não veio trabalhar, deve ter ficado marcado. — Emily riu.

— Ah, sério que ele não veio?

— Sim, o consultório dele está vazio e não tem outro ortopedista hoje, era o plantão dele.

— Que estranho. Será que aconteceu alguma coisa com ele? Acho que ele não ia faltar o trabalho por causa de um tapa na cara, né? — disse ela e Emily deu de ombros.

Passaram os dias, Jack não foi ao trabalho e ninguém conseguia contato com ele. Parecia não estar em casa e não atendia o telefone.

Meses depois, faltavam apenas dois dias para o Natal. Lia estava em sua casa assistindo a um filme qualquer que passava na TV. Passava das 11h da noite, estava chovendo e fazia frio. A campainha tocou, Lia sentiu uma preguiça enorme de levantar, porque estava frio, mas quem quer que fosse, parecia que não iria desistir tão cedo. A campainha tocava sem cessar, então Lia desceu ao segundo andar, olhou pelo olho mágico da porta.

Era ele.

Seu coração foi à garganta, depois de suspirar, ela abriu a porta.

— Lia, posso entrar?

— O que você quer? — Lia perguntou friamente ao ver Mark parado ali à sua frente.

— Posso entrar pelo menos? Está chovendo muito...

E de fato estava mesmo chovendo bastante. A chuva era fina, mas bum volume suficiente para deixar Mark encharcado.

— Entra. — ela deu espaço para ele passar.

— São pra você. — disse ele, entregando um buquê de rosas brancas.

— São lindas, obrigada. Vou colocar num vaso com água. — disse ela indo em direção a cozinha.

Lia colocou as flores num vaso sobre a mesinha da sala.

— Senta. — falou com Mark.

— Eu vim te pedir desculpas, sei que fui precipitado e na verdade fui um tremendo idiota...

— Ainda bem que você sabe. — disse séria, cruzando os braços.

— Me desculpa? — Mark se aproximou dela. — Me perdoa. Eu sei que não agi certo com você, deu a entender que eu não confiava em você...

— E você confia? — Lia o interrompeu e ele assentiu.

— Se esse cara quer tentar alguma coisa com você, eu não vou deixar, porque eu te amo. — disse ele caminhando em direção à ela.

Mark passou uma mecha de cabelo escuro dela para trás da orelha, beijou seu ombro e involuntariamente Lia fechou os olhos.

— Vamos ser felizes de novo? — sussurrou no ouvido dela.

— Você nunca deveria ter ido embora. — ela sorriu e seus lábios se encontraram com uma urgência tão grande.

Mark estava de pé com Lia em seus braços. Suas pernas estavam em volta da cintura dele e ele a segurava. Ele a conduziu para o quarto que ficava no andar de cima. Mark estava com suas mãos segurando os quadris dela, a olhou nos olhos e sorriu por estar ali, com a mulher que amava em seus braços.

— Minha princesa. — Confessou olhando nos olhos dela, que automaticamente sorriu. — Eu não vou pisar na bola com você de novo, tá?! Eu prometo.

— Não precisa me prometer nada... apenas me faça feliz. — disse ela com os olhos brilhando.

— Eu farei.

Mark deitou Lia sobre a cama e sorriu vendo seus cabelos negros se espalharem sobre a superfície macia. Lia puxou a camisa dele novamente selando seus lábios em um beijo fervoroso, porém calmo. Ela o ajudou a tirar a camisa, deparando-se com o peitoral musculoso. Ela sentiu as mãos dele tatearem pela cintura dela, erguendo o baby-doll que ela usava, sorriu malicioso quando seus olhos bateram em sua lingerie cor-de-rosa e atacou seus lábios novamente com um selinho demorado, logo sua língua pediu passagem e suas línguas se encontraram numa sincronização perfeita.

Mark desceu com suas mãos pela cintura de Lia, alcançando a calcinha dela. Com seu olhar penetrante, tirou a peça completamente, logo após, tocando a intimidade dela. Ele introduziu seu dedo indicador lá, girando dentro dela. Lia mordeu seu lábio e fechou os olhos, precisava de mais, ela queria sentir o que de melhor ele pudesse fazer.

Sem hesitar, Mark beijou o ponto íntimo e rosado de Lia, em seguida lambeu e introduziu sua língua. Ela tentava segurar os gemidos, o que era quase impossível, já que seu namorado estava prestes a levá-la à loucura.

— Lia... será que assim você consegue gozar para mim? — disse ele com sua voz sedutora, logo após tocando seu clitóris.

Enquanto sua língua tocava a intimidade dela, Lia tentava segurar os gemidos e suas mãos estavam fincadas no lençol tentando aliviar a tensão que sentia.

— Anda amor... vamos! — ele dizia.

E sem muita demora, ela atingiu o seu ponto máximo. Mark deitou ao lado dela e a beijou, fazendo com que ela sentisse seu gosto.

— O que achou? — Ele perguntou acariciando o rosto dela suado.

— Isso foi... fantástico. — disse ela com a respiração ofegante. — Deixa só eu me recompor...

Mark riu dela por alguns instantes.

— Ah, está rindo? Vai ter revanche. — ela piscou o olho para ele, levantando-se e ficando de joelhos à sua frente.

Abaixou sua cueca boxer e deu uma risadinha encarando o membro de seu namorado bastante “animado” bem à sua frente. Ela o envolveu, sentindo a textura rígida e seu polegar fez um movimento para cima e para baixo sobre a extensão dele. Lia o ouviu gemer e sorriu um pouco, logo após envolveu o membro de Mark com seus lábios. Os olhos dele estavam cerrados, suas pálpebras estavam quase fechadas, formando duas pequenas frestas.

CAPÍTULO DOZE



Lia estimulava Mark, sem tirar os olhos dele. Aquela era uma das visões mais sexys da sua vida. Ele mordeu o lábio e seus dedos puxaram os cabelos de Lia, fazendo com que ela fosse mais fundo e colocasse tudo dele em sua boca. Ele parecia estar gostando, porque deu um impulso com o quadril para frente e grunhiu. Lia intercalava com movimentos suaves e rápidos.

— Lia... — Mark gemeu.

De repente, ela sentiu sendo puxada para cima e jogada contra o colchão enquanto o corpo de Mark ia para cima dela, sentindo seu membro rígido roçando constantemente em sua virilha. Ele afundou seu rosto no pescoço dela, completamente dopado pelo perfume suave de Lia.

— Você foi incrível. — disse acariciando os cabelos negros dela que estavam desarrumados.

— Acho que precisamos de um banho. — comentou risonha.

Mark ficou entre o constrangido e o resignado ao ver como ela estava suja e melada, assim como seu lençol. Lia se levantou e pegou toalhas limpas no armário e entregou para Mark, indicando o caminho do banheiro que ficava no seu quarto. Ela tirou os lençóis da cama e levou para a área de serviço. Lia caminhou até o banheiro, Mark virou-se e a viu encostada na soleira da porta, o observando com um sorriso.

— O quê? — ele perguntou.

— Você é tão bonito. — ela comentou com um suspiro.

— Hmmm.

— Nós vamos precisar repetir isso. — Lia comentou andando vagarosamente até ele.

— Quer vir tomar banho comigo? — perguntou arqueando a sobrancelha.

Lia deu uma olhada 360 graus por todo o corpo dele nu bem à sua frente, entrou no box junto com ele, o abraçou e colou o seu corpo ao dele.

— Se toda vez que a gente se separar, a reconciliação for assim... podemos brigar mais vezes.

— A gente não vai mais se separar. — ele sorriu e a beijou escorregando suas mãos até a bunda dela, apertando.

— Mark! — disse com os olhos arregalados.

— Desculpe! — ele segurou o riso.

Os dois terminaram o banho cheio de carinhos e mãos bobas, voltaram para o quarto.

— Quer descer e comer alguma coisa? — Lia perguntou secando os cabelos.

— Eu ia te responder uma coisa, mas seria um pouco indelicado da minha parte dizer isso para a minha namorada tão linda e delicada.

— Hmmmm é? — riu. — Quer descer comigo pra cozinha ou não?

— Quero sim. — ele assentiu.

— Vou preparar um shake para nós. — ela disse pegando o liquidificador.

— Eu te ajudo. — respondeu ele.

Lia sentiu uma coisa bem atrás dela, Mark a abraçou por trás, fazendo ela se arrepiar.

— Podemos dar uma pausa? — perguntou risonha.

— Claro minha gatinha, estou atrapalhando, me desculpe. — riu.

— Amanhã vou para a casa dos meus pais, você vai comigo? — ela perguntou.

— Vou. A gente pode ir no meu carro, só que a tarde eu vou para a casa dos meus pais em Montana. — Mark respondeu sentando-se próximo à bancada da cozinha.

— Tudo bem, amanhã cedo eu arrumo minha mala. — disse ela enquanto preparava o shake.

— Pretende ficar quanto tempo com sua família? — ele perguntou.

— Ah, alguns dias. Mas eu volto para passarmos o ano novo juntos, certo?

— Sim, também vou ficar alguns dias com a minha família, mas no réveillon quero estar com você. — disse e ela sorriu.

— E já tem alguma ideia do que podemos fazer no réveillon?

— Já sim, você vai adorar com certeza. Quero que seja surpresa.

— Tá bom, se for uma surpresa boa... vou amar. — ela sorriu entregando um copo à ele.

Os dois beberam o shake que Lia havia preparado e Mark se ofereceu para lavar a louça.

— Precisamos dormir, são quase 2h da manhã. E ainda vou arrumar minha mala amanhã cedo. — Lia disse.

— E eu ainda vou ter que passar em casa pra buscar minhas coisas...

— Ah, Mark... você sabia que a gente ia... porque não... — Mark a interrompeu, tapando seus lábios com as mãos.

— Eu já arrumei tudo boba... a mala está no porta-malas do meu carro... na sua garagem.

— Ah bom. — ela sorriu.

— Viu como eu penso em tudo? A senhorita que está atrasada e não arrumou sua mala ainda.

— Estou cansada, só quero dormir coladinha com você. — sorriu e o beijou.

— Então vamos, seu desejo é uma ordem madame.

Mark a pegou em seus braços e subiu as escadas com Lia no colo, a fazendo sorrir. Os dois se acomodaram na cama, Mark com seus braços em volta dela.

— Boa noite minha gatinha. Bons sonhos. — disse dando um selinho nela.

— Boa noite meu amor, eu te amo.

— Também te amo.

Os dois dormiam rapidamente, estavam cansados, as horas saltaram e às 8h da manhã, Mark acordou, Lia ainda dormia.

— Acorda, dona Maria Lia. — disse ele distribuindo beijos sobre o rosto dela.

— Hmmm que delícia acordar com você assim. — disse com os olhos semiabertos.

— Vamos levantar? O pó de café não vai se mover sozinho até a cafeteira, hein?! — disse ficando por cima dela.

— Acho que o pó de café pode esperar... andei pensando aqui numa coisa. — disse ela ainda deitada.

— Hmmm me conta. — ele disse afastando o cabelo que caía no rosto dela.

— Você vai para Montana, vamos ficar alguns dias sem nos ver...

— Hã, sei e onde que chegar com isso? — perguntou arqueando a sobrancelha.

— Que tal a gente namorar um pouquinho agora? Ontem a gente nem fez nada direito... — disse tímida.

— Ah é assim? Não fizemos nada direito?

— Ah, amor... você entendeu. Não tá a fim? — perguntou ela se fazendo de vítima.

— Lógico que eu tô. Vem cá. — ele puxou ela para que se levantasse.

Mark sentou no tapete ao pé da cama e Lia sentou no colo dele e o beijou. Lia sentou e prendeu os cabelos, Mark segurava os quadris dela. Ele tirou a camisa que ela vestia, que por sinal, era dele. Ela adorava dormir com a camisa dele, era bom dormir sentindo seu perfume.

Mark tirou a camisa dela, deixando seus seios à mostra. Mordiscou de leve um e depois o outro. Os dois já estavam bastante excitados e era ótimo fazer amor logo pela manhã.

— Trouxe preservativo? — perguntou e ele assentiu.

Estava no bolso da calça dele. Lia não teve pudor, ela mesmo colocou a camisinha nele, olhou nos olhos daquele homem lindo e sorriu. Pouco tempo depois, o quarto foi tomado pelos gritos e gemidos do casal inundados de prazer.

— Eu não quero mais ficar sem você. — Lia falou ainda com a respiração ofegante, deitando sobre o peitoral dele.

— E não vai ficar. Eu não vou te deixar sozinha, minha branquela. — disse, beijando o topo da cabeça dela. — Agora precisamos arrumar as coisas, aliás, a senhorita precisa arrumar sua mala, hein?!

— Verdade. Faz café para nós enquanto eu arrumo tudo aqui?

— Hmmm já está abusando da minha bondade. — disse rindo.

— Por favor! — Ela pediu imitando voz de criança.

— Com essa carinha de carente não tem como negar, mas arruma logo suas malas.

— Ebaaa! Tá, vou arrumar a cama aqui e já a gente põe o pé na estrada. — ela disse beijando-o.

Mark desceu até a cozinha e preparou o café enquanto Lia arrumava o quarto. Ela foi ao closet, pegou sua mala e começou a escolher quais roupas iria levar. Como estava no inverno, optou por casacos, sobretudo, calças, botas e toucas.

— Amooooor, o café está pronto. — Mark gritou do andar de baixo.

— Estou indo. — disse, terminando de fechar a mala.

Depois de tomar café da manhã, Lia tomou banho, se arrumou e Mark fez o mesmo. Quarenta minutos depois estavam prontos, Mark colocou as malas no carro, Lia já ia esquecendo as sacolas com os presentes da família dela e do Mark. Voltou, buscou e colocou tudo no porta malas.

— Já coloquei o endereço no GPS. — disse ela entrando no carro.

— Ótimo. Lia, sabe o que estou pensando? — ele perguntou dando partida com o carro.

— Em quê? — ela disse enquanto colocava o cinto de segurança.

— Será que seus pais irão gostar de mim?

— E por que não gostariam? — ela arqueou a sobrancelha.

— Ah, sei lá...

— Não fica pensando assim, é claro que vão gostar de você, mas se não gostarem tanto faz, quem tem que gostar sou eu.

— Hmmm e você gosta? — disse olhando para ela.

— Muito. — ela deu um selinho nele aproveitando que estavam parados no semáforo.

— Eu estava pensando de parar em alguma floricultura e comprar flores para sua mãe, o que acha? — Mark perguntou.

— Ah, você é quem sabe...

— Qual flor que ela gosta?

— Orquídeas.

— Então a gente para e compra. — disse ele.

Mark tinha quase que certeza que a família de Lia não iria gostar dele. Poderia jurar que tinha a certeza que a mãe de sua namorada iria aprová-lo.

CAPÍTULO TREZE



Mark e Lia pararam em frente a uma floricultura e ela o ajudou a escolher orquídeas roxas, que eram as preferidas de sua mãe. Voltaram para o carro e seguiram viagem, demoraram aproximadamente 1h até chegar na cidade de Rome.

— Qual é a casa, amor? — Mark perguntou enquanto ainda dirigia.

— É aquela branca ali com detalhes em madeira na fachada.

Mark manobrou o carro e estacionou em frente à enorme casa. Caminharam até a porta de entrada e Lia foi recebida com um abraço de seu pai.

— Ow papai, que saudade! — disse o abraçando.

— Que bom que está aqui, filha. Elisabeth, venha ver quem chegou.

— Amor, venha aqui. — disse ela chamando Mark para que ele entrasse.

— Com licença. — Mark falou um pouco tímido.

A mãe de Lia desceu as escadas e foi logo abraçar a filha, reparando o rapaz que estava ao lado dela.

— Pai, mãe, esse é o Mark meu namorado. Mark, esses são meus pais. — disse sorridente.

— Muito prazer, Richard Collins. — o pai de Lia o cumprimentou com um aperto de mãos.

— Elisabeth, prazer em conhecê-lo Mark. Seja bem-vindo. — ela disse tentando ser simpática e Mark sorriu de leve.

— São para a senhora. — ele entregou as flores.

— Ah, obrigada! São as minhas flores preferidas.

Chloe vinha da cozinha e ficou parada ao ver o namorado de sua irmã. Mark ficou surpreso pelo jeito que ela o olhava, achou a aparência da garota familiar, parecia já tê-la visto antes.

— Ah... oi. — disse ela sem acreditar quem realmente estava ali.

— Vocês já se conhecem? — Lia perguntou desconfiada.

— Não! Não. — Chloe tentou disfarçar. — Olá cunhado! Bem-vindo! — disse o abraçando.

— Obrigado. — ele respondeu.

— Lia, vamos até a cozinha. Querem tomar um cafezinho? — perguntou Elisabeth.

— Café é sempre bom. — Lia respondeu acompanhando sua mãe até a cozinha. — Mãe, ele é lindo, não é?

— É bem apresentável. O que ele faz? Não tem jeito de ser médico.

— Ah... ele não é.

— Então o que ele faz? Advogado? Engenheiro? Arquiteto? Bombeiro...

— Não, ele é barman.

— O QUÊ? — a voz de Elisabeth se exaltou assim como seus olhos. — Lia, onde está com a cabeça?

— Grudada no pescoço, onde mais deveria estar? — Ela deu de ombros.

— Lia, minha filha, você é uma médica formada, estava noiva de um médico e agora está namorando um barman? Tem certeza que está em sã consciência?

— Estou e qual o problema? Ah, você acha que ele é pobre, não é isso? Ele não é! Você viu o carro que viemos? É um carro muito luxuoso e é dele...

— E por acaso você sabe lá como ele conseguiu comprar esse carro? — disse a interrompendo.

— Está querendo insinuar o que mamãe? — Lia franziu a testa.

— Não estou querendo insinuar nada, estou apenas tentando fazer você enxergar o que está mais do que claro: vocês têm níveis sociais diferentes, acha que isso dará certo?

— Me admiro a senhora ser tão preconceituosa. Até onde eu sei, o papai sempre foi rico e você não. Ele foi quem te ajudou para a senhora se formar em direito, não foi?

— Sim, mas então... seu pai sempre teve condições financeiras ótimas. Você estudou nos melhores colégios e na melhor universidade. Agora e esse rapaz? Acha que ele poderá te oferecer o quê? Pretendem se casar e você irá sustentá-lo?

— Mãe, por favor! Você mal trocou meia dúzia de palavras com ele e já está tirando suas próprias conclusões...

Lia estava irritada e com razão.

— Estou sendo realista. Você perdeu o juízo, isso sim. Imagina você namorando um barman, daqui a pouco só falta dizer que vai largar a medicina para abrir um bar com ele. — Elisabeth debochou.

— Está exagerando. — Lia disse incomodada.

Foram interrompidas por uma senhora bem elegante entrando na cozinha.

— Olá, minha neta querida! Ah, como você está linda!

— Vovó! Que saudades! — Lia a abraçou.

— Pois então, você não visita mais sua avó...

— Ah vovó, a senhora sabe que eu tenho pouco tempo... nessa época de fim de ano que tenho uma folguinha. Quero que conheça o Mark...

— O rapaz que está na sala? Já o conheci quando passei por lá agorinha mesmo. É um belo rapaz, hein?! — disse sorrindo.

— Sim, ele é. Pena que minha mãe não acha isso.

Enquanto Lia e sua avó Madeleine conversavam, Elisabeth rolava os olhos.

— Vou mandar servir o almoço. — disse Elisabeth.

Lia foi com a avó para a sala, Mark e Richard estavam conversando. O almoço foi servido na sala de jantar, e o tempo todo Elisabeth reparava no Mark. Lia percebeu e já estava ficando incomodada com aquilo. Sua irmã Chloe também não tirava os olhos do rapaz. Todos estavam almoçando, quando Elisabeth quebrou o silêncio.

— E seus pais, Mark?

— Estou indo daqui a pouco passar o Natal com eles em Montana. — prontamente respondeu.

— Eles fazem o quê? — Elisabeth perguntou e Lia a olhou com reprovação.

— Meu pai é policial aposentado e minha mãe é dona de casa. Tenho uma irmã gêmea, a Brittany. Ela é tenente da aeronáutica e tenho um irmão mais novo, o Bryan que está na universidade cursando matemática.

— Hmm então pelo visto você é o único sem estudos na sua família. — Elisabeth disse e todos ficaram paralisados sem saber o que dizer.

— É... Elisabeth só estava brincando, não é querida? — o pai de Lia tentou amenizar as coisas.

— Me desculpe, mas a senhora não me conhece o suficiente para me julgar, não sabe exatamente nada sobre a minha vida. — Respondeu Mark. — Tendo estudos ou não, eu pelo menos sei ser educado, diferente da senhora que é advogada e é extremamente arrogante e inconveniente.

Lia engoliu em seco, aquele não era exatamente o almoço que ela esperava ter com sua família e seu namorado.

— Richard, você vai deixar esse rapaz falar assim comigo? — Elisabeth disse se vitimizando.

— Para mim já chega! Mark vamos embora, por favor. — Lia disse se levantando.

— Mas vocês nem terminaram de almoçar...

— Acho que isso será praticamente impossível, vovó. Já perdi o apetite.

Lia se levantou e subiu para o segundo andar para buscar sua mala. Chloe somente ria. Mark esperava Lia do lado de fora da casa.

— Mark? Olha rapaz, não ligue para as bobagens que a minha nora falou. — Iniciou Madeleine. — Elisabeth é uma mulher muito difícil, mas meu filho escolheu se casar com ela... eu gostei de você e se minha neta escolheu namorar você, sei que ela teve boas

razões para isso. Ela sempre teve bom gosto e fez boas escolhas na vida, com certeza você é uma delas.

— Obrigado. A Lia é uma garota de sorte por ter uma avó como a senhora. — ele sorriu.

Lia apareceu na porta carregando sua mala.

— Lia, volta aqui! Você sempre passou o Natal conosco. — Elisabeth disse.

— Pois é mamãe, sempre passei o Natal aqui, mas dessa vez não vou passar por culpa sua. — ela dizia com os olhos lacrimejando.

— Lia, pode ficar, eu vou, você fica.

— Não, Mark, eu vou com você.

— Ow minha querida, fica bem tá? Qualquer coisa você me liga. A vovó ama você. — A senhora acariciou os cabelos da neta.

— Eu também te amo, vó. Deixei seu presente lá debaixo da árvore de Natal na sala, o da Chloe e dos meus pais também estão lá. — disse abraçando sua avó e deixando uma lágrima cair.

— Leve o seu presente. — Madeleine entregou uma bonita caixa com um laço de fita à neta.

— Obrigada vovó, preciso ir. Tchau papai, desculpe. — disse abraçando-o, em seguida abraçou sua irmã e entrou no carro junto com Mark.

— Você está bem? — Ele perguntou saindo da garagem dos pais de Lia.

— Não, mas vou ficar. — Ela enxugou algumas lágrimas que teimavam em cair.

— Não fica assim, minha linda, a sua mãe não foi legal comigo, mas eu não estou ligando para nada do que ela falou. — disse, acariciando o rosto dela.

— Posso ir com você para Montana?

— Mas é claro que sim, nem precisa perguntar.

— Espero que seus pais gostem de mim.

— Eles irão gostar, tenho plena certeza disso. — ele acariciou o rosto dela e Lia sorriu.

CAPÍTULO CATORZE



Os dois seguiram até o aeroporto, Mark ligou para um amigo e pediu que ele fosse até lá, para que levasse o carro dele para casa. Conseguiu uma passagem para ela no mesmo voo que durou aproximadamente 3h até aterrissar em Montana. Pegaram um táxi e poucos minutos depois, já estavam na casa da família do Mark.

Era uma casa bem grande no estilo rústico, porém elegante. Um enorme quintal gramado com flores no jardim. Lia sorriu e por alguns instantes se imaginou indo visitar seus sogros com um bebê no colo, pensou que seu filho brincaria ali no quintal dos avós.

No meio da sala tinha um carpete de veludo enorme marrom com um sofá de quatro lugares virados para a lareira, logo à frente uma mesa de mármore escuro com seis cadeiras e algumas luminárias um pouco delicadas no teto, as janelas que por fora não mostravam a visão por dentro, mas por dentro tinha uma visão perfeita do jardim. Lia sorriu analisando e estranhou a sala estar vazia, até ouvir duas vozes vindo da cozinha.

— Mãe, para com isso... não vê que esse peru inteiro não vai caber no forno.

Lia e Mark aproximaram-se da cozinha, Mark segurava a mão dela.

Lia sorriu ao ver uma mulher de cabelos loiros levemente grisalhos na altura dos ombros e olhos verdes, ela segurava uma bandeja com um peru e tentava colocá-lo ao forno.

— Meu Deus, pra que esse peru enorme, mamãe? — Mark disse sorrindo.

Logo sua mãe sorriu e colocou o peru sobre a mesa, indo em direção a ele abrindo os braços.

— Meu filho lindo! Que bom que está aqui. — ela abraçou Mark e sorriu para Lia.

— Mãe, essa é a Lia! Lia essa é a minha mãe.

— Amália, querida, mas para você pode me chamar de sogrinha. — ela sorriu para Lia abrindo os braços. — Venha cá, quero lhe dar um de meus melhores abraços.

— É um prazer conhecê-la. — Lia disse a abraçando.

— Obrigada por cuidar do meu menino. — ela sussurrou para Lia desfazendo o abraço.

— E aí maninha, estava com saudades do seu gêmeo? — Mark disse abraçando a irmã que tinha acabado de entrar na cozinha.

— Até que não. — ela riu. — Olá Lia, sou a Brittany irmã gêmea do Mark. — ela a

abraçou.

— É minha gêmea, mas é claro que eu sou mais bonito. — disse ele arrancando uma risada de todos ali.

— Mark meu filho, me ajude a colocar esse peru dentro do forno. — Amália pediu.

Ele abriu o forno tirando a grade do meio dando mais espaço e colocando a ave dentro.

— Salvou a nossa noite! — Amália sorriu.

— E o papai onde está? — Mark perguntou.

— Está lá em cima, já deve descer.

— Mark! Que bom que chegou.

— Oi pai! — ele o abraçou. — Essa é a Lia, minha namorada.

— Uma bela dama, prazer, Charles. — disse beijando a mão dela e Lia sorriu.

— Brittany, mostre à Lia o quarto lá em cima para ela se acomodar, colocar a mala... — Amália instruiu.

— Ah claro, vamos Lia? — Brittany disse indo em direção as escadas e Lia a acompanhou.

— O que achou dela mãe? — Mark perguntou curioso após sua namorada ter saído do cômodo.

— Parece ser um amor de menina, gostei do jeito dela. — respondeu mexendo nas panelas.

— Ela é bonita filho, você tem bom gosto. — Charles disse, batendo no ombro do filho.

— Ué e o Bryan? Cadê ele? — Mark perguntou.

— Está lá enfiado nos livros como sempre, qualquer hora os neurônios dele irão explodir.

— Charles! Não diga uma coisa dessas nem de brincadeira! — Amália o repreendeu.

— Desculpe querida, eu só estava brincando. Não deprime! — Charles a acalmava e Mark ria.

Ele foi ao segundo andar, Lia estava no quarto que era de Mark quando ainda morava lá, e ela segurava um porta-retrato.

— Está fazendo o quê? — ele perguntou sentando-se ao lado dela na cama.

— Eu estava olhando seu antigo quarto, olha que fofo você nessa foto. — disse sorrindo, pegando um porta-retratos que estava sobre a mesinha de cabeceira.

— Eu tinha seis anos de idade aí nessa foto, me lembro desse dia, eu tinha acabado de ganhar essa bicicleta e estava todo bobo. — ele sorriu, seu sorriso bonito de dentes alinhados.

— Dá para ver pela sua cara. — Lia sorriu e o beijou.

— Com licença, atrapalho?

— Fala aí cara, beleza? — Mark abraçou seu irmão com dois tapinhas nas costas.

— Lia, esse é o Bryan meu irmão caçula.

— Muito prazer. — Ela o cumprimentou.

— E você, está namorando? — Mark perguntou.

— Ah... namorando não né...

— Sei, está “pegando”. — Mark disse rindo.

— Isso aí mesmo. — ele riu.

— A mamãe está perguntando se querem café ou querem comer alguma coisa. — disse Brittany entrando no quarto.

— Já estamos descendo. — Mark respondeu.

Os dois desceram até a cozinha, Amália ainda terminava de preparar a ceia de natal, Brittany a ajudava.

— Senhora Harris, eu posso ajudar também. — Lia disse.

— A Lia é ótima na cozinha mãe, outro dia ela preparou uma torta de bacalhau, uma delícia. — falou Mark.

— Ah que ótimo, agora fiquei com vontade de experimentar. Você pode cozinhar para nós outro dia se desejar, querida. Agora já está tudo pronto, só falta o peru terminar de assar. — respondeu Amália.

Lia e Mark tomaram café, em seguida foram para a sala, se juntaram a Charles e Bryan que assistiam algo na TV.

— Vou acender a lareira, está esfriando... será que o papai Noel vem nos visitar essa noite? — Charles disse indo em direção à lareira.

Uma grande árvore de Natal decorava a aconchegante sala da família Harris. Amália e Brittany arrumaram a mesa para a ceia, passava das 10h da noite. Todos conversavam e riam tomando um pouco de vinho, Mark se levantou e foi ao banheiro, Lia aproveitou e foi buscar o presente dele.

Quando ele voltou, Lia segurava uma caixa.

— Olha, um velhinho barrigudo usando roupa vermelha passou aqui e pediu para te entregar isso aqui. — disse ela entregando uma caixa vermelha a ele.

Mark sorriu.

— Não vai abrir? — Ela perguntou. Os lindos olhos verdes encarando os castanhos dele.

— Mas ainda não é meia-noite, nós sempre abrimos os presentes depois... — Mark respondeu.

— Mas o papai Noel disse para você abrir logo. — Lia estava definitivamente ansiosa.

— Então tá. — ele sorriu e abriu a caixa.

Dentro havia um envelope e ele abriu e leu, era uma carta.

Finlândia, 24 de dezembro de 2016

Querido Mark,

Quem lhe escreve é Nicolau, mas tenho motivos para acreditar que você me conheça apenas por Papai Noel. Imagino que você esteja agora na sua casa, se perguntando o porquê desta carta, eu lhe digo o motivo do adiantamento: uma garota.

Há um bom tempo venho recebendo cartas de uma garota, o nome dela é Lia, e nas cartas ela não pede presentes para ela como qualquer outra pessoa, mas sim para o namorado dela que, através das minhas pesquisas, sei ser você.

O problema é que, sinceramente, ela é muito complicada e indecisa, além de ser controladora e teimosa! Enviou para mim muitas cartas, pois mudava de ideia quase todos os dias, isso sem contar os telefonemas constantes já que ela fazia questão de ter certeza de que estava tudo em ordem!

Até os meus pequenos elfos estavam ficando mal-humorados por conta de tamanha chatice, e ainda por cima, a Mamãe Noel estava sentindo ciúmes por eu passar tanto tempo falando com ela; em uma noite eu tive até que dormir no sofá por culpa da sua namorada!

Por tudo isso, resolvi vir trazer logo seu presente, pois não queria arriscar que ela mudasse de ideia novamente! Na caixa está o último presente que ela me pediu e algumas das cartas que foram enviadas por ela, você merece apenas por aguentá-la. As cartas enviadas por ela estão na ordem em que eu as recebi, para entender tudo o que aconteceu, leia na ordem.

Por favor, no próximo Natal diga à ela exatamente o que você quer para que eu não tenha minha vida atormentada novamente. Desejo muita paciência para passar o resto da vida ao lado da Lia, você vai precisar.

Até ano que vem. Boas Festas e um Feliz Ano Novo. HOHOHO!

Mark sorriu muito ao ler a carta do “Papai Noel” e Lia estava ao lado dele segurando sua mão, acompanhando-o ler. Ao terminar, ele pegou as cartas que Lia “de brincadeirinha” escreveu para o Papai Noel. Em cada carta, ela escrevia pedindo um presente diferente... Livros, os filmes dele favoritos... no total eram cinco cartas, Mark as leu atentamente e ria muito com cada uma, constatando que Lia era uma pessoa extremamente criativa.

Na primeira carta ela dizia:

Atlanta, 1 de novembro de 2016

Querido Papai Noel, meu nome é Lia, não sei se lembra de mim, mas há alguns anos atrás eu havia pedido de presente algo que me trouxesse muita alegria e por isso, antes de tudo, gostaria de agradecer por ter me presenteado com o melhor namorado do mundo. Estou tão feliz com este presente que nem vou pedir nada para mim neste ano, quero transferir o pedido para o meu namorado. Ele foi muito bonzinho e sei que ele merece!

O senhor deve estar pensando que sou muito adiantada e realmente sou. Quero tudo acertado antes para não haver nenhum contratempo e por isso vamos logo ao que interessa, o presente dele! Você pode mandar um terno slim completo: blazer, calça, camisa e gravata. Tamanho 40, na cor preta.

Ele não gosta muito desse tipo de roupa, mas sei que logo irá precisar para alguma ocasião e confesso que sou louca para vê-lo vestido assim. Vai ficar muito sexy. É só isso mesmo, muito obrigada, Papai Noel!

Abraço apertado,

Lia Collins.

PS.: É BOM CAPRICHAR, SENÃO TE DENUNCIO AO CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR.

Mark riu demais e Lia ao lado dele fazia o mesmo. Ela estava feliz pelo fato de seu namorado ter entrado na brincadeira e ter ficado visivelmente feliz. Na segunda carta, Lia pediu ao Papai Noel para trocar o terno por um videogame, achava que ele usaria mais o presente. Na terceira carta, ela pedia para trocar o videogame por uma coleção de DVD's com os filmes favoritos do Mark, que ela já ficara sabendo ser a saga dos Vingadores. Já na quarta carta, ela achou melhor trocar por livros, e finalmente na quinta carta, trocou seu pedido novamente...

Mark abriu a quinta e última carta.

Atlanta, 10 de dezembro de 2016

Querido Papai Noel, dezembro está aí e precisamos agilizar isso! Não vai dar para o senhor enviar o presente que pedi antes, precisamos trocar.

Descobri que ainda têm muitos livros já comprados que ele ainda não leu, por isso peço que mande um hoverboard para ele, acho bem a cara dele esses negócios. Ele vai gostar né?!

Mas vê se mande um bem legal, hein! Não me decepcione ainda mais!

Obrigada, mais uma vez,

Lia Collins.

Mark olhou para Lia e deu um breve selinho nela, em seguida abriu o presente e é claro, gostou muito.

— Como sabia que eu ia gostar?

— Ah, não sei... acabei imaginando, achei divertido, combina com você. — disse ela com os olhos brilhando.

— E acertou em cheio... eu adorei! Estava louco para comprar um desse. — ele levou sua mão até o rosto dela, acariciando e em seguida, lhe dando um beijo.

— O seu presente só vou te dar meia-noite, tá? — ele sorriu lançando lhe uma piscadela e Lia assentiu.

— Lia, eu trouxe um álbum de fotos para você ver. — disse Amália segurando o

álbum.

— Ah mamãe, não tem foto minha “zoad” aí não, né?!

— Depende do que você considera zoad, meu filho.

— Agora quero ver. — Lia disse sorrindo.

— Olha, essa foto do dia do meu casamento com o Charles. — Amália disse apontando o álbum.

— E o papai já tinha cabelos brancos. — Mark ria.

— É o meu charme, sempre fiz sucesso com as mulheres. — respondeu ele.

— São casados há quantos anos? — Lia perguntou.

— Trinta. Completamos trinta anos de casados esse ano.

— Acho bonito casais que permanecem casados por anos. Meus pais são casados há bastante tempo também, se não me engano são vinte e oito anos juntos. — Lia disse olhando as fotos.

— Não é fácil manter um casamento por muitos anos — Iniciou Amália. —, qualquer desentendimento hoje em dia estão se divorciando, mas acredito que quando os dois estão engajados em querer fazer dar certo, aí acaba realmente dando certo. — A senhora sorriu olhando para Charles.

— Ela é apaixonada por mim até hoje. — Charles disse fazendo todos rirem.

— Awn, meu Deus, que gracinha você aqui pequenininho amor. — Lia falou com Mark olhando uma foto dele quando era criança.

— O tempo me fez bem, não é mesmo? — disse rindo.

— Você sempre foi lindo Mark, ah tenho tanta saudade de vocês três quando eram crianças. — Amália respondeu.

— Ela fala isso agora Lia, porque na época ela ficava doida, o Mark sempre foi muito levado, a Brittany era quietinha, em compensação fomos várias vezes para o pronto-socorro com ele, porque Mark sempre inventada alguma “arte”. — Charles contava.

— Imagino. — respondeu Lia.

Mark tinha mesmo uma carinha de ser levado, e esse pensamento fê-la corar as bochechas.

— Ah pai, não precisa me detonar na frente da minha namorada. — ele disse e Lia riu.

— Pode me ajudar a terminar de arrumar a mesa, Lia? — Amália perguntou.

— Claro!

Lia estava apaixonada pela família de seu namorado.

CAPÍTULO QUINZE



— Fico feliz em ver o quanto o Mark está feliz, você faz bem para o meu filho. — Amália falava com Lia.

— Ah, obrigada. Ele também me faz muito bem, eu gosto muito do seu filho. — Confessou com um tímido sorriso.

— Bom, então seja bem-vinda à família Harris. — Amália sorriu levando uma travessa de arroz de forno para a sala.

Se aproximava a meia-noite, a mesa de jantar estava linda, não era de se esperar menos vindo de Amália, ela vivia para momentos como aquele quando podia reunir toda a família. Todos estavam em volta da mesa quando ela pediu que ficassem em silêncio a fim de que Charles pudesse dizer algumas palavras.

— Como hoje é Natal, gostaria de fazer apenas alguns agradecimentos. Quero agradecer por ter meus filhos reunidos aqui, por estarem saudáveis, agradecer a minha fiel companheira por mais um ano ter preparado todo esse banquete com muito carinho. Te amo querida. — ele sorriu e beijou o rosto da esposa, fazendo com que todos sorrissem também. — Também quero agradecer a Lia por estar aqui conosco, que esse seja o primeiro de muitos Natais que você passará conosco, espero que possam nos dar netos em breve, já que sou um senhor de cabelos brancos e ainda não sou avô. — disse rindo, arrancando uma risada de todos também. — É isso, sou muito grato por tudo, pela nossa família. — todos aplaudiram, em seguida Charles recebeu um carinhoso selinho de sua esposa e todos se acomodaram em seus lugares.

A ceia ocorreu bem, Lia começou a imaginar como sua família estava naquele momento, se perguntou se eles estavam sentindo sua falta, ou se simplesmente estavam rindo sem notarem falta dela. Aquele era o primeiro Natal que estava longe de sua família. De repente sentiu os olhos encherem de lágrimas, abaixou a cabeça e tentou esconder, mas quando viu que Mark havia percebido, foi como apertar o botão start. A visão embaçou e as primeiras lágrimas rolaram pelo rosto.

— Desculpe. — disse a ele enquanto se levantava da mesa, recebendo alguns olhares antes de sair em direção à escada.

O quarto estava escuro e ela não fez questão de acender a luz, queria ficar no breu. Sentou-se na cama e sentiu o primeiro soluço, a dor vinha do fundo do peito, apesar de estar sendo bem tratada pela família de Mark, se sentia infeliz. Lia teve de lutar contra a depressão na época em que terminou seu noivado com Jack, foi um momento

extremamente difícil em sua vida, ela se lembrava bem. Deixou que as lágrimas viessem, se levantou da cama e entrou no pequeno banheiro do quarto de Mark. Seu rosto estava um desastre no reflexo, cercado por adesivos de carros colados no espelho.

Mark esperou um pouco antes de subir atrás dela, sua mãe lhe lançava olhares indicando para ele subir. Encontrou o quarto meio escuro, a única luz vinha da porta do banheiro que estava encostada. A abriu devagar, não demorou muito para que ela percebesse sua presença, levantou a cabeça e o encarou, o olhava com os olhos chorosos.

— O que aconteceu lá embaixo? — ele perguntou, tentando ser cuidadoso.

— Eu não sei. — A expressão dela dizia que estava prestes a começar chorar de novo.

Ele foi até ela e a abraçou, apertando-a em seus braços.

— Você não imagina o quanto eu odeio quando você chora. — Acariciou o rosto bonito, a pele bem-cuidada.

Ela respirou fundo.

— Mark... você me ama?

Ele franziu a testa, que conversa era aquela?

— Mas é claro, Lia.

— Não responda tão rápido! — ela o repreendeu. — Pense na pergunta.

— Lia, é claro que eu te amo. Você é um doce de pessoa, a minha família te amou. Nós estamos juntos... Venha aqui. — a abraçou. — Querida, eu amo você. Eu faria tudo por você, tudo mesmo. — disse, beijando o rosto dela.

Mark pegou sua mão e a guiou até que ficassem de frente para o espelho.

— Lembra como nos conhecemos? — Lia assentiu. — Eu era um cara com o braço cortado, temendo levar pontos e você foi tão carinhosa, eu nem senti medo, porque você me encorajou. — Mark distribuía beijos pelo pescoço dela enquanto falava. — Eu pensava que amar era o que eu sentia em relação a todas as outras antes de você, mas então você veio e aos poucos me ensinou o que é amar de verdade.

Mediante àquela confissão, Lia sentiu seu coração acelerar. Era a coisa mais bonita que já ouvira. Mark se aproximou ainda mais dela, envolvendo sua cintura e abraçando-a por trás, repousando as mãos sobre a barriga dela, fazendo-a sorrir. Ele virou-se de frente para ela e enxugou as lágrimas que desciam em seu rosto e lhe beijou delicadamente, demonstrando o quanto a amava.

— Eu vou lá embaixo dar boa noite a todos, volto já. — Disse ele ao romper o beijo.

Lia escovou os dentes e vestiu uma confortável camisola antes de se deitar. Mark foi capaz de amenizar um pouco a sua dor, ela ainda tinha dores passadas em relação à amores antigos, temeu que pudesse acabar novamente, mas tudo o que parecia precisar fazer era deixar que ela acreditasse no amor. Ela agora tinha alguém que a amava de verdade.

Mark voltou ao quarto, Lia estava deitada, sua expressão estava um pouco melhor.

— Está se sentindo melhor? — Mark disse fechando a porta do quarto.

— Estou.

— Então fecha os olhos.

— Hmmmm pra quê? — Lia perguntou com um sorriso.

— Vou pegar seu presente.

— Tá. — Ela fechou os olhos e riu.

Mark beijou seus lábios e pôs uma caixa de tamanho mediano nas mãos dela.

— Feliz Natal, minha linda.

— Obrigada, meu amor. — sorriu.

Era uma caixa com um grande laço de fita vermelho.

— Amor, eu pensei em te dar um presente diferente, algo que te fizesse sorrir e que você gostasse. Essa é a caixa dos cinco sentidos do amor, tem um presente para cada sentido. — disse ele abrindo a caixa.

— Já estou gostando. — ela não parava de sorrir.

Dentro da caixa haviam várias caixinhas, na primeira estava escrito “visão” e junto dela um pequeno cartão que dizia “Aqui está a pessoa que eu mais desejo fazer feliz. Você é tudo o que eu vejo, te amo!” e no fundo da caixa havia um espelho.

Lia sorriu olhando para ele.

— Own meu amor, eu te amo tanto!

— Calma que ainda tem os outros quatro... — disse ele.

Na segunda caixa estava escrito “olfato” e junto um cartão que dizia “Seu cheiro é o meu favorito no mundo.” e dentro da caixa havia o perfume preferido dela: *Bvlgari*.

— Como sabia o perfume que eu uso? — perguntou incrédula.

— Se tratando de você, eu descubro tudo meu bem. — ele disse piscando o olho para ela.

— Estou amando isso. — ela sorriu.

Na terceira caixa, estava escrito “audição” e junto um cartão que dizia “Sua voz é como música para meus ouvidos” e dentro havia um CD com uma seleção de músicas românticas.

— Obrigada, meu amor.

Na quarta caixa estava escrito “paladar” e no cartão dizia: “*você adoça e apimenta minha vida*” junto com uma caixa de bombons de chocolate com pimenta.

Mark pegou um bombom e deu para ela morder, em seguida beijou seus lábios.

— Hmmmm que delícia esse beijo com sabor desse bombom delicioso. — Lia disse sorrindo.

Ouviram batidas na porta.

— Posso entrar, não tem ninguém pelado aí não, né? — Amália entrou no quarto fechando os olhos.

— Por enquanto não, mãe. — Mark disse rindo.

— Lia, só vim verificar se você está bem e confortável, pode ficar à vontade. Mark, meu filho tem cobertores limpos no armário, acho que vai esfriar bastante essa noite.

— Tá bom, mamãe, só que aqui vai fazer bastante calor, será que a Lia e eu podemos ficar à sós por gentileza?

— Mark! — Lia bateu de leve no braço dele. — Sra. Harris, estou bem, obrigada. Só me senti um pouco triste por não estar com a minha família...

— Tudo bem, boa noite meus queridos. Ah, e pode me chamar pelo meu nome, ou então sogrinha. — A senhora disse amigável. — Aproveitam a noite! — ela saiu do quarto e Mark trancou a porta.

— Onde paramos?

— Falta o último sentido... tato. — Lia disse.

— Ah é mesmo, para esse vou precisar vender seus olhos.

CAPÍTULO DEZESSEIS



— Mark, está me deixando curiosa.

— Calminha amor, o tato nesse caso é o melhor dos cinco sentidos, porque nós dois iremos usá-lo. — ele disse ao ouvido dela.

Dentro da caixa havia um gel, Mark passou sobre seu órgão genital, em seguida pôs as mãos de Lia lá.

— Mark, o que é isso? — Ela riu de nervoso.

— Você sabe o que é, bobinha.

Então ele tirou a peça íntima que Lia usava e a penetrou arrancando um leve grito seja.

— Prazer extremo é poder sentir sua pele encostando-se à minha. — Sussurrou no ouvido dela que automaticamente se arrepiou.

Lia estava sorrindo de nervoso. Mark beijou seus lábios enquanto sentiam a sensação que o gel causava. Ora ficava quente, ora frio. Lia ainda estava com os olhos vendados, sentia seu ponto íntimo pulsar enquanto ele estocava. Não demorou muito e o prazer máximo logo veio à tona, Mark se despejou nela enquanto os dois ardiam de prazer.

— Uau, que gel é esse?! — Lia perguntou tirando a venda dos olhos.

— Gostou? — Mark deitou ao lado dela.

— Muito, é uma sensação diferente. — disse suspirando. — Obrigada pelo presente. Nunca vou esquecer essa caixa dos cinco sentidos. — Lia sorriu e mexeu no cabelo dele.

— Eu te amo, Lia. — Ele confessou, encarando os olhos verdes dela.

— Eu também te amo, Mark. Foi um Natal divertido, eu amei sua família.

— Fico feliz, eles também amaram você. — ele disse em seguida acariciou o rosto dela e selou seus lábios.

Pouco tempo depois ele pegou no sono, Lia sorriu e deu um beijo em seu rosto, se acomodou ao redor dos braços fortes do namorado e logo dormiu. Pela manhã fazia frio, Lia acordou e viu que Mark não estava na cama, ela virou-se e o viu parado em frente a janela.

— Bom dia minha gatinha. — disse olhando para ela que ainda estava deitada.

— Hmmm bom dia! — se espreguiçou.

— Está um dia tão bonito, vem ver está nevando. — Ele a convidou.

Lia se levantou puxando o cobertor e Mark a abraçou.

— Uma típica manhã de Natal. — Ela olhava encantada pela janela.

— Vamos descer e tomar café?

— Pode ir, vou escovar os dentes e trocar de roupa, daqui a pouco eu vou.

— Então tá. — deu um selinho nela e saiu.

Quinze minutos depois, Lia desceu até a cozinha. Mark estava sentado com seus pais tomando café.

— Bom dia! — Lia os cumprimentou sentando ao lado de seu namorado.

— Bom dia querida, dormiu bem? — perguntou Amália.

— Sim, muito bem. — olhou para Mark e sorriu.

Terminaram de tomar café e o celular dela tocou.

— É a minha avó, com licença vou atender. — Lia disse, indo em direção ao jardim. — Oi vovó!

— Lia, querida está tudo bem?

— Sim e aí, como estão as coisas?

— Sua mãe ficou triste ontem à noite, disse que não estava se sentindo bem e foi dormir cedo.

— Tudo teatro vó, a senhora sabe como ela é.

— Ela quer falar com você...

— Está tudo bem? — Mark perguntou se aproximando dela.

— Minha mãe quer falar comigo. — Lia cochichou tapando o telefone.

— Fala com ela. — Mark a incentivou.

— Lia, você vai falar? — sua avó perguntou do outro lado da linha.

— Tá, vou falar. — disse bufando, a contragosto.

— Filha?

— Oi mãe.

— Ainda está chateada comigo? — Elisabeth perguntou receosa.

— Mãe, eu estou triste, acha que eu estaria como?

— Lia, minha filha, eu só quero o seu bem, será que não percebe isso? Eu sou sua mãe.

— Mãe, eu entendo e respeito a sua preocupação comigo. Os seus cuidados são importantes para mim, eu agradeço, mas nesse momento eu quero viver esse relacionamento, ainda que infelizmente você não concorde.

— Não concordo mesmo. — respondeu Elisabeth.

— Mãe... sei que posso me dar mal e por fim, descobrir que você estava coberta de razão, mas preciso entender por mim mesma. Eu preciso quebrar a cara de vez em quando para amadurecer.

— Lia...

— Mãe, eu não terminei. — Ela a interrompeu. — Sei que não posso mudar o seu ponto de vista, mas posso pedir que pelo menos respeite a minha escolha. Se não puder ficar ao meu lado, por favor, ao menos não esteja contra mim.

— Tudo bem, não vou me intrometer mais. Eu gostaria de me desculpar com o Mark.

— Mãe, ele não quer falar. Olha, eu vou ter que desligar, tudo bem? Deixa um beijo para todos.

— Tudo bem, feliz Natal, minha filha.

— Feliz Natal, mãe.

— Lia... te amo, filha.

— Também te amo, mãe. — desligou.

— E aí? — Mark perguntou.

— Ela queria se desculpar. — disse dando de ombros.

— Ei, não fica com essa cara, vem vamos dar uma volta. Vou buscar os casacos.

Vestiram os casacos e foram dar uma volta no quarteirão. Montana ficava ainda mais bonita no inverno, as ruas estavam cobertas de neve, assim como as árvores também.

— Sente falta de morar aqui? — Lia perguntou enquanto caminhavam lado a lado.

— Às vezes sim, aqui é um lugar mais calmo, sinto saudades de casa, da minha família, mas eu tenho a minha vida em Atlanta, estou acostumado já, gosto de morar lá e tenho você... — a olhou sorrindo.

— Eu quero te fazer uma pergunta. — disse ela.

— Pode perguntar.

— Por que uma vez você me disse que não podia me perder?

Mark suspirou antes de responder, parecia estar procurando a resposta certa para aquela pergunta.

— Não sei. Acho que falei no calor do momento.

— Mark, você não ia dizer isso à toa. Tem alguma coisa que precisa me contar?

— Esquece isso, meu amor.

— Não, eu não vou esquecer. Me conta? Por favor!

Ele não procurou muito as palavras, apenas foi sincero.

— Lia... por mais que a gente não queira, mas de vez em quando acabamos magoando alguém. Assim como fui magoado em relacionamentos anteriores, também já magoei. É isso e eu apenas disse aquilo porque eu não quero te magoar, eu quero apenas te fazer

feliz.

— Tudo bem. Eu acredito.

Lia de fato acreditava, mas achada que Mark ainda estava escondendo alguma coisa.

Voltaram para a casa da família Harris, todos estavam esperando por eles para o almoço. Havia um helicóptero posado no quintal da casa.

— Um helicóptero? — Lia disse franzindo a testa.

— É o noivo da Brittany, ele é coronel da aeronáutica, trabalham juntos. — Mark respondeu.

— Ah, que legal.

— Estávamos esperando vocês para o almoço. — disse Amália.

Ao cair da tarde, Calvin, o noivo da Brittany ofereceu um passeio de helicóptero para Lia e Mark, os dois os acompanharam.

— Lia, meu casamento será no final de janeiro, conto com a sua presença, viu? — Brittany comentou animada.

— Ela vai com certeza, nem que eu precise a raptar. — Mark disse rindo.

— Eu venho sim, Brittany, será um prazer. — sorriu. — É tão lindo ver tudo aqui de cima.

— Realmente. — Mark sorriu para ela e depositou um beijo delicado em seus lábios rosados.

À noite voltaram para a casa da família Harris, se divertiram muito com Charles, o pai do Mark era bem brincalhão, adorava contar piadas. Amália ria de cada palavra que ele dizia, Lia também, ela realmente estava amando passar os dias com a família do namorado.

— Quem vai querer chocolate quente? — Brittany trazia em uma bandeja canecas com achocolatado.

— Posso tocar? — Lia pediu, referindo-se ao piano que estava no canto da sala.

— Mas é claro! — Respondeu Amália. — Que beleza, você toca!

— Sim, desde criança. Eu ganhei um piano do meu pai quando fiz quinze anos, mas ficou na casa dos meus pais. É muito grande e não quis levar para a minha casa. — disse ela se posicionando para tocar.

Os dedos de Lia se deslizavam com facilidade sobre as teclas e ela tocou “Noite Feliz.” Amália e Charles estavam com os olhos marejados, se emocionaram ao verem a nora tocar. Mark estava sorrindo acompanhando cada nota tocada no piano. Ao final da canção, eles aplaudiram.

— Você tocou lindamente bem. — disse Amália com um sorriso nos lábios.

— Ah obrigada, estou meio enferrujada, faz tempo que não toco.

— Esse piano foi Charles quem me deu de presente, você se lembra meu bem?

— Claro, eu lembro que você me perturbou tanto querendo o piano, na época eu tive que parcelar em vinte e quatro vezes no carnê. — disse ele sorrindo.

Ficaram até tarde da noite conversando, os pais de Mark foram dormir, ficando somente Brittany com o noivo, Mark e Lia. Bryan adentrou a sala naquele instante.

— Até que enfim saiu do quarto, moleque. Você precisa ficar alguns dias comigo lá em casa, vou te levar pra sair, conhecer umas garotas... — Mark falava com seu irmão caçula.

— Conhecer garotas? Que papo é esse hein? — Lia disse com os olhos semicerrados, fazendo uma expressão séria.

— É brincadeira amor, fica tranquila porque as gatas são para o Bryan, eu já tenho você minha gatona aqui. — disse, fazendo Bryan e Lia rirem.

— Bryan, eu tenho uma irmã, talvez você possa conhecê-la. — Lia sugeriu e Mark ficou pensativo.

CAPÍTULO DEZESSETE



Os dias que passaram na casa da família Harris foram incríveis. A despedida foi uma choradeira da parte de Amália, parecia que seu filho estava indo para a guerra e não que iria de volta para casa e retornaria no mês seguinte para o casamento da irmã.

— Vão com Deus, liguem assim que chegarem lá. — disse ela abraçando o filho pela décima vez.

— Eu ligarei mamãe, pode deixar.

— Cuida do meu menino? Fico feliz por saber que ele tem você por perto. — Amália disse enquanto abraçava Lia.

— Eu cuidarei dele, fique tranquila. Foi um prazer conhecer a senhora.

— Digo o mesmo, te vejo no casamento da Brittany. — sorriu.

Lia e Mark se despediram de todos e foram para o aeroporto. Foram apenas três dias, mas parecia uma eternidade que passara longe de Atlanta. Da janela do avião, ela podia ver as luzes da cidade.

— Se Montana fosse um homem, estaríamos em um relacionamento sério. — disse ela para Mark.

— Atlanta ficaria com ciúmes.

— Atlanta seria minha amante lésbica. — ela disse divertidamente e Mark riu.

— Desse jeito vou começar a pensar sobre sua sexualidade duvidosa.

— Minha sexualidade não é duvidosa.

— Lia, você acabou de dizer que teria uma amante.

— Era brincadeira... acha que eu trocaria você por uma mulher?

— Sei. — riu enquanto apertava o cinto a mando da aeromoça.

Chegando em Atlanta, Lia sentiu um alívio por estar de volta para sua casa, mas o corpo estava tão cansado que até mesmo uma cabana no meio do nada pareceria um bom abrigo para dormir. Tomou um banho e foi direto para a cama, sem dar importância aos achados de Mark para o jantar. O sono era como um peso sobre ela, deitou-se em sua enorme cama confortável encarando a arquitetura do teto trabalhado de gesso. Logo dormiu e nem viu se Mark ainda estava ali.

Sonhou com uma criança, uma garotinha sentada no chão com um jornal na mão. Parecia-se com ela. Cabelos escuros e concentrados olhos castanhos como os de Mark. Lia se aproximou dela, no sonho e olhou as palavras cruzadas que a garotinha fazia com habilidade. A menina tirou os olhos do papel e os fixou em Lia, entortando a cabeça como se a analisasse de outro ângulo.

— Quer tentar? — perguntou, fazendo Lia se assustar com a voz masculina e rouca de Mark.

Despertou do sonho que mais parecia um pesadelo. Era a segunda vez que despertava aquela noite. Respirou fundo, sem ver nada no quarto competentemente escuro. Entrou na cozinha sem se importar em acender a luz, os raios prateados da luz da lua atravessavam a janela e iluminava parcialmente o cômodo, era o suficiente.

Pegou um copo e o encheu com água que pegou na geladeira. Foi como um paraíso para sua boca seca o líquido gelado a preenchendo. Tomou o copo todo em um segundo, quando ia virar-se para colocar o copo na pia, esbarrou em algo forte e deixou o copo cair no chão. Olhou os cacos esparramados aos seus pés e então encarou o homem à sua frente.

— Você está treinando para ser ninja por acaso? Como aparece atrás das pessoas sem fazer barulho?

— E você não sabe acender a luz? Pensei que fosse um ladrão ou algo do tipo. — reclamou Mark.

Lia o analisou, calçando chinelos e usando apenas uma bermuda preta, o peitoral à mostra.

— Se percebe que caso fosse um ladrão você conseguiria resolver o problema. — rolou os olhos. — Que tipo de idiota ouve barulho na casa e desce para ver sem ao menos pegar algo para se defender? Pelo menos uma vassoura?

Mark bufou parecendo zangado, foi até o interruptor e acendeu a luz. Lia viu os cacos em volta dela, se curvou de dor segurando o pé direito com a mão. Ela olhou a sola do pé e pôde ver o sangue que se amontoava ali.

— Depois eu que sou idiota... — Mark debochou.

— Que tal você me ajudar em vez de fazer piadinhas?

— Não foi uma piadinha, foi um comentário irônico.

Mark pegou Lia em seus braços, a levando para a sala e colocando-a sobre o sofá.

— Onde posso buscar algo para passar no seu pé?

— No armário do banheiro. — respondeu ela.

Minutos depois ele voltou segurando uma caixa de primeiros socorros.

— Você acha que está muito feio? — ela levantou o pé direito para que ele olhasse.

— Digamos apenas que você não vai morrer.

Lia mordeu o lábio inferior enquanto ele trabalhava em seu ferimento, segundo ele, um corte pequeno e um pouco fundo. Mark não tinha o que podia se chamar de mãos de fada,

mas deu conta de limpar tudo e enrolar o pé dela com um pedaço de faixa. Era o suficiente. Olhava para Lia e sentia vontade de rir, porque uma neurocirurgiã estava com medo de um pequeno corte superficial no pé.

— Obrigada, é melhor eu ir me deitar, tenho que trabalhar logo de manhã.

— Eu te ajudo a subir.

Mark lhe ajudou a subir as escadas e se acomodar na cama. Sorriu e a beijou. Pela manhã, Lia acordou, levantou-se da cama e xingou quando pisou no chão e sentiu dor no pé que cortara durante a madrugada. Caminhou mancando até o banheiro, precisava tomar banho e não conseguiu conter os palavrões quando a água tocou seu pé cortado.

— Lia, está tudo bem? — Mark perguntou do lado de fora do banheiro.

— Está tudo ótimo, meu pé não para de arder, porra! — xingou abrindo a porta.

— Você cuida das pessoas, mas na sua vez parece uma criancinha. — tirou sarro dela.
— Trouxe café para você.

— Ah obrigada, será que pode me levar para o hospital? Dirigir com esse pé doendo não vai ser nada legal.

— Levo sim.

Chegando no hospital, sua amiga Emily logo perguntou o que havia acontecido.

— Ah, eu cortei com os cacos de vidro de um copo que deixei cair na cozinha, estava escuro, o Mark acabou me assustando quando chegou de mansinho por trás de mim.

— Ah tá, e a viagem como foi? E sua família?

— Foi um desastre. Minha mãe não gostou dele, acabei indo passar o Natal com a família do Mark em Montana.

— Jura? E como eles são?

— Perfeitos. A mãe dele é um amor, o pai é tão brincalhão. Ele tem uma irmã gêmea linda, ela vai se casar no final do mês que vem. E tem um irmão mais novo também.

— Hmmm e esse irmão é bonito? — Emily perguntou arqueando a sobancelha.

— É um gatinho, mas não serve para você não amiga, ele tem vinte e um anos.

— Aff Lia, está me chamando de velha?

— Não foi isso que eu quis dizer, mas você está beirando os trinta anos, precisa de um cara mais velho, mais experiente.

— Sei, é, você tem razão. E por falar cara mais velho, acredita que até hoje ninguém teve mais notícias do Jack. Será que ele morreu?

— Credo, Emily! — Lia se benzeu.

— Ué, ele sumiu do nada...

— Pior que depois que dei o tapa na cara dele... ai será que aconteceu algo ruim? Já tentou ligar para ele?

— Várias vezes, mas não consegui... encaminha direto para a caixa de mensagens, até deixei recado.

— Que estranho, né? Bom, vou para a minha sala, preciso trabalhar.

Por mais que fosse um tanto estranho pensar no sumiço de Jack, algo realmente estava errado. Se ele estava de volta ao Atlanta Medical Center, por que teria abandonado o seu cargo tão de repente? Se bem que Jack costumava ser misterioso e despreocupado, mas ainda assim, tinha algo a mais que ela estava temendo descobrir.

CAPÍTULO DEZOITO



Os dias após o Natal e que antecederiam o Ano Novo demoraram a passar. Mark surpreendeu Lia com duas passagens aéreas com destino à Nova Iorque, passariam o réveillon na cidade que nunca dorme.

— Estou muito feliz por estar em Nova Iorque com você. — Lia sorria admirando a paisagem pela sacada do quarto do hotel onde estavam.

— Eu também, eu poderia passar a virada de ano dentro desse hotel que eu não me importaria. — Mark disse e Lia suspirou, dando um sorriso por fim. Ela tinha um homem incrível ao seu lado e ela não podia desperdiçar. — Você é maravilhoso! — sorrindo, segurou o rosto de Mark selando seus lábios em um beijo delicado. — Eu quero te dar uma coisa antes de irmos... — ele falou, se levantado da cama e indo até sua mala. — É o outro presente que eu comprei antes do Natal... — ele disse, pegando uma caixa vermelha e indo até ela.

— O que é? — perguntou curiosa, olhando para a pequena caixa que estava nas mãos de Mark e o mesmo a entregou. Abriu cuidadosamente e se deparou com um anel de ouro branco com uma pedra de diamante. — Mark... — Ela exclamou pegando o anel em suas mãos. — Eu amei!

Mark pôde ver os olhos de sua amada brilhando.

— Eu achei que isso era uma forma de descrever o que eu sinto por você. — ele declarou, encarando suas próprias mãos.

Lia pulou nos braços de Mark, o abraçando fortemente. Ela não queria soltá-lo nunca mais, queria tê-lo ao seu lado para o resto de sua vida.

— Eu te amo. — ele confessou da forma mais sincera do mundo.

E de fato, Mark estava sendo sincero. Chegava até mesmo ficar assustado, porque tinha a total certeza de que Lia era a mulher de sua vida. Há tempos atrás poderia achar terrivelmente assustador a ideia de querer passar o restante da vida com uma única mulher, mas agora... Agora era diferente. Algo em Lia lhe atraía mais que o normal. E ele gostava de se sentir totalmente envolvido por ela. Sob seu encanto. Lia o abraçou o mais forte possível, deixando com que o cheiro dele invadissem seus pulmões e fizesse com que ela não tirasse o sorriso do rosto.

— Eu também te amo, Mark. — ela repetiu suas palavras sem desfazer do abraço.

Não tinha forma melhor de começar o ano do que sentindo o coração de Mark

acelerado em um abraço, aquele momento era a aliança deles. Ela não sabia como, mas que naquele momento algo a dizia que ela teria Mark para sempre.

Naquela noite, depois de uma linda declaração, os dois se arrumaram rapidamente e chegaram à Times Square faltando quinze minutos para a meia-noite. O Ano Novo em Nova Iorque era surreal. Os dois se sentiam em uma cena de um filme, ou de um clipe musical. Era exatamente como na televisão, tudo muito perfeito. Parece até que não é de verdade, mas é! E eles estavam lá, Lia sem conseguir tirar o sorriso do rosto, por estar passando a virada do ano num lugar maravilhoso com o homem dos seus sonhos. Ao acordar na manhã seguinte, Mark e Lia tomaram café no hotel mesmo, queriam aproveitar ao máximo aquele dia.

— Então... Aonde vamos primeiro? — ela perguntou balançando as mãos que estavam grudadas com a mão de Mark enquanto caminhavam pelas ruas de Nova Iorque.

— Que tal *Museu Madame Tussauds*?

— Vou adorar conhecer várias celebridades. — Lia afirmou sorridente.

Se divertiram muito no passeio e tiraram muitas selfies divertidas com as estátuas de vários famosos da indústria do entretenimento americano.

— Gostou? — Mark perguntou enquanto andavam pela rua. Um de seus braços estava ao redor do ombro dela enquanto ela cruzava seus braços para amenizar o frio.

— Do quê?

— Do nosso dia... — ele disse, dando uma leve risada.

— Claro! — levantou o olhar para ele, sorrindo. — Eu adoro sair para me divertir com você.

Voltaram para o hotel e Lia deitou, pegando um enorme cobertor de pelos para se cobrir tentando amenizar o frio.

— Que tal a gente esquentar um ao outro? — Mark disse com um sorriso malicioso.

Nova Iorque, 3 de janeiro de 2017

Lia e Mark foram visitar Madeleine, a avó paterna de Lia que morava em Nova Iorque.

— Que bom ver vocês! — A senhora disse alegre, abraçando a neta.

— Ow, meu querido, que bom que está aqui. — abraçou Mark o fazendo sorrir. — Você tem feito bem à minha neta, hein? Ela está ainda mais bonita.

— Concordo com a senhora, eu tenho bom gosto para namorada, não é mesmo? — sorriu.

— Ah meu Deus! Vocês estão noivos? — Madeleine ficou boquiaberta olhando o anel de Lia em sua mão direita.

— Ah, vovó... ele não me pediu em casamento, mas me deu o anel. — confessou corando o rosto.

— Meu amor, — Mark virou-se em direção à namorada — eu não te pedi em casamento ainda oficialmente porque sei que você não vai querer marcar uma data de

casamento logo, mas...

— Quem falou que não quero me casar? — ela respondeu arregalando seus olhos verdes.

— Eita Mark, você está encrencado, viu? — a avó de Lia disse e ele riu.

Os três saíram para almoçar e depois deram uma volta pelo Central Park que estava coberto de neve, um cenário lindo como nos filmes.

— A gente podia morar aqui, não acha? — Mark comentou enquanto caminhava de mãos dadas com Lia.

— Eu adoraria, mas também gosto de Atlanta. — respondeu ela.

— Amor, mas nada se compara à Nova Iorque.

— Sempre digo isso a ela e chamo para vir morar aqui comigo. — disse a avó.

— Quem sabe um dia, né? — Lia olhou para Mark e sorriu.

Madeleine insistiu para que os dois a fizessem companhia e passassem a noite em seu apartamento que ficava na cobertura de um luxuoso prédio bem ao centro de Nova Iorque, próximo ao Central Park. Ambos cederam ao pedido daquela adorável senhora. Após o jantar, Mark e Lia ficaram assistindo a um filme na enorme TV da sala que ocupava quase a parede toda.

— Fiquem à vontade, preciso fazer alguns trabalhos no meu escritório, o quarto de hóspedes já está arrumado para vocês, então quando quiserem ir dormir, fiquem à vontade. Boa noite minha linda. — Madeleine disse beijando a testa de Lia, em seguida beijou o rosto de Mark e saiu.

— Sua avó é tão legal, amor. Apesar de ser tão rica, ela é simples. — Mark comentou, acariciando os cabelos negros e macios da namorada.

— É sim, minha avó sempre foi rica. Ela é bem simples mesmo para quem é chefe executiva de uma revista de moda tão conceituada. — respondeu ela, recostando a cabeça no peitoral do namorado.

— E seu avô, o que aconteceu com ele?

— Faleceu há muitos anos atrás, minha avó não quis ficar com mais ninguém. Acho que ela fica muito sozinha, sabe? Ela só tem meu pai de filho e mora longe.

— Isso que é ruim ter um filho só. Você gostaria de ter quantos filhos, amor? — Mark perguntou um pouco receoso porque era a primeira vez que tocavam no assunto “filhos”. Ele queria ser pai algum dia, pensava como a maioria dos homens quando estão nos trinta anos e começam pensar em formar uma família.

— Não sei, talvez dois. Acho que um casal seria perfeito. — ela disse sorrindo. — E você?

— Não sei, nunca parei pra pensar nessas coisas, mas com certeza eu vou ficar muito feliz o dia que os nossos filhos nascerem.

— Nossos filhos? — ela franziu a testa e sorriu. — É a primeira vez que conversamos

sobre esse assunto, sobre o futuro.

— É verdade, imagino o quanto você será uma mãe amorosa e eu serei aquele tipo de pai malucão, vou colocar o bebê com o cabelo todo arrepiado, essas coisas. — confessou com uma gargalhada gostosa que Lia amava ouvir.

— É a sua cara mesmo fazer isso. — ela também riu.

— Será que teremos filhos lindos como você?

— Acho que temos 100% de chances de ter um bebê lindo.

— Se puxar a você, com certeza será.

— Fala sério, Mark. Você é lindo, eu não.

— Mas eu te acho muito linda e sexy, ora. E não tente discordar de mim.

— Desse jeito vou até acreditar.

CAPÍTULO DEZENOVE



— Lia... — Mark chamou seu nome enquanto passava as mãos pelos cabelos macios dela. Ela sequer se moveu ou deu algum outro sinal de que iria acordar. — Lia, hora de levantar.

Ela suspirou.

— Não quero levantar. Você é tão quente. — ela se aninhou ainda mais nele.

— Você também é quente, mas vamos ter que ser quentes fora da cama. Daqui a pouco sua avó já deve estar quase servindo o almoço.

— Almoço? São que horas? — coçou os olhos.

— Quase 1h da tarde.

— Nossa, dormi demais.

Mark tinha razão, quando saíram do quarto já podiam sentir o cheiro apetitoso da comida, e assim que chegaram à sala de jantar, viram o banquete sobre a mesa. Madeleine estava à oferecer uma ótima última refeição à Lia e Mark, partiriam de volta para Atlanta logo depois do almoço.

— Você não acha que está bom? Vai acabar passando mal durante a viagem. — Mark preocupou-se vendo Lia devorar o segundo prato de costelas de cordeiro assadas.

— Eu estou com fome. — Ela deu de ombros.

Pela avó de Lia, ela não teria ido embora, gostava muito da neta, mas Lia e Mark precisavam voltar para Atlanta.

— Mark, sobre o que aconteceu... sobre o anel...

— Vamos deixar que as coisas aconteçam no ritmo que devem acontecer, tudo bem? — ela assentiu e ele a beijou.

Mark foi direto para seu apartamento depois de deixar Lia em casa. A verdade era que ela se sentia confusa. Ele disse “vamos deixar que as coisas aconteçam em seu ritmo”, ela tinha certeza que ele o amava, o queria por perto, mas não queria sentir que estava o forçando a algo. Embora não estivesse, foi ele quem decidiu dar um anel de compromisso a ela. Apesar de estarem juntos há seis meses, ela conseguia imaginar um futuro com ele. Em meio a pensamentos, deixou o cansaço tomar conta de seu corpo e logo adormeceu.

Era manhã de segunda-feira quando Lia acordou com o despertador tocando. Precisava

ir trabalhar, embora seu corpo ainda precisasse de mais horas de sono. Tomou banho e nem tomou café, entrou no carro e foi para o hospital, antes foi até a cafeteria que ficava próximo, bem em frente ao Atlanta Medical Center.

— Oi amiga! Como foi a virada do ano em Nova Iorque? — Emily perguntou lhe abraçando.

— Foi ótimo, é tudo tão perfeito. Minha avó não queria que eu voltasse. — disse enquanto pegava seu café.

— Imagino!

— E você? Ficou aqui mesmo?

— Fui para a Pensilvânia, minha família se reuniu novamente na casa dos meus avós. — A amiga esticou os olhos orientais para a mão de Lia. — Ah meu Deus, você ficou noiva? — Perguntou empolgada.

— Ah, não. — riu. — Ainda não estou noiva, eu acho.

— Ué, mas e esse anel aí? Não é de noivado? — Emily perguntou arqueando a sobrancelha.

— Ah, Emily, quer saber? Eu não sei mais de nada.

— Vixe! Mas se ele te deu esse anel, é porque deve ter alguma intenção. E vamos combinar que esse anel aí deve ter custado uma fortuna, olha o tamanho desse diamante! — Emily exclamou e Lia riu.

— Bom, está na hora, vamos?

— Vamos, tenho um parto para fazer daqui a pouco. Mais um bebezinho querendo vir ao mundo. — disse Emily e as duas seguiram para o hospital.

Lia entrou em seu consultório e sorriu ao olhar o anel em seu dedo, até que dispersou de seus pensamentos quando seu próximo paciente entrou no consultório.



Era noite de sexta-feira quando Lia chegou ao apartamento de Mark.

— Oi amor, eu trouxe pizza e... — ela estava animada até avistar uma loira sentada no sofá, usando um minivestido preto que cobria apenas o necessário. — Ah, você tem visita, não sabia...volto outra hora. — disse séria.

— Lia, fica aqui. Essa é a Shayene. — Mark respondeu. — Shay, essa é a Lia minha namorada. — disse, se levantando do sofá.

— Oi! Muito prazer em conhecê-la, sou a ex-namorada do Mark. Ah, você é tão

fofinha. — a loira respondeu bem espevitada e Lia dizia mentalmente “oxigenada e siliconada”.

Lia deu um “sorriso amarelo” para ela e pôs a caixa da pizza sobre a mesa. Mark estava um tanto sem graça com aquela situação.

— Ah, então Mark, como eu estava dizendo antes... Londres é fantástica, você precisa ir um dia!

— Imagino. — disse ele dando um meio sorriso.

Lia se sentia como um peixe fora d'água ali. Não estava gostando nem um pouco de ver aquela mulher tão próxima a Mark. Ela tinha um jeito vulgar e a forma que ela cruzava as pernas, deixava Lia visivelmente incomodada.

— A pizza vai esfriar. — Lia disse, olhando para Mark, fazendo uma expressão séria.

— Então vamos comer. Vou na cozinha buscar algumas cervejas. — Ele se levantou, saindo do cômodo.

Shayene sentou-se à mesa e sorriu para Lia de um jeito bastante falso. Mark levou as cervejas e os três comeram a pizza, mas a vontade de Lia era afundar a cabeça da loira na pizza, ou derramar cerveja no cabelo dela oxigenado. Depois de muitas conversas com Mark, a loira se tocou que estava mais do que na hora de ir embora.

— Bom, vou deixar vocês sozinhos, se eu conheço o Mark, sei como ele é e deve estar querendo ficar a sós com você, Lia... Ele sempre teve um fogo... — deu uma risadinha e Lia a olhou com cara de nojo.

Mark estava constrangido, sabia que Lia não estava gostando.

— Foi bom conhecer você, Lia. Mark, é sempre muito bom rever você. Até mais! — beijou o rosto dele.

— Até! — ele respondeu sem graça.

Mark fechou a porta, e quando olhou para Lia, ela estava bastante séria o encarando.

— O que essa oferecida veio fazer aqui? — perguntou de braços cruzados.

— Calma amor, não fala assim da Shay...

— “Shay”, vou falar pior, isso sim! Que mulher ridícula. Ela veio fazer o que aqui? Posso saber? Você costuma receber suas ex-namoradas? — ela já estava alterando o tom de voz.

Mark suspirou e respondeu:

— Ela estava em Londres, ela é modelo, voltou e quis me ver, só isso.

Mark estava calmo, diferente de Lia.

— Ah, só isso? Pois deveria ter ficado lá.

— Você está com ciúme, amor. Vem aqui, vem. — Mark disse querendo abraçá-la.

— Para, não estou afim de gracinha. Você não deveria ter deixado ela colocar nem o dedo do pé para dentro do seu apartamento!

Mark começou a rir.

— Ah, está rindo? Eu tenho cara de palhaça por acaso?

— Lia, meu amor, você fica tão linda assim toda brava, eu não sabia que era tão ciumenta.

— Pois eu não estou achando graça nenhuma. Eu estava quase indo na cozinha e pegando uma faca pra acabar com aquele silicone dela em dois segundos. — Lia bufou impaciente. — Você sabe que não seria sacrifício algum eu fazer isso, tenho habilidade com bisturi, acabar com aqueles peitos falsos dela, seria moleza.

— Lia, para. Ela já foi embora, deixa pra lá...

— Eu não quero essa vadia de novo aqui, está me ouvindo? Eu vou embora. — disse ela pegando a bolsa.

— Amor, volta aqui! Não vou deixar você ir embora desse jeito. — Mark se apressou trancando a porta.

— Mark, me deixa passar. Por favor!

— Lia, está tudo bem. A Shay já foi embora, não precisa ficar com ciúmes, eu amo você. Sabe disso. — disse tentando convencê-la.

— O que é isso aqui? — ela apontou para uma revista que estava sobre a mesinha de canto.

— A Shay é modelo, ela posou nua e trouxe a revista. — Ele deu de ombros.

— O quê? Que vagabunda! Você que não ouse olhar...

— Lia, ela foi minha namorada, não tem nada aí que eu já não tenha visto. — riu.

— Safado, sem vergonha!

— Amor, para com isso. Eu estou com você, não estou?

— Não sei, não sei mais de nada. Abre a porta por favor, eu quero ir embora agora!

— Está tarde, fica por favor.

— Não vai mudar nada se eu ficar aqui.

Lia estava irredutível, o que Mark julgou como a atitude de uma menina mimada. Depois de muita discussão, Lia acabou ficando, já estava deitada para dormir. Sentia tanta raiva da ex-namorada de Mark, só queria dormir e esquecer.

— Boa noite. — Mark disse beijando o pescoço dela.

— Boa noite. — respondeu sem ao menos virar-se na cama.

— Lia... vai ficar assim comigo?

— Quer que eu faça o quê? — Respondeu virando de frente para ele.

— Que não me trate com indiferença, eu não fiz nada...

— Fez sim, você deu confiança para aquela loira aguada. Agora quero dormir. E não venha com essa mão boba pra cima de mim. — virou-se para o lado.

Mark bufou e virou na cama para o outro lado. Durante a madrugada, Lia acordou, Mark parecia estar num sono profundo. Então ela foi até a sala e pegou a revista que Shayene havia deixado lá e folheou as páginas.

— Que mulherzinha depravada. — Lia observou as posições constrangedoras da modelo, pegou a revista e jogou no lixo do banheiro.

Tomou banho antes de se deitar novamente na confortável cama de Mark. Já era tarde quando ele finalmente sentiu Lia deitar ao seu lado. A distância entre eles era palpável, mais do que algo físico.

— Até quando você vai ficar assim? — ele perguntou acendendo o abajur.

— Estou apenas tentando dormir. — rebateu.

Mark suspirou.

— Você está se afastando de mim...

— Mark, não comece. Está tarde e quero dormir. — virou-se novamente para o outro lado e fechou os olhos.

Pela manhã, Lia acordou com Mark levando café na cama, ela sabia que ele estava tentando lhe agradecer para que ela o desculpasse pela noite anterior.

— Pensa que irá me comprar trazendo café na cama? — ela disse sentando.

— Não estou querendo te comprar, apenas estou fazendo uma gentileza para minha namorada. — deu-lhe um selinho.

— Sei. — o olhou de lado. — Obrigada. — disse pegando a xícara.

Após o café na cama, Lia trocou de roupa e ajeitava o cabelo em frente ao espelho do banheiro.

— Já vai embora? — Mark perguntou encostado no batente da porta.

— Vou. — estava concentrada enquanto penteava os cabelos.

— Fica mais, hein?! — disse ele aproximando-se dela, a abraçando por trás.

— Não! Chama a “Shay” pra te fazer companhia. — piscou o olho para ele e seguiu em direção à porta da sala.

CAPÍTULO VINTE



— Sabe o que seria bom agora? — disse Lia.

— Sexo?

Ela gargalhou jogando a cabeça para trás. Estava no apartamento de Mark e já haviam feito as pazes naquele domingo.

— Não! — exclamou entre o riso. — Eu ia dizer uma massagem nos meus pés.

— Então nada de sexo? — Mark se fez de desapontado de forma teatral.

— Depende de quão boa for a massagem que você vai fazer...

— Querida, eu sou o guru das massagens. — ele começou a beijar o pescoço dela e bufou quando teve que parar porque o celular de Lia tocou.

Mark não precisou perguntar para saber de quem se tratava, a forma como Lia ficou tensa e obscura já dizia tudo.

— Você está bem? — ele a ouviu perguntar, se afastando dele e saindo do quarto. — É o que mãe? Está tudo bem, vou falar com ele e depois te ligo. Um beijo. — desligou.

— Aconteceu alguma coisa? — Mark perguntou apreensivo.

— A minha mãe... ela quer oferecer um jantar como forma de desculpas, convidou também seus pais e seus irmãos. O que você acha?

— Ah Lia, não sei. — Mark bagunçou os próprios cabelos. — Se for para ela me tratar mal de novo, prefiro que continue assim, cada um no seu canto.

— Mark, meu amor, ela pareceu estar arrependida, ela sabe que se não aceitar o nosso namoro, isso vai acabar fazendo com que eu me afaste dela.

— Tá. — disse ele bufando. — Tudo bem, pra quando é esse jantar?

— No próximo sábado. Avisa seus pais, podemos ir antes e buscá-los no aeroporto.

— Tudo bem, vou falar com eles. Pode deixar que não vou falar nada sobre como sua mãe me tratou.

— Obrigada. Merece até um beijinho. — disse, sentando no colo dele o beijando.

— Abriu um solzinho, que tal a gente ir para a piscina agora? — ela sugeriu.

— Acho ótimo.

— Então, me espera, vou só colocar o biquíni.

Ela pôs um biquíni preto, Mark já a esperava na piscina de sua cobertura.

— Vamos ver se assim a senhorita pega uma cor, minha branquela. — rindo, ele comentou.

— Está incomodado com a minha cor ou é impressão minha?

— Estou não, boba. — ele sorriu antes de beijá-la calmamente e ela apenas deixou se envolver.



A semana passou rapidamente, os pais de Mark chegariam em Rome no fim da tarde. O noivo de Brittany disponibilizou um helicóptero para que chegassem até a casa dos pais de Lia.

— Pai, espero que dessa vez a mamãe se porte de maneira diferente. Os pais do Mark vão se deslocar lá de Montana para cá, o mínimo que ela pode fazer é tratá-los bem.

— Lia, já conversei com sua mãe, ela está arrependida e não irá cometer nenhuma gafe. — disse Richard.

— Assim espero.

— Ah meu Deus! Lia, você ficou noiva e nem nos contou? — Chloe exclamou afobada apontando o belo anel de diamantes no dedo da irmã.

— Eu ouvi bem? Lia, você está noiva? — disse Elisabeth descendo a escada. Os olhos tão arregalados que pareciam que iriam saltar do rosto.

— Ah não! Não estamos noivos, ainda. É apenas um anel de compromisso que o Mark me deu... — disse um pouco sem jeito.

— Ah, ufa! Quero dizer... que bom. — sorriu falsamente.

Ouviram algumas pessoas se aproximarem, era a família de Mark chegando. Elisabeth os recebeu bem, ficaram conversando na sala de estar até que o jantar foi servido. Elisabeth mandou preparar um cardápio bastante variado para as visitas. Como uma boa anfitriã, serviu frutos do mar, ostras, canapés, carne ao molho de ervas e sobremesas bastante apetitosas, pudim e cheesecake.

— O que você disse para a sua mãe, que ela está me tratando bem? — Mark sussurrou para Lia.

— Nada demais, talvez eu tenha dito algo como: “Não venho mais aqui se você não o tratar bem”. Não exatamente com essas palavras, mas nesse sentido.

Mark a olhou com repreensão.

— Agora ela me trata bem, mas me odeia mais. — respondeu ele e Lia deu de ombros.

O jantar ocorreu bem, para o alívio de Lia. Amália e Elisabeth pareciam estar se entendendo, Richard e Charles conversaram sobre profissões e futebol. Bryan lançava olhares para Chloe, havia se encantado pelo jeito da ruiva de olhos verdes, mas a garota não parecia estar muito interessada, ela não tirava os olhos de Mark. Reparava em como ele olhava para Lia. Brittany não pôde ir, estava trabalhando, e como os pais de Mark moravam em outro estado, acabaram ficando como hóspedes na casa da família Collins. Após muitas conversas, Amália e Charles se acomodaram no quarto de hóspedes. Mark e seu irmão Bryan ficariam no outro quarto e Lia no quarto da Chloe.

— Ei Chloe, tá com sono? — Lia perguntou acendendo o abajur.

— Não e você?

— Também não. — Lia respondeu sentando na cama. — O que você achou do Bryan? Eu vi o jeito que ele te olhou durante o jantar.

— É, ele é bonitinho. — Chloe respondeu não muito interessada.

— Ele é um gato, fala sério. A genética da família do meu namorado é incrível!

— Até que é, mas...

— Mas o quê?

— Nada, vamos dormir.

— Ah não, Chloe! Me conta!

Chloe não podia contar sobre seus sentimentos. Era óbvio que estava apaixonada pelo namorado de sua irmã. Bryan não lhe interessava em nada, apesar de ele ser muito bonito. Chloe sempre foi do tipo que não desiste de algo enquanto não consegue, e bem, ela queria Mark.

— Eu acho que ele deve ser gay. — mentiu.

— O quê? — Lia riu. — Ele está interessado em você, só não vê quem não quer. Você devia dar uma chance ao Bryan.

— Então tá. Tô começando a ficar com sono, boa noite maninha. — disse, se deitando novamente.

Pouco tempo depois, Lia adormeceu e Chloe aproveitou que sua irmã estava dormindo, abriu a porta lentamente e foi até o quarto onde Mark e Bryan dormiam. Ela viu a roupa de Mark pendurada na cama e deitou-se cuidadosamente ali.

Pela manhã, Lia não acreditava no que seus olhos estavam vendo. Se deparou com sua irmã, que ela achava ingênua, deitada na cama ao lado do irmão de Mark.

— Chloe? — Lia disse arregalando os olhos, fazendo com que ela e Bryan despertassem do sono.

— Lia, eu posso explicar... eu...

— Você tem o que na cabeça? Já pensou se a mamãe te vê aqui deitada com o Bryan? Sua maluca! — Lia disse alterando o tom de voz.

Mark acordou e observou seu irmão na mesma cama que Chloe.

— O que vocês fizeram? — Perguntou se levantando na cama.

— Eu não fiz nada, foi ela que veio deitar aqui no meio da noite. — Bryan explicou.

— Chloe, acho melhor você voltar pro seu quarto antes que a sua mãe venha aqui. — Mark pediu e ela saiu. — Bryan, você poderia ao menos ter respeitado a casa dos pais da Lia. — ele disse enquanto vestia a camisa.

— Eu não fiz nada cara, já falei. Ela que deitou aqui, nós não fizemos nada. Acha que eu faria algo com ela e você aqui no quarto?

— Tudo bem Bryan, esse assunto acaba aqui.

— Minha mãe não aceitaria eu dormindo com o Mark aqui, imagina você e a Chloe..., mas pode deixar que não vou dizer nada. — Lia disse saindo do quarto.

Chloe estava tomando banho, Lia abriu a porta e entrou no banheiro.

— O que você queria fazer? Não foi você mesma quem disse que o Bryan é gay? — Lia falou apoiando-se na pia do banheiro.

— Eu não sei o que me deu, tá bom?

— Ah, agora vai se fazer de desentendida? Chloe, agora você vai insinuar o quê? Que é sonâmbula? Por favor, não né?!

— Tudo bem. — ela bufou. — Eu só queria saber o que ele faria, se ia me expulsar ou se iria corresponder. Só isso.

— Sei, você dá muita sorte que eu não vou contar nada pra mamãe, ouviu?

— Obrigada. — ela disse assentindo.

Lia saiu e deixou Chloe terminar seu banho.

— Droga! Pensei que tinha deitado na cama do Mark... me ferrei. — ela pensava consigo mesma.

Todos se reuniram para o café da manhã e antes do almoço, Brittany chegou em um helicóptero para buscar a família. Conversaram um pouco e partiram de volta para Montana antes mesmo do almoço. Lia e Mark partiriam à tarde, já que moravam mais próximos.

— Sua mãe é adorável, Mark. — Elisabeth disse enquanto almoçavam.

— É a melhor mãe que eu poderia ter, meu pai também. — disse ele e a sogra concordou.

No fim da tarde, se despediram da família Collins, Lia e Mark retornaram à Atlanta.

— Sua mãe me surpreendeu, ela pareceu simpática dessa vez, ou fingiu muito bem. — Mark comentou enquanto dirigida de volta para casa.

— Acredito que ela apenas tentou não me desapontar. — Lia sorriu para ele, recebendo

um selinho de seu namorado.

Não demoraram muito e logo estavam na casa da Lia.

— Amor, posso te dizer uma coisa? — ela perguntou enquanto os dois tomavam banho.

— Até duas se quiser.

— Na verdade é uma pergunta. É o seguinte... o Jack está desaparecido desde aquele dia do caso das fotos que ele me enviou e...

— Lia, aonde quer chegar com isso? — perguntou a interrompendo.

— Você tem alguma coisa a ver com esse sumiço repentino dele?

CAPÍTULO VINTE E UM



— O que está insinuando, Lia?

Mark estava tenso, olhando para ela admirado.

— Mark, eu não estou insinuando nada. Apenas te fiz uma pergunta. Você tem alguma coisa a ver com o desaparecimento do Jack?

Depois da pergunta de Lia, Mark lembrou aquela noite, tudo passou como um flash na cabeça dele. Ele respirou fundo antes de responder.

— Acha que eu fiz o quê? Que eu seria capaz de matá-lo? — balançou a cabeça negativamente. — Acha que sou a porra dê um assassino?

— Eu não disse isso, só quero saber se você sabe algo sobre esse desaparecimento.

— E por qual motivo você acha que eu sei algo sobre o seu ex? — Ele riu sarcástico. — Eu não sei, está bom assim? Eu não tenho nada a ver com aquele cara. Talvez se ele te fizesse algum mal, eu seria capaz de fazer algo contra ele, mas não fiz. Você deveria procurar saber o que houve com ele antes de me acusar, sabia? Acha que o matei?

— Eu não disse que você o matou. Ah, quer saber? Esquece.

— Lia, por acaso eu teria motivos para matar aquele idiota?

— Eu não sei. — Ela disse encarando os olhos dele. Castanhos e profundos.

— Ok, tudo bem. — disse vestindo a roupa. — Eu por acaso tenho cara de assassino? Não, nem precisa responder. Se duvidou de mim, é porque não confia em mim.

— Mark, por favor. Eu não quis dizer isso. Meu Deus! Eu só estou aflita, ninguém desaparece sem motivo algum...

— Ele não tem família? Pergunte a eles.

— Não, ele não tem família aqui nos Estados Unidos. Eles são do Canadá e não tenho contato com eles...

— Pois então não tire conclusões precipitadas. Até mais! — ele disse batendo a porta da sala.

— Droga! — Lia resmungou e ficou ali pensando. Não deveria ter perguntado nada a ele.

Foi até a cozinha, precisava de café, quando ouviu a campainha tocar, correu e abriu a

porta.

— Me desculpa, fui grosseiro com você. Me perdoa? — Mark pediu.

— Só se você me perdoar também. Não foi minha intenção insinuar nada a seu respeito em relação ao...

— Vamos esquecer isso? — Mark a interrompeu.

Lia assentiu e ele a agarrou, beijando seus lábios macios. Um beijo bem demorado, apaixonado e cheio de carinho. Mark foi passeando com as mãos por dentro da blusa dela, alisando suas costas e descendo até os quadris. Ele a conduziu para o sofá, rapidamente tirou a camisa e Lia se acomodou no colo dele. Ela abaixou a única peça de roupa que o cobria. Mark soltou um leve gemido e mordeu os lábios. Depois de o estimular, Lia o pôs na boca e antes que ele se desse por satisfeito, ela parou.

— Assim você me deixa maluquinho. — Mark sussurrou.

Ele começou massageando os seios dela, fazendo Lia se arrepiar. Ela se posicionou sobre o membro dele, fazendo movimentos entrando e saindo, sentando e levantando. Quando já não aguentavam mais, Lia levantou e Mark lhe abraçou, fazendo com que sentissem a respiração pesada um do outro.

— Eu te amo. — ela disse ainda ofegante.

— Eu também te amo, muito. — ele segurou o rosto dela fazendo com que seus olhos claros encontrassem os dele.

— Você me faz feliz. — ela confessou o abraçando, o abraço de Mark era como um refúgio que a fazia se sentir protegida.

Mark só queria deixar de lado o medo que tinha de se afastarem, porque era justamente o que poderia os afastar.

“As paixões, quando mandam em nós, são vícios”.



Algumas semanas depois, Lia e Mark desembarcavam novamente em Montana, dessa vez para o casamento de Brittany e Calvin. Os pais de Lia foram convidados, porém Elisabeth não fez tanta questão de ir, então Chloe foi para acompanhar a irmã. Chegaram na hora do almoço, Amália estava bastante animada e havia preparado o almoço para reunir novamente a família.

O casamento aconteceria ao cair da tarde no quintal da família Harris, era um quintal amplo, com muitas flores no jardim e a equipe de decoração estava lá, dando conta de organizar tudo.

Brittany estava na suíte tomando banho com pétalas de rosas e Amália corria de um lado para outro, verificando se tudo estava ocorrendo bem.

Chloe e Lia estavam no quarto de hóspedes se arrumando também. Mark bateu na porta do quarto, entrando em seguida. Chloe estava deitada na cama com as pernas para o alto enquanto mexia em seu iPhone. Lia estava tirando o vestido do cabide.

— Vestido lindo amor, vai ficar lindo em você. — Mark disse a abraçando por trás.

— Hmmm claro, foi você quem me ajudou a escolher, confio no seu bom gosto. — disse beijando-o em seguida, Chloe pigarreou fazendo com que os dois comesçassem a rir e parassem o beijo.

— Eu estou aqui, tá? — Chloe disse tirando os olhos do iPhone.

— Você não é criança, Chloe. Ou vai me dizer que nunca viu um casal se beijar? — Lia disse rindo.

— Já sim, só estava lembrando que estou aqui, não precisam se animar. — respondeu ela.

— Ok cunhadinha, já estou saindo. Vou deixar vocês se arrumarem. — Mark disse saindo do quarto.

Uma cabeleireira havia chegado para arrumar o penteado da noiva e das demais mulheres. Enquanto Lia tomava banho, Chloe foi até o quarto de Bryan, caminhou até o banheiro do quarto, pretendia tomar banho lá, quando abriu a porta do box, deparou-se com Bryan debaixo do chuveiro.

— Ah meu Deus, me desculpe! — disse ela se fazendo de desentendida e tapando os olhos com as mãos.

— Você não viu que eu estou aqui? — disse ele tentando se cobrir.

— Eu vi, aliás, estou vendo. — ela disse dando uma levantada na sobrancelha e olhando para baixo, admirando o corpo do homem nu à sua frente.

— O que você tá olhando, sua doida?

— Nada. — ela mordeu o lábio inferior e tirou o vestido que usava, fazendo com que Bryan acompanhasse o movimento do tecido caindo ao chão.

Ele não pensou duas vezes e a beijou. Chloe pousou os braços ao redor dos ombros de Bryan e se beijaram com muito fervor. Ele segurava a perna dela que estava friccionada próxima ao quadril dele. Ele a beijava acariciando desde o joelho até as coxas dela. Bryan beijava o pescoço de Chloe e ela arranhava levemente as costas dele.

— Sem preservativo não vai rolar. — ela disse ao pé do ouvido dele.

— Eu sei, não quero ser pai tão cedo, ainda mais de um filho seu. — disse sorrindo.

— Por que está dizendo isso? — Chloe o afastou com as mãos no peito dele.

— Acha que eu não reparei a forma como você olha para o Mark?

— Eu? Imagina! Só pode ser impressão sua. — ela disse tentando se safar.

— Deixa de cinismo, eu já saquei qual é a sua, Chloe.

— Se você contar isso para alguém, eu digo que você me agarrou enquanto eu tomava banho e ainda digo que você abusou de mim aquela noite lá em casa quando dormimos na mesma cama.

— Você é diferente da sua irmã, você não presta. — disse ele balançando a cabeça em negação.

— Ah, eu presto sim. E posso te mostrar agora mesmo o quanto eu presto, você vai adorar. — Chloe disse, em seguida mordendo o lábio caminhando em direção à ele.

Chloe beijou Bryan com toda intensidade e ele é claro, correspondeu com suas mãos percorrendo o corpo dela.

— Espera. — ele disse se afastando. — Fica aqui.

Bryan saiu de dentro do box, foi até o armário, pegou um preservativo e colocou rapidamente. Voltou para o box e voltou a beijar Chloe, dessa vez os beijos eram ainda mais rápidos. Ele a encostou na parede do box, ela reclamou quando suas costas encontraram o azulejo frio da parede.

— Tem certeza que quer isso? — perguntou afastando o cabelo ruivo dela que caía no rosto.

— Lógico, tá esperando o quê? — disse em tom autoritário.

— Então tá. Fecha os olhos. — disse a ela que acabou rindo da situação.

Bryan a penetrou lentamente olhando para ela que automaticamente soltou um gemido. Ele empurrou seu membro para que fosse mais fundo e Chloe instantaneamente cravou suas unhas no peitoral dele. Os dois estavam de pé dentro do box, tentavam não imitar nenhum ruído muito alto, alguém poderia ouvir.

— Mais? — Bryan perguntou retirando-se de dentro dela.

— Mais. — ela assentiu.

Ele a penetrou novamente, dessa vez com mais intensidade, fazendo com que Chloe desse um leve grito. Ele a calou com um beijo, enquanto suas línguas se encontravam, ele fazia movimentos dentro dela.

Cansados da posição, os dois saíram do box e foram para o quarto, Bryan lembrou de trancar a porta, se deitou na cama, acomodando Chloe em seu colo, ela estava sentada sobre ele cavalcando enquanto Bryan segurava os quadris dela e alisava suas pernas.

Não demorou muito até atingirem o ápice. Chloe levantou de cima dele e deitou ao seu lado com a respiração ofegante.

— Então? Eu presto ou não? — Perguntou encarando Bryan.

— Você é maravilhosa. — disse, beijando o pescoço dela.

— Eu sei que sou. — piscou o olho para ele.

— Podemos repetir isso mais tarde, depois do casamento da minha irmã. — ele disse, em seguida abriu o sutiã dela que tinha o fecho frontal.

Encarou os seios e beijou, dando uma leve mordida.

— Bryan... chega. Eu preciso me arrumar... o casamento da sua irmã.

— Tá, mas promete que iremos repetir depois?

— Tá, tá bom. — Respondeu rolando os olhos.

— Você gostou? — ele perguntou.

— Até que você é gostosinho. — ela disse levantando da cama e vestindo a roupa.

Voltou para o quarto de hóspedes que dividia com Lia, ela estava se maquiando.

— Vou tomar banho. — Chloe saiu indo em direção ao banheiro.

— Ei, por que você está toda vermelha? — Lia perguntou desconfiada.

— Tô? — se fez de desentendida. — Ah, sei lá. Deve ser alguma alergia.

— Alergia? E desde quando você é alérgica? Chloe, me conta o que aconteceu.

— Nada, foi só o Bryan que me beijou.

— Jura? Eu apoio vocês dois, ficam lindos juntos. — Lia condessou com um sorriso.

— Não mais que você e o Mark, né? Vocês são o casalzinho perfeito. Vou me arrumar.
— disse saindo dali.

Lia estava pronta, ajeitava o vestido em frente ao espelho.

— Uau! Você está maravilhosa, amor. — Mark disse abraçando Lia quando ela desceu a escada indo até a sala.

— Obrigada meu lindo, você fica tão fofo de gravata borboleta. Você sabe o quanto fica sexy vestido assim? — ela disse ajeitando a gravata dele.

— É? Mas eu sou fofo e sexy. Só não estou mais sexy que você com esse vestido. Esse decote, hein?! Que peitão! — disse rindo encarando o decote dela. — Sou tão sortudo.

— Bobo!

CAPÍTULO VINTE E DOIS



— Filha, você está tão linda! — Amália disse para Brittany enquanto a maquiadora terminava de arrumá-la.

— Obrigada mamãe, a senhora também está.

A maquiadora terminou seu trabalho, deixando mãe e filha à sós.

— Mãe, agora me ajuda a fechar o vestido. — pediu a noiva.

— Posso entrar? — Lia perguntou do lado de fora do quarto.

— Pode entrar, querida. — Amália respondeu.

— Nossa, que linda Brittany! Eu gosto tanto de casamentos, sempre me emociono. — disse Lia.

— Daqui a pouco será você e o Mark. — Brittany disse sorrindo. — Me ajudem a fechar o vestido.

— Está difícil, minha filha, você engordou ou o vestido é pequeno demais? — Amália perguntou, tentando fechar os botões de pérola.

— Ah mamãe, acho que engordei, talvez seja de ansiedade, o casamento, vou me mudar... essas coisas.

— Será mesmo ansiedade? Vai ver que essa sua ansiedade vai passar daqui a nove meses, não acha, Lia?

— Não sei Sra. Harris. Prefiro não opinar.

Com muito custo, elas conseguiram fechar o vestido de noiva.

— O noivo já chegou, está lá embaixo já posicionado. — disse Charles entrando no quarto. — Filha, está linda. Calvin é um cara de sorte, estou entregando minha única filha para ele. — disse segurando as mãos dela.

— Eu não quero chorar, pai. Vai borrar a maquiagem.

— Isso, não chora. Respira porque hoje é dia de festejar. Você está feliz? — Charles perguntou e ela assentiu sorrindo.

— Então vamos, todos já estão prontos só esperando você. — Amália estava animada e deu um carinhoso beijo no rosto da filha.

Todos desceram até o jardim, havia um arco de flores que ficava bem em frente à

entrada onde aconteceria a cerimônia. Bryan e Chloe estavam sentados logo à frente, Mark e Lia juntaram-se aos dois. Logo Brittany entrou acompanhada de seu pai, Calvin estava à sua espera. A cerimônia não demorou muito, porém foi muito bonita. Mark olhava para Lia sorrindo e ela correspondia com seu melhor sorriso.

Amália e Charles estavam visivelmente emocionados e felizes, sabiam que Calvin era um bom rapaz e a família dele adorava a Brittany.

A festa aconteceu numa outra parte do quintal, haviam muitas luzes e muitas flores, deixando o cenário extremamente aconchegante. Tocava uma música romântica e Mark chamou Lia para dançar.

— Vou tentar não pisar no seu pé. — ela disse sorrindo.

— Acho bom mesmo, senão capaz de você arranhar meu sapato novo. — ele riu.

— Bobinho. — eles se beijaram e permaneceram dançando juntinhos.

Os noivos também estavam dançando, assim como os outros casais que estavam ali. O pai da noiva pediu um minuto de atenção, para que pudesse dizer algumas palavras. Disse o quanto estava feliz com a união das famílias e disse ainda o quanto Calvin era um rapaz de sorte por estar se casando com a filha dele. Charles ainda disse que gostaria que não demorassem muito a ter filhos, ele gostaria de acompanhar a infância da criança e o que os cabelos brancos dele indicavam que ele era um senhor idoso, porém ainda não era avô, e precisava ter netos o quanto antes. Todos riram e a festa continuou.

— Acho que daremos um neto ou uma neta para nossos pais em breve. — Brittany disse para Calvin tocando a própria barriga. O noivo sorriu alegre com a notícia.

A festa rolou até altas horas, os noivos se despediram e foram viajar em lua de mel. Antes disso, Brittany jogou o buquê e para a surpresa de muitos, Chloe foi quem pegou.

— Hmmmm maninha, será que vai se casar primeiro que eu? — Lia disse rindo.

— Eu? Tá louca? Só se eu encontrar um príncipe, mas não costumo acreditar em príncipe encantado.

— Príncipes existem sim, só que não são como na ficção. Talvez o seu príncipe esteja mais perto do que você imagina. — Lia falou lançando o olhar para Bryan.

— Ele? — Chloe riu. — Acho difícil, viu? Ele nem faz meu tipo.

— Deixa de ser esnobe. Vai lá conversar com ele.

Chloe rolou os olhos, saiu bufando, mas foi para perto de Bryan.

— Olha, mais tarde você vai lá no meu quarto, tá? Vou deixar a porta encostada. Sua irmã vai dormir no quarto do meu irmão, então vou estar sozinho... você pode ir lá. — Ele cochichou com Chloe.

— Vou pensar no seu caso. — ela disse dando um sorriso irônico.

Alguns convidados começavam a se despedir, ao final ficando só a família.

— Agora vou ter que acostumar com a casa sem a Brittany. — Amália disse sentando no sofá tirando o sapato.

— Querida, ela agora vai ter a própria casa, mas virá nos visitar com certeza. — disse Charles consolando a esposa.

Mark e Lia subiram para o quarto, Chloe ficou no quarto que era de Brittany. Lia já estava deitada quando Mark se deitou ao lado dela.

— Ei, tá quietinha aí, o que foi?

— Nada, só estou pensando. — respondeu ela.

— Hmmm e pensando em quê?

— Nada demais. Se importa se eu quiser dormir agora?

— Está de TPM amor? — ele perguntou mexendo no cabelo dela.

— Não, eu não passo por esse período. Eu faço uso contínuo de pílula, então não menstruo e não tenho TPM.

— Ah, tá.

— Só estou um pouco cansada. — disse dando um meio sorriso.

— Tudo bem, boa noite. — deu um selinho nela.

— Mark, eu amo você. — ela disse olhando nos olhos dele.

— Eu também amo você. — a abraçou.

Chloe abriu a porta do quarto lentamente e foi até o quarto do Bryan. O cômodo estava escuro, ele chegou por trás e a abraçou, fazendo com que ela se assustasse.

— Ai seu louco, que susto!

— Não precisa se assustar não gatinha. — disse beijando o pescoço dela e a conduzindo até a cama.



Durante a madrugada, Lia teve um sonho. Sonhou que estava descalça andando numa rua deserta à noite. Se viu completamente sozinha e sentiu medo. Foi caminhando e encontrou uma garotinha abaixada num canto, perto de algumas árvores. No sonho, ela abaixou perto da menina, que sorriu para ela. Lia se assustou quando viu a menina que usava um vestido longo branco, o coração dela estava para fora do vestido, aquilo nem parecia real. A menina tinha um semblante triste, quando Lia tocou sua ferida, a menina gritou e Lia despertou assustada do sonho, que pareceu mais um pesadelo.

— O que foi? — Mark perguntou sentando na cama.

— Tive um sonho esquisito. — disse olhando ao redor. — Promete que não vai me

deixar sozinha?

— Foi só um pesadelo, eu estou aqui. — disse a abraçando.



Chloe e Bryan passaram a noite juntos. Pela manhã, ele a acordou logo cedo para voltar para o outro quarto.

Quando Lia acordou, Mark não estava no quarto. Ela levantou, fez suas higiènes e foi até o quarto onde Chloe dormia. Viu a irmã ainda dormindo e sorriu. Desceu até a cozinha, Mark estava lá com seus pais.

— Bom dia. — cumprimentou sentando-se à mesa.

— Bom dia amor, estou preparando waffles. — respondeu Mark.

— Hmmm parece bom. — sorriu.

— Lia, eu estive pensando aqui... vocês poderiam vir morar aqui quando se casarem. — Amália disse e Lia olhou para Mark rindo.

— Mamãe e suas ideias. — disse ele balançando a cabeça em negação.

Bryan desceu para tomar café e Chloe também. Depois do almoço, Mark, Lia e Chloe voltaram para Atlanta. Ele deixou as duas em casa e foi para o apartamento dele. No dia seguinte, Chloe voltou para a casa de seus pais. À noite, Lia estava na casa de sua amiga Emily, quando recebeu uma mensagem de Mark no WhatsApp. Ele enviou uma foto só de toalha no banheiro.

“Sempre existe uma toalha no caminho da felicidade.” Enviou para ele e riu.

— Ei, o que foi que você está rindo aí? — Emily perguntou.

— Nada.

— Deve ser alguma besteira. — Emily comentou rindo também.

— Vou ter que ir embora. — disse Lia.

— Hmmmm sei, vai namorar.

— Vou. — riu. — Amanhã a gente se vê, tá? — abraçou a amiga e saiu.

Lia dirigiu até o apartamento de Mark, quando chegou lá, ele abriu a porta e ela pulou nos braços dele e o beijou. Um beijo bem demorado e romântico.

— Hmmm que delícia amor. — ele disse fazendo-a rir.

— Eu estava com saudade. — disse ela colocando a bolsa em cima do sofá.

— Isso é bom. — sorriu para ela. — Pedi comida japonesa para nós.

— Amo!

Os dois foram para a cozinha e jantaram, Lia o ajudou a limpar tudo depois.

— Agora vamos fazer uma coisa de namorados. — disse ele a abraçando e fazendo Lia sorrir.

— Hmmm coisa de namorados. Vai me dizer que é assistir filme?

— Não, dessa vez é coisa de namorados mesmo. — disse rindo. — Estou com saudade do teu corpo. — sussurrou beijando o pescoço dela.

— Eu também estou.

Os dois foram para o quarto, Mark beijava Lia, a tocou e sentiu o quanto ela já estava excitada.

— Já? — perguntou Mark em tom de brincadeira.

— Acho que são os hormônios. — Lia corou.

Mark riu da forma que ela ficou envergonhada.

— Não ria de mim. — ela bateu nele e começou a se mover, até que mudassem de posição e ela ficasse por cima.

— Se você for boa eu prometo não rir mais. — ele a desafiou.

Lia sorriu provocativa.

— Então é bom que você pare de rir desde já, porque eu sempre sou maravilhosa.

— Depois eu que sou convencido... Ai! — reclamou por ela cravar as unhas em seu peitoral.

Ela começou a mover o quadril, movia-se com destreza de quem já havia feito aquilo com ele várias vezes. E ela já havia. Mark afundava os dedos na coxa dela enquanto Lia se apoiava em seu peitoral, subindo e descendo com maestria. Ela conseguia conduzi-lo ao delírio como um piloto de corrida conduzia seu carro.

Mark sentiu quando ela começou a ter o orgasmo, a expressão de prazer e a forma como ela se contraía em torno dele, foi o suficiente para fazê-lo alcançar seu próprio extremo, caindo-se dentro dela sem nenhuma preocupação.

— Você tinha razão, você é maravilhosa. — ele a abraçou, aconchegando-a em seus braços.

— Eu sei que sou. — ela falou baixo, se sentia completa, porém exausta. — Podemos descansar cinco minutos?

— Claro e depois podemos repetir tudo de novo. — ele respondeu também cansado com os olhos quase se fechando.

Era óbvio que não iam nem se mover pelo resto da noite.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Era uma tarde ensolarada, Lia estava de folga do trabalho e cavalgava treinando na hípica quando de repente, o cavalo empinou, ficou descontrolado e ela sentiu um baque, acabou caindo e não viu mais nada. Desmaiou.

— Onde estou? — Perguntou assim que abriu os olhos encarando a parede verde clara do quarto do hospital.

— Bem-vinda de volta Dra. Lia.

— Estou sonhando? Jack, é você? — Lia disse fixando os olhos e analisando o homem de jaleco à sua frente.

— Eu sei que sou o sonho de todas as mulheres, mas você não está sonhando. — sorriu em tom sarcástico.

— Meu Deus, eu pensei que você estivesse morto. Você desapareceu.

— Estou mais vivo do que sempre. — disse ele com um pequeno sorriso nos lábios.

— Ai! — ela reclamou de dor e só então se deu conta que estava com a perna direita engessada. — Como isso aconteceu?

— Você caiu do cavalo literalmente, não se lembra? — disse Jack aproximando-se dela.

— Agora estou lembrando. A última coisa que me lembro foi que senti a cabeça bater no chão.

— Você desmaiou, alguém lá da hípica te trouxe aqui para o hospital, eu engessei sua perna, você ainda estava desacordada. Você fraturou a perna direita, nada que um mês com gesso não resolva.

— Um mês? Eu preciso trabalhar, Jack!

— Nada disso senhorita, eu sou seu médico e você vai ficar quietinha aí. Já avisei seus pais. Ah, e aquele seu namoradinho sem graça também.

— Obrigada. Ele tem nome, é Mark, tá?

Naquele mesmo instante, Mark entrou no quarto, e pelo seu semblante, estava aflito. Encarou Jack, em seguida foi ao encontro de Lia.

— Meu amor, você está bem? Eu vim assim que fiquei sabendo. — disse ele passando a mão nos cabelos dela.

— Agora estou bem. — sorriu.

— Tomei um susto danado quando disseram que você sofreu acidente na hípica. Graças a Deus você está bem. — ele disse selando seus lábios.

Jack pigarreou e Mark olhou para ele com reprovação.

— A Lia precisa descansar. — disse Jack.

— Não tem outro médico que possa cuidar dela? — Mark disse sério.

— Não, não tem. Eu sou o médico de plantão, eu estou responsável por ela. — rebateu ele.

— Por favor, será que podem parar? Eu estou bem, se vão ficar aí brigando, então prefiro ficar sozinha. — disse Lia.

— Tá. Vou ali dar uma olhada em outro paciente. Nada de extravagância vocês dois, hein? — Jack disse saindo do quarto.

— Esse cara é um porre, não sei como você namorou ele. — Mark disse.

— Da mesma forma que você namorou a Shayene. — rebateu.

Mark revirou os olhos e sorriu. Logo depois, a mãe da Lia chegou.

— Lia, como você caiu? Você está acostumada com o hipismo, você mudou de cavalo? — Elisabeth perguntava preocupada.

— Não, eu não mudei. O cavalo é o mesmo, não sei como isso aconteceu. Mãe, eu estou bem, só estou com um pouco de dor no corpo. E meu pai, não veio? — disse ela.

— Ele está no trabalho, não conseguiu sair ainda, está resolvendo algo lá. — respondeu Elisabeth. — Eu vou precisar ir, tenho reunião na igreja, mas ligo para saber se você está melhor.

— Tudo bem. — Lia assentiu.

— Eu vou ficar aqui. — Mark disse.

— Obrigada. — Elisabeth sorriu para Mark, deu um beijo na filha e saiu.

Mark ficou no hospital com Lia até ela dormir. Ele teve que sair para trabalhar, ela estava dormindo, então não viu quando ele saiu. Ela acordou durante a madrugada, não viu ninguém, a perna doía, a porta do quarto abriu lentamente, encarou o homem que entrava ali tentando o reconhecer, pois o quarto estava escuro. Seria praticamente impossível não o reconhecer.

— Te acordei? — Jack perguntou baixo, se aproximando dela.

— Não, eu já estava acordada. Estou sentindo dores no corpo.

— Normal, você já foi medicada, já vai passar.

— Assim espero. Você não me contou o que aconteceu com você, todos ficamos preocupados, sabia? — Lia disse se ajeitando na cama.

— Eu fui para a África. — respondeu ele.

— Ah, sério?

— Sim, fui pela OMSF (Organização Médicos Sem Fronteiras). Estavam muito encarecidos com urgência.

— Mas por que você não avisou? Pensei que tivesse acontecido algo ruim...

— Hmmm você se preocupou comigo. — ele sorriu. — O diretor do hospital sabia.

— Ah, eu quase não conversei com ele.

— Sei, porque ele já deu em cima de você. — Jack riu e Lia fez o mesmo.

— Olha, durante esse tempo que fiquei fora, conheci uma mulher. Estou pensando em me casar com ela. — ele disse olhando nos olhos de Lia, que saltaram mais que o normal ao ouvir o que seu ex acabara de dizer.

— Como ela é? — foi a única coisa que Lia conseguiu proferir.

— Ela é linda. — disse pegando o iPhone no bolso. — Essa é a Holy — mostrou uma foto em que os dois estavam sorrindo, pareciam felizes.

— Ela é linda mesmo. — disse Lia quando avistou na foto uma morena de cabelos longos e negros como os seus, seu sorriso era perfeito, era linda realmente. — Pretendem se casar em breve? — perguntou receosa.

— Ainda estamos acertando os detalhes. Ela quer uma festa muito grande, aliás, os pais dela querem...

— Ah. — Lia não conseguiu esconder o quanto ficou desapontada.

Lembrou-se de quando ia se casar com ele, o quanto estava feliz na época com os preparativos. Se não tivesse descoberto as traições dias antes do casamento, provavelmente estariam casados. Agradeceu mentalmente por não ter se unido a ele na época, mas era visível o quanto ele ainda mexia com os sentimentos dela.

Foi como uma paixão mal resolvida, sempre resta ainda uma faísca. Ela amava Mark, mas ainda não havia esquecido os anos que passou ao lado de Jack. Seus olhos azuis eram tão bonitos. Até a voz dele despertava sentimentos ainda ocultos dentro dela.

— Lia, eu queria ter me casado com você, mas...

— Mas você me traiu e não foi uma vez só. — disse o interrompendo.

— Eu sei, eu fui muito idiota com você. Mas você foi a mulher que eu mais amei.

— Jack, se me amasse não teria me traído, que tipo de amor é esse?

— Lia, foi no calor do momento, foi algo sem pensar. Não envolvi sentimento...

— Ah, claro. Você sempre foi viciado em sexo, você já se curou?

— Não fala assim, vai. Eu sou homem... Quais são as chances de você me colocar para fora se eu te beijar agora? — Perguntou se aproximando dela.

Lia não respondeu, o que fez ele pensar que ela ainda sentia algo por ele, então sem sequer pensar, aproximou seus lábios aos dela e quando ela realmente não teve nenhuma reação contrária, a beijou. Os lábios dela eram completamente adaptáveis aos seus,

docemente familiares.

“Passamos a vida a mentir, até, sobretudo, talvez apenas, àqueles que amamos. Com efeito, somente esses podem pôr em perigo os nossos prazeres e fazer-nos desejar a sua estima.”

Marcel Proust.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



O beijo foi demorado, porque por mais que não admitissem, sentiam falta um do outro.

— Jack, chega por favor. Isso não está certo. — Lia disse cortando o beijo.

— Desculpe. — ele tentava se recompor.

— Você se aproveitou que estou aqui com essa perna ruim que nem posso mexer...

— Lia, a perna não tem nada a ver com a boca. — ele riu. — Eu te beijei porque você deixou.

— Deixei nada, você é que ficou se aproveitando da situação. Eu amo o Mark.

— Ama tanto o seu namoradinho que correspondeu esse beijo que te dei. — Jack disse a encarando.

— Você me deixa tão confusa. — suspirou.

— Desculpe, não era a intenção. Deve ser porque você também me deixa confuso. Precisa de alguma coisa?

— Água. — respondeu séria.

— Vou buscar. — Jack respondeu saindo do quarto.

Lia não queria amá-lo de novo, tudo ficava complicado quando ela o amava. Talvez seria mais fácil se ele não tivesse despertado novamente algum sentimento. E ela não sabia como reagir a isso. Não se considerava mais uma mulher inexperiente no campo do amor, mas Jack a deixava como se fosse.

Sentiu-se observada e olhou para o lado, Mark estava encostado no batente da porta. Olhava para ela com os olhos curiosos, como se estivesse a espiando.

— Você está bem? — ele perguntou quando se aproximou, passando a mão pelas costas dela de maneira curiosa.

— Estou. — disse receosa temendo que Mark tivesse ouvido ou visto algo que não deveria.

Mark aproximou-se para lhe dar um beijo, mas Lia se afastou.

— Lia? Estamos juntos?

Ela pareceu ficar pensativa.

— Como assim?

— Nós dois... tudo parece tão confuso e avulso. — disse ele.

— Estamos juntos, é claro. Estou louca para voltar pra casa. — concluiu, mudando de assunto.

Jack voltou segurando um copo de água, o que fez com que Mark o encarasse de uma forma não muito amigável.

— Obrigada. — ela disse pegando o copo e levando até os lábios.

O médico deixou os dois à sós, e Mark ajudou Lia a se acomodar melhor na cama. Ele a observou enquanto ela dormia, ocasionalmente passando os dedos entre seus cabelos negros espalhados no travesseiro. Ele ouviu o celular tocar no bolso, levantou rapidamente antes que o barulho acordasse Lia. Atendeu sem sequer olhar quem era, apenas para cessar o barulho e saiu do quarto com o aparelho na mão.

— Mark... — a voz feminina chorou acompanhada de alguns soluços.

— Shay... — reconheceu a voz da ex-namorada.

— Mark, você não sabe o que aconteceu... eu perdi tudo. — disse ela chorando.

— Shay, respira fundo, tenta se acalmar e me diz o que está acontecendo.

— O Andrew, ele roubou tudo o que eu tinha. Eu não tenho mais nem onde morar. — a respiração e a fala eram interrompidas por soluços.

— Ficar assim não vai resolver nada. — Tentou acalmá-la.

— Mark, eu só tenho você com quem posso contar e mais ninguém.

— Onde você está?

— Em um hotel, vou te dar o endereço. — disse ela.

Mark voltou ao quarto do hospital, Lia estava dormindo, então ele saiu. Ele foi até lá, fechou o punho e deu fortes batidas na porta.

— Shay, abre. Sou eu, o Mark.

Ela tinha ouvido as batidas, apenas não tinha forças para se levantar. Sentia-se como se o mundo inteiro a colocasse para baixo, havia perdido todos seus bens materiais.

Shayene passou as mãos pelos olhos, enxugando o resto das lágrimas que ali se amontoavam. Então finalmente ela abriu a porta. A primeira reação de ver Mark foi visivelmente o alívio. Os olhos tinham olheiras profundas, as maçãs do rosto nenhuma cor, os cabelos loiros não pareciam ser penteados a algum tempo.

— Eu fiquei preocupado, vim correndo para cá.

— Desculpe, não era a intenção, mas é que estou tão desesperada. Aquele canalha levou tudo o que era meu, não tenho dinheiro nem para pagar a hospedagem desse hotel. Será que posso ficar no seu apartamento? Só até resolver essa situação.

Mark pensava que Lia com certeza não gostaria nada dessa situação, mas também não poderia negar uma ajuda à Shay.



No hospital, Lia acordou e percebeu que estava sozinha. Sentiu a cabeça girar, mas conseguiu se sentar na cama. Uma enfermeira que era conhecida entrou no quarto para trocar o soro.

— Você sabe onde o Mark está?

— Saiu. — a mulher respondeu de maneira curta, trocando o soro.

— Você sabe onde ele foi?

— Não sei, mas parecia com pressa.

No hotel, as únicas coisas que restaram de Shayene, era seu celular e a roupa do corpo; o namorado havia levado tudo, a deixando mesmo praticamente sem nada.

— Toma esse dinheiro aqui, compra algumas roupas para você vestir. — Mark disse entregando algumas notas à ela.

— Obrigada. Prometo que vou pagar por isso. Será que a sua namorada não vai se incomodar se eu ficar aqui?

— A Lia está no hospital, ela quebrou a perna direita. Eu sei que ela não vai concordar totalmente, mas você não tem para onde ir...

— Eu vou ficar só até resolver isso, prometo que procuro outro lugar para ficar, assim que der. — disse ela.

— Tudo bem. Estou indo para o hospital, fica com a cópia da chave. — Mark entregou a ela e saiu.

Quando ele chegou no hospital, Lia estava se arrumando sentada numa cadeira de rodas.

— Recebi alta, preciso ir para casa. — disse ela.

— Eu te levo.

Os dois chegaram na casa dela, então Mark resolveu logo tocar no assunto.

— A Shay vai ter que ficar um tempo lá em casa, ela perdeu tudo, não tem para onde ir... espero que você não fique

chateada e entenda. Eu não podia negar um teto para ela.

— Quem sou eu para falar para você fazer ou deixar de fazer algo? A casa é sua, ok. Só espero que não interfira na nossa relação.

— Eu estou notando que você está distante. Por mais que você esteja aqui, seu

pensamento está longe, Lia.

— Desculpa. — ela pediu e ele apenas assentiu.

— Eu vou ficar aqui com você, mas à noite vou trabalhar, você precisa de alguém para te fazer companhia.

— Depois vou ligar para a Constance. Ela trabalha para mim às vezes, vem aqui faz a limpeza da casa e cozinha.

— Ótimo. Quer que eu faça algo para você?

— Preciso tomar banho, se me ajudar a chegar no banheiro já está ótimo. — disse com um pequeno sorriso nos lábios.

— Apoia o braço aqui. — disse ele para que ela se apoiasse no ombro dele. Então a pegou nos braços e subiu a escada.

Mark a ajudou a tomar banho, depois ela foi para o quarto. Ele foi até a cozinha e preparou algo para que pudessem comer. Ele levou brownie e Lia agradeceu.

Passava o filme Simplesmente Acontece, na televisão, aninhada com Mark no sofá, Lia deixou cair algumas lágrimas quando o filme acabou.

— Eu adoro como você é doce e sensível. — ele beijou seu ombro afim de a consolar.
— Eu te amo. Preciso que você me responda uma coisa olhando nos meus olhos.

Ela se virou para ele, sem sair de seus braços. Olhou em seus olhos temendo o que ele iria lhe perguntar.

— Você está feliz? — ele questionou.

Ela hesitou surpresa com a pergunta repentina. Ficou pensativa, estava feliz?

Lia e Mark tinham uma boa relação, o que aconteceu na noite anterior foi uma exceção. Eles tinham um relacionamento leve e engraçado a maior parte do tempo. Ela o amava, jurou para si mesma que nunca mais deixaria Jack se aproximar e confundir sua cabeça. Ela sorriu para ele.

— Eu estou feliz. — afirmou e não mentiu. Estava feliz, ele conseguia a deixar feliz.

Mark a beijou, um beijo terno e carinhoso. Enquanto a beijava, acariciava os cabelos dela. Desde o acidente, os dois não tinham um momento assim.

— Isso tudo é saudade de você. — disse sorrindo enquanto acariciava o rosto dela.

— Eu também estava com saudade. — o abraçou.

Ela fechou os olhos sentindo o carinho dele, a consciência começou a pesar, achava melhor contar sobre o beijo com o Jack, mas temia a reação de Mark. Ele a beijou novamente, dessa vez com mais intensidade.

— Amor... — ela dizia sorrindo entre o beijo.

— Fala. — disse ele sorrindo.

— Não podemos ficar de saliências... a minha perna quebrada, acho que não dá pra fazer nada com essa perna engessada. — Disse rindo.

— Eu sei, mas beijar você pode. — riu.

— Posso, mas aí as coisas começam a esquentar e aí já viu. Não se deve acender um fogo que não pode apagar.

— Só não apago se você não quiser. — ele piscou o olho para ela e a beijou.

Era tão bom sentir o carinho dele, os beijos, a paixão que tinham. Lia pensava que não era justo o enganar.

— Mark... preciso te contar uma coisa.

— Então conta.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



Lia sentiu um aperto no coração, lembrou de quando Mark terminou com ela e foi por causa de Jack. Se ela contasse, com certeza teriam uma discussão ou até talvez um término e ela não queria isso.

— É que... — engoliu seco antes de dizer. — Eu não quero que nada nem ninguém separe a gente.

— E por que está dizendo isso agora? — perguntou estreitando os olhos.

— A Shay... ela está na sua casa, vocês irão ficar mais próximos agora...

— Lia, olha pra mim. — pediu, passando o cabelo dela para atrás da orelha. — A Shay é apenas uma pessoa que eu namorei, isso faz tanto tempo. Eu não tenho sentimentos por ela e nem ela por mim. Nós somos adultos e maduros o suficiente para saber separar as coisas. Eu estou com você, então só vou ficar com você.

— Tá, mas ela é bonita, é atraente...

— Lia, ela está no meu apartamento, mas quem está comigo é você e não ela. Eu amo você, eu não ficaria com outra pessoa se eu tenho você.

As palavras de Mark foram como uma flecha acertando seu coração. As mãos suaram, o coração acelerou, ela não poderia esconder nada dele, a verdade iria doer, mas pior seria ele descobrir depois e com certeza não a perdoaria por ela ter omitido.

— Mark, o Jack me beijou ontem. — as palavras saíram de sua boca numa rapidez que ela não conseguiu controlar.

A expressão dele mudou no mesmo instante. Ele a olhava sem saber o que dizer, como ela poderia ter deixado outro lhe beijar?

— Ele o quê? — Mark perguntou como se não estivesse acreditado no que a acabara de ouvir.

— Eu sei que você não vai me perdoar, mas eu quero ser sincera com você. Ele me pegou desprevenida e eu não tive como fugir. Pronto, pode me matar agora.

— Por que você o deixou te beijar? Você gosta dele? Você ama aquele idiota? — Perguntou alterando a voz.

— Não! Eu amo você, será que não entende? Eu te contei justamente por isso. Eu não quero te enganar, eu não estou te enganando, eu amo você. Foi apenas um momento de fraqueza.

— Momento de fraqueza? Então eu posso me esfregar com outra e depois vir aqui e dizer que foi um momento de fraqueza e na verdade eu te amo. Me poupe, Lia!

— Se não quiser acreditar em mim é problema seu, mas eu não estava me esfregando com ninguém. Foi só um beijo.

— Só um beijo é grande coisa, acha que um beijo não é traição?

— Tudo bem, se você quer me crucificar por isso, ok! Mas não me faça sentir pior do que já estou. Se você quiser ir embora eu vou entender, mas espero que me perdoe por isso.

— Eu não vou a lugar algum e te deixar aqui sozinha, mas só vou ficar porque você está nessa cadeira de rodas.

Lia sentiu-se uma inválida, Mark ficaria ali apenas por pena, ela não conteve as lágrimas. Mark saiu do quarto e foi até o banheiro, lavou o rosto e encarou seu próprio reflexo no espelho. Se sentiu um idiota, deixou a raiva o dominar e saiu sem ao menos se despedir de Lia.

Chegou em casa, encontrou Shayene deitada no sofá assistindo televisão e usando um baby-doll minúsculo.

Mark instantaneamente a olhou, ficou parado ali pensando, parecia estar atordoado.

— Mark, você está bem? — ela se levantou e foi até ele.

Mark olhou para ela, seus olhos acompanharam o seu corpo que a roupa mal cobria. Ele logo tirou a camisa, e sem ao menos pensar, foi para cima de Shayene. A beijou e foi a conduzindo em direção ao sofá. Pensou que se Lia poderia ter um momento de fraqueza, então ele também poderia.

A beijou intensamente, ela não estava entendendo, mas correspondeu o beijo. Quando as coisas começaram a esquentar, Shay empurrou Mark, fazendo com que ele saísse de cima dela.

— Mark, o que aconteceu com você e a Lia? Por que me beijou?

— Nada. — bufou.

— Mark, você ama a Lia, me beijou por quê? Pra quê? Vocês brigaram?

— Ela beijou o ex dela. — respondeu juntando as mãos como se estivesse pensando.

— Ah, e como vingancinha você me beijou também! Isso não está certo, viu? Você tem que se resolver com ela e não me usar como seu plano de vingança.

— Desculpe, eu não me controlei. Pode dormir lá no meu quarto, eu durmo aqui na sala.

— Não precisa, eu me ajeito aqui mesmo. Já falei com meu advogado, entrei com uma ação na justiça contra o Andrew, logo vou dar um jeito na minha vida.

— Pode ficar aqui o tempo que precisar quiser. Vou tomar banho, preciso ir trabalhar.

Mark tomou banho, quando voltou, Shay estava na cozinha preparando algo.

Lia, em sua casa, estava no andar de cima e não conseguia descer, já que estava numa cadeira de rodas. Ligou para Emily e então ela foi até lá.

— Não acredito que ele foi capaz de te deixar sozinha.

— Emily, era de se esperar. Não sei onde eu estava com a cabeça quando deixei o idiota do Jack me beijar. Ai que ódio de mim!

— Pior foi você ter contado para ele. Amiga, você deveria ter ficado quieta, nem tudo a gente conta pro namorado.

— Quando me dei conta, já tinha falado. Eu só faço besteira, né?

— Uhum, ainda bem que você sabe. Mas não fica assim, agora não adianta chorar pelo leite derramado. Posso preparar alguma coisa para o jantar, que tal?

— Ah não amiga, melhor pedir comida pelo telefone, não quero correr o risco de ter minha cozinha incendiada. — disse rindo.

— Não diga uma coisa dessas, lembra que uma vez preparei cupcakes e você disse que estava uma delícia?

— Eu disse só para não te desanimar, estava tão duro que se jogasse em alguém, estava arriscado matar.

— Nossa, obrigada pela sinceridade viu?

Emily ficou fazendo companhia para Lia. Na manhã seguinte, Emily estava se arrumando para ir trabalhar, quando abriu a porta para sair, Mark estava do lado de fora.

— Vim falar com a Lia. — disse ele parado em frente a porta.

— Ela está lá em cima, ainda está dormindo. Melhor você deixá-la descansar...

— Eu não vou sair daqui enquanto não falar com ela.

Emily permitiu que ele entrasse, afinal, aqueles dois precisavam se acertar.

Mark subiu a escada, Lia estava no quarto dormindo. Parecia estar cansada, já que as noites que passara no hospital não foram muito agradáveis. Ela se mexeu, abriu os olhos e avistou Mark sentado na beira da cama.

— Se você veio aqui pra me xingar, eu...

— Não vim aqui pra te xingar. — disse a interrompendo. — Vim aqui pra gente conversar, colocar tudo em pratos limpos. Ontem eu fui para casa e acabei beijando a Shay, só por pura vingança. Acabei me sentindo um idiota por isso. Somos adultos e estamos nos comportando feito dois adolescentes e eu não quero isso. Eu gosto de você e vim aqui pra gente decidir juntos isso. — ele dizia e Lia prestava atenção em cada palavra, olhando fixamente para ele.

— Eu procurei o Jack. — ele disse e os olhos de Lia saltaram. — Calma, não fui brigar ou discutir com ele. Eu apenas quis saber o que ele quer com você. Ele me disse que vocês namoraram, noivaram e marcaram casamento, mas na época ele te fez sofrer. Ele disse que você não merecia passar por isso novamente, ele está namorando, disse que te beijou por um impulso e que você é uma pessoa muito boa, você merece alguém que te faça feliz de

verdade.

— Ah, então você precisou ouvir da boca dele para poder me desculpar? — disse ela.

— Lia, você errou, eu também, mas quem nunca errou nessa vida? Quando eu te dei aquele anel, foi uma forma de dizer o quanto eu gosto de você. O quanto eu te quero nos meus planos mais longínquos. Acho que se nós dois sentimos a mesma coisa, então podemos recomeçar? Sem ninguém pra interferir. Se queremos um futuro juntos, então vamos esquecer o passado. Sem Jack, Shay ou qualquer outra pessoa que possa estragar o nosso amor. — Mark se levantou e aproximou-se dela.

Lia ficou surpresa por saber que Jack havia falado tudo aquilo para Mark. Ela estava um pouco confusa com a situação, mas tinha certeza de seus sentimentos por Mark. Ele sorriu e segurou as mãos dela.

— Me prometa que nunca mais vamos nos separar?

— Nunca mais. — ele afirmou.

Amar faz parte da vida, está implícito, mas também é uma decisão. Não existe atração magnética que une duas pessoas. É uma das decisões mais arriscadas da vida, mas talvez seja a que mais vale a pena. Escolher amar alguém é ter ciência dos seus defeitos, dos dias ruins que virão, das brigas pela louça não lavada, mas também é descansar, se desarmar, parar com uma intensa busca pelo que você nem sabe direito, desfazer as malas e decidir ficar um tempo. E esse tempo é o tempo todo. Decidir se é sim ou não, decidir ficar ou ir... não são decisões simples, mas trazem alívios e simplificam a vida. Ninguém merece sua dúvida. Se você pretende amar alguém comece já. Esse sentimento é gradual, mas quando cresce ele precisa de espaço. Se esse alguém merece o seu amor, o dê por completo. O meio termo não faz parte desse sentimento. Ele é intenso, forte e enfrenta qualquer coisa. Qualquer coisa menos que “eu te amo” é uma mentira!

CAPÍTULO VINTE E SEIS



— Você está aqui por pena de mim?

— Não, Lia. Eu estou aqui porque eu amo você. E você me faz te amar.

Seus olhos escuros fixaram nos claros dela. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Mark a abraçou acariciando suas costas carinhosamente.

— Eu prometo estar sempre com você, quando eu não puder fisicamente, mas sempre estarei com o coração perto de você. — ele disse ainda abraçando-a.

Lia o apertou ainda mais no abraço, era tão bom sentir o perfume dele. Quando estavam juntos era surreal. A voz, o perfume, o jeito dele... tudo era tão perfeito. Mark sentia o mesmo por ela.

— Então estamos juntos novamente? — Lia perguntou sorrindo.

— Se você ainda quiser namorar um cara lindo e charmoso, então sim.

— Bobo! — riu e o beijou. — Quero tirar logo esse gesso da perna.

— Eu também quero que você tire logo, mas você precisa ficar com ele até sua perna ficar boa. Quem mandou fazer arte, hein?! — sorriu.

— Pior que agora vou ficar fora da competição. Eu queria tanto participar. — ela disse desanimada.

— Não fica triste, olha vou te dar um autógrafo. — ele falou pegando uma caneta e escrevendo no gesso dela.

Mark desenhou dois bonequinhos, uma menina e um menino. A menina tinha um véu no cabelo e buquê nas mãos. O menino gravata borboleta e uma cartola. Embaixo ele escreveu “Casa comigo?”

— Isso é sério? — ela perguntou sorrindo.

— E por que não seria? Vamos nos casar agora. — respondeu.

— Sei, você diz isso porque sabe que não vamos casar agora. Não posso nem colocar o pé direito no chão.

— Então, por isso mesmo. — ele falou entre risos.

— Então é brincadeira, né?

— Não. Sobre casar hoje sim, mas podemos nos casar em breve, que tal daqui até o fim

do ano? Estamos em fevereiro, dá tempo de fazer tudo o que você quiser, que tal?

— Perfeito! — ela sorriu.

— Cadê o anel que te dei?

— Está ali no armário, pega minha caixa de joias. — disse ela apontando.

Mark foi até lá, pegou o anel, voltou a sentar perto de Lia e a olhou sorrindo.

— Bom, aqui estou eu pela primeira vez pedindo uma mulher em casamento. — a olhou sorrindo. — Eu sei que sou um cara chato às vezes, mas quando me apaixono costumo ser mais chato ainda. Eu gosto de tomar café da manhã acompanhado, gosto de conversar na cama antes de dormir. Eu gosto de dar flores para a mulher que eu amo, gosto de sair para correr, eu não abro mão de ir à academia. Eu gosto de assistir filmes de ação e terror, sei o quanto você detesta isso. — ele riu. — Eu gosto de fazer sexo todas as noites e às vezes de manhã também...

— Isso eu sei, seu assanhado. — ela riu.

— Faz parte, amor, faz bem para o coração, para a pele, você sabe dessas coisas, você é médica.

— Sei. — ela disse rindo. — E mais o quê?

— Ah, eu gosto de tomar umas cachacinhas de vez em quando. Não a ponto de ficar bêbado, digamos que só bebo socialmente. Acho que é isso. Se você quiser me aceitar desse jeito que eu sou, acho que podemos viver debaixo do mesmo teto. — disse sorrindo para ela.

— Eu também sou chata, hein! Mas acho que menos complicada que você. — riu.

— Então, quer ser minha noiva? Minha futura esposa, a mãe dos meus pirralhos? Hein?! — ele perguntou ameaçando colocar o anel no dedo dela.

— Sim, eu quero. — Lia respondeu sorrindo.

Mark colocou o anel no dedo dela e a beijou. A beijou com toda intensidade e paixão que podia e queria, e recebeu o mesmo de volta.

— Agora nada de beijar outro, tá? Eu sou seu noivo, agora é oficial.

— Hmm que lindo! Se não fosse essa perna quebrada, eu te agarraria agora mesmo. — Lia disse sorrindo.

— Não seria má ideia.

— Quero que faça uma coisa. — Lia disse.

— Tudo o que você quiser... pode falar.

— Vá ali no closet, na parte do meio tem uma caixa branca no alto da prateleira, pega para mim, por favor.

Mark foi até lá, pegou a caixa e entregou a ela. Lia abriu, dentro estava seu vestido de noiva, o que ela iria usar na época que se casaria com Jack.

— É o vestido que você ia usar? — ele perguntou.

— Sim. Quero que jogue fora. Pode se livrar dele?

— Mas é bonito amor, tem certeza?

— Sim. Eu já cortei alguns pedaços na hora da raiva. — disse rindo. — Joga no lixo para mim, por favor. Eu não quero mais nada do passado, nada que nos impeça de seguir em frente.

— Isso é bom. Tá então vou levar lá embaixo. Você quer descer?

— Quero, você me ajuda?

— Ajudo, minha bebê.

Ele a pegou em seus braços e desceu a escada com ela. A colocou sentada no sofá da sala enquanto pegava a cadeira de rodas.

— Estou morta de fome, você não? — ela perguntou.

— Estou. Vou pegar algo para você.

— A Emily fez café. Liguei para a Constance ontem, ela deve estar a caminho, vem preparar o almoço e ajeitar a casa.

— Ótimo! Vou preparar café com leite para você, precisa de cálcio pra sarar logo essa perna.

— Obrigada. Estou me sentindo uma criança mimada.

— Não acostuma, hein! Brincadeira.

Os dois tomaram café juntos, depois Mark ajudou Lia a trocar de roupa e empurrou a cadeira de rodas até a entrada da casa. Ficaram sentados, ela na cadeira e ele no gramado ao lado dela.

— Quero toda manhã abrir a janela do quarto deixando o sol iluminar sua pele, levar café da manhã na cama num dia de domingo e não ter pressa em levantar. Passar o dia todo na cama sem preocupação de nada, só você e eu.

— Ai meu Deus! Deixa-me te beliscar pra ter certeza que não estou sonhando? — ela disse sorrindo.

— Pode beliscar, eu sou de verdade boba. — disse, dando um selinho nela.

Constance chegou e preparou o almoço, os dois almoçaram, depois Lia acabou cochilando no sofá da sala. Mark foi para casa. Quando Lia acordou no quarto, sentiu como se tivesse voltado a ser criança, quando pegava no sono em outros cômodos da casa e acabava sempre magicamente na cama. Não gostou apenas de uma coisa: estar sozinha.

Pôde ouvir que Constance estava no andar de baixo. Lia a chamou e ela lhe ajudou a chegar até o banheiro para tomar banho. À noite, Lia estava no quarto lendo um livro, quando foi surpreendida por suas amigas do hospital, chegaram lá para visitá-la.

— Surpresa!

— Que bom que vieram, eu estava me sentindo tão sozinha aqui. — Lia disse com a voz chorosa.

— Own tão carente essa minha amiga! Olha, eu trouxe para você, já que agora você passa mais tempo sentada e deitada, vai ser bom pra se acomodar nele. — Emily disse entregando um urso a ela.

— Que fofo! Eu amei amiga, obrigada! — Lia disse sorrindo.

— Trouxemos pizza também! Hoje à noite é só das meninas.

As amigas de Lia ficaram com ela até tarde da noite. Fizeram muita bagunça e quando Lia contou sobre o pedido de casamento de Mark, todas acharam a coisa mais fofa do mundo.

Mark enviou uma mensagem para ela, dizendo que iria chegar tarde do trabalho, então ia dormir em casa mesmo. Shay ficou feliz por Mark ter se acertado com Lia, ela não queria atrapalhar o relacionamento deles.

Os dias se passaram, Lia já estava a quase um mês com a perna engessada. Já não via a hora de se livrar logo do gesso. Pelo menos agora ela já conseguia andar com o auxílio de uma muleta.

Sua irmã Chloe estava muito animada, já que estava prestes a completar a idade tão aguardada, os dezoito anos. A festa aconteceria no Hotel *DoubleTree*, um dos melhores da cidade e ficava localizado bem próximo ao centro de Atlanta. Todos os convidados teriam que ir vestindo roupas pretas, exigência da aniversariante.

Lia ainda estava com o gesso, mas usaria um vestido longo, então cobriria.

A festa estava animada, estavam presentes a família Collins, os primos de Lia e Chloe e algumas amigas dela. Bryan também estava lá.

— Você está tão linda assim de preto. — Mark sussurrou no ouvido de Lia.

— Hmmm obrigada. E você está tão misterioso e atraente. Adoro isso. — ela disse sorrindo.

— Ah é? Que pena que não podemos dançar...

— Tudo culpa do meu cavalo. — ela riu. — Ainda bem que falta pouco tempo para tirar logo isso da minha perna. Nem sei mais como é andar normal.

— Ah, andar normalmente não é nada. Pior é ficarmos sem namorar esse tempo todo. Se é que me entende. — ele disse fazendo Lia rir.

Quando Chloe chegou, estava deslumbrante. Usava um vestido longo branco, com detalhes em renda guipir preta. Todos ficaram de pé para receber a aniversariante, que era o centro das atenções naquele momento, estava como ela gostava, com as atenções voltadas para ela.

— Você está linda! Feliz aniversário! — disse Bryan entregando uma caixa de presente a ela.

— Muito obrigada, mas os presentes você entrega ali na recepção. — disse de um jeito esnobe deixando Bryan parado ali sozinho.

— Você está linda maninha! — Lia disse cumprimentando a irmã com um beijo no rosto.

— Você também está, nem parece que ainda está com a perna quebrada. — disse rindo.
— Vocês formam um casal tão lindo, sabia? Amo vocês. — abraçou os dois e posaram para uma foto.

Chloe andava de um lado para outro no salão, cumprimentando os convidados.

Depois de quatro horas de festa, cantaram parabéns e a aniversariante cortou o bolo de quatro andares. Lia estava mais afastada conversando com algumas primas que não via a bastante tempo. Mark estava do outro lado do salão, perto do bar. Chloe aproveitou que ele estava distraído conversando, pegou um saquinho com um pozinho e colocou dentro da bebida de Mark.

— *Tim-tim!* — disse ela erguendo uma taça para o cunhado.

Ela ficou de longe observando-o tomar a bebida. Pouco tempo depois, ela percebeu que ele estava ficando sonolento, mal conseguia ficar de pé.

— Mark, você está bem? Vem, vou te levar para deitar. — ela disse apoiando o braço dele no ombro dela e caminhando até o elevador.

Chloe colocou Mark deitado no quarto em que Lia e ele estavam hospedados.

— Lia, é você? — ele perguntava sonolento.

— Sim, sou eu meu amor. — Chloe disse tirando a camisa dele e colocando-o deitado na cama.

Chloe tirou o vestido, ficando apenas de lingerie. Começou a beijá-lo, mas Mark já começava a dormir. Então, ela apenas deitou-se ao lado dele. Lia estava cansada, então foi para o quarto descansar a perna, quando abriu a porta, ficou completamente boquiaberta com a cena acabara de presenciar

CAPÍTULO VINTE E SETE



— O que vocês estão fazendo? — Lia disse com os olhos lacrimejando.

— Lia, não é nada do que você está pensando... O Mark que me obrigou a ficar aqui, ele tá louco porque tá bêbado e tá pensando que eu sou você...

— CALA A BOCA VAGABUNDA! — Lia gritou fazendo com que Chloe se assustasse. — Como você foi capaz? Você não presta.

— Lia, eu não fiz nada...

— Não se faça de vítima! Você não é criança. O Mark jamais faria isso. — ela disse chorando.

— Tudo bem, você não quer acreditar em mim que sou sua irmã. Esse aproveitador barato me seduziu, me trouxe pra cama e...

— CALA A BOCA! — Lia deu um tapa no rosto dela.

Chloe caiu e ficou sem acreditar que Lia foi capaz de fazer aquilo. Ouviram os gritos e foram até lá ver o que era.

— O que aconteceu? — Elisabeth perguntou aflita.

— A sua filha, essa vagabunda, ela estava na cama com o meu noivo! — Lia disse chorando.

— Chloe! Eu não acredito nisso!

— Como não acredita, mãe? Olha só, ela está só de lingerie. O Mark só pode estar dopado, porque ele. não acorda. — disse ela indo em direção ao noivo que estava dormindo.

— Chloe, você foi a grande decepção dessa noite, eu não esperava isso de você. Vamos embora agora!

Elisabeth levou a filha pelos cabelos, no corredor do hotel se amontoavam várias pessoas querendo saber o que estava acontecendo. A mãe de Chloe a levou pelo corredor, ela estava só de lingerie, morta de vergonha porque todos a olhavam com reprovação.

Então Elisabeth se trancou no outro quarto com a filha, deu uma surra nela como nunca havia dado antes, nem mesmo quando ela era criança.

Chloe ficou com o corpo todo vermelho, se arrependeu do que tinha feito com a irmã, era tarde demais. Lia não iria perdoar. Trinta minutos depois, Mark começou a voltar à

consciência. Lia estava sentada na cama ainda chorando. Ele esfregou os olhos para enxergar melhor.

— Lia? Por que você está chorando? — perguntou apreensivo.

— Você lembra como veio parar aqui? — ela disse o encarando.

— Eu comecei a ficar tonto, tudo parecia estar girando e você me trouxe pro quarto...

— Eu te trouxe para o quarto? Mark, tem certeza?

— Se não era você, então quem era?

— A Chloe. Eu vi vocês dois aqui deitados nessa cama. Ela estava abraçada a você. Mark, por favor, me responde. Você fez alguma coisa com ela?

— Lógico que não! Lia, eu amo você, nós ficamos noivos. Acha que eu seria capaz de... Eu nunca faria isso com você. A Chloe não passa de uma pirralha para mim, o meu irmão gosta dela.

Chloe bateu na porta, em seguida entrou. Estava com o corpo todo vermelho e ainda chorava. Elisabeth ficou parada na porta.

— Anda Chloe, peça desculpas à sua irmã.

Lia estava de braços cruzados, assim como Mark também.

— Lia...me desculpa.

— Sai daqui agora, eu não quero olhar para sua cara. — ela disse séria.

— Me perdoa, eu só queria...

— Estragar o meu noivado, não é mesmo? — Lia completou.

— Você vai me perdoar? — Chloe disse chorosa.

— Não sei, por enquanto só não quero ver essa sua cara de santa Madalena arrependida. E quer saber? Eu não vou ficar aqui nem mais um minuto.

— Lia, eu não estou em condições de dirigir, você também não pode por causa da perna... — disse Mark.

— Mãe, pode me levar para casa, por favor?

— O que aconteceu? — Richard perguntou aparecendo na porta. Ele estava no saguão do hotel, não tinha visto e nem ouvido nada.

— Pergunte a sua filha querida o que ela fez. Vai me dar carona ou não, mãe?

— Vamos. — respondeu Elisabeth.

Mark detestava a ideia de ter que entrar no carro da sogra, mas não teve outro jeito.

— Obrigada, mãe. — Lia agradeceu saindo do carro com a ajuda de Mark.

— Você vai ficar bem? — perguntou Elisabeth.

— Vou sim, obrigada.

Ela entrou em casa, sua cabeça parecia que iria explodir de tanta dor. Tomou um

analgésico, depois tomou banho e deitou. Passava das 3h da manhã. Mark a esperava, Lia estava séria, parecia não querer conversar.

— Lia, olha para mim. — ele disse levantando o rosto dela. — Você acha que eu fiz algo com a sua irmã?

Ela demorou alguns minutos para responder, tentava organizar os pensamentos.

— Não. — deu de ombros. — Eu só quero dormir, preciso de algumas horas de sono. — disse se acomodando no travesseiro.

— Quer que eu vá embora?

— Não, pode ficar aqui. — ela virou para o outro lado, apagou o abajur e tentou dormir.

Mark foi até o banheiro, tomou banho e voltou para o quarto. Se deitou ao lado de Lia, abraçou a cintura dela e deu um beijo no rosto.

Pela manhã, Lia acordou com o barulho de chuva, Mark não estava ali. Ela desceu a escada com dificuldade e conseguiu ir até a cozinha. Constance preparava o café.

— Bom dia doutora Lia.

— Bom dia. Você viu o Mark sair? — perguntou enquanto colocava o café na xícara.

— Vi sim, ele saiu cedo e disse que voltava logo.

— E ele não disse onde foi?

— Não.

Passava do horário de almoço quando Mark voltou à casa de Lia.

— Toma, você precisa assistir isso aqui. — disse, entregando um CD nas mãos dela.

— O que é?

— Você já vai descobrir. — respondeu ele.

Mark colocou o CD no aparelho de DVD, eram imagens das câmeras de segurança do hotel, onde apareciam ele sendo carregado por Chloe até o quarto.

— Não preciso ver mais nada. — ela disse segurando o controle remoto.

— Essa é a prova de que sua irmã me levou para o quarto. Eu tomei uma bebida e depois disso, comecei a perder os sentidos.

— Eu acredito em você. As imagens estão aí para provar isso.

Passaram quinze dias, Lia tirou o gesso da perna, sentia-se aliviada. No trabalho, fizeram uma festinha de boas-vindas, para recebê-la novamente. Mark quis fazer uma festa de noivado, apenas para os amigos e a família. Chloe não foi convidada e Elisabeth também não compareceu à festa. Apenas o pai de Lia, a avó e a família de Mark. A festa aconteceu em um restaurante com decoração vintage.

Apesar dos últimos acontecimentos, Lia e Mark estavam felizes e decididos que ninguém estragaria essa felicidade deles.

Às vezes a felicidade demora a bater em nossa porta, mas quando ela chegar, não tenha medo. Deixe-a entrar, arrisque! Abra a oportunidade para o novo, a surpresa, o “bem-me-quer”.

Não deixe que ninguém tire isso de você. Nem todo mundo quer sua felicidade, mas não ligue para aqueles que não torcem por você. Nem todos merecem estar ao seu lado diante das suas conquistas, mas nunca perca o sorriso, mostre que apesar de tudo, você é capaz de sorrir. O mundo precisa de amor, então comece por você. Ame a si mesmo, isso não é egoísmo. A gente só pode oferecer aquilo que temos. Se alguém te machucar, te ferir, te magoar, não se deixe abater. Mostre a eles que você é forte e abra o seu melhor sorriso. O mundo precisa de pessoas que não desistam tão fácil, principalmente do que te faz feliz.

CAPÍTULO VINTE E OITO



A festa de noivado de Lia e Mark ocorreu bem. Foi uma pequena comemoração apenas para os amigos e a família. Os dois não tiravam o sorriso do rosto, era a prova de que estavam felizes. É tão bom quando o sentimento é recíproco e com Lia e Mark era assim, sem dúvidas.

Shayene entrou com uma ação na justiça e conseguiu reaver todos os seus bens. Já Jack, havia mudado para Dallas, não ficava tão distante de Atlanta, mas para Lia foi um alívio. Longe dos olhos... longe do coração, era assim que ela pensava.

Era uma tarde de sábado, Lia estava em casa. Estava lendo um livro de medicina, quando a campainha tocou. Ela foi abrir a porta e Chloe estava ali, entrou chorando e abraçou a irmã.

— Meu Deus! O que aconteceu? — Lia perguntou aflita.

O semblante de Chloe era triste, parecia estar chorando há dias.

— Eu estou desesperada. Você não sabe o que aconteceu. — ela dizia em meio a soluços.

— Me fala por favor! O pai e a mãe estão bem? Chloe, me diz! — Lia ficou nervosa.

— Eu estou grávida! — ela disse chorando.

— O quê? — Lia ficou espantada ao ouvir o que sua irmã acabara de dizer.

— Você tem certeza? Quem é o pai? Não vai me dizer que é o Mark.

— Lógico que não, eu não tive nada com ele. — parou e respirou fundo. — É o Bryan.

— Meu Deus! — Lia colocou a mão na cabeça. — Você já contou para a nossa mãe?

— Não! E você não vai contar, por favor Lia! Eu confio em você.

— Tudo bem. — respirou fundo. — Por enquanto não vou falar nada. Tenha calma, você precisa ir ao médico. A Emily é ginecologista e obstetra, ela vai cuidar de você. Vai ficar tudo bem.

Chloe começou a negar com a cabeça, parecia a beira de perder o controle.

— Eu não vou ao médico. Não vou!

— Vai fazer o que então?

Chloe ficou pensativa, só havia uma solução em sua cabeça. Ela não poderia ter um

filho, havia acabado de completar dezoito anos e não podia deixar seus pais descobrirem o que ela tinha feito. Aquela noite depois do casamento de Brittany, ela e Bryan não se preveniram e ela não queria carregar o resultado daquela noite pelo resto da vida.

— Eu vou fazer um aborto. — falou decidida.

— Você ficou louca? Tem outra vida aí dentro de você. Eu vou te ajudar, você pode ficar aqui até falar com nossos pais.

— Eu não quero, eu não posso ter um filho assim.

Depois de muito choro, Chloe conseguiu pegar no sono. Estava dormindo no quarto de hóspedes. Mark chegou lá e Lia contou a ele o que havia acontecido, ele ficou surpreso com a notícia. Não contou à família dele porque Lia havia pedido para não contar nada por enquanto.

Na manhã seguinte, Lia abriu a porta do quarto de hóspedes, Chloe não estava lá. Pediu para Mark olhar no andar de baixo, ela também não estava em nenhum outro cômodo da casa. Quando olharam a garagem, o carro de Lia não estava lá.

— Ah meu Deus! Ela saiu com o meu carro. Precisamos ir atrás dela. — Lia disse desesperada.



Chloe parou o carro no sinal vermelho, sentia-se incomodada e ao mesmo tempo com medo porque não podia ir a um bairro como aquele com o carro de Lia, um Maserati. O carro era muito luxuoso, não tinha como passar despercebido.

Existiam clínicas de aborto muito bem localizadas e boas, mas ela não podia correr o risco de ser vista. Lia havia discordado totalmente de sua decisão, mas Chloe não precisava de mais alguém, além de seu subconsciente, lhe causando castigos mentais.

Parou na frente do prédio, o endereço batia com o que estava anotado no papel, não era alto, tinha paredes descascadas, apenas em alguns lugares era possível ver a tinta branca. A garagem era aberta e na calçada algumas crianças brincavam. A imagem lhe feriu o coração, afinal estava prestes a tirar o direito de uma criança de brincar, de viver. Entrou na garagem e parou o carro. Escorria um pouco de água da parede embolorada. As mulheres sentadas na pequena e quente sala trocavam olhares desconfiados e amedrontados. Uma mulher saiu pela porta onde Chloe entrara há quase quarenta minutos atrás, estava tão pálida quanto se era humanamente possível. Foi em direção à saída parecendo mal se aguentar em pé. Chloe não conseguia imaginar como ela iria descer as escadas já que o prédio não tinha elevador.

— Chloe Collins. — a secretária, uma senhora de aparentemente cinquenta anos, chamou do balcão mostrando a sala.

Chloe levantou, a senhora apenas lhe indicou a sala. Era sua vez.

O quarto onde o pequeno centro cirúrgico fora montado conseguia ser pior que a recepção. Chloe olhou com desprezo e nojo para a cama de metal, as paredes sujas e o homem careca lavava as mãos na pia mal instalada e amarelada.

— Pode tirar a roupa. — disse ele.

Ela olhou pelo quarto procurando um lugar para tirar a roupa, um banheiro, um biombo.

— Pode tirar aí mesmo e deixar em cima da cadeira, depois pode deitar na cama.

Chloe olhou a cadeira de madeira ao seu lado. Se sentiu um pouco humilhada e bastante envergonhada começou a tirar a calça jeans que usava, seguida da calcinha. Foi até a cama alta de metal, não havia uma toalha ou lençol, teve que deitar no metal frio mesmo.

O homem cujo rosto era enrugado, ligou o televisor perto da cama e então um aparelho embaixo dele.

— Vamos fazer um ultrassom transvaginal para ver qual método é melhor para você. Coloque as pernas aqui. — ele bateu a mão sobre o suporte de pernas de metal, que acabara de levantar.

Chloe hesitou, mas fez o que ele disse. O viu pegar o aparelho, um pequeno bastão envolto em um preservativo. O médico olhava para a tela do televisor enquanto enfiava o aparelho na genitália de Chloe. Aquilo doeu um pouco, mas ela sabia que doeria.

— O que é isso? — ela perguntou quando ouviu um barulho que parecia distante, baixo. Era algo que pulsava de maneira ágil e viva.

— Você está de aproximadamente cinco semanas, o coração do embrião já está formado. Nada que uma raspagem não resolva.



— Que lugar horrível. — disse Lia.

Mark dirigia pelas ruas sujas que abrigavam casas que pareciam prontas para desabar.

— É ali, naquele prédio. — Mark disse olhando o GPS, pois conseguiram rastrear o carro de Lia que estava com Chloe.

Eles entraram na garagem em péssimas condições e antes mesmo de estacionar completamente, Lia já havia saltado do carro. Andava rápido, quase correndo através do estacionamento. Lhe doía imaginar sua irmã num lugar horrível como aquele, fazendo um procedimento nada seguro que poderia machucá-la e matar o bebê que ela carregava.

Abriu a porta de metal do prédio que não tinha portaria, nem elevador. Começou a subir os lances de escada de concreto, passou por três andares até ver Chloe sentada em um dos degraus, encostada contra a parede. Ela levantou a cabeça e seus olhos — verdes como os de Lia — chorosos olharam para a irmã mais velha. Parecia frágil e totalmente perdida. Lia foi até ela e se abaixou ao lado dela.

— O que você fez? — tocou seu rosto molhado.

Chloe soluçou e não conseguiu dizer nada.

— Está doendo? O que fizeram com você?

— Eu não... — fungou. — Eu estava com tanto medo.

Lia a abraçou.

— Respire fundo e me diga o que aconteceu.

Chloe se afastou dela, se sentindo mais uma vez culpada. Lia era a última das pessoas que ela poderia imaginar que iria atrás dela, que a apoiaria. Chloe tinha magoado sua irmã e ainda assim ela se preocupava. Ela fez o que Lia disse, respirou fundo tentando se acalmar.

— É horrível lá dentro. Tinha uma mulher, eu acho que ela provavelmente morreu antes de sair do prédio. As paredes eram sujas e tinha uma cama de metal. — Chloe começou a soltar frases aleatórias que Lia se esforçava para entender. — Tinha algumas crianças brincando na calçada, elas pareciam felizes. Eu não posso fazer isso. Ele já tem um coração, eu ouvi, bate bem rápido para algo tão pequeno. Eu não consegui ir até o fim...

Ela voltou a chorar e Lia a abraçou novamente.

— Quero que você saiba que eu amo você, apesar de tudo. Eu vou amar ser tia e vou mimar muito esse bebezinho. — passou a mão pelos cabelos ruivos da irmã. — Agora se acalme, você pode ficar assim, isso não faz bem para vocês. — Lia disse tentando confortá-la.

— Eu quero ir embora. Estou enjoada. — falou manhosa.

— Vamos para casa, aparentemente tenho dois bebês para cuidar. — Lia a ajudou a se levantar, Mark estava encostado no carro aguardando.

Chloe olhou para ele bastante sem graça, desde a noite do aniversário dela que não se viam.

Lia dirigiu o carro dela de volta para casa com sua irmã. Mark voltou sozinho no carro dele. Quando chegaram, Chloe foi para o andar de cima da casa de Lia, tomou banho e deitou. A irmã mais velha levou uma bandeja com frutas, suco e biscoitos para Chloe.

— Você precisa se alimentar, come. — disse ela colocando a bandeja sobre a cama.

— Obrigada. —Chloe lhe deu um sorriso artificial.

Ela comeu, Lia ficou ali para se certificar que ela realmente iria se alimentar direito.

— Tudo bem se eu dormir agora? Estou exausta e comer só me deixou com mais sono.

— Claro, você precisa mesmo descansar.

Lia a deixou sozinha, Chloe deitada sobre a cama com travesseiros macios, pensou em Bryan. O bebê que carregava era fruto de uma noite impensada, não de um casamento, como a igreja dizia que deveria ser. Pensou em como seus pais reagiriam quando soubessem, a colocariam para fora de casa? Bryan assumiria a criança? A única esperança que tinha era Lia. A irmã que ela tanto tentou fazer mal. Estava arrependida, se pudesse voltar atrás, mas não podia. A realidade a atingiu, aquela noite havia trazido consequências. Pegou o celular e digitou uma mensagem.

“Preciso falar com você urgente”.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



— E agora o que vamos fazer? — Mark perguntou à Lia.

— Precisamos contar aos nossos pais e ao seu irmão, afinal, ele é o pai.

— Já estou imaginando como sua mãe vai reagir a isso... se ela já não gosta de mim, imagina agora que a sua irmã vai ter um filho do meu irmão. — ele disse balançando a cabeça em negação. — Não quero nem imaginar...

— Querendo ou não, ela terá que aceitar, é neto ou neta dela.



“O que você quer comigo? Você me tratou mal no dia do seu aniversário e agora tá a fim de papo comigo?”

Chloe bufou depois de ler a mensagem de Bryan, teria que contar pessoalmente, não era o tipo de notícia para falar no telefone. O sono começou a dominar, então ela acabou dormindo.

— Oi mãe, tudo bem? — Lia perguntou desconfiada ao telefone.

— Sim, está. A Chloe está com você? Fizeram as pazes?

— Sim. Olha, a gente precisa conversar, mas tem que ser pessoalmente.

— Lia, desse jeito você está me assustando. O que está acontecendo? O Mark fez alguma coisa?

— Não, mãe! Sempre você tem que pensar mal dele, por favor!

— Tudo bem. Amanhã, pode ser? Primeiro vou à igreja de manhã, depois então vou almoçar aí com seu pai. — disse Elisabeth.

— Ótimo!

— A Chloe está bem? — ela perguntou e Lia ficou em silêncio por alguns instantes.

— Sim, ela está. Te vejo amanhã então. — desligou.

— Agora só falta convocar seus pais. — disse ela para Mark.

— Essa é a parte mais difícil, trazer eles de Montana para cá.

Mark ligou, falou com seu pai ao telefone. Disse que Lia estava convidando para o almoço e que era para Bryan ir também. Já havia anoitecido, Lia entrou no quarto, Chloe ainda dormia. Só acordou no dia seguinte, quando Lia contou que todos estavam para chegar.

— Eu estou com medo. — disse ela.

— Eu sei, mas quanto mais adiar, vai ser pior. Confia em mim, vai ficar tudo bem. Agora toma um banho, troca de roupa, arruma esse cabelo que daqui a pouco eles irão chegar. — disse Lia saindo do quarto.

— Lia... — Chloe chamou e ela parou na porta. — Obrigada. — deu um meio sorriso.

— Você é minha irmã, pode contar comigo. — Lia voltou e abraçou Chloe, que derramou suas lágrimas.

— Me perdoa? — pediu ainda a abraçando.

— Vamos esquecer isso? Está tudo bem. — disse desfazendo o abraço.

— Lia, naquela noite quando você conheceu o Mark no hospital... eu fui a uma boate e conheci um cara que eu fiquei apaixonada e prometi a mim mesma que só iria sossegar quando ficasse com ele. Só que eu não sabia que esse cara e o Mark eram a mesma pessoa. — ela confessou e Lia ficou boquiaberta. — Lia... eu não suportei ver que você estava namorando o cara que eu conheci primeiro e ele nem havia me dado bola... confesso que eu detestei ver vocês dois juntos e olha que ironia do destino... Agora estou grávida do irmão dele. — ela Chloe desabafou fazendo uma expressão triste.

Lia abriu a boca para dizer algo, mas desistiu.

— Me perdoa por querer separar vocês, eu sei que você ama o Mark e sei o quanto ele é louco por você. Eu prometo que nunca mais vou fazer nada contra vocês. Eu voltar pra igreja, eu só não sei o que vai ser de mim e desse bebê, mas eu não tenho coragem de tirar.

— Lógico que não tem, você não é uma pessoa ruim. Você só precisa de um pouco de juízo nessa cabecinha oca. — sorriu. — Talvez esse bebê veio pra te colocar juízo, para você criar responsabilidade. Eu te perdoo, Chloe, agora vamos esquecer isso tudo, temos que pensar na sua saúde e no meu sobrinho, viu? — Lia disse sorrindo para ela.



— Por que você está bebendo? — Lia perguntou para Mark, se referindo ao copo de

whisky que ele segurava.

— Para aguentar a bomba que vem por aí... — Respondeu tomando o copo cheio da bebida.

— Se eu for pensar assim, vou ter que tomar umas três garrafas dessa aí. — Lia disse rindo.

Lia estava cozinhando, preparava o almoço e Chloe estava se arrumando. Estava nervosa e com medo do que todos iriam dizer. Teve medo que sua mãe pudesse dar uma surra novamente, mas ela teria que encarar seus pais, Bryan e os pais dele também.

— Experimenta aqui esse molho para ver se está bom de sal. — Lia disse para Mark.

— Deixa-me ver. Hmmm está bom sim, amor. Sabe o que mais está muito bom também? — sussurrou abraçando-a por trás.

Lia sorriu e virou ficando de frente para ele. Mark a beijou, colando seu corpo ao dela.

— Tão cheirosa. — ele disse beijando o pescoço dela, fazendo Lia rir.

Foram interrompidos quando Chloe entrou na cozinha.

— Desculpa, eu não queria atrapalhar...

— E não está atrapalhando, estou terminando o almoço. — respondeu Lia.

— O cheiro está ótimo, estou com fome. — Chloe disse olhando as panelas.

— Fome é um ótimo sinal. Você precisa mesmo se alimentar.

Quinze minutos depois estava tudo pronto. A campainha tocou, Mark foi abrir a porta, era o pai e a mãe de Lia e Chloe. Ele os cumprimentou e seguiram até a cozinha.

— Oi mãe, oi pai! — Lia os abraçou.

Chloe estava com os olhos saltando mais que o normal, estava totalmente insegura. Pouco tempo depois, chegaram os pais de Mark e Bryan.

Lia serviu o almoço na sala de jantar, tudo ocorreu bem. Em nenhum momento tocaram no real assunto do porquê daquele almoço assim tão repentino.

— Mãe, a Brittany está bem? Faz tempo que não falo com ela. — Mark perguntou quebrando o silêncio.

— Sim, ela está ótima. Está radiante com a notícia da gravidez, finalmente seremos avós! — Amália falou olhando para Charles.

Lia olhou para Chloe, aquele era o melhor momento para contar.

— Eu pedi que viessem aqui, porque vocês serão avós mais uma vez, não é só a Brittany que está grávida. — Lia anunciou e todos ficaram parados prestando atenção.

— Lia, você está grávida? — Elisabeth perguntou sem conseguir esconder a insatisfação no tom de voz.

— Não, mamãe. — ela respirou fundo. — Chloe, você quer contar?

Ela assentiu e então tomou coragem e falou.

— Gente, eu estou grávida. — disse e em seguida se levantou, foi correndo para o banheiro.

— O quê? Que brincadeira é essa? A Chloe nem tem namorado. — Richard, o pai dela disse.

— Pai, não precisa ter namorado para engravidar, o pai é o Bryan. — Lia disse e todos ali ficaram surpresos.

— O quê? — Elisabeth se exaltou.

— Bryan, isso é verdade? Tem alguma chance de você ser o pai? — Charles perguntou.

Bryan abaixou a cabeça e assentiu. Amália não foi capaz de falar nada, já que Elisabeth estava super nervosa e mal deixava alguém falar.

Lia olhou para Mark como se quisesse dizer “segura essa bomba aí”. Então ela foi atrás de sua irmã. Ela estava no banheiro, havia acabado de vomitar.

— Chloe, abre, sou eu.

Ela abriu a porta com os olhos lacrimejando.

— Vem, vamos enfrentar isso juntos. — Lia disse a encorajando.

CAPÍTULO TRINTA



— Agora você terá que se casar com a minha filha, você querendo ou não. Onde já se viu isso? Vocês nem namoram. Na minha casa é que não foi essa pouca vergonha. — Elisabeth disparava as palavras para Bryan.

— Se a sua filha está grávida, a culpa não é só do meu filho, ele não iria força-la a nada. — rebateu Charles.

— Tenham calma! Essa notícia nos pegou de surpresa, mas ficar discutindo não vai resolver nada. Não é o fim do mundo. — Amália tentava acalmar os ânimos.

— Não é o fim do mundo porque não é sua filha que ainda é adolescente e vai ser mãe. — Elisabeth rebateu. — A sua filha está casada e tem quase trinta anos, a minha filha não sabe nem se cuidar, como vai cuidar de um bebê? — Elisabeth estava visivelmente nervosa.

— Querida, tenha calma. Desse jeito sua pressão arterial vai subir. — Richard a acalmava.

— Não me peça para ter calma. Você não fala nada, o mundo pode desabar que para você sempre vai estar tudo bem.

— Mãe, por favor! — Lia interviu. — Se continuarem assim vou pedir para que saia, porque vocês não vieram aqui para brigar. Vieram para saber da gravidez e agora não adianta brigar, discutir porque de nada irá adiantar ou mudar essa situação. — Lia disse abraçando Chloe.

— Eu não vou aceitar minha filha ser mãe solteira. — insistiu Elisabeth.

— A senhora quer que eles se casem, mas sabe se eles querem? — Charles inquireu.

— Na hora de fazer o filho eles quiseram, não é mesmo? — Elisabeth respondeu.

— Mãe, deixa a Chloe falar, pelo amor de Deus! — Lia pediu.

— Obrigada, irmã. — ela respirou fundo. — Para que eu tenho que casar? A gente só dormiu juntos duas vezes e...

— Chloe, não precisa contar. — Bryan a interrompeu, estava tímido.

— Bryan, meu filho, você gosta da menina? — Amália perguntou.

— Eu gostava, mãe, mas ela começou a me desprezar, porque... — Chloe o olhou com repreensão porque sabia que ele iria contar que ela gostava do Mark.

— Ela começou a te desprezar por quê? — Charles perguntou para que ele continuasse sua fala.

— Porque... porque... — Bryan gaguejava. — Porque acho que ela não gosta tanto de mim como eu pensava, é isso.

— Mas então por que ela se deitou com você? Não tinha nenhum sentimento? — Amália questionou.

— Gente, por favor! Tudo bem, os dois são novos, mas a Chloe não é a primeira e nem será a última a engravidar antes da hora. Em vez de ficar discutindo, que tal apoiarem ela? É o neto de vocês que irá nascer.

— A Lia tem razão, de que irá adiantar brigar se agora ela já está grávida? — Richard concluiu.

— Eu criei essa menina na igreja não foi pra casar grávida. — disse Elisabeth emburrada.

— Sem querer me intrometer, mas eu acho que vocês devem deixar a Chloe e o Bryan conversarem sozinhos. — Mark sugeriu.

— Tem razão, amor. — Lia respondeu.

— Está certo, mas nada de conversar no quarto.

— Mãe, eu já estou grávida se é que não entendeu ainda. Então ficar sozinha com esse aí não tem perigo nenhum. — Chloe disse, fazendo com que Lia e Mark dessem risada de leve.

Chloe e Bryan foram até o quintal da casa e sentaram perto da piscina.

— Você está se sentindo bem? — ele perguntou.

— Maravilhosa, nossa, não está vendo? — ela respondeu com ironia.

— Estou falando do bebê, você sente alguma coisa?

— Não, ainda não dá para sentir, é muito pequeno. Estou com um mês.

— Eu posso tocar sua barriga?

Chloe olhou para Bryan e sorriu pela primeira vez no dia.

— Pode.

Bryan tocou a barriga de Chloe, ela deixou uma lágrima cair. Desde que descobriu a gravidez, estava fragilizada.

— Eu lembro de quando você me disse que não queria ser pai tão cedo, ainda mais de um filho meu. — disse ela e ele assentiu. — Se você não quiser, não tem problema, eu vou dar um jeito.

— Temos que resolver isso. — respondeu ele.

— Nós não temos que resolver nada. Sua participação nessa história se resume àquela noite. Eu não preciso de você, posso resolver tudo sozinha. — afirmou a última parte mesmo sabendo que não era total verdade, o “sozinha” dela era contando com Lia como

escudo.

— Você disse que vai dar um jeito... Está pensando em fazer um aborto? — Bryan questionou com a testa franzida.

Ele viu a expressão dela mudar, seus olhos tinham um grau de decepção. Chloe se levantou saindo de perto dele.

— Chloe. — Bryan a chamou andando logo atrás dela e quando ela não se virou, ele simplesmente a pegou pelo braço, encarando seus olhos verdes que combinavam perfeitamente com o cabelo ruivo e as pequenas sardas pontilhando o rosto bonito. — Imagino que você não vai fazer um aborto.

— Não, eu não vou fazer algo tão horrível apenas para que você fique livre de mim.

Bryan riu.

— Eu não estou pedindo que faça um, eu só perguntei porque achei que você iria fazer e eu não quero.

— Não?

— Claro que não, Chloe eu não sou um monstro. — ele riu. — Por mais que não estivesse nos planos, é um bebê inocente.

— Que bom... agora você pode me soltar? Está machucando. — ela falou, ainda que não fosse verdade. Queria apenas se livrar do contato dele antes que sentisse coisas que não deveria sentir, porque de certa forma gostava dele, se sentia atraída por Bryan.

— Desculpe. — ele a soltou e ela começou a pensar em saídas para aquilo.

O que faria? Casaria com ele apenas por comodismo das famílias? Como seu casamento sobreviveria com uma criança envolvida? E quando as brigas comesçassem? Eles eram tão novos.

— Por que não me contou antes? Sobre o bebê... — ele tentou soar o mais calmo possível, queria fazer perguntas e não queria deixá-la irritada.

— Eu tentei, quando te enviei aquela mensagem.

— Fui um idiota, me desculpe por isso.

Ela deu de ombros.

— Está tudo bem? Você foi ao médico?

— Fui. — mentiu quando na verdade foi para fazer o aborto. — O médico disse que ele tem quase o tamanho de um grão de feijão.

— Ele?

— Ou ela, ainda não tem como saber.

Bryan sorriu.

— Quase um grão de feijão é muito pequeno.

— Do que isso importa para você?

Bryan bufou, estava mesmo demorando para Chloe se mostrar insensível.

— Importa porque eu sou o pai e vou assumir ele. — Bryan falou decidido.

— Você vai assumir? — ela levantou uma sobrancelha para ele. — E o que exatamente isso significa? Como você vai fazer isso?

— Vou fazer o que tenho que fazer, dar meu sobrenome para ele ou ela. Podemos ter uma guarda compartilhada, ele pode passar os fins de semana comigo ou as férias. Eu não sei exatamente como essas coisas funcionam, mas é algo assim.

— Me parece bem cômodo. Você pensou em alguém além de si mesmo quando planejou isso? — questionou com as sobrancelhas ruivas arqueadas.

— Por que cômodo? Vai ficar tudo bem, vai ser mais fácil assim.

Chloe bufou.

— Mais fácil só se for para você. É de mim que todos irão falar, sou eu quem vai ser julgada enquanto você curte sua vida como se nada estivesse acontecendo. — ela prendeu os cabelos impaciente. — Eu não preciso do seu nome ou que o bebê passe férias com você.

— Do que você precisa então? O que quer que eu faça? Que eu largue tudo para ficar com você? Podemos nos casar com sua mãe apontando uma arma para a minha cabeça, como no século passado, seria interessante.

— Você é um idiota, Bryan, um grande idiota. Pode me fazer um favor? Não fale comigo. — ela virou o rosto para o outro lado, preferindo olhar para a parede do que para ele.

Chloe sentia que estava num beco sem saída, não tinha solução boa para seu problema. Ela teria que pagar o preço em qualquer uma de suas escolhas. Se ela tivesse uma escolha, aparentemente ela não tinha.

— Eu não quero ser insensível ou injusto com você. Só acho que nós dois fizemos isso e os dois têm que pagar pelo erro. Eu sinto muito se você sente que é demais para você... — disse Bryan, tentando se aproximar.

— Você não entende. Isso está sendo a gota d'água para minha família, todos vão me ver como a vagabunda que eu fui.

— Você não foi uma vagabunda... eu que sou irresistível.

Ela olhou para ele com um pequeno sorriso nos lábios. De fato, era verdade, Bryan era incrivelmente lindo. Não se parecia em nada com Mark, a pele era mais clara, os cabelos eram lisos e os olhos verdes. Ela riu como não ria a algum tempo.

— Estamos encrencados. — concluiu.

Bryan pegou na mão dela, não queria que Chloe se sentisse daquela forma, mas não queria prometer coisas que não poderia cumprir depois. Não queria se casar com Chloe apenas por causa do bebê, mesmo sentindo que no fundo fosse a coisa certa a se fazer naquela situação.

Se sentiu repentinamente covarde. Tinha medo de estar com ela, pois Chloe havia

demonstrado interesse em Mark, Bryan sabia como ela era. A noite que passaram juntos não passou de uma aventura que lhe rendera várias lembranças dos toques dela, de sua pele sob seus dedos. E agora um filho.

Ele não queria incertezas, ela também não.

CAPÍTULO TRINTA E UM



Chloe fechou a mala, partiria ainda naquele dia. Estava cansada, queria se trancar num quarto por no mínimo uma semana. Ou talvez pelos próximos oito meses restantes.

— O que tanto faz nesse notebook? — Amália perguntou para Bryan.

— Nada demais... — ele continuou olhando para os resultados do Google para sua pesquisa, como ser um pai participativo. Havia milhares de páginas.

Abriu aleatoriamente algumas delas. A maioria dizia como a mulher ficava fragilizada durante a gravidez e como era obrigação do homem ser compreensivo e estar ao lado dela.

Tudo o que sabia era que precisava tomar uma atitude, por mais difícil que fosse, já que na casa de Lia, nada havia ficado esclarecido. Sabia que Chloe partiria para Nova Iorque, ficaria um tempo na casa da avó.

— Bryan, onde você vai? — Charles perguntou ao ver o filho saindo porta afora com pressa.

Por sorte, ele conseguiu chegar ao aeroporto e o voo para Nova Iorque estava atrasado. Chloe ainda estava ali.

— Você veio aqui atrás de mim, por quê? — ela perguntou.

— Eu queria falar com você.

— Pensei que já tivéssemos falado tudo o que tinha para ser dito.

— Não resolvemos tudo. Esse bebê é parte minha também, não quero meu filho ou filha sem um pai.

— A única coisa que você vai fazer nessa história, é dar seu sobrenome para o meu filho. — disse ela.

— Nosso filho. — a corrigiu.

Ela rolou os olhos.

— Que seja.

— Você está comendo coisas saudáveis? Parou de fumar? — perguntou ele.

— Você sabe que eu não fumo sempre...

— Mas não está fumando, está?

— É claro que não. O que você é agora? Um obstetra?

— Não, eu só fiz algumas pesquisas sobre o assunto, por curiosidade e quero que você fique bem.

— Está tudo bem, eu já disse. Eu vou acabar perdendo o voo...

— Eu levo, você não pode fazer força. — ele disse se referindo a mala.

— Bryan, malas tem rodinhas.

Ele coçou a cabeça.

— Tá, eu sei.

— Então é isso, nos vemos em breve eu acho, ou daqui a oito meses.

Ele assentiu e Chloe levantou o puxador da mala.

— Não Chloe, você não pode sofrer as consequências disso sozinha.

— Não vamos voltar com esse assunto, eu preciso ir. — ela tentou ir, mas Bryan entrou no seu caminho.

— Vamos lá pra casa.

— Não Bryan, não precisa fazer isso.

— Eu preciso, eu não vou ficar bem se não fizer. — ele riu, um riso de nervoso.

Chloe o olhou pensativa, ele queria uma família? Ela se perguntava, ou era algo apenas para acalmar os acontecimentos. Será que funcionaria?

Ela chegou a respirar fundo antes de responder.

— Tá, eu vou. — falou, fazendo surgir um pequeno sorriso no rosto dele.

Quando se está num beco sem saída e magicamente surge um caminho à sua frente, você segue sem muitos questionamentos.



— Vai ser bom a Chloe ficar um tempo com minha avó em Nova Iorque. — Lia disse para Mark enquanto estavam deitados.

— Acho que qualquer lugar longe da sua mãe será bom para ela. — ele riu. — Ainda acho que ela deveria ter ido para a casa dos meus pais, ficar um tempo lá, ver se ela se adapta.

— Amor, eu conheço a irmã que eu tenho, acho meio difícil ela querer ficar com seu irmão por causa do bebê. Acho mais fácil ela querer ficar sozinha.

— Agora vamos parar de falar deles e vamos falar de nós, que tal? — ele sugeriu a

abraçando enquanto estavam deitados na espaçosa cama de Lia.

— Hmmm e o que você quer falar de nós? — disse com um sorriso.

— Falar não, na verdade fazer. — sussurrou ao ouvido dela.

— Obrigada por ficar comigo em todos os momentos. — Lia sorriu e Mark encarou seus olhos.

— Eu sempre estarei com você, quando não puder fisicamente, sempre estarei com o coração.

— Eu amo você.

— Eu também amo você. — ele a beijou calmamente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Em Montana, na casa da família Harris...

Amália e Charles receberam Chloe de braços abertos. Após o jantar, ela subiu para o quarto, ficaria no antigo quarto de Brittany. Deitou de lado na cama e fechou os olhos. Imaginou como seria sua vida dali em diante. Como seria conviver com a família de Bryan? Seriam um casal? Com certeza seria estranho no começo. Lembrava-se da última noite que tiveram, a noite que ficou grávida, como desejavam um ao outro. Com certeza existia uma brasa ali, só precisava de um tempo para virar uma chama novamente. Chloe estava quase pegando no sono quando o celular tocou. Esticou o braço até o criado-mudo e pegou o telefone.

— Oi, já chegou em Nova Iorque?

— Oi Lia, não. Eu estou na casa dos seus sogros. — riu de leve. — O Bryan me trouxe para cá.

— Olha que bom! — Lia disse animada. — Vou deixar você descansar, qualquer coisa pode me ligar. Boa noite!

— Obrigada. Boa noite!

Chloe desligou o telefone e saltou da cama até o banheiro que ficava no quarto. Olhou-se no grande espelho luxuoso, tinha uma expressão sonolenta, mas estava bem. Vestiu sua camisola favorita, de algodão com desenhos de bichinhos era bem curta e confortável. Alguém bateu na porta e ela respirou fundo antes de abrir.

— Oi. — disse Bryan parado em frente a porta.

— Oi.

— Vocês estão bem? — ele olhava fixamente para o ventre dela.

— Sim, estamos.

— Eu estive pensando... — disse ele entrando no quarto. — Você pode ficar aqui, é a única maneira de lidar com o problema que criamos, mas não acho que temos que nos sacrificar para sempre.

Chloe mal ouviu o que ele disse, as palavras “sacrifício” e “problema” estavam em sua cabeça. Ficar com ela e com o filho deles, que ele carinhosamente chamou de “problema”,

era um sacrifício? Queria saber como ele via o bebê e agora sabia.

Ela também via o filho que carregava como um problema, sentia que seus sentimentos por ele deveriam ser mais fortes. Mas machucava e até mesmo a irritava que Bryan o visse dessa forma. Mas o que realmente a preocupou foi o fato de ele ver tudo aquilo como um sacrifício. Ficar sob o mesmo teto que ela era tão difícil, tão ruim, que era como se estivesse se sacrificando?

— O que você quer dizer com isso? — Chloe perguntou tentando não deixar transparecer a mágoa.

— Eu acho que talvez pudéssemos fazer um acordo.

— Um acordo? — ela levantou as sobrancelhas. — Que tipo de acordo?

— Pensei em ficarmos juntos até o bebê completar dois anos, depois podemos fazer um acordo de guarda compartilhada e cada um seguir com a sua vida. — Bryan explicava calmamente. — Vai ser bom para todos nós, eu vou estar por perto enquanto o bebê for pequeno e vamos estar separados antes que ele ou ela tenha idade o suficiente para entender o que aconteceu.

— Parece um bom plano. — foi tudo o que se limitou a dizer. — Você pode me dar um minuto? Preciso ir ao banheiro.

— Claro. — ele falou por falar porque Chloe nem esperou sua resposta para se retirar.

Tudo o que ela conseguiu pensar enquanto despejava seu jantar na privada, o quão tola tinha sido quando aceitou ir para casa com ele. Imaginou que eles seriam uma família, não conseguia se ver no modelo de vida que Bryan tinha esboçado, vivendo sob o mesmo teto apenas por uma obrigação e com o fim do “relacionamento” agendado.

Seria melhor dizer não a ele e ficar sozinha com seu bebê? Pela primeira vez isso pareceu uma boa solução.

Respirou fundo, nunca se sentiu tão covarde. Lavou o rosto e escovou os dentes antes de sair do banheiro.

— Você está bem? Está pálida. — Bryan analisava seu rosto.

Ela sentou-se na cama e forçou um sorriso.

— Estou bem.

— Sabe, eu estive pensando...

Chloe suspirou, interrompendo o que ele ia dizer.

— Estou começando a não gostar quando você começa frases com “estive pensando” ou fala “pensei”.

— Alguém tem que começar a pensar aqui. — ele respondeu.

— É claro que tem que ser você, porque na verdade você sempre esteve pensando, o problema é que nem sempre foi com a cabeça de cima... — ela disse e Bryan sorriu.

— Eu tinha me esquecido de quão engraçadinha você é.

— É sempre um prazer refrescar sua memória. — ela disse sorrindo.

— Eu imagino que seja. - ele levantou-se. — Vou deixar você dormir.

Ela encostou a cabeça no batente da porta como se estivesse cansada.

— Me diga no que você “esteve pensando”.

— Se você não quiser morar aqui, podemos ir morar em outro lugar.

— Isso está ficando cada vez melhor. Vamos dar uma festa também? Podemos receber toda a imprensa e contar o que está acontecendo. — ela disse irônica e Bryan rolou os olhos.

— Eu venho te ver pela manhã.

Chloe se aproximou para um abraço desajeitado e forçado da parte dos dois.

— Até amanhã, descanse. — ele disse saindo do quarto.

— Eu vou.

E ela iria dormir, queria descansar até que tudo aquilo deixasse de ser real.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Na manhã seguinte, Lia foi para o trabalho, estava menos preocupada com sua irmã, já que ela estava com a família de seu noivo. Sabia que dona Amália cuidaria dela.

— Oi amiga, você sumiu esse fim de semana, nem me deu notícias. — disse Emily.

— Desculpe, eu estava com a cabeça a mil, você não sabe o que aconteceu...

— Não sei mesmo, me conta!

— A Chloe chegou lá em casa nesse fim de semana, ela está grávida.

— Sério? — Emily ficou surpresa.

— E o pai é o Bryan, irmão do Mark.

— Meu Deus! Imagino como sua mãe ficou louca. — ela disse rindo.

— Ela quer obriga-los a se casarem. Chloe está em Montana, parece que o Bryan a levou para lá. Ela estava no aeroporto pronta para ir à Nova Iorque ficar com minha avó, mas acabou indo com ele.

— Sua sogra é um amor, com certeza ela ficará bem.

— Assim espero. Bom, preciso ir. Os pacientes me aguardam. — Lia disse indo para o seu consultório.



— Chloe, sou eu. Está tudo bem?

Bryan bateu na porta do quarto e ela demorou alguns minutos para responder.

— Está, eu só... Estou cansada. — disse com a voz chorosa. — Você pode me deixar dormir? Ainda estou com sono.

— Ok. — ele continuou parado do lado de fora do quarto.

Talvez Bryan estivesse errado e ele fosse capaz de lidar bem com a situação. Talvez só

precisasse deixar Chloe se curar sozinha. Se fosse para ela passar por tudo aquilo sozinha, a razão para eles ficarem juntos se reduziria pela metade. Então ele abriu a porta do quarto e entrou, tomando cuidado para não fazer barulho. Mesmo assim ela o ouviu.

— Eu quero ficar sozinha.

Chloe estava deitada e puxou o edredom até que sua cabeça ficasse totalmente coberta. Bryan nada disse, apenas afastou a coberta e acariciou os cabelos dela.

— Eu mereço todas as coisas ruins que estão acontecendo porque eu sou uma pessoa horrível. — ela confessou chorosa.

— Não, você não é uma pessoa horrível. — ele mexia nos cabelos dela, tentando a acalmar.

Bryan a puxou, fazendo com que ela ficasse sentada na cama. Afastou os cabelos ruivos do rosto dela. Olhou em seus olhos e sorriu. Se aproximou dela e beijou seus lábios, foi um selinho demorado e carinhoso.

Tinha que estar ao lado dela, mas parecia que algo não daria certo. Precisava do que tinham e o que não tinham, que durasse pelo menos o tempo que determinaram em seu acordo. Bryan estava determinado a ficar com Chloe, mas não queria se apaixonar.

— Me deixa dormir?

Chloe deitou. Sentiu os braços dele a envolvendo e a puxando para si, a mantendo em seus braços. A mão grande e macia repousando em sua barriga e fazendo uma leve carícia, por um momento foi como se ele realmente pudesse fazer carinho no bebê ali dentro.

— Acho que dormir de conchinha não é bem o que se pode chamar de “respeitar nossos espaços”. — ela disse.

— Foda-se. — ele resmungou, o que a fez rir.

Chloe pensou que não conseguiria dormir, mas novamente pegou no sono sem sequer perceber, dessa vez completamente cercada por Bryan.



No horário de almoço, Lia juntou-se à Emily no refeitório dos médicos como de costume.

— E você e o Mark? Vão marcar a data do casamento?

— Ah, Emily não estamos pensando nisso ainda, sabe? É lógico que o amo, gosto de estar perto dele, mas eu gosto também de como estamos... — deu de ombros. — Cada um na sua casa e dizem que depois do casamento tudo esfria. Então melhor ficar assim e nos manter acesos, se é que me entende. — disse rindo.

— Bom, nesse ponto é verdade. Mas quando se encontra o “príncipe encantado”, é bom agarrar de uma vez e não soltar mais.

— Sim, tem razão. E você ainda espera o príncipe encantado?

— Ainda estou esperando, amiga, por enquanto só apareceram sapos. Acho que não nasci para casar, só pode! Até o Jack parece que vai casar, sabia?

— Eu sei, ele me contou um tempo atrás. Que seja feliz. — Lia deu de ombros.



O celular de Chloe tocou, Bryan despertou do sono e atendeu rapidamente para que ela não acordasse com o barulho.

— Alô. — ele disse baixo saindo do quarto.

— Minha filha está aí e eu quero falar com ela. — disse Elisabeth em tom autoritário do outro lado da linha.

— Sra. Collins, a Chloe está dormindo, quando ela acordar eu peço para ela ligar e...

— Diga a ela que faça as malas e volte já para casa ainda hoje.

— Ela não vai a lugar algum. Ela está bem aqui. Eu vou me casar com ela. — desligou sem esperar uma resposta.

Chloe se mexeu na cama acordando.

— Eu ouvi você falando com alguém no telefone, quem era? — ela perguntou quando despertou do sono.

— Era sua mãe. — respondeu Bryan.

— Hmm. O que ela queria?

— Ela quer que você volte para casa, mas eu disse que você não vai.

— Por que disse isso? — Chloe perguntou arqueando a sobrancelha.

— Porque eu disse que vou me casar com você. — Bryan respondeu e os olhos de Chloe saltaram no mesmo instante.

— Você disse isso para minha mãe?

— Sim. Olha, eu andei pensando...

— Hã, pensando em quê? — ela o interrompeu.

— O melhor a se fazer é a gente se casar. Porque sua mãe não está apoiando em nada e ela quer que a gente se case, não é mesmo? Então...

— Bryan, você vai casar comigo só porque minha mãe quer e...

— Não. — ele a interrompeu. — Vou me casar com você porque... porque... — ele estava gaguejando. — Porque eu quero, porque acho que vai ser melhor para o bebê.

Chloe começou a rir depois do que Bryan falou.

— Por que está rindo?

— Porque você tá nervoso e gaguejando. — ela disse sem parar de rir.

— Estou nervoso mesmo, nunca pedi ninguém em casamento antes.

— Que fofo, Bryan! Então quer dizer que você vai me pedir em casamento, é?

— Se você quiser ter um marido bonito de olhos azuis, então sim.

— Besta. — ela riu.

— Chloe, quer casar comigo?

— Que bonitinho! — ela sorriu. — Melhor o bebê ter uma família normal, né?

— Então isso é um sim? — perguntou ele.

— Acho que é sim. — respondeu ela.

— Então eu posso beijar a noiva? — Bryan perguntou se aproximando dela, estavam sentados na cama.

Chloe sorriu e balançou a cabeça em afirmação. Ele segurou o rosto dela e a beijou de um jeito calmo, que acabou com um beijo intenso e os levou até a cama. Terminaram o beijo com um selinho carinhoso.

Talvez fosse o que Chloe queria, precisava de amor, não só de cuidados. E talvez Bryan pudesse oferecer isso sem se sentir dependente dela. Mais uma vez, pensou que faria qualquer coisa para que ela e o bebê ficassem bem, e tudo o que parecia precisar fazer era deixar que Chloe se sentisse bem perto dele. Beijou seus lábios novamente e a puxou para que se deitasse em seus braços.

— Acho que estou me apaixonando. — ele sussurrou em seu ouvido, o que considerou como uma mentira branca.

O fato dele a querer, deixava Chloe surpresa e confusa, o que não impedia que ela ficasse feliz. E era bom ter um motivo para estar feliz na situação que ela se encontrava.

Bryan colou seu corpo ao dela, Chloe era quente e macia sob ele. Podia sentir o corpo dela pulsar na mesma frequência que o seu, era como se quisesse dizer que ela o queria tanto quanto ele a queria naquele momento.

Ele se livrou completamente da camisola que ela usava, visualizando seu corpo seminua. Por um momento ele pensou como se estivesse se aproveitando, fingindo que realmente estava voltando a se apaixonar por ela e obtendo sexo como vantagem. Mas estava ali, sobre ela seminua, nem mesmo que fosse o homem mais honesto do mundo conseguiria se segurar. Continuou a beijá-la enquanto a mão passeava pelo corpo dela, fazendo o que era melhor em estar com alguém.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



— Vamos descer? Já está na hora do almoço.

— Vamos, vou tomar banho antes. — Chloe respondeu, pegando o lençol e se cobrindo, para ir até o banheiro.

— Eu vou tomar banho também, lá no meu quarto. — Bryan levantou e saiu.

Chloe não conseguiu tirar o sorriso do rosto durante o banho. Passou as mãos pela barriga e pela primeira vez aceitou o fato de estar grávida. Antes tudo parecia tão complicado para se resolver e agora estava tudo parecendo mais fácil. Não tinha esperança que ela e Bryan ficassem juntos como um casal, mas agora não restava mais dúvidas.

Estavam juntos.

Ela terminou o banho e quando saiu no corredor, Bryan estava saindo do quarto dele também. Sorriram ao se encontrar, ele pegou na mão dela e desceram a escada até a sala. Ela sentiu uma tontura e viu tudo girar à sua volta, ela teria caído se Bryan não tivesse lhe segurado a tempo.

— Acho que tem alguém sentindo os sintomas da gravidez.

— Acho que sim. — ela respondeu.

Seus joelhos fraquejaram e ela queria desmaiar, mas não aconteceu, só sentiu um mal-estar. Bryan caminhou segurando a mão dela até chegarem à cozinha. Amália terminava de preparar o almoço. Chloe tinha o rosto pálido e gelado quando a mãe de Bryan a tocou.

— Você está sentindo alguma dor? — ela perguntou preocupada.

— Não, só estou tonta e fraca.

— O almoço está pronto, você precisa se alimentar bem. Meu neto ou neta precisa estar forte e você também. — Amália disse de forma carinhosa.

Chloe almoçou ali na cozinha mesmo junto com Amália e Bryan.

— Está se sentindo melhor? — Bryan perguntou.

— Um pouco, acho que daqui a pouco vou estar bem.

— Vou ligar para o meu irmão. — ele disse saindo da cozinha. — Alô, Mark. Estou ligando para dizer que consegui convencer a Chloe a se casar comigo. — ele riu. — Está tudo bem, tranquilize a Lia, ela não precisa ficar preocupada.

— Ótimo! Direi a ela, obrigada por avisar e parabéns pelo casamento. — respondeu Mark e desligou.

Ele virou para o lado e falou com Lia:

— O Bryan acabou de ligar, disse que está tudo bem. A novidade é que meu irmão e sua irmã irão se casar.

— Fico mais tranquila que resolveram se casar, porque eu estava muito angustiada, com medo que a Chloe quisesse tirar o bebê de novo. — Lia respondeu.

— Ela está segura lá com meus pais e meu irmão. Você precisa relaxar. Vou encher a banheira para você.

Os dois entraram na banheira coberta de espuma, Mark pegou uma garrafa de vinho branco e duas taças.

— Eu não posso beber muito, tenho plantão à noite. — disse ela.

— Não precisa beber muito, é apenas para relaxar um pouco, meu amor. — ele disse beijando o rosto dela.

— Então tá.

Mark se aproximou, pegou a taça da mão dela e a beijou. O beijo foi se intensificando, ele apertava seu corpo contra o dela, Mark apertou as coxas de Lia e ela afastou o beijo.

— O que foi? — ele perguntou sem entender.

— Nada, só estou me sentindo indisposta.

— Está me rejeitando? — a encarou séria.

— Não amor, apenas estou me sentindo indisposta. — ela olhou para ele. — Esses dias têm sido complicados... toda essa história da minha irmã com seu irmão, eu não consigo pensar em mais nada.

— Tudo bem, só quero que você relaxe.

Eles saíram da banheira, Lia se aninhou em sua cama, pediu para Mark deitar-se ao seu lado. Sentia-se tão cansada que pegou no sono na velocidade de alguém que não dorme há dias. Mark a observou enquanto ela dormia, ocasionalmente passando os dedos entre seus cabelos escuros. Lia estava cansada.

Na casa da família Harris, Chloe também dormia, a tontura tinha ido embora, mas a fraqueza continuava presente. Bryan se preocupava com ela mais do que já se preocupava com qualquer outra pessoa. Nunca tinha imaginado ser pai tão cedo, agora Chloe carregava um filho deles, era inacreditável pensar a respeito. Sentia-se protetor em relação a tudo que envolvesse aquela criança. Queria ser um bom pai, assim como o dele era para ele.

Na noite seguinte, Lia resolveu passar no trabalho de Mark para dar um oi.

— Ele não trabalha mais aqui. — disse o homem do outro lado do balcão.

Lia ficou surpresa, por que ele havia saído do trabalho e não comentou nada com ela? Então ela foi para casa, não entendeu porque seu noivo agiu assim.

Ela havia acabado de tomar banho, estava se preparando para dormir. A campainha tocou, ela foi abrir a porta, era ele. Mark segurava uma garrafa de champanhe.

— Está melhor? — ele disse a olhando.

— Estou, era só cansaço, mas pra que champanhe? — ela disse apontando para a garrafa nas mãos dele.

— Porque hoje é dia de comemorar! Consegui um emprego numa empresa legal. — ele disse indo em direção à cozinha para pegar as taças.

— Hmmmm que maravilha! E a empresa é de quê?

— É no ramo de contabilidade em um escritório.

— Parabéns amor, fico muito feliz, viu? — ela disse o beijando.

Havia uma alegria, uma paixão, um brilho nos olhos de Lia. Seus lábios se juntaram num beijo calmo, ele colocou as mãos em seus cabelos fazendo um carinho protetor.

Ela colocou as mãos em volta do pescoço dele, passando as unhas de leve em sua nuca. Pausaram o beijo e ela sorriu, reaproximou seus lábios novamente, dessa vez com um beijo mais intenso, suas línguas pareciam estar numa disputa acirrada. Mark colocou as mãos nas costas dela, subindo e descendo deixando seus corpos totalmente colados, o que fez deixar a mente livre de quaisquer pensamentos. Ele rapidamente a segurou em seus braços, levando Lia até o quarto no andar de cima.

— Nada melhor que comemorar uma boa notícia fazendo amor. — ele sussurrou ao ouvido dela.

Em Montana, não se falava outra coisa a não ser o casamento. Chloe estava sendo mimada por Amália, sua futura sogra. Queria dar de tudo para ela comer. As duas conversavam sobre o casamento e o bebê.

— Acho que podemos reformar o quarto da Brittany para o bebê e colocar uma cama de casal no quarto do Bryan, para vocês. — disse ela animada.

— Sogra, podemos ir com calma, ainda nem sabemos se é menino ou menina.

— Sim, eu sei, mas já vou falar com um decorador amigo do Charles, ele foi quem decorou a casa. Quero um quarto bem lindo e aconchegante para o meu netinho.

Bryan havia acabado de chegar da faculdade, carregava uma pequena caixa e entregou nas mãos de Chloe.

— Abre.

Chloe sorriu, puxando o laço de fita amarela.

— Comprei branco porque não sabemos ainda se é menino ou menina. — Bryan disse referindo-se ao sapatinho de bebê que estava nas mãos de Chloe.

— É lindo, amei. Obrigada. — disse dando um selinho nele em seguida.

Após o jantar, Chloe e Bryan foram para o quarto se deitar.

— Amanhã a gente pode ir ao cartório dar entrada nos documentos para o casamento.

— ele disse enquanto se acomodava ao lado dela na cama.

— Prefiro mesmo que a gente se case antes que minha barriga esteja enorme.

— Sim, vai ser melhor. — ele depositou um beijo carinhoso no rosto dela.

— Espero que nosso bebê só puxe de você a inteligência, porque eu sou muito mais bonita que você. — ela disse fazendo Bryan dar uma gargalhada.

— De onde tirou isso? Vai ser um garotão igualzinho a mim.

Chloe riu começando a arrumar o cabelo dele.

— Sabe, quando penso no bebê, a maioria das vezes acho que é uma menina. — disse ela.

— Tomara que não seja chata como você. — Bryan levou um tapa no braço. — Você quer fazer uma aposta então?

— Não, nem precisa apostar. Vou ter o prazer de te mostrar o ultrassom e dizer que é uma menina.

— Ou um menino.

— Se você acha. — ela rolou os olhos. — O que você sente quando pensa no bebê? Você sente que o ama? — Chloe perguntou olhando para Bryan.

— Mas é claro, Chloe.

— Você acha que sente pelo bebê o que os outros pais sentem por seus filhos?

Bryan olhou para ela como quem a analisa.

— Você não ama o bebê? — ele perguntou e ela bufou.

— A questão não sou eu, é você. — ela disse e Bryan ficou pensativo.

— A princípio não, eu não o amava, na verdade não sentia nada. Não consigo explicar o que senti quando soube que você estava grávida, talvez um pouco de decepção. — ele gesticulava enquanto falava. — Foi assustador, eu não conseguia colocar as coisas em perspectiva, só pensava no que deveria fazer. Bastou que eu me acostumassem com a ideia para começar a imaginar esse bebê e perceber que eu o amo.

Chloe tinha os olhos marejados. Tudo o que queria no mundo era se sentir como ele se sentia em relação ao bebê, as coisas agora pareciam mil vezes mais fáceis. Ela moveu os dedos pela barriga, a mão de Bryan pousou sobre a dela.

— E pensar que pensei em tirar a vida dele. — ela disse em tom triste.

— Se você não o amasse teria levado o aborto até o fim.

— Não levei porque fui covarde. — confessou.

— Tem certeza disso?

Ela se lembrou do que sentiu quando ouviu o coração de seu bebê bater, em como naquele momento se tornou automaticamente incapaz de fazer qualquer coisa que tivesse a possibilidade de machucar.

— Talvez você ainda não tenha o maior amor do mundo, mas você o ama. — ele beijou o rosto dela. — Vamos dormir? — ele disse e ela assentiu.

— Vou lá embaixo dar boa noite a todos, volto já.

Ela levantou-se e escovou os dentes, esperou algum tempo para que Bryan voltasse e quando ele demorou, ela acabou pegando no sono. Ela acordou no meio da noite, acordou com os movimentos de Bryan, ele puxava a coberta para cobri-la.

— Você parecia com frio. — disse Bryan.

— Que horas são?

— Quase meia-noite. Eu disse que ia voltar àquela hora, mas acabei ficando lá embaixo jogando cartas com meu pai e minha mãe. Desculpe, nem vimos a hora passar.

— Você ganhou pelo menos?

— Não, perdi todas as vezes. Quase apostei nosso bebê.

— Bryan! — Chloe exclamou em tom de bronca e riu.

— Eu ia apostar, mas só valia coisas que poderiam ser pegas no momento. Uma pena que ainda não tenha nascido.

— Você é um idiota. — ela beliscou seu braço sob as cobertas e riu.

— Adoro ver você rir, mesmo quando você também está me beliscando.

— Você me faz rir.

— Fico feliz por isso. Volte a dormir, vou dormir aqui com você. Boa noite. — ele disse dando um selinho nela.

Por mais que as circunstâncias não fossem as melhores, eles estavam bem agora.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



No dia seguinte, Bryan e Chloe foram até o cartório e marcaram a data do casamento para dois meses seguintes. Brittany já estava com a gravidez mais avançada que Chloe, ela esperava um menino. Ela e o marido estavam de folga e foram até Montana visitar a família, anunciando que o bebê se chamaria Charles Neto, em homenagem ao Sr. Harris.

Elisabeth e Richard viajaram até Montana, foram visitar Chloe, na verdade Elisabeth estava curiosa para saber como era a casa, queria saber se a filha estava bem. Lia também foi, estava com saudades da irmã e também da família de Mark.

— Vejo que é uma bela casa. — disse Elisabeth assim que o táxi parou em frente.

— Mãe, você veio por curiosidade para saber como é a casa deles, não é? — Lia inquireu.

— Também. Eu me preocupo com sua irmã, eu queria me certificar que ela está bem, ora. — Elisabeth se justificou e Lia riu.

Chloe estava contente, ficou feliz em ver sua família. O fato de estar grávida realmente havia mudado o jeito dela ser, estava mais sensível e carinhosa.

— Eu trouxe alguns presentes para o bebê. — Lia entregou algumas sacolas para Chloe.

— Obrigada, Lia. — ela sorriu e abraçou a irmã.

Todos conversaram sobre os preparativos do casamento. Chloe queria apenas se casar no cartório, mas Amália insistiu que deveriam fazer uma festa. Elisabeth também concordou e ficou acertado que tudo seria mesmo na casa da família Harris. Elisabeth morria de vergonha que a filha casasse grávida na cidade em que moravam, preferiu que ela ficasse mesmo em Montana, lá ninguém a conhecia. Passaram o dia juntos, voltaram para casa no mesmo dia. Mark não havia ido, estava trabalhando no emprego novo. Lia voltou para Atlanta e foi dormir no apartamento de Mark.

— Oi minha linda e como foi lá? Estão todos bem? — ele perguntou após dar um selinho nela.

— Sim, foi tudo bem. Minha mãe se comportou por um milagre. Você precisava ver como a Chloe e o Bryan estavam felizes. Parece que realmente estão se dando bem.

— Hmm que bom. Parece que esse bebê veio para colocar juízo na cabeça da sua irmã.

— Verdade.

Lia dormiu lá com ele, no meio da noite, Mark recebeu uma ligação e precisou sair. Tentou não fazer barulho para não acordar Lia.

Durante a madrugada, Lia se mexeu na cama e não sentiu o corpo de Mark. Acendeu o abajur e o viu caminhando em sua direção.

— O que foi? Tá sem sono? — ele disse sentando na cama.

— Acordei e senti sua falta.

— Estou aqui. — ele disse mexendo nos cabelos dela.

— Eu tive um sonho, ou melhor... um pesadelo. Foi tão ruim. — Lia soluçou, a voz não conseguia passar pelo nó que se formara em sua garganta. Sentia medo.

Mark a abraçou, envolvendo-a em seus braços grandes como quem segura um bebê.

— Fica aqui. — ela sussurrou.

— Eu estou aqui. — ele disse tentando confortá-la. — Eu estou aqui porque você me faz te amar.

Lia sorriu feliz por receber uma resposta sincera.

No dia seguinte, ela foi para casa, precisava trocar de roupa e ir para o hospital. Mark estava seu apartamento, quando ouviu a campainha tocar, foi abrir a porta. Era sua sogra, Elisabeth. Ele não escondeu a surpresa ao vê-la ali e ela fez questão de mostrar o quanto não gostava dele; estava escrito em seus olhos.

— Quanto você quer para sumir da vida da minha filha? — foi o que ela disse assim que Mark abriu a porta.

— É o quê, senhora Collins? — ele perguntou franzindo a testa.

— Você tem problema de audição ou algo do tipo?

— Eu não quero seu dinheiro e muito menos aceitaria sua proposta.

— Você só trouxe problemas para a minha família. Será que quinhentos mil dólares te fazem mudar de ideia, Mark?

— Só me fazem mudar de ideia em relação ao que eu pensava sobre você. A senhora é ainda pior do que eu pensava. Passar bem. — ele fechou a porta e ficou indignado pensando em como Lia era diferente da mãe.

Resolveu que não ia contar nada a ela, porque com certeza discutiriam e ficaria cada vez pior o relacionamento entre elas.

As semanas passaram voando até que chegou o dia do casamento de Bryan e Chloe. Era sábado, Lia e Mark foram para a casa da família dele. Mark tentou disfarçar o “clima ruim” entre ele e Elisabeth, ela aprovando ou não, jamais terminaria com Lia só para atender os caprichos da mãe dela.

A casa da família Harris estava lotada. Brittany já exibia a barriga de cinco meses de gestação, estava uma correria na casa, muitas pessoas para se arrumarem. Bryan estava no quarto se aprontando. Mark bateu na porta, entrando em seguida para falar com seu irmão.

— Como se sente? Prestes a pôr os pés no altar e daqui a pouco sendo pai. — Mark perguntou.

— Estou nervoso. Tenho medo de dizer não na hora e a Elisabeth puxar uma arma para mim. — disse rindo.

— É, não demos sorte com a sogra, mas a boa notícia é que ela não mora aqui perto. — Mark disse.

— Deus me livre! — Bryan riu, fazendo uma cara engraçada. — Sabe, confesso que no início decidi me casar com a Chloe só por causa do bebê, mas agora depois que ela ficou grávida, ela está diferente. Estou voltando a gostar dela.

— Que bom, espero que sejam felizes. Imagino como meu sobrinho vai ser bonito. E pelo visto eu serei o último a casar e ser pai. — Mark disse rindo.

— Não seja por isso, ligue para a cegonha e encomende um bebê para você e a Lia.

— Não, ainda não. Tudo tem o momento certo.

— Momento para quê? — Lia disse aparecendo na porta.

— Uau! Está maravilhosa, meu amor. — Mark disse indo em direção a ela e selando seus lábios. — Olha, a noiva que me desculpe, mas você está muito linda, viu? Você fica ainda mais linda de vermelho. Com certeza mais bonita que a noiva. — Mark sussurrou ao ouvido de Lia e ela sorriu antes de ir ver como estava sua irmã.

— Como está se sentindo? — Lia perguntou à Chloe.

— Eufórica e ansiosa. — ela sorriu em frente ao espelho.

— O vestido ficou perfeito em você, nem parece que está grávida.

— Obrigada, me ajude com o véu.

Lia a ajudou, encaixando o diadema que prendia o véu.

— Está linda! Vamos? Aposto que os convidados estão com a bunda doendo de esperarem sentados nos bancos duros da igreja. — Lia disse e Chloe riu.

A capela ficava próximo à casa da família Harris, mais parecia uma muralha, cercada por muros altos cobertos com plantas cuidadosamente podadas que impedia a visão de qualquer curioso. Do lado de dentro, a igreja estava decorada com lírios, um extenso tapete vermelho que levava até o altar coberto com pétalas.

O noivo esperava no altar e o pianista estava a postos, o que indicava que a noiva estava prestes a chegar. As lágrimas no rosto de Lia vieram de forma natural quando viu sua irmã entrar na igreja vestida de noiva. Chloe olhou para os convidados, alguns sorriam, outros se emocionavam. A cerimônia ocorreu bem, Lia e Mark foram os padrinhos. Depois foram para a festa, uma pequena comemoração apenas para as famílias e amigos mais próximos.

— Já não aguento mais ter que sorrir para todo mundo e fingir que está tudo bem, quando na verdade meus pés estão espremidos dentro do sapato, será que podemos ir embora? — Chloe reclamava com Bryan.

— Seria bom demais mesmo se você estivesse tão bem como parecia. — ele riu. — Vamos embora.

Lia e Mark preferiram ficar em um hotel, não era tão longe da igreja.

— Foi uma festa bonita, não foi? — Lia comentou com Mark enquanto trocava de roupa.

— Foi sim. — ele concordou assentindo.

— Imaginei quando for o nosso casamento. — ela disse aproximando-se dele e o beijando.

Pouco tempo depois, ela estava dormindo como um anjo ao seu lado e ele não conseguindo fazer outra coisa a não ser olhar para ela. Palavras vieram à sua cabeça enquanto a admirava. Saiu da cama com cuidado para não acordá-la. Sentou-se na cadeira que estava no quarto e ficou olhando-a e escrevendo tudo o que vinha a sua mente. Não precisou se esforçar para preencher de palavras duas pequenas folhas.

— Mark. — Lia chamou seu nome de forma quase audível, a mão rastejando sobre o lençol em busca de seu corpo e encontrando o vazio. — Mark. — chamou novamente, dessa vez alto e o tom desesperado de sua voz o fez largar tudo e ir até ela.

Ela abriu os olhos assim que ele tocou seu rosto. Olhou para ele parecendo perdida e assustada.

— Está tudo bem, estou aqui. — ele se deitou ao lado dela e a puxou para seu peitoral nu, envolvendo-a com seus braços. — Teve pesadelo?

— Sim. — ela tinha a voz rouca.

Sonhar com Mark já era quase uma rotina, desde que se separaram da primeira vez, já havia sonhado mil maneiras diferentes dele a deixando, o pior é que quando acordava ele nunca estava ao seu lado. Diferente daquele momento.

— Promete que não vamos nos separar de novo?

Ele viu o tom ansioso que ela tinha, a ânsia de que ele a promettesse.

— Eu prometo que vou fazer de tudo para que isso não aconteça. — ele afirmou.

Ela se aninhou ainda mais contra ele e ele a abraçou mais forte. Queria acreditar na promessa dele, mas era como se ele estivesse prometendo fazer um bolo sem farinha.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



Os meses passaram, Chloe estava com quatro meses de gestação, ela e Bryan estavam indo para a consulta com a obstetra.

— Você não vai ganhar, vai ser menina. — Chloe afirmou segura de sua intuição.

— Vamos logo, estou louco para ganhar a aposta. — Bryan falou enquanto esperava Chloe no carro.

— Vamos logo, não aguento mais de curiosidade. — disse ela fechando a porta do carro.

Chloe estremeceu quando o gel gelado caiu sobre a pele de sua barriga. O aparelho de ultrassom deslizou, guiado pela mão da obstetra.

— Você vai querer saber o sexo hoje? — perguntou a médica.

— Sim. — ela sorriu com expectativa.

— Então vamos tirar as medidas e ver se está numa posição boa para descobrirmos. — a obstetra sorriu gentilmente.

Chloe olhava para a tela do ultrassom e tentava ver algo entre os borrões, o barulho forte e constante do coração saía baixo pelas caixas de som.

— Está com onze centímetros e pesando mais ou menos oitenta gramas. Está com a perninha na frente do sexo. — a médica informou.

— É uma menina, está tímida óbvio. — brincou Chloe.

Os olhos de Bryan estavam vidrados na tela, ele nem piscava.

— Vamos tentar algo, talvez mexa... — a obstetra apertou com delicadeza a barriga de Chloe, o bebê se agitou na tela, mexendo os braços e pernas que mal tinham tamanho.

— Parece que alguém ganhou a aposta. É um menino, já tem um nome?

— Sim. Significa “aquele que é amado”. David. — Bryan disse sorrindo para Chloe.



— A Chloe acabou de me enviar uma foto do ultrassom. Teremos um sobrinho, David.
— Lia disse para Mark.

— Gostei do nome. — Mark disse enquanto colocava as malas no carro.

Estavam prestes a completar um ano juntos, a ideia da viagem veio de Mark, queria fazer uma viagem só ele e Lia, faria uma surpresa para ela. Viajariam de Atlanta para Los Angeles de carro. O que seria considerado uma loucura, já que passariam aproximadamente trinta horas dentro do carro, mas claro, fariam uma parada.

— Acho que sou louca de me render à essa sua ideia doida de fazer essa viagem longa de carro, sabia? — Lia disse enquanto colocava o cinto de segurança.

— Eu sei amor, mas vai ser divertido. Garanto que quando chegarmos, você não vai se arrepender.

Mark não viu um buraco a tempo, passou por cima, o carro trepidou, o que para ele não significava nada, mas Lia reclamou a seu lado.

— Desculpe. — ele pediu, fazendo uma cara engraçada para ela não brigar com ele.

— Ok. — ela o olhou de lado e riu ligando o rádio do carro.

Ela começou a cantarolar uma música do Justin Bieber que tocava e Mark ria da forma que ela gesticulava com as mãos.

— Você é tão engraçada, amor.

— Eu sei. — ela concordou sorrindo. — Falta muito para chegarmos?

— Claro, Lia. Estamos há apenas uma hora na estrada, vem muito chão pela frente ainda.

— Então para o carro, por favor.

— Lia, mal estamos na estrada e...

— Você pode parar a droga do carro?!

— Tá bom! — ele disse bufando. — Você está bem?

— Estou só com uma imensa vontade de fazer xixi.

— Deveria ter posto um fraldão, né? — ele riu de seu próprio comentário.

— Besta. — fez uma careta para ele.

— Vamos ali naquela lanchonete então. — ele disse apontando.

— Ótimo, assim podemos tomar também um milk-shake antes de continuar a viagem.

Após pararem na lanchonete, seguiram viagem, Lia ficava impaciente, não gostava de passar muito tempo na estrada.

— Não se irrite amor, quero você bastante feliz, estou preparando uma surpresa, garanto que irá gostar. — ele disse enquanto pararam num sinal de trânsito.

Mark a beijou calmamente e passou a mão por seus cabelos de forma carinhosa, do jeito que gostava de fazer e ela adorava. Seguiram pela estrada afora, Lia acabou cochilando, a noite caiu e eles pararam para dormir em um hotel. Lia não gostava muito de viajar durante a noite, achava as estradas perigosas, ainda mais porque Mark gostava de dirigir em alta velocidade.

— Amanhã cedo continuaremos a viagem. Melhor a gente dormir para acordarmos bem-dispostos. — Mark disse abraçando Lia enquanto se acomodavam na cama do hotel.

— Boa noite meu amor, eu te amo.

— Boa noite meu bem, eu também te amo. — disse após dar um selinho carinhoso de boa noite nela.

Pela manhã, tomaram café e seguiram com a viagem, Lia olhou para o horizonte, uma cidade já se desenhava ao longe.

— Falta muito? — perguntou ela fechando os olhos e encostando-se melhor no banco do carro.

— Não, estamos chegando. Estamos entrando na cidade já.

Lia observou pela janela a movimentada cidade de Los Angeles. Ela já havia ido ali, mas fazia muito tempo que não visitava a cidade. Adorava as praias e o clima tropical. Mark virou em uma rua residencial, ela observava as casas, principalmente onde Mark estacionou na frente. A decoração era em madeira, com grama na frente e uma piscina que ia contornando a frente da propriedade. No meio da piscina, dois coqueiros que arrematavam o destaque da fachada.

— Mark? Pensei que iríamos para um resort, um hotel, sei lá. Que casa é essa? — perguntou franzindo a testa.

— Essa é a nossa casa. — Mark disse sorrindo.

— Tá de brincadeira?

— Estou. Vamos invadir a casa e a qualquer momento o dono pode chegar e nos colocar para fora. — ele disse irônico.

— Aff, sem graça. Não precisava falar assim também.

— Desculpa amor. — ele pediu, a abraçando por trás. — Toma as chaves, é nossa casa. Aqui será o nosso cantinho quando a gente quiser fugir de tudo, aqui será o nosso refúgio.

— Own amor, é linda demais. Obrigada. Você sabe como eu amo a Califórnia?

— Sim, eu sei. Por isso escolhi aqui, sei que você gosta de Los Angeles, a cidade dos anjos.

— Você é muito fofo, quero te morder. — ela disse beijando ele.

— Morde cachorrinha. — ele falou rindo.

Caminharam até a entrada da casa, já estava decorada, tudo em tons pastéis, era uma decoração sofisticada. Lia se agradou muito do que viu, a casa era aconchegante e grande. Tinha a cara do casal. Sentiu como se Mark realmente a conhecesse, tudo ali era exatamente como ela gostava.

— Então, o que achou? — ele perguntou a abraçando e beijando seu ombro carinhosamente.

— Simplesmente tudo perfeito. Estou louca para cair naquela piscina. — ela disse animada.

— Então vamos agora mesmo. — ele a pegou no colo indo em direção ao jardim.

Os dois caíram na piscina do jeito que estavam de roupa mesmo.

— Sabe, parece que estamos no paraíso. — Lia disse enquanto passava os braços em volta do pescoço dele ainda dentro da piscina.

— Me fez lembrar uma música. — ele começou a cantar para ela, sussurrando em seu ouvido.

And baby you're all that I want

(Querida você é tudo que eu quero)

When you're lyin here in my arms

(E quando você está deitada em meus braços)

I'm findin' it hard to believe we're in heaven

(Quase não consigo acreditar que estamos no paraíso)

And love is all that I need and found it there in your heart

(E amor é tudo o que eu preciso e encontrei em seu coração)

It isn't too hard to see we're in heaven

(Não é tão difícil de ver que estamos no paraíso).

Lia sorriu, amava aquela música, *Heaven*, de Bryan Adams.

— Essa música é tão linda. — Lia confessou sorrindo.

— Realmente. Então pode ser a nossa música, todo casal tem que ter a sua música, não é? — ele perguntou e Lia assentiu.

— Amor, essa casa é tão bonita, deve ter custado uma fortuna.

— Custou mesmo. Eu gastei parte das minhas economias, mas não paguei à vista. Agora estou ganhando bem no trabalho novo. Acho que precisávamos de uma casa, porque você tem a sua, eu tenho o meu apartamento, mas essa é a nossa.

— Eu amei, muito. Lembra de quando começamos a namorar e eu te disse que você é aquela surpresa boa que poderia ter aparecido antes, mas eu também nunca fui muito

pontual. Chegamos no horário certo um pro outro?

— Lembro sim. — ele assentiu.

— Espero que essa surpresa boa nunca acabe, porque eu não costumo ter sorte no amor e quando tudo começa a dar certo...

— Shhhh! — ele a interrompeu. — Para com isso, Lia. Para de ter medo do futuro. Eu estou aqui com você na nossa casa, será que podemos curtir esse momento sem nos preocupar com coisas que você fica fantasiando?

— Me desculpe. É que é tão bom quando estamos juntos, não quero que acabe nunca.

— E não vai acabar, ok? — ele disse acariciando o rosto dela.

— Ok. Agora podemos sair da piscina, estou morrendo de fome.

— Sim, podemos. Teremos que sair para comer em algum lugar, acho que na geladeira só tem água.

Os dois saíram da piscina e trocaram de roupa.

— Me deixa dirigir seu carro? Você já dirigiu em toda a viagem, hein?! — Lia pediu.

— Hmm, eu tenho um ciúme danado desse carro, só eu dirijo, mas vou abrir uma exceção hoje. — Mark falou entregando a chave do carro a ela.

— Obaaa! — ela sorriu e deu um selinho nele.

— Espero que possamos chegar vivos até o restaurante. — ele disse rindo.

— Engraçadinho, eu dirijo bem, tá? Nunca fui multada.

— Tem certeza?

— Tá, algumas vezes já fui, sim ok. Mas já faz muito tempo.

— Sei, podemos ir ao Rainbow Grill, que tal? — Mark sugeriu.

— Ótima escolha. Eu gosto do clima vintage de lá.

Os dois almoçaram, depois caminharam de mãos dadas na beira da praia, sentindo a brisa bater no rosto bagunçando os cabelos. Passaram o dia todo fora de casa. À noite tomavam vinho sentados na varanda, olhando o céu e as estrelas. Fazia calor, uma típica noite de verão na Californiana.

— Sabe, vivemos com medo de nos perder, mas às vezes se perder não é uma má ideia... se for para se perder em um abraço ou um beijo. — Lia disse enquanto Mark a envolvia em seus braços.

— Estamos aqui, agora. Podemos apenas sermos felizes com isso? — ele perguntou afastando o cabelo do rosto dela.

Lia assentiu sorrindo.

— Não é tão difícil de ver que estamos no paraíso. — ela disse o beijando, fazendo referência à letra da música.

Mark a pegou em seus braços, indo em direção ao interior da casa e fechando a porta

com o pé. O que sentiam um pelo outro era forte e verdadeiro e Lia morria de medo que tudo pudesse acabar. Sempre foi assim em sua vida amorosa, quando tudo parecia estar indo muito bem, de repente acabava.

— Desse jeito vamos acabar quebrando a cama. — ela disse sorrindo enquanto Mark estava por cima dela beijando seu corpo.

— Não vai quebrar, é bem resistente. — ele sussurrou ao pé do ouvido dela, e já podia ver o prazer estampado em seu rosto.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



— Porra! Desculpe o palavrão, mas você é tão gostoso. — Lia disse enquanto deitava sobre o peitoral de Mark.

— Eu sei que sou. Minha mãe me dava mel na mamadeira quando eu era pequeno, aí cresci e fiquei essa gostosura. — ele disse de forma divertida e Lia caiu na gargalhada.

— Eu amo seu senso de humor.

— Eu sei, eu sou uma gracinha. — disse rindo. — Tô brincando. Você sim é uma preciosidade e confesso que tenho um ciúme danado de você.

— Ah é? Hmmm bom saber. — ela riu. - Sabe, eu queria tanto que minha mãe gostasse de você assim como a sua gosta de mim.

— Amor, não liga pra discordância dela não... As más línguas falam mal, as boas provocam orgasmos. — ele sussurrou ao ouvido dela, o que fez Lia se arrepiar.

— Uau! Eu seria capaz de ter um agora mesmo só com você falando essas coisas.

— Ah, é? Hmm eu posso te dizer mais coisas assim. — disse sorrindo de um jeito malicioso.

Pela manhã, Lia dormia profundamente, depois da noite “movimentada” que ela e Mark tiveram.

Mark espirrou pela milésima vez, a garganta coçava e ele estava com medo de ter um ataque alérgico enquanto dirigia. A frase “mar de rosas” tinha adquirido um outro sentido para ele a partir daquele dia. Estava cercado por vinte buquês de rosas e todos cor-de-rosa, empilhados no banco de trás e no do passageiro ao seu lado. Se aquela não fosse uma prova de amor, não sabia o que mais seria. Achou extremamente cafona, o que fazia com que pensasse que combinava perfeitamente com eles. Iria espalhar as flores pela varanda da casa em frente a porta e quando Lia abrisse, ficaria encantada. Ele sabia que ela gostava de coisas assim e ele gostava de vê-la feliz.

Lia acordou e olhou em todos os cômodos da casa procurando por Mark. Não o encontrou e quando abriu a porta de entrada da casa, teve a surpresa de ver a varanda coberta de flores. Mark segurava um dos buquês e a entregou. Recebendo um sorriso largo de Lia.

— Feliz trinta de junho, o dia que começamos a namorar. — ele disse sorrindo para ela.

Era incrível como um ano havia passado depressa.

— Que coisa mais linda! Eu achei que você tinha esquecido. — ela falou sorrindo.

— Eu não esqueço de nada, meu bem. — ele a beijou de forma carinhosa, um beijo demorado e intenso.

— Eu amo você! — ela disse assim que terminaram o beijo.

— Eu também amo você, muito. — ele passou o dedo polegar sobre as maçãs do rosto dela fazendo um carinho.

Passaram o dia todo sem fazer nada, aliás, fizeram sim e foi no quarto a maior parte do tempo. Era uma espécie de lua de mel adiantada.



Os meses se pareceram voar, e Chloe já estava com sete meses de gestação, ela e Bryan se davam bem, brigavam às vezes como todo casal, ela sentia ciúmes dele porque chegava à noite em casa quando vinha da faculdade. Mas a maior parte do tempo, era mimada por ele. O quarto do bebê já estava decorado. Brittany estava à espera do seu bebê também que poderia nascer a qualquer momento.

— O que é isso? — Bryan perguntou enquanto se deitava ao lado de Chloe.

— Isso o que?

— Sua barriga no meu quadril. Está... sei lá, vibrando? — ele disse e Chloe riu.

— Você consegue sentir? Eu pensei que ninguém mais pudesse sentir, só eu.

— Sentir o quê?

— Bryan, o que tem na minha barriga? David, claro.

— Isso foi ele chutando?

— Não, ele provavelmente está fazendo um show, ele talvez seja uma estrela do rock.

— Chloe falou e Bryan riu.

— É tão legal sentir. — ele colocou a mão na barriga dela, acariciando.

Um mês depois, Charles Neto nasceu, o bebê de Brittany e Calvin. Era branquinho e tinha olhos verdes como os da mãe. Amália e Charles foram correndo para a maternidade assim que souberam que a filha estava prestes a dar à luz.

— Ele é lindo filha, como está se sentindo? — Amália perguntou enquanto olhava a filha amamentar seu bebê.

— Muito feliz. Calvin está radiante, nunca o vi tão feliz assim.

— Espero que essa felicidade continue depois que o pequeno Charles for para casa e começar a passar as noites em claro e não deixar vocês dormirem. — Charles disse rindo.

— Querido, não precisa desanimar a nossa filha. — Amália disse olhando em reprovação. — Daqui a pouco será Chloe, os bebês de vocês terão quase a mesma idade.

— Já avisou ao Mark que o bebê nasceu? — Brittany perguntou.

— Avisei sim, ele e Lia estão chegando daqui a pouco. Lia está de plantão hoje no hospital. — respondeu Charles.

A noite, Mark e Lia foram à maternidade visitar Brittany e o bebê. Mark adorava criança, ficou todo encantado quando segurou seu sobrinho no colo.

— Parece que alguém tem habilidade com crianças, hein! — Brittany disse para Lia referindo-se à Mark.

— É, estou vendo. Ele é lindo Brittany, parabéns.

— Obrigada, a sua irmã e meu irmão Bryan também terão um bebê em breve, agora só falta você e o Mark.

— Ah, não. É bebê demais para uma família só. Por enquanto estamos só treinando, vamos só curtir os sobrinhos. — Lia respondeu com um sorriso.

No dia seguinte, doutora Lia estava em seu consultório, Emily entrou para falar com ela.

— Lia, o Jack casa nesse fim de semana em Dallas, ele me enviou o convite, o que você acha?

— Ué, vai amiga. Não há problema algum quanto a isso. Eu não tenho mais sentimento algum em relação a ele. Mark e eu estamos superbem. Já estamos planejando outra viagem para a Califórnia nas férias. Desejo apenas que o Jack tome jeito e seja feliz com a mulher dele.

— É? Tá, então eu acho que vou. Você não vai, né?

— Lógico que não, Emily. Eu não fui convidada e mesmo que tivesse, eu não iria. O Mark não pode nem ouvir falar o nome dele, tem ciúmes até hoje. E digamos que minha relação com o Jack não foi muito boa nos últimos tempos.

— Tudo bem, se eu for, te conto depois como foi. Vou pra minha sala, até mais.



Algum tempo depois, Chloe estava em casa, começou a sentir uma dor forte na parte baixa da barriga, seus sogros não estavam em casa. Sentiu medo quando foi ao banheiro e viu que estava sangrando.

— Ah meu Deus, vai nascer! — ela foi rapidamente até o quarto, pegou o celular e ligou para Bryan.

— Chloe? Está tudo bem?

— Não, não está. Estou apavorada, David vai nascer. Aiii!

— Fica quietinha aí, já estou indo!

Demorou cerca de quinze minutos para que Bryan chegasse em casa.

— Graças a Deus cheguei a tempo! Você está bem? Vamos logo para a maternidade.

Ele ajudou sua mulher a entrar no carro.

— Será que você pode ir mais depressa? — Chloe dizia enquanto Bryan dirigida até a maternidade.

— Está chovendo, o vidro do carro está embaçado, tenha calma.

— Não me peça para ficar calma, não é você quem está sentindo contrações. Aiiii — ela dizia nervosa.

— Deus me dê paciência, Senhor! Tomara que nosso filho não tenha esse temperamento igual o seu.

— O que você disse?

— Nada, eu disse que já estamos chegando.

Na maternidade, levaram Chloe para a sala de parto, Bryan ligou avisando os pais dele e também os pais de Chloe.

— Como ela está, filho? — Amália perguntou assim que chegou.

— Está lá dentro, ela estava nervosa e parece que a pressão arterial subiu. Sabe como ela é né? Então não me deixaram assistir o parto.

— Vai ficar tudo bem meu filho, daqui a pouco você estará com seu garotão nos braços. — Charles disse o confortando.

Poucos minutos depois, a médica apareceu segurando o bebê nos braços.

— Bryan? Esse é o seu filho. — disse a médica que aparentava ter uns cinquenta anos.

Bryan sorriu e pegou o bebê nos braços.

Dizem que as mulheres se tornam mães assim que descobrem a gravidez, já os homens, se tornam pais assim que veem o filho pela primeira vez. E Bryan se sentia assim, agora se sentia como um pai.

— Meu filho, é meu filho, olha. — ele disse olhando para Amália e Charles.

— Ele é lindo. É a sua cara, filho. — Amália, a vovó coruja falou enquanto observava seu netinho.

A médica levou David para o berçário, Chloe foi para o quarto e Bryan entrou para vê-la.

— Como está se sentindo? — ele perguntou sentando-se perto dela.

— Muito cansada, na verdade exausta. Foi muito mais fácil ele entrar na minha barriga, do que sair.

— Imagino. Ele é tão lindo, ele se parece tanto comigo. — Bryan disse e Chloe riu de leve. — Minha mãe vai ficar aqui com você, eu vou para casa, amanhã cedo eu volto para ver você e o nosso pequeno príncipe. Ah, avisei seus pais, amanhã eles devem chegar de manhã. — Bryan disse depois deu um selinho carinhoso nela.

— Obrigada. — ela sorriu.

— Descanse. — ele disse sorrindo e saiu do quarto.



— Olha amor, minha mãe enviou uma foto do David. — Mark disse mostrando o celular para Lia.

— Own que coisinha mais fofa! É tão perfeitinho, parece até um boneco.

— É lindo mesmo, também não é pra menos. Na família Harris só tem gente bonita. — Mark afirmou e Lia começou a rir.

— É engraçado, mas é verdade. Concordo com você. É uma pena que não podemos ir visitar logo o nosso sobrinho, tenho que trabalhar amanhã e não dá tempo de ir e voltar.

— Eu também não posso ir, só no fim de semana. Vamos dormir?

— Sim, vamos. Boa noite.

Pela manhã, Lia acordou, Mark não estava no quarto. Havia um bilhete sobre o criado-mudo.

“Precisei sair cedo, a gente se vê à noite.”

Lia ficou pensativa, vez ou outra Mark dava algumas saídas repentinas e misteriosas. Pensou se ele teria outra mulher, mas não conseguia imaginar isso. Lógico que não era isso, pensou que seja lá o que fosse, ela iria descobrir.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



Bryan não desgrudava os olhos de David. Não que os outros bebês na pequena sala da maternidade não fossem bonitos, mas ele só tinha olhos para um. Um que tinha os olhinhos fechados e parecia o menor de todos. Bryan foi até o quarto onde Chloe estava, ela tinha os olhos fechados, estava pálida e parecia dormir um sono profundo, mas abriu os olhos quando ele se aproximou.

— Você está bem? — perguntou a ela pegando em sua mão.

— Estou. — Chloe assentiu.

— Eu estava com David. — ele sorriu, um misto de felicidade e orgulho. O que a fez sorrir também.

— Eu quero vê-lo. Ele está bem? Quase não me deixaram vê-lo assim que nasceu.

— Ele está bem, está dormindo no berçário.

Ouviram alguém bater na porta, eram Elisabeth e Richard foram visitar Chloe e o bebê. Logo depois a enfermeira levou David enrolado em uma manta azul. Elisabeth apesar de bancar sempre a “dura” se derreteu toda ao ver o netinho.

— Ele está bem? Não é pequeno demais? — perguntou Elisabeth, teve a típica preocupação de mãe.

— Não, ele é perfeitamente saudável. Nasceu pesando três quilos e duzentos, quarenta e oito centímetros. — respondeu a enfermeira.

Elisabeth assentiu e olhou o rostinho rosado. Era incrível como alguém tão pequeno conseguia transmitir tanto amor.

Chloe segurou seu bebê, ele resmungou e o rosto antes tranquilo, ganhou uma expressão de choro.

— Ei, David... não chora filho. — Chloe falou com a voz doce e o menino parou imediatamente, parecendo curioso ao ouvir a voz da mãe.

Bryan pegou a mãozinha pequena e deixou que o filho segurasse seu dedo. Estava se sentindo um bobo e estava amando esse sentimento. No final da tarde, Chloe e David receberam alta, Bryan os levou para casa.

Lia após o expediente, foi até o apartamento de Mark, não o avisou que iria, quis pegá-lo de surpresa. Ele abriu a porta e a recebeu com um beijo carinhoso.

— Vim preparar o jantar. — ela disse sorrindo.

— Olha, uma cozinheira à domicílio. — ele riu.

— Faz tempo que não cozinho, Constance sempre deixa tudo pronto lá em casa. — ela comentou caminhando até a cozinha.

— Fica à vontade amor, vou ficar ali no quarto porque tenho algumas coisas para fazer no laptop.

— Algum problema?

— Não, só umas coisas chatas do escritório, meu chefe pediu para eu ver.

— Tá bom.

Quarenta minutos depois, tinha a mesa posta com estrogonofe, shitake grelhado e salada verde.

— Mark? O jantar está pronto. — Lia anunciou aparecendo na porta.

— Estou indo. — ele respondeu indo em direção à ela.

Jantaram, Mark ajudou com a louça, depois estavam no quarto, Mark ainda concentrado em seu laptop, enquanto Lia conversava através de mensagens com sua irmã Chloe. Lia levantou-se da cama e abriu o guarda-roupas de Mark, em busca de uma camiseta dele para ela dormir. Foi quando se deparou com algo que a deixou sem saber o que dizer.

— Mark, o que é isso? — a voz soou trêmula

— Lia, não mexe nas minhas coisas.

— Eu achei que não existia segredos entre nós.

— Fica longe disso, já falei.

— Por que isso agora?

— Porque sim, não se mete nisso. Esquece o que você acabou de ver.

— Você está me assustando Mark.

— Eu não sou quem você pensa que eu sou.

Lia engoliu em seco.

— Mark, está me assustando. — Lia falou mais uma vez com os olhos fixados nele.

— Calma amor, sou eu. Você está com medo de mim? — ele disse dando um passo à frente.

— Mark, não encosta em mim. — Lia estava com a respiração ofegante.

— Lia, por favor, tenha calma. Não é nada do que você está pensando.

— Então me diz, me fala logo. — ela já sentia seus olhos lacrimejando.

Será que o que mais temia estava prestes a acontecer?

— Você não podia saber agora. — ele respirou fundo, passando a mão nervosamente

pelo cabelo.

— Mark, por favor, me conta. — ela estava com os olhos marejados, as vistas estavam embaçadas.

— Tudo bem. — ele suspirou. — Senta, por favor.

Lia sentou em um lado da cama e Mark do outro. Ele contou tudo o que ela queria tanto saber. Parecia não acreditar em nada do que ele dizia, mas acreditou. Sabia que era verdade, por mais absurdo que pudesse parecer. Começou a ligar os fatos e se sentiu usada por ele. Precisava dele, era uma necessidade, se sentiria perdida sem ele. Depois de tantos planos, estavam noivos, como tudo acabaria assim?

— Você me enganou esse tempo todo. Eu me sinto uma idiota. — ela secava as lágrimas insistentes — Eu sempre tive a impressão que você escondia algo, só que eu não imaginava que era isso.

— Lia, por favor, tenta entender. Eu te amo...

— Um amor construído em cima de mentiras? — ela elevou a voz — Que tipo de amor é esse que esconde segredos? — ela disse voltando a chorar.

— Não me faça sentir pior do que já estou.

— Pior do que você já está? Você me usou, me enganou. — ela riu irônica. — É claro... casa em Los Angeles, esse apartamento aqui, carro de luxo... com o salário de barman você não teria tanto conforto assim.

— Lia, falando desse jeito, parece que eu sou o quê? A porra de um monstro? Caramba! — Mark estava nervoso porque sabia que quando ela descobrisse a verdade ficaria exatamente como estava agora: revoltada.

— Eu não sei, já não sei mais o que você é ou o que representa para mim.

— Lia, você falando assim, parece que sou um monstro.

— Você pode ser o que você quiser, para mim tanto faz. — ela esbravejou caminhando até a porta e colocando a mão na maçaneta. Mark a impediu de abrir a porta.

— Onde você vai?

— Vou para a minha casa e não quero que você vá atrás de mim.

— Eu não vou te deixar sair sozinha a essa hora. — ele disse ficando em frente a porta, impedindo a passagem.

— Mark, me deixa passar por favor.

— Você vai voltar? — seus olhos castanhos estavam nos verdes dela.

— Você quer que eu volte?

— Quero. Lia, eu escolho você — segurou o rosto dela —, eu preciso de você.

— Não me faça chorar. — os olhos dela estavam lacrimejando.

— Eu não quero te fazer chorar. — Mark a abraçou puxando-a para si. — Você não precisa chorar, nós vamos ser felizes. Eu quero me casar com você.

— Às vezes, dizer a verdade piora as coisas. Você mentiu para mim, então como posso confiar em você? — Lia desfez o abraço.

— Meu amor, eu só quis te proteger o tempo todo.

— É incrível quanto estrago pode ser feito quando se quer “proteger” alguém.

— Me desculpe. Eu não sou perfeito, mas não quero ser acusado pelo o que não fiz.

— Ótimo, você pode ser acusado pelo que fez. Tudo era um plano desde o começo? Foi tudo feito de caso pensado? Você não me ama, não é?

— Lia, me escuta. — Mark segurou o rosto de Lia entre suas mãos fortes — Eu me apaixonei por você de verdade. Quando estamos juntos, cada parte do meu corpo diz que é a coisa certa. Só porque as coisas não estão do jeito que você planejou, não significa que não estão do jeito que deveriam ser. — sua respiração ofegante se misturava a dela — Eu não posso fingir que não existe nada entre nós.

— As coisas estavam muito boas entre nós, mas agora está horrível. Por favor, não venha atrás de mim. — Lia confessou, secando as lágrimas e saiu, se desvencilhando das mãos dele.

Lia foi até o estacionamento do apartamento onde Mark morava, entrou em seu carro e quando estava prestes a sair, viu Mark correndo em sua direção.

— Lia, por favor, não vá embora assim. — ele pediu para ela abaixar o vidro do carro, no entanto,

Lia ignorou, respirou fundo e deu partida com o carro.

Chegou em casa chorando, ligou o chuveiro e tomou um banho quente. Só queria deitar e dormir até que tudo estivesse no lugar novamente. Pensou em tantas coisas, parecia que seu cérebro não parava de trabalhar. Pensou em ligar para Emily, ou para sua avó. Seriam as pessoas mais indicadas para conversar naquele momento, mas achou melhor esfriar a cabeça, no dia seguinte conversaria com alguém. Sempre foi honesta com Mark, ele sabia de tudo sobre a vida dela. É por isso que as pessoas ficam tão desapontadas com a vida, ficam esperando que os outros façam o que elas deveriam estar fazendo. E o pior é que nunca esperamos ser decepcionados, ou pelo menos não por quem tanto amamos.

Mark também não conseguia dormir, pensava se Lia não iria mais querer vê-lo. Se pudesse voltar no tempo, mas não era possível. Tinha que esperar um tempo até as coisas se acalmarem entre eles. Esperar o tempo que ela precisava.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



No dia seguinte, Lia foi ao trabalho, mas resolveu não contar nada a ninguém o que havia acontecido na noite anterior. Fingiu que estava tudo bem.

No fim de semana, Lia e sua avó Madeleine foram até Montana visitar Chloe e o pequeno David, então ela aproveitou a oportunidade para conversar com Amália, a mãe de Mark.

— Não diga nada a ele que eu conversei com a senhora.

— Fique tranquila, Lia, gosto de você como gosto da minha filha. Mark ama você, não duvide disso. Eu me preocupo muito com ele, mas você sabe como ele é... quando coloca algo na cabeça, não há quem tire. — respirou fundo — Assim também é com você, ele não vai se esquecer facilmente. Sabe, é tão mais fácil lidar com as pessoas quando nos colocamos no lugar delas. O que gostaríamos que as pessoas fizessem ou dissessem? Como gostaríamos que elas se comportassem? Então é exatamente isso que devemos fazer. Dê um tempo a ele, vocês ainda precisam conversar, não digo apenas porque ele é meu filho, mas porque eu sei que você o ama e ele sente o mesmo por você.

— Obrigada, Sra. Harris. — Lia disse assentindo.

— Não, para você eu sempre serei sogrinha. — ela sorriu e Lia a abraçou.

Com o coração mais aliviado, foi ver o sobrinho.

— Chloe, ele é tão lindo, tão fofo. — Lia disse baixo enquanto segurava seu sobrinho que dormia em seu colo.

— Realmente é, mas essa fofura toda acaba quando ele começa a chorar, viu? Tão pequeno, mas tão bravinho, você tem que ver. — Chloe disse sorrindo.

— Igual você. — a mais velha riu. — David é a melhor coisa que você fez até hoje, maninha.

— Não tenho dúvidas. Você precisa ver como o Bryan é um pai babão. Ele chega do trabalho e já vem logo querendo pegar ele no colo. — Chloe comentou sorrindo e Lia entregou o bebê para ela.

Na viagem de volta para casa, Lia contou tudo para sua avó, que acabou dando o mesmo conselho que Amália. Ouvir. Precisava ouvir mais de Mark, e se ela o amava, eles se amavam, então por que não ficarem juntos?

— Vamos fazer o seguinte, amanhã viajo, tenho um evento para ir. Semana de moda

em Londres, você vai comigo e com a minha assistente Jessica, que tal? Será bom para você, irá distrair a cabeça, conhecer pessoas novas, hein?! — disse Madeleine tentando animar a neta.

— Mas e o meu trabalho, vovó?

— Daremos um jeito e você irá comigo. — ela sorriu e Lia deitou a cabeça no ombro de sua avó. Estava precisando de colo.



No dia seguinte, Lia estava em Londres com sua avó, tomavam cappuccino em uma cafeteria e conversava com Jessica assistente de Madeleine. Ficaram conversando, o celular de Lia vibrou e seu coração vibrou junto quando viu o nome Mark aparecer na tela de seu iPhone.

“Queria te ligar agora, ouvir sua voz. Conversar sobre os livros de John Green e tentar descobrir se a culpa é mesmo das estrelas. Mas estamos separados, lembra? Talvez demos de cara com a parede, só assim vamos entender o quanto é difícil ficarmos longe um do outro.”

Foi inevitável conter o sorriso. Lia chegou a digitar uma mensagem em resposta, quando viu que ele estava online desistiu. Apagou tudo, ainda precisava de um tempo para pensar no que dizer a ele. Talvez um tempo longe, embora já estivesse a alguns dias sem contato.

O fim de semana em Londres foi como um refúgio. Amava estar com sua avó e agora que acabara de conhecer Jessica, conversaram sobre os desfiles, modelos e coisas que Lia não estava tão acostumada. Foi bom para se distrair, precisava realmente desviar o foco do que tanto incomodava seus pensamentos nos últimos dias.

À noite, após o desfile, Lia estava na suíte luxuosa do hotel com sua avó. Ela usava uma camisola longa preta com detalhes de renda no busto, estava folheando algumas revistas de moda, da qual sua avó era a chefe executiva. As duas tomavam champanhe e conversavam, Madeleine conversava com Lia sobre a revista que traria Katy Perry na próxima capa.

— Vai ficar linda vó, com certeza. A Katy é maravilhosa.

— Ela realmente é. — Madeleine assentiu.

As duas conversavam e riam, até que o telefone do quarto tocou, Madeleine atendeu.

— Ok, pode mandar subir. — ela disse ao telefone.

— Quem é vó? — perguntou Lia.

— Você já vai saber. — ela respondeu indo em direção à porta do quarto e saindo.

Lia ficou apreensiva, pensou quem estaria chegando. Quando se deparou com o homem alto e forte entrando pela porta, confirmou suas suspeitas, era ele. O homem que seus pensamentos tentavam evitar nos últimos dias. Mark ficou parado apreensivo, temendo a reação de Lia. Sem hesitar, ela o encarou e ele sorriu para ela, instantaneamente brotou um sorriso nos lábios de Lia. Ela levantou-se da cama e foi ao encontro dele, que a abraçou de um jeito carinhoso acariciando suas costas, enquanto ela tentava o abraçar ainda mais forte se possível.

— Duas pessoas que se amam tanto devem ficar juntas. — ele disse ainda a abraçando.

Lia afastou-se dele e encarou seus olhos cor de whisky.

— Então, quer conversar sobre os livros de John Green e tentar descobrir se a culpa é mesmo das estrelas? — ela disse e ele sorriu.

— Não, as estrelas podem esperar, mas nós não. Agora eu quero conversar sobre você e eu. Mas antes, preciso te dar um beijo, preciso que se sinta confortável comigo como antes, porque eu te amo.

Lia não disse nada, apenas deixou se envolver. Ele a beijou, sua avó apareceu na porta tentando espionar os dois. Sorriu ao ver que eles tinham se acertado.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



No dia seguinte, Mark e Lia já partiriam de volta à Atlanta.

— Então, estamos juntos novamente? — ele perguntou enquanto caminhavam pelas ruas de Londres.

— E por que haveríamos de não estar? Não foi você mesmo quem disse que, quando duas pessoas que se amam tanto devem ficar juntas? — ela sorriu e Mark entrelaçou suas mãos.

Uma pessoa pode enfrentar problemas difíceis hoje e amanhã, esses mesmos problemas podem deixar de existir ou de ter tanta importância.

Alguns meses passaram, Chloe já não era mais aquela menina boba que tentava sempre atrapalhar a vida da irmã. A maternidade fê-la amadurecer. Bryan realmente gostava dela e ela gostava dele também. Elisabeth já não se preocupava mais tanto com a filha, sabia que ela estava bem, tinha um marido que a amava e um filho que era a razão de ela ter mudado tanto. Chloe se dava bem com os sogros, eram como pais para ela. David já estava com seis meses de vida, em um fim de semana, Chloe estava com seu bebê na casa de Lia. Elisabeth e Richard também estavam lá. Bryan chegaria depois, assim que saísse do trabalho. Ele estava dando aulas de matemática (que era sua paixão). Lia estava com o sobrinho na cozinha, enquanto dava papinha para ele.

— Vem cá com a mamãe, meu lindão! — Chloe pegou o filho no colo e começou a brincar com ele. — Lia, vou ter que sair rapidinho, o Bryan me ligou e pediu que eu fosse tirar um dinheiro. Você pode olhar o David por um instante?

— Claro, eu cuido desse sapequinha. — Lia respondeu sorrindo, pegando o sobrinho do colo da irmã.

— Obrigada, eu já volto. — ela foi até Mark que estava ao lado de fora da casa. — Mark?

Ele olhou para a cunhada.

— Você pode me levar a um lugar? Eu iria sozinha, mas pode me levar de carro, assim volto mais rápido?

— Claro. — ele assentiu e foi em direção ao carro.

Minutos depois, a televisão da sala estava ligada no noticiário e ninguém assistia. Elisabeth desligou a TV e pouco tempo depois, Bryan chegou e se deparou com sua sogra com cara de poucos amigos.

— Aconteceu alguma coisa? — ele fez a pergunta sem precisar de resposta, pela expressão de Elisabeth e Richard, era óbvio que havia acontecido algo.

— Sente-se. — disse Richard.

Lia ia em direção à sala levando o sobrinho no colo.

— Parece que está havendo um assalto no banco no centro da cidade. — disse Elisabeth.

— E o que temos a ver com isso? — Bryan perguntou, mas seu semblante mudou quando se lembrou que havia pedido à Chloe para retirar um dinheiro no caixa eletrônico. — Chloe está lá, não está?

— Ela e Mark. — Elisabeth respondeu.

Lia se sentiu aflita assim como Bryan.

— Não tem mais notícias? — Lia perguntou e Elisabeth negou com a cabeça.

— Vimos pela TV, o prédio está cercado pela polícia, os assaltantes estão mantendo as pessoas como reféns.

— Eu vou lá. — Bryan disse nervoso enquanto passava as mãos pelo cabelo.

— É perigoso Bryan, não vá! — disse Elisabeth, enquanto Lia não conseguia pensar em nada. A imagem de sua irmã com o bebê no colo, não parava de se repetir em sua cabeça. E a imagem de Mark a abraçando.

— É a minha mulher, a mãe do meu filho e o meu irmão. Eu vou. — disse Bryan desesperado.

— Eu vou com você. — Richard o acompanhou.

— Nós brigamos ontem... — a voz de Lia saiu como um sussurro fino, a garganta fechou como se alguém a segurasse. A ideia de Mark correndo risco a desesperava e sua irmã Chloe mais ainda.

— Eu vou até lá. — Lia falou decidida.

— E vai ajudar no quê? — Elisabeth a interrompeu — Sua irmã e o seu noivo já estão lá correndo perigo, não vou permitir que você também corra. — Elisabeth falou fechando a porta. — Vamos apenas orar e esperar a ligação de seu pai ou Bryan. — Ela parecia consideravelmente calma, mas só ela sabia como seu coração estava apertado.

Ela pegou David do colo de Lia e abraçou o neto.

— Alguns dias atrás eu estava brincando com Mark, falávamos que quando tivermos um filho quais nomes colocaríamos na criança. — Lia fungou e lágrimas caíram de seus olhos.

— Vocês ainda vão fazer isso. — Elisabeth disse abraçando a filha.

O celular de Elisabeth tocou e ela se apressou para ver quem era.

— É o seu pai. — ela disse antes de atender a ligação. — Alô? Não consigo te ouvir, está fazendo muito barulho aí.

Lia a observou em silêncio, o coração batendo como se já estivesse em sua garganta.

— Soltaram os reféns. — Elisabeth falou aliviada. — Tiros? Como assim?

Lia contorcia as mãos em seu colo de nervoso. Só queria saber se seu noivo e sua irmã estavam bem. Elisabeth levou a mão aos lábios parecendo surpresa e atordoada.

— Aconteceu algo com eles? — Lia teve que perguntar antes que passasse mal de nervoso.

— E Mark? Como ele está? Traga-o para casa. — ela olhou completamente perdida para Lia.

— Mãe, Mark se machucou? — ela mal tinha forças para perguntar.

Elisabeth precisou de um momento para se focar, o cérebro demorando para processar a resposta.

— Ele está bem, Mark está bem. Chloe está morta. — Elisabeth falou de repente. — Houve uma troca de tiros entre a polícia e os bandidos...

— Chloe o quê? — Lia pareceu tão surpresa quanto sua mãe momentos atrás.

Ela sentiu como se uma pedra estivesse quase a esmagando. Queria ver sua irmã, queria estar com ela. Lia estava atordoada, tinha passado a manhã conversando com a irmã, parecia inacreditável que ela estivesse morta. Elisabeth foi para o jardim, caiu prostrada de tanta dor que sentiu em saber que havia perdido sua filha caçula. Lia não aguentou ver a cena, foi para o andar de cima e colocou David deitado na cama. Ele estava dormindo. Ela deitou ao seu lado e chorou, mas parecia um pesadelo, não queria acreditar que aquilo era verdade.

Elisabeth chorava e gritava tanto que do andar de cima Lia conseguia ouvir e ainda fazia com que ela chorasse ainda mais. Pouco tempo depois, desceu a escada e foi em direção à sala de estar onde ouvia vozes. Lia pôde sentir a vibração fúnebre no seu pequeno paraíso chamado de lar. Estavam todos em volta de Bryan, que estava sentado no sofá branco da sala, curvado e com o rosto escondido nas mãos. Elisabeth passava a mão por suas costas enquanto Bryan soltava soluços ocasionais. Richard estava do outro lado e também chorava a morte de sua filha. Mark estava encostado contra a parede, observando tudo como quem não quer se envolver, ou já se envolveu tanto que não suportava mais. Olhou para Lia assim que notou sua presença e foi até ela.

— Onde está David? — ele perguntou e Lia apontou para o andar de cima.

Lia o acompanhou, Mark viu o sobrinho deitado na cama dela, deixaram a luz acesa e encostaram a porta. Mark a encarou do lado de fora do quarto, seus olhos escuros afundando nos claros dela. Mil coisas passando pela mente de ambos, mas não conseguiram pronunciar nada. Mark se aproximou dela e fez o que de melhor era possível naquele momento, a abraçou.

— Sinto muito Lia. — ele disse enquanto a abraçava de um jeito forte, um abraço bem apertado.

— Eu fiquei com tanto medo. — Lia disse com a voz embargada pelo choro.

— Eu só pensava em você o tempo todo. Eu pensava que não podia morrer e

abandonar você. — Mark tocou o rosto dela enxugando as lágrimas que se amontoavam ali. — Agora olho para Bryan e vejo o quanto ele está sofrendo e acho que apesar de tudo, ele ainda está sendo forte. Eu não consigo imaginar como eu ficaria se perdesse você. Eu te amo Lia, te amo muito.

— Eu também amo você. — ela o beijou, queria ficar abraçada a ele por horas se pudesse, por dias, semanas, meses e anos.

Queria estar com ele até o último de seus dias.

CAPÍTULO QUARENTA



Ninguém conseguiu dormir aquela noite. Mark ligou para seus pais avisando do acontecido, e eles chegaram o mais rápido que puderam. O corpo de Chloe foi levado para Rome, onde seria velado, afinal, era a cidade onde ela tinha nascido e onde seus pais moravam. Elisabeth teve que ser carregada pelo marido, a pressão arterial subiu e estava muito nervosa. Bryan já não conseguia mais chorar, estava apenas calado, sentado ao lado do caixão sendo amparado por sua mãe e sua irmã Brittany. Lia foi quem ficou o tempo todo com o sobrinho no colo. O enterro foi muito triste, depois Mark levou os pais, o irmão e o sobrinho até o aeroporto, partiriam de volta para Montana.

— Como foi lá? — Lia perguntou referindo-se à família de Mark voltando para casa.

— Triste, né. — ele respondeu.

— Tem certeza que não quer ir para Montana?

— Tenho. — ele falou em definitivo.

— Eu vou ficar bem, se você quiser ir... ou eu posso ir junto.

— Não, está tudo bem. — beijou os lábios dela, se ajeitou na cama ao seu lado e deixou que ela o abraçasse. — Vamos dormir, o dia foi longo.

Ela assentiu e fechou os olhos. Na verdade, tentariam dormir e pela expressão de Mark, ele não dormiria. E aquela não seria a única noite que ele passaria em claro. Afinal, o sono não suporta o peso e não existe nada mais pesado que a consciência.

1 mês e meio depois...

Desde a morte de Chloe, Lia não era mais a mesma, estava quase sempre triste e Mark também. No aspecto bom e ruim disso, com certeza ele havia se tornado um companheiro melhor para ela, não que antes não fosse, mas agora eles eram um casal mais completo. Ele era carinhoso, cuidadoso, prestativo e sempre dizia que a amava. No entanto, algumas vezes era como se algo sombrio e melancólico tomasse conta dele, suas noites em claro eram uma amostra disso. Lia, a princípio, achou que provavelmente era algum trauma por ele ter assistido a morte da cunhada.

— Você está bem? — Mark falava com o irmão ao telefone.

Independente da resposta que Bryan desse para ele, Lia já sabia que Mark ficaria estranho pelo resto da noite depois daquela ligação. Ela tinha mil teorias sobre o porquê daquilo, talvez ele apenas se compadecesse do irmão. Mas isso não lhe traria pesadelos à noite. O mais provável era que algo a mais tivesse acontecido, algo que Mark não havia

contado a ninguém. O jantar foi silencioso, como ela esperava que fosse depois que Mark mudou de humor durante a tarde.

— Você está bem? — Lia perguntou a ele, uma tentativa de iniciar um diálogo.

— Estou.

— Você sabe que eu te amo e que podemos conversar sobre tudo, sem filtros, não sabe?

— Eu sei, eu também te amo.

— Então confie em mim para contar seja o que for que está acontecendo. Não ouse me dizer que não é nada, não subestime minha inteligência, Mark.

— Desculpe, eu sei que você só quer ajudar, mas eu não sei se quero falar sobre isso com você, ainda não, primeiro preciso ter uma conversa com outra pessoa. Por isso irei para Montana.

— Vai encontrar o Bryan? Eu vou com você.

— Lia...

— Não estou pedindo, Mark, estou afirmando que eu vou.

— Ok. — ele suspirou — Já sei que nada vai te fazer mudar de ideia.

— Eu ainda quero saber o porquê de tudo isso. Por favor, me diga.

— Eu não posso.

— Eu estou com você, seja o que for que tenha acontecido naquele banco. — ela segurou as mãos dele, entrelaçando seus dedos.

Ele analisou os olhos dela, apoiando-o e exibindo uma resposta. Mas ele não queria dizer a verdade e arriscar perdê-la. Mas ainda assim, sentia que explodiria se não se abrisse com ninguém. E com quem mais poderia ser do que se não com a mulher que amava e que o amava?

— Diga. — ela pediu.

Ele respirou fundo, teria que dizer.

— Chloe morreu por minha culpa.



Lia dormia encostada no ombro de Mark, parecia estar num sono profundo. Olhou para ela, tinha o rosto um pouco mais inchado que o normal, mas isso não a deixava menos bonita. Ela não fez tantas perguntas, quando ele lhe contou sobre o motivo de seu

transtorno. A única coisa que fez depois de saber que ele havia sido culpado pela morte de Chloe, foi abraça-lo. De nada adiantaria mais, sua irmã não voltaria. A aeromoça avisou que eles iriam pousar e Mark começou a acordar Lia, com um suave carinho em seu rosto que a fez reclamar. Os olhos verdes, o olhou com o ar sonolento.

— Eu estou com sono. — falou com a voz rouca, soando ainda mais sonolenta que seu olhar.

— Eu sei, mas estamos pousando. Deve estar frio lá fora, melhor você colocar o casaco.

Mark estava certo, era noite e estava frio. Enquanto ela esperava ele assinar os papéis do carro que iriam alugar, Lia vasculhava uma das malas a procura de qualquer coisa para se esquentar.

— Vamos para o carro, eu ligo o aquecedor. — disse Mark caminhando até o Land Rover prateado que ele conseguira alugar. Deixou que ela ficasse dentro enquanto guardava as malas.

— Acho melhor irmos para um hotel, está tarde e o clima lá na casa dos meus pais não deve estar dos melhores. — ele disse enquanto ligava o carro.

— Tá. — ela assentiu.

Enquanto dirigia pelas ruas com trânsito calmo e pacífico, diferente de Atlanta que era mais movimentada, Mark deixou que lembranças viessem à sua cabeça, as boas e ruins. Foi ali que nasceu e cresceu. Conhecida como região das montanhas rochosas, não era à toa o nome. Montana era um lugar lindo. Lia admirava a paisagem pela janela do carro. Mark dirigia e lembrava de sua infância. Eram dias felizes, entretanto, agora não estava lá por um motivo feliz. Dirigiu até a capital, parando no *Hotel Radisson Colonial*. Lia não fizera muitas perguntas sobre a afirmação de culpa de Mark, queria que ele sentisse que não estava sozinho e que resolvesse contar a ela, não podia ignorar tudo aquilo. Se ele disse que era culpado, com certeza fizera algo que contribuiu ou causou totalmente a morte de Chloe. Ela não conseguia imaginar o que, tal como não conseguia imaginar o quão horrível podia ser se achar culpado pela morte de alguém.

— Vamos? — Mark teve de chamar sua atenção, ela estava tão perdida em pensamentos que nem notara que ele havia estacionado.

Pegaram a chave do quarto e entraram.

— Estou tão cansada. — Lia sentou-se na cama.

— Eu disse que era melhor você ficar em casa.

— Como se eu fosse deixar você vir sozinho. — ela rolou os olhos.

— Por que não deixaria?

— Porque eu sei que você precisa de mim. — ela falou e ele foi até ela, deu um beijo delicado em seus lábios. — Vou tomar um banho nessa banheira maravilhosa.

Lia tomou banho que tanto esperava, com direito a bastante espuma dos sais de banho. Mark ligava para algum lugar para pedir algo para jantar.

— Quando vamos na casa do seu irmão? Amanhã? — ela perguntou sentando na poltrona que ficava de frente para a cama.

— Você quer dizer quando eu vou.

— Eu vou com você. — ela disse e Mark suspirou, sabia que aquilo geraria uma pequena discussão.

— Eu preciso ir sozinho.

— Mas, Mark... — ela queria argumentar. Não tinha ido até ali para não estar com ele num momento importante, mesmo que no fundo soubesse que talvez fosse melhor que os irmãos se resolvessem sozinhos.

— Por favor. — ele pediu.

Ela não rebateu, apenas fechou o rosto e não olhou mais para ele, como uma criança birrenta.

Jantaram bem, Lia acordou pela manhã e não de maneira voluntária, simplesmente porque Mark não estava do seu lado na cama e ela não conseguia achar qualquer posição confortável sem ele.

— Que horas são? — perguntou sonolenta.

— Oito. — ele pegava uma toalha de banho dentro de uma das malas.

— É cedo, onde você vai?

— Vou tomar banho, me vestir e ir até a casa dos meus pais falar com Bryan. Eu preciso disso.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



Mark entrou pelo jardim, bateu na porta de vidro branca, do lado de dentro podia se ouvir o barulho da televisão ligada. Mark bateu mais uma vez e dessa vez sentiu o coração angustiado. Bryan abriu a porta e lhe deu duas coisas que não merecia, um sorriso e um abraço.

— Fiquei esperando por você ontem, mas você não veio. — disse ele deixando o irmão entrar em casa.

A casa estava silenciosa, mas podia sentir o cheiro de café vindo da cozinha. Provavelmente Amália estava lá preparando o café. Charles trazia David no colo.

— Olha quem está aqui, o tio Mark. — Charles falou com o pequeno David.

— Ele cresceu. — comentou Mark brincando com o sobrinho que tinha acabado de agarrar sua mão.

— Sim, ele cresceu mesmo. — Bryan soou orgulhoso.

Charles foi em direção ao jardim segurando o neto no colo e assim deixando Bryan e Mark a sós.

— Como vocês estão indo?

— Indo. — Bryan respondeu simplesmente e então suspirou. — Às vezes é como se ela fosse entrar pela porta a qualquer momento, mas eu sei que isso não vai acontecer. Acho que David está se saindo melhor do que eu nisso, ele já não chora todas as noites sentindo falta da mãe na hora de dormir.

— Ela não gostaria que você estivesse assim. — falou Mark.

— Assim como? Eu estou bem, David faz com que eu tenha que estar bem.

Mark assentiu.

Bryan sempre foi seu irmão mais próximo. Não que não fosse apegado à Brittany, mas existiam coisas que só os irmãos dividiam. Sempre conversavam sobre tudo, Bryan costumava pedir conselhos a ele. Pensar em tudo isso só fazia com que se sentisse ainda mais culpado.

— Bryan... preciso te contar uma coisa.

Bryan observou o irmão esfregar as mãos, prova incontestável de que estava nervoso.

— Aconteceu algo com você e a Lia? — perguntou porque foi a primeira coisa que lhe

passou pela cabeça.

— Não, ela está bem. É outra coisa... — Mark estava angustiado, não mais do que esteve todas essas semanas, mas estava. — Você pode só me ouvir até o fim? Depois você pode fazer o que quiser.

Bryan assentiu ainda o olhando apreensivo.

— O dia em que Chloe morreu, ela me pediu que a levasse até o caixa eletrônico, mas eu sabia que o banco ficava mais perto, então a levei até lá. — Mark fechou os olhos — Foi meu primeiro erro. Quando os bandidos anunciaram o assalto, com as armas em mão, fizemos o que todos fizeram: nos deitamos no chão. Estávamos perto da saída lateral, o tempo todo eu pensei e calculei quais eram as chances de sairmos dali. Eles estavam nervosos pois não conseguiam abrir o cofre, resolveram usar pessoas para obter o dinheiro, prometendo matar uma a cada trinta minutos se o dinheiro não fosse depositado. E você sabe qual a lei...

— Não negociar com terroristas. — completou Bryan.

— Sim. — Mark olhou para o chão, as memórias do dia que tanto queria esquecer, voltaram para sua cabeça. — Eu não parava de repetir em minha mente que precisava sair dali. Então eu disse para Chloe: vamos sair pela porta lateral. Expliquei o plano que consistia em apenas correr, abrir a porta e fugir. Ela não parecia muito certa sobre isso, mas provavelmente estava tão desesperada e assustada que aceitou. Eu falei que correria na frente, porque estava mais perto da porta e porque ela era pesada, eu abriria mais rápido. Então me levantei rápido e corri, sei que ela se levantou logo em seguida. Eu cheguei até a porta e abri, no mesmo instante ouvi o disparo. Olhei para trás e Chloe estava no chão, não tive tempo de olhar mais, se ficasse ali seríamos dois mortos...

Bryan não disse nada, apenas ficou encarando o irmão e absorvendo as informações.

— A culpa foi minha, eu não deveria ter a levado lá... — Mark não teve tempo de completar, sentiu apenas o punho acertando-lhe o rosto. Se encolheu com os braços protegendo a cabeça enquanto Bryan o atacava.

Mark não fez nenhuma questão de se esquivar, ou de contra-atacar. Apenas ficou ali encolhido até que a revolta do irmão cessasse, o que aconteceu logo. Bryan se afastou, caiu sobre a poltrona com o rosto entre as mãos. Mark o olhou, não podia se colocar no lugar dele, não conseguia imaginar como seria sua vida se nunca mais pudesse ver Lia, ouvir sua risada alta ou ser vítima de seu olhar tão doce. Era incapaz de saber como o irmão se sentia, mas toda vez que tentava sentia um vazio tão grande.

— Bryan... — tentou dizer algo, mas o irmão o interrompeu.

— Não fale comigo. — ele foi grosseiro.

Mark sentiu o celular vibrar no bolso e o tirou, viu o nome de Lia na tela e foi para um canto da sala afim de atender.

— Lia, agora não é o melhor momento. — falou assim que atendeu. — Eu chego aí daqui a pouco.

Bryan nada disse e Mark não sabia se isso era bom ou ruim. Ele foi até a cozinha, sua

mãe provavelmente teria ouvido a conversa, parecia ter chorado, mas quando viu Mark, tentou disfarçar.

— Mãe?

— Oi meu filho. — ela abriu os braços e Mark deixou que ali derramasse toda sua angústia.

— Mãe, eu sou uma pessoa horrível. — ele disse ainda abraçado à sua mãe.

— Ow meu filho, não diga isso. Foi um momento infeliz, mas não foi culpa sua. — ela dizia enquanto passava as mãos pelo cabelo dele.

— Bryan nunca vai me perdoar, era a mulher dele... já pensou se fosse comigo? Se fosse a minha Lia? — ele falou em meio ao choro. Chorava como um bebê.

— Mark, não foi sua culpa. — Bryan disse depois de respirar fundo. — Por mais que eu queira achar um culpado além daqueles monstros, não foi sua culpa.

— Bryan... — Mark tentou falar, mas o irmão o interrompeu.

— Foi um terrível azar. Você não pode se culpar por levá-la ao banco, você não tinha como imaginar que aquilo iria acontecer. E depois, você só queria salvar a vida de vocês dois. Não se culpe por algo que não foi sua culpa, porque eu não o culparei.

— Obrigado. — Mark foi até ele e o abraçou. — Eu sinto muito, de verdade. Eu jamais queria que aquilo tivesse acontecido.

— Vai ficar tudo bem. — Bryan disse em apoio ao irmão. — Tenho David, eu tenho que ficar bem por ele, ele precisa de mim e eu dele.

Não tinha quem não se emocionasse. Mark pegou o sobrinho no colo e o abraçou, Amália já estava mergulhada em lágrimas, assim como Charles também.

— Eu preciso ir... Lia está no hotel, eu não quis que ela viesse porque eu sei que ela sofreria ainda mais. Vou levá-la para Los Angeles, ela ainda nem sabe. De lá eu vou viajar, vou partir na segunda, aproveito e já me despeço de vocês agora.

— Filho, vai dar tudo certo. Estaremos aqui te aguardando quando você voltar. — disse Charles.

— Obrigado, pai. — Mark o abraçou.

— Mãe, cuida de tudo? Sempre que puder fala com a Lia, ela vai precisar de você. Eu sei que ela vai sofrer, talvez ela nem queira mais olhar na minha cara, isso é se eu voltar...

— Meu filho, jamais diga isso. Ela te ama, vai dar tudo certo. — afirmou Amália enquanto passava as mãos sobre o rosto do filho mais velho.

— Mesmo se a Lia não quiser mais saber de mim, ela gosta da senhora, então independente do que acontecer, mantenha sempre contato com ela, por favor.

— Lia é como uma filha para mim, eu cuidarei dela. — Amália disse sorrindo. — Vai em paz meu filho, nós amamos você.!

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



Mark se despediu-se de sua família e voltou ao hotel, Lia tinha a aparência tensa, estava preocupada.

— Amor, você demorou tanto, está tudo bem? Como foi lá? Como Bryan está? E David? E seus pais?

— Calma, amor. — ele foi em direção à ela. — Vai ficar tudo bem. Bryan está superando... David continua lindo, ele cresceu. Minha mãe e meu pai têm cuidado deles. — ele disse a abraçando.

— Eu quero vê-lo. É meu sobrinho. — Lia disse.

— Eu sei, mas você pode fazer isso outro dia. Agora precisamos ir... vamos para o nosso paraíso particular, tudo bem? — Mark falou acariciando os cabelos dela.

— Agora? — o olhou com os olhos curiosos sem entender.

— Sim, vamos para o aeroporto. Depois eu te explico tudo.

— Mas, Mark...

— Você confia em mim? — ele perguntou a encarando.

Lia demorou alguns instantes para responder, encarava os olhos dele castanhos quase em tom de mel, não tinha dúvidas que o amava.

— Sim, eu confio.

— Então vamos nos vestir e ir para o aeroporto, você já comeu alguma coisa? — ele perguntou.

— Não, só tomei um pouco de café.

— Então podemos comer alguma coisa no caminho.

Ela trocou de roupa, pegaram as malas, Mark devolveu o carro que havia alugado e foram até o aeroporto. A viagem foi silenciosa, Lia temia perguntar o porquê dessa viagem tão repentina. Mark estava calado, ele costumava ser brincalhão principalmente durante alguma viagem, mas dessa vez não. Estava tão quieto quanto nas últimas semanas depois da morte de Chloe. Chegaram em Los Angeles, na casa em que costumavam chamar de paraíso.

— Amor, precisamos conversar. — Mark disse assim que chegaram em casa e sentaram no sofá da sala.

Mark contou sobre o dia do assalto no banco, que ocasionou a morte de Chloe.

— Amor, eu sei que você não fez por mal, eu sei que você só queria ajudar. Nada do que você disser vai mudar o que aconteceu... podemos esquecer isso. Prefiro pensar que minha irmã havia encontrado um rumo na vida, então... ah, sei lá. Essa história de morte é tão complexa, foi uma fatalidade.

— Também penso assim. — ele assentiu. — Agora preciso te contar outra coisa...

Depois de conversarem, Mark foi tomar banho. Lia esperou ele terminar, Mark voltou para o quarto secando os cabelos com a toalha, não viu Lia no quarto nem em algum outro cômodo da casa. Olhou pela janela, ela estava sentada na beira da piscina molhando os pés.

— Tá quietinha aí. — ele disse sentando ao lado dela e passando o braço em volta dos ombros dela.

— É, eu estava aqui pensando...

— Em quê?

— Preciso encontrar um jeito de te fazer ficar, amor por favor, não vai nessa viagem.

— Lia, já conversamos sobre isso... eu não posso.

— Então eu vou com você. Prometo fazer tudo direitinho...

— Lia, amor, olha pra mim. É perigoso. Eu não sei quanto tempo ao certo eu vou ficar fora. Pode ser um mês, mas também pode ser um ano...

— Pelo amor de Deus... não!

Lia se sentia desesperada.

— O que eu preciso fazer para você entender que não vou fugir? — Mark a abraçou.

— Tem uma coisa que pode fazer...

— O quê?

— Casar comigo.

— Lia, você sabe que não dá tempo. E de que adiantaria a gente se casar se eu vou ter que viajar e...

— Mark, desiste disso, podemos ficar aqui e sermos felizes juntos.

— É o meu sonho, Lia.

— Pensei que o seu sonho fosse construir uma família comigo.

Mark sorriu.

— Claro que é, mas eu preciso disso também. — puxou o corpo dela para mais próximo do seu — Amor, não importa onde eu esteja, não importa onde você esteja... meu coração sempre estará com você. Eu te trouxe aqui, para o nosso pequeno paraíso, porque eu quero passar esses dois dias com você como se nunca tivesse fim. Como não sei ao certo quando volto, então vamos aproveitar o tempo que ainda temos. — ele falou acariciando o rosto dela.

— Você é bom demais para ser verdade.

— Lia, para. Eu sou seu. — Mark confessou encarando os olhos dela que logo se fecharam ao sentir os lábios dele tocando os seus num beijo terno, carinhoso e ao mesmo tempo intenso. — Que tal a gente ir à praia agora?

— Acho ótimo. — ela disse sorrindo, em seguida lhe dando um selinho carinhoso.

Lia trocou de roupa, colocou um biquíni por baixo, Mark vestiu uma bermuda e uma camiseta, pegou o carro e foram à Venice Beach. Areia branca, mar com ondas perfeitas, sol o ano inteiro e muita gente bonita surfando, pedalando ou simplesmente curtindo a vida. A brisa tomava conta da praia, admirando o mar, era possível até esquecer dos problemas, das decepções, os pensamentos sumiram, Lia sentia uma tranquilidade, a paisagem a levava para outro planeta. Lia só conseguia pensar em como tudo era tão lindo visto dali. O vento bagunçava o rosto dela, que olhou para Mark sorrindo. Ele lhe sorriu de volta e beijou seu rosto.

— Quer conversar? — ele falava com delicadeza e carinho tentando não dispersar tanto os pensamentos dela que pareciam tão longe.

— Sim. - ela respirou fundo olhando o horizonte, tentando pensar no que falar. — Sabe, eu cresci numa pequena cidade e quando a chuva caía, eu olhava pela janela sonhando com o futuro, o que iria acontecer e se eu terminaria feliz. Uma menina cheia de sonhos, sonhava em ser médica, desde pequena meu pai me dava de presente aqueles brinquedinhos de médico. Chloe era minha cobaia. — ela disse sorrindo. — Lembro que eu tinha um estetoscópio de brinquedo, ficava tentando ouvir o coração da minha irmã e das minhas bonecas também. Um dia meu pai me deu um de verdade, eu fiquei tão feliz. Aí eu cresci, criei asas para voar rumo ao meu sonho... saí de Rome e fui para Atlanta em busca dos meus objetivos. Passei no vestibular em primeiro lugar, foi um dos dias mais felizes da minha vida, me formei, comecei a trabalhar, comprei minha casa com o meu trabalho, sem precisar da ajuda de ninguém. Estava feliz, profissionalmente realizada, depois quis realizar outros sonhos, quis casar, dei de cara na parede, achei que era a pessoa certa e não era. — Lia dizia e Mark escutava atentamente enquanto observava a paisagem, o cabelo bagunçado pelo vento, mas muito atraente. — Aí encontrei você quando menos esperava. Acho que o destino deixa o melhor por último. — Mark a encarou analisando a frase dela.

— A pessoa certa é aquela que está com a gente mesmo que distante, é aquela que entra com calma e nos conquista com um sorriso, um olhar ou com seu simples jeito de ser. — ele olhou nos olhos dela e sorriu. — Não precisamos procurar a pessoa certa, ela está mais perto do que imaginamos. — ele falou e Lia sorriu e então voltou a olhar a paisagem com um sorriso bobo no rosto.

O restante da caminhada na praia foi divertido, riram, conversaram, havia uma troca de olhares e um sorriso bobo no rosto de ambos. Já estava anoitecendo, Mark foi com Lia até o carro com os braços ao redor do ombro dela. Ela encostou na porta do carro, ficando de frente para ele.

— Obrigada por me trazer aqui, eu precisava disso.

— Nós precisávamos disso. — ele entrelaçou sua mão na dela e a beijou.



— Quero que essa seja a nossa melhor noite, uma longa noite, a melhor da sua vida. — Mark disse quando chegaram em casa.

Trancou a porta rapidamente e agarrou Lia colando seus corpos. A beijou e foram para o quarto.

— Não estou pronta para me despedir de você. — Lia confessou o encarando enquanto estava deitada com ele por cima.

— Não vamos nos despedir, estaremos longe dos olhos, mas em nossos pensamentos estaremos juntos.

— Então me faça feliz agora.

— Você será feliz, muito feliz. — ele piscou o olho para ela e começou a se livrar de cada peça de roupa que ela usava.

— Sou tão sortuda e tão apaixonada por você. — ela falou enquanto ele beijava seu pescoço.

— Você é tão linda, tão perfeita para mim. Quero tanto você. — ele sussurrou ao ouvido dela.

— Você me tem aqui, agora e para sempre. — ela falou fechando os olhos enquanto sentia ele tocá-la.

Os beijos não paravam, aquela com certeza seria uma ótima noite de amor. Ele estava por cima com uma das mãos apoiada na cama, para não colocar seu peso sobre ela e com a outra ia caminhando sobre o corpo de Lia, fazendo-a estremecer. Beijou seu corpo, começando pelo pescoço, desceu até os seios e a barriga, fazendo Lia dizer o nome dele com prazer.

— Minha, só minha. — ele levantou os olhos e deu um sorriso um tanto malicioso.

Ela já estava excitada demais e ele também. Rapidamente Mark se livrou da roupa íntima de Lia, chegando até seu ponto íntimo, deu um beijo demorado e depois a chupou, fazendo ela dizer seu nome dessa vez mais alto. Vendo o prazer estampado em seu rosto, arrancou a cueca branca e logo a penetrou, fazendo Lia gemer.

Antes que chegassem ao extremo, trocaram de posição, estavam agora abraçados. Mark a devorava com o olhar enquanto estava dentro dela, só desejavam se amar sem limites e se possível fosse, desejariam que aquela noite nunca terminasse. Se estivessem numa estrada chamada amor, com certeza pegariam o caminho mais longo. Não era possível descrever como sentiam o desejo de nunca mais ficarem longe.

— Seja minha e de mais ninguém. — Mark sussurrou enquanto se despejava de prazer nela.

— Eu serei só sua. — Lia respondeu ofegante.

— Vou te amar para sempre enquanto eu viver. — ele disse encarando os olhos dela que instantaneamente pareciam duas cachoeiras. Ele lhe enxugou as lágrimas e lhe deu um beijo carinhoso.

— Foi a nossa melhor noite. — ela disse o abraçando e foi impossível conter as lágrimas que caíam sem ela conseguir controlar.

— Eu não gosto de te ver chorar, eu gosto de te ver sorrindo. — ele passou os dedos em suas lágrimas.

— Meu Deus! Você não pode ir embora. — ela falou enquanto o abraçava ainda mais forte.

— Meu amor, não vamos nos perder. — ele acariciava os cabelos macios dela.

— Eu estou tentando...

— Lia, eu vou levar você comigo no meu coração, assim vou sentir tudo ser mais fácil quando tudo ficar mais difícil.

— Ninguém sabe quanto tempo leva esperar por um amor assim e daqui a pouco estaremos prestes a dizer adeus...

— Shhh! Não iremos dizer adeus, eu vou voltar, você sabe disso. — ele falou e Lia assentiu.

— Eu esperarei por você, eu juro que vou.

Se abraçaram de um jeito tão carinhoso, um abraço tão apertado que parecia até ser capaz de juntar os cacos de ambos.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



No dia seguinte, Lia acordou com os braços de Mark enrolados nela, logo abriu um sorriso, adorava ter seu corpo quente colado ao dela. Teve tanto medo de mergulhar novamente em um relacionamento, de quebrar seu coração de novo, mas agora era diferente. Sabia que todo o amor que sentia por Mark era recíproco.

Ele despertou do sono e lhe deu um breve selinho de bom dia. Tomaram café da manhã juntos, Mark tomou banho, se vestiu e agora era a pior parte: despedir-se de quem tanto amava.

— Promete que vai se cuidar? — ele perguntou afastando o cabelo do rosto dela.

— Só se você prometer me dar notícias.

— Assim que puder, eu vou te dar notícias. Você pode vir aqui sempre que quiser, aqui é o nosso cantinho, só nosso. Ele a abraçou e não conseguiu ser forte, deixou que as lágrimas viessem.

— Eu te amo demais. — foram as únicas palavras que ela conseguiu dizer.

— Eu também te amo demais. Muito. — enxugou suas lágrimas e ali foi o beijo de despedida.

— Eu vou, mas eu volto. Eu te amo Lia. — ele falou e saiu, seu coração parecia estar em mil pedaços, pois não sabia quando estaria com ela novamente, mas seus pensamentos e seu coração sempre estariam com ela.

I don't think I'm gonna go to LA anymore

(Eu acho que não vou mais para Los Angeles)

I don't think I'm gonna go to LA anymore

(Eu acho que não vou mais para Los Angeles)

I don't know what it's like to land

(Eu não sei como é pisar lá)

And not race to your door

(E não correr para sua porta)

I don't think I'm gonna go to LA anymore

(Eu acho que não vou mais para Los Angeles)

Lia dirigia pelas ruas de Los Angeles e ouvia no *carro In Your Atmosphere*. Essa canção de John Mayer era exatamente tudo o que estava vivendo e sentindo. Parecia que foi escrita para ela. As vistas começaram a ficar embaçadas e as lágrimas caíam involuntariamente.

I'm gonna steer clear

(Eu vou ficar longe)

Burn up in your atmosphere

(Desaparecer da sua atmosfera)

I'm gonna steer clear

(Eu vou ficar longe)

Cus I'd die if I saw you

(Porque eu morreria se te visse)

I'd die if I didn't see you there

(Morreria se não te visse lá)

So I don't think I'm gonna go to LA anymore

(Então eu acho que não vou mais para Los Angeles)

Parou o carro quando o sinal fechou, avistou algumas pessoas caminhando na orla da praia, pareciam pessoas felizes. Teve um pressentindo ruim, como se não fosse ver Mark tão cedo. Sentiu medo que ele não voltasse e que eles nunca mais se encontrassem. O sinal abriu sem ela perceber, despertou do transe quando ouviu os carros que estavam atrás buzinando. Devolveu o carro onde havia alugado, foi ao aeroporto e embarcou de volta para casa. Quando chegou, parecia que em cada parte da casa havia uma lembrança de seu amor principalmente no quarto onde tinha fotos do casal e era onde se amavam a maioria das vezes. Ela deitou na cama olhando um porta-retrato com a foto deles, o celular tocou, seu coração acelerou quando viu o nome Mark aparecer na tela de seu iPhone.

— Amor? — falou assim que atendeu.

— Lia, você está bem?

— Acho que estou e você? Eu estava tão preocupada.

— Estou bem, acabei de chegar em Minnesota.

— Graças a Deus! Mark, toma cuidado, por favor!

— Eu vou ficar bem, olha eu não sei quando vou poder ligar de novo, mas quando puder eu farei, ok?

— Tá, Mark... eu amo você.

— Eu também amo você. Preciso desligar, fica bem?!

— Eu vou ficar.

— Te amo. — desligou.

Sabe aquele sentimento apertado dentro do seu coração, que machuca e é tão pesado que não a deixa fazer nada durante todo o dia? Foi assim que Lia se sentiu. A incerteza é tão ruim. Esperar, essa era uma palavra tão torturante e angustiante.



“Desejo que você seja feliz, fortaleça sua amizade com os amigos verdadeiros e se distancie de qualquer pessoa que te faça mal. Desejo que você continue sendo essa ótima profissional, mas que acima de tudo, nunca deixe de ser um ótimo ser humano. Que seja justa, firme, mas humilde e cheia de amor no coração (exatamente assim como você é) Desejo que você brilhe, porque pessoas como você, quando juntas, formam constelações e galáxias, mesmo sendo um universo por si só. E o mundo precisa dessa luz.

E, por fim, desejo que a gente se veja logo porque estou morrendo de saudades. Saudades de olhar seus lindos olhos verdes, saudades do seu cabelo ruivo lindo caindo em seu rosto, saudades dos seus beijos e abraços confortáveis, saudades da mulher que eu amo: você.

Com amor e muita saudade,

Mark.”

Foi a última mensagem que Mark enviou para Lia. Passaram dois meses e não havia mais nenhuma notícia dele. Lia tentou contato várias vezes, mas não conseguiu falar com ele, ou sequer deixar uma mensagem. Amália sempre telefonava para saber como ela estava, também não tinha notícias do filho, sentia-se angustiada temendo que pudesse ter acontecido algo ruim com ele.

Lia virou-se na cama e se esticou, os raios de sol invadiam o quarto e pela sua força já devia ter passado das dez horas da manhã. Ela não podia acreditar que tinha dormido tanto. O celular tocou, era Elisabeth.

— Oi mãe.

— Como você está? Mark deu notícias?

— Não, ele não deu.

— Lia, desde o começo te avisei que esse relacionamento não daria certo... você deveria ter se casado com o Jack naquela época.

— Mãe, por favor esquece isso? Nem me fale no Jack...

— Por quê?

— Ora, por que... — tentou procurar as palavras — Porque ele está casado e fez parte do meu passado, simplesmente passou. Olha, preciso desligar, eu havia prometido à Emily

que iria junto no dia da escolha do vestido de noiva dela e é hoje.

Naquele meio tempo, Emily tinha conhecido um empresário e eles iam se casar muito em breve.

— Tudo bem, te ligo depois.

— Tá. Um beijo. — desligou.

As ruas estavam cheias e o dia quente. Lia entrou no restaurante lotado que não teria mesa para ela e as demais amigas se Emily não estivesse reservado antes. Lia estava acompanhada de sua outra amiga Stacy, que também era médica e trabalhava no Atlanta Medical Center com ela e Emily. Foram guiadas para a área mais reservada do restaurante mexicano. Todos aqueles cheiros de comida acenderam o apetite de Lia, estava com tanta fome que sentia como se seu estômago estivesse colado. Emily foi a última a chegar e logo fizeram os pedidos.

— Eu queria um vestido sem alças, mas acho que vai me deixar mais baixa. — disse Emily enquanto comiam.

Lia estava comendo de forma forçada, tinha fome, porém o cheiro forte do tempero estava lhe enjoando.

— O que foi, Lia? A comida está ruim? Você sempre gostou da comida daqui. — Emily a encarava desconfiada.

— Eu só estou um pouco ruim do estômago. — os olhos dela rodaram pelo restaurante à procura do banheiro, do jeito que as coisas iam, sabia que poderia precisar em breve. Ela sentiu uma queimação ácida subir pelo estômago, colocou a mão na boca e se levantou repentinamente, suas amigas apenas a viram entrar no banheiro feminino.

— Lia?

Ela ouviu Emily chamar seu nome enquanto tentava se recompor dentro da cabine do banheiro.

— Estou melhor. — respondeu saindo, abriu a torneira da pia e enxaguou a boca.

— Lia, só por curiosidade... você voltou a tomar os anticoncepcionais que eu havia mandado você parar por um tempo?

Lia bufou virando-se para as amigas.

— Eu não estou grávida.

— Não foi isso que eu perguntei. — Emily rolou os olhos.

— Não, eu não voltei a tomar. Mark está viajando.

— Mas você parou um pouco antes dele viajar... — comentou Emily.

— Eu não transei com ele sem camisinha, ok?

— Nem uma vez? — Stacy argumentou.

— Ah, só algumas vezes, mas...

— E com o Jack? — Emily questionou.

Lia abriu a boca para responder algo que fizessem suas amigas tirarem aquela ideia de gravidez da cabeça, mas não havia uma resposta para aquela pergunta. Ela não havia se protegido com Jack.

— Foi só uma noite... — ela tentou argumentar, mesmo sabendo que não era argumento suficiente.

Apenas uma noite bastava para mudar o resto de sua vida.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



Lia olhou o palitinho branco sobre a pia, os pés descalços batiam impacientes no piso do banheiro. Andou de um lado para o outro, não conseguia imaginar o que faria se realmente estivesse grávida. Seus planos mais longínquos envolviam esperar por Mark, quando ele voltasse finalmente se casariam. Nenhum bebê estava nos planos naquele momento. Muito menos um bebê de Jack. Olhou mais uma vez o palito sobre a pia e dessa vez seu coração foi até a garganta. Ela viu um pequeno traço vermelho surgir. Suas mãos trêmulas correram para pegar a caixa rosa, forçou a vista para ler as letras no verso.

Uma linha vermelha = Negativo/ Duas linhas vermelhas = Positivo

O palito tinha concretamente apenas uma linha vermelha. Ela respirou fundo, o alívio a preencheu. — Não estou grávida. — afirmou sorrindo para si mesma, olhando seu reflexo no imenso espelho do banheiro na sua suíte. Usava apenas lingerie. Tinha pedido para Emily comprar o teste, mas só teve coragem de fazer aquela hora, à noite.

Riu de si mesma por aquilo, devia ter feito o teste antes e se livrado da preocupação. Pegou a caixa para jogar no lixo e o teste, mas deu uma última olhada. Sentiu o coração acelerar. O risco forte em vermelho ainda estava lá, porém ao seu lado um risco começava a ser traçado.

— Não, isso só pode ser brincadeira. — ela falou encarando o risco que ficava cada vez mais nítido, mais forte.

O traçado continuou a ganhar tons mais fortes de vermelho e em menos de dez segundos estava tão vermelho quanto o primeiro traço.

Duas linhas. Positivo.

Ela sentiu o mundo girar à sua volta e sentou-se sobre a tampa do vaso para evitar cair no chão. Não sabia o que pensar, nem o que estava sentindo. Era como se estivesse fora de seu corpo. No fundo, um sentimento de desespero e pânico queriam surgir.

Aquilo era real? O que faria agora? Como as coisas ficariam?

Lágrimas queriam surgir em seus olhos, mas seu estado de choque era tanto que não conseguia ter pensamentos conclusivos, nem mesmo para chorar.

Um bebê.

O que faria com uma criança quando não sabia nem o que fazer consigo mesma? Mark não dava notícias, ela já pensava no pior. Se achou mentalmente incapaz de ter um filho naquelas circunstâncias que se encontrava. E agora, quando ela menos esperava, haviam

dois riscos no maldito palito. Deitou na cama encarando o teto, parecia mais um pesadelo.

Acordou no dia seguinte, o quarto estava quase totalmente escuro, as cortinas barravam a maior parte da luminosidade. Esticou-se na cama, de repente sentiu-se extremamente sozinha, embora tecnicamente não estava mais sozinha... Levantou-se da cama e trocou de roupa. Constance, a empregada, havia preparado panquecas para o café da manhã. Lia conseguiu se alimentar sem nenhum enjoo o que considerou um bom sinal. Talvez aquele teste de farmácia estivesse errado, afinal, ela se sentia muito bem não grávida.

— A Srta. Emily está na sala. — avisou Constance enquanto Lia comia na mesa de jantar.

— Eu já vou. — deu mais uma garfada na panqueca e sentiu o alimento descer queimando até seu estômago, péssimo sinal.

Emily a esperava sentada no sofá branco da sala, mexia de forma desinteressada em seu iPhone. Seus olhos foram para Lia assim que sentiu a presença da amiga.

— E então? O que deu o teste?

Lia deu de ombros, se aproximando da amiga e também se sentando no sofá. Emily não precisava de resposta para sua pergunta, apenas a abraçou.

— Vai ficar tudo bem, você será uma boa mãe.

— Não, eu não vou ser uma boa mãe. Eu sou uma pessoa horrível!

— Lia, você não é uma pessoa horrível. — Emily a apertou ainda mais em seus braços, passando a mão por suas costas a fim de lhe confortar.

— Eu traí meu quase marido com outro homem, um homem casado e que já foi meu noivo. E se já não fosse horrível o suficiente, eu fiquei grávida. Se meus pais souberem... meu Deus! — se afastou da amiga e passou as mãos pelos cabelos em um gesto desesperado.

— Lia, tenha calma. Talvez esse bebê seja do Mark...

— É mais provável que seja do Jack, foi com ele que eu passei a noite por último. Eu sou uma burra mesmo.

O bebê que Lia carregava podia ser fruto de uma traição, não de um casamento ou do homem que realmente amava. Poderia ser o fruto de uma noite de fragilidades, de pura carência.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



Algumas semanas antes

(...)

Lia pediu mais uma taça de vinho, estava se sentindo um pouco masculinizada naquela situação, sentada no bar de um restaurante bebendo para afogar as mágoas. Estava sem saber o que pensar, já que Mark não dava notícias. Eles tinham um bom relacionamento, até ele decidir viajar e não dar mais notícias. Mal percebeu quando alguém se sentou ao seu lado, mesmo o bar e o restaurante estando consideravelmente vazio para uma noite de sábado. Não teria notado se não fosse pela voz, rouca e inesquecível.

— Jack? — o chamou e ele sorriu quando virou o rosto e olhou para ela.

— Lia? É você mesmo? — ele parecia fazer uma análise mental para ter certeza de que não estava tendo alucinações.

- Não, é a Marilyn Monroe. — ela rolou os olhos.

— Acho que a Marilyn Monroe não faria a indelicadeza de rolar os olhos para um velho amigo.

— Ela faria sim, dentro de uma enorme taça de champanhe. E quem disse que você é um velho amigo?

Ele sorriu, seu sorriso charmoso.

— O que faz aqui? Seu marido não está com você? — perguntou falando “marido” com tom de deboche.

— Mark não é meu marido, não ainda. Estamos apenas distantes...

— Problemas no paraíso? — ele perguntou, ela fez uma careta e bebeu mais um pouco de sua taça.

— E você o que faz aqui?

— Tenho três dias de semiliberdade. Holy viajou para a casa dos pais nos Hamptons.

— Eu odeio os Hamptons, é uma vila de luxo para pessoas ainda mais ricas, metidas e frescas.

— Por que você acha que eu não fui? — ele sorriu e ela bebeu o resto de sua taça, fazendo sinal para o barman servir mais uma.

Jack aproveitou para fazer seu pedido, whisky de malte.

— Pensei que você tinha parado. — ela olhava para o copo de bebida na mão dele.

— Pois é... as coisas mudam. Se você não aproveita o momento, acaba perdendo tudo.

— E o que isso tem a ver com o Whisky? — ela levantou uma sobrancelha.

— Com o whisky nada, mas com nós dois, tudo.

— Você ainda me culpa por isso? Você queria que eu esperasse passar sua fase... promíscua? Posso chamar assim?

— Eu fui fraco, mas eu te amava.

— Jack, as coisas mudaram.

— Nem tudo. — ele disse como olhando para ela que levou a taça aos lábios e quando bebeu o vinho, uma gota escorreu por seu queixo. Antes que ela pudesse enxugar, Jack já estava tocando seu rosto. Seu polegar passou pelo queixo dela, limpando o vinho e ele levou o dedo aos próprios lábios. — Boa escolha, talvez eu devesse experimentar mais. — falou depois de provar o sabor.

O olhar dela estava focado nos lábios dele e não se afastou quando ele ficou próximo demais. Se deixou beijar, apreciando a sensação prazerosa, a ardência, o gosto suave do vinho misturado com o gosto forte do whisky.

— Vamos sair daqui. — ele sugeriu falando com os lábios próximos aos dela.

— Não. — ela ainda tinha um pouco de sanidade em si, se fosse se deixar levar pela emoção, estaria nos braços dele no instante em que o viu.

— Não me diga “não” mais uma vez, pelo menos por essa noite. — ele puxou o corpo dela contra o seu, a desejava ardentemente.

— Eu preciso de mais vinho.

— Não seja por isso. — ele fez sinal para o barman. — Uma garrafa de vinho, por favor.

Jack não tinha ido até ali de carro e Lia não hesitou em entregar a ele a chave de seu Maserati. Ela levou a garrafa que ele havia aberto, bebendo um gole do gelado vinho.

— Pare de beber, eu quero você bem acordada essa noite. — ele tocou-lhe a coxa passando os dedos por baixo do vestido dela e ela sorriu de forma tímida.

Jack entrou numa rua tranquila, repleta de casas com árvores na calçada e jardins perfeitos. Ele parou na frente de uma delas, desceu do carro e deu a volta rapidamente para abrir a outra porta. Pegou a garrafa que ela tinha na mão e ajudou ela descer. Atravessaram o gramado de mãos dadas, Lia estava consideravelmente bêbada. Jack abriu a porta da frente da casa e antes que ela sequer percebesse onde se encontrava, já estava contra a parede. Ele a beijava calorosamente e o desejo era recíproco. Agarrando-se, eles tropeçaram pelo caminho, batendo desastrosamente em algumas mobílias.

Jack abriu a porta do quarto, Lia se sentou e tirou os sapatos observando Jack que bebia na garrafa de vinho.

— Está calor. — disse ele passando a garrafa para ela e tirando a camisa.

Lia sentiu seu próprio corpo esquentar enquanto olhava o peitoral nu dele, braços fortes e músculos firmes. Jack foi até ela, enroscando seus dedos nos cabelos dela e puxando sua cabeça levemente para trás, até que seu pescoço ficasse exposto. Beijou sua pele, precisava sentir pelo menos uma noite que ela ainda era sua. Abriu o zíper do vestido preto que ela usava e fez com que ela se levantasse para a peça cair no chão, se livrando também do sutiã e da calcinha dela. Lia se deitou confortavelmente na cama sem nenhuma roupa que a cobrisse, seios fartos, pele pálida, lábios vermelhos e inchados por conta dos beijos trocados.

Tudo o que ele queria era tocá-la e fez.

O corpo dela era quente sob o seu, segurou-lhe a coxa, afundando os dedos em sua pele e pegou a garrafa de vinho da sua mão.

— Quero beber de uma taça especial. — disse ele antes de deixar um pouco de vinho cair sobre o corpo dela.

Lia gritou e riu com o líquido gelado em sua pele. Ele colocou a garrafa no chão e bebeu em seu corpo, sugando o líquido que escorria de entre os seios dela até seu ventre. Ela gemeu com o contato da língua quente dele tirando o líquido frio, uma mistura prazerosa de sensações tomava conta de seu corpo.

— Eu quero que você seja minha hoje, como se nunca tivesse deixado de ser. — ele falou em seu ouvido e ela apenas sorriu e se arrepiou.

Ele tocou a intimidade dela, sorrindo ao senti-la úmida, pronta para recebê-lo. Lia fechou os olhos encurvando-se sobre a cama quando ele a penetrou.

— Olhe para mim. — ele mandou e ela o olhou, sentindo-o fundo dentro de si.

Com movimentos lentos e profundos, que logo foram substituídos por movimentos rápidos e firmes. Ele se afundava nela, apreciando ver cada poro do corpo dela mostrar o quanto ela estava excitada. Lia gemia de forma escandalosa e se contraía em baixo dele. Ela estava à beira do orgasmo, ele sabia porque sentia o mesmo. Ele não tinha mais controle sobre seu corpo, era como se estivesse possuído por um instinto animal. Sentiu quando ela se contraiu em torno de dele e se curvou na cama como se algo estivesse a atravessando. Jack sentiu toda a tensão de seu corpo relaxar enquanto se derramava sem receios dentro dela. Se deitou ao seu lado puxando-a para seus braços.

— Você é perfeita. Eu sinto sua falta. — disse ele beijando o rosto dela.

Ela nada disse, apenas deixou ele a abraçar. Sentiu quando Jack pegou no sono, ele tinha a mão esquerda repousando sobre o braço dela, a aliança de ouro brilhando em seu dedo. Ela levantou a própria mão, olhando em seu dedo o anel com um diamante que Mark havia lhe dado. A realidade a atingiu e ela percebeu o erro que cometeu, precisava sair dali.

Foi um pequeno momento de fraqueza, pelo menos era isso que ela afirmava para si mesma enquanto recolhia do chão suas roupas espalhadas pelos cantos do quarto. Vestiu as peças em silêncio. Jack dormia sossegado, as costas nuas exibindo os rastros em vermelho que as unhas dela haviam deixado em sua pele. Ele teria problemas para explicar

aquilo, assim como ela com as marcas que os lábios sedentos dele deixaram em seu pescoço.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



Lia sentiu o arrependimento a preencher, pensou no que seria melhor a fazer. No dia seguinte, pegou o celular e digitou uma mensagem pequena.

“Preciso me encontrar com você.”

Tomou um banho rápido e saiu do banheiro enrolada numa toalha branca. Foi para o closet tentando não vestir nada para impressioná-lo. Iria encontrar-se com Jack, ele tinha concordado em encontrá-la em uma lanchonete na saída da cidade. Ela não queria que ele pensasse que se tratava de um encontro sexual, que ela havia voltado para mais. Até porque além dela não querer ser sua amante, o assunto que tinha a tratar com ele era sério.

Optou por uma camisa simples e calça jeans. Eram seis e meia da manhã e o dia ainda estava amanhecendo. A lanchonete ficava na beira da estrada na saída de Atlanta. Estacionou o Maserati ao lado do Range Rover preto que ela conhecia muito bem, era de Jack. Desceu do carro e do lado de fora já podia ver Jack sentado em uma das mesas próximo à janela. Andou para o lado de dentro da lanchonete, Jack tirou os olhos do cardápio e olhou para ela.

— Bom dia. — ela o saudou, inspecionando o banco de couro vermelho antes de se sentar.

— Bom dia. — ele respondeu sem humor algum.

Tinham propósitos divergentes para aquele café da manhã. Lia tinha ido para lhe dar uma notícia importante, eles muito provavelmente teriam um filho! E Jack foi com propósito definido que precisava ser esclarecido de imediato.

Lia olhou o cardápio sobre a mesa. O estômago, que se mostrava confortável quando ela saiu de casa, agora parecia estar vazio como se ela não comesse há dias. Os pratos gordurosos, únicos servidos no lugar, não lhe atraíam em nada, pelo contrário.

— Posso anotar o pedido de vocês? - — perguntou um rapaz com cara de sono, usando um avental preto.

— Só uma água. — falou Lia sorrindo para o rapaz.

— Eu vou querer um misto quente com fritas e... — Jack começou a dizer, até que Lia o interrompeu.

— Ele vai querer só uma água também.

— Então, duas águas?

— Sim. — Lia respondeu antes que Jack dissesse qualquer coisa.

— Não posso nem fazer meu pedido? Eu não tomei café ainda. — ele estava visivelmente irritado.

— Você devia me agradecer,

provavelmente te poupei de uma infecção no estômago. — e mentalmente pensou também que se poupou de um enjoo matinal.

Jack bufou e encostou-se na cadeira, a expressão de poucos amigos ainda em seu rosto.

— Por que você está bravo comigo?

— Eu não sei. Talvez seja porque você me tirou da minha esposa às seis da manhã e nem sequer me deixou fazer um pedido agora.

Lia se mexeu desconfortável, sabia que ele havia usado a esposa para atingi-la, o que era bem baixo. O garçom se aproximou da mesa novamente e deixou duas garrafas de água.

— O que eu tenho pra falar com você é importante.

— Então fale. — ele soou grosseiro.

Aquela situação já estava começando irritá-la também. Lia respirou fundo, tomando coragem para contar.

— É sobre aquela noite, o que nós fizemos...

— Não vai se repetir. — Jack a cortou.

Sabia que ela havia o chamado até ali para falar sobre aquela noite, ele já tinha pensado em tudo o que queria dizer sobre o assunto. Um texto ensaiado em sua cabeça.

— Eu sei que não vai se repetir, mas é que...

— Acabou, Lia. — ele a cortou novamente. — Nós escolhemos nossos caminhos, estou feliz. Eu amo a minha mulher, pode não ser tão forte como o que um dia senti por você, mas eu a escolhi como esposa. Não quero ver você estragar isso, quero você longe.

— Como se minha meta de vida fosse estragar seu casamento. — ela rolou os olhos. — Você não sabe o que está falando. — ela estava começando a ficar nervosa.

— Eu sei o que estou falando. Você não entende o conceito de um casamento, uma vez que o seu não deu certo, mas eu entendo o tipo de compromisso que eu tenho e não vou jogar tudo fora.

— Você entende o tipo de compromisso que é um casamento? — ela riu de forma sarcástica. — Não sei se te explicaram, mas não se dorme com outras mulheres enquanto se é casado. E o que eu tenho a dizer não se trata do seu casamento.

— Então do que se trata?

Lia abriu a boca para responder e a fechou duas vezes. Estava a ponto de explodir de raiva.

— Eu pensei que você tinha deixado de ser aquele idiota que não se importava em falar

merda por aí. Você disse que me quer longe, então você quer todas as partes de mim longe. — ela abriu a bolsa e pegou a carteira, deixou uma nota de cinquenta dólares sobre a mesa e se levantou.

Lia saiu nervosa, entrou no carro e bateu a porta. Queria voltar lá e dar uns tapas em Jack antes que sua raiva transbordasse e ao mesmo tempo, queria se fechar num quarto escuro e passar algumas horas sozinha. Se perguntava como Jack podia ter sido tão estúpido. Em tantos momentos na vida para agir como um idiota, por que tinha que ser logo em um momento como aquele?

Ela queria que o pai do seu bebê, o verdadeiro pai fosse uma figura presente. Ela não sabia dizer o que esperava de Jack, não totalmente, mas o mínimo era um pouco de apoio. É claro que seria difícil contar para sua família que estava grávida de um homem casado, mas seria mais fácil se ele estivesse a apoiando emocionalmente, não agindo como se ela fosse uma destruidora de lares. Era difícil confessar isso até para si mesma, mas por apenas alguns segundos conseguia imaginar ela, Mark e o bebê como uma família. Um pensamento tolo para uma mulher crescida e que já sabia muito bem como as coisas funcionavam. Achava que Mark havia a deixado e Jack deixou claro que não a queria em sua vida, então ele também não queria seu bebê.

Ela parou o carro bruscamente no acostamento e abriu a porta. Sentia a ânsia de vômito, era como um elevador subindo e descendo em sua garganta. Ficou assim por um minuto, até seu estômago concluir que não havia nada ali para ser expelido.

Fechou a porta, mas deixou o vidro aberto. Agora a irritação estava diminuindo, a melancolia começava a chegar. Não esperava encontrar Emily quando chegasse em casa. Ela estava lá parada no meio da sala e parecia preocupada.

— Apenas me diga que você não fez nenhuma loucura.

— Eu não fiz nenhuma loucura. — falou como uma criança obediente.

— Saiu sem comer... Constance me contou. — Emily disse e Lia rolou os olhos.

— Dá pra parar de agir como se fosse minha mãe? É irritante.

— Não sou sua mãe, mas sou sua médica e vou cuidar de você e do meu sobrinho ou sobrinha. — Emily tocou sua barriga e seu corpo ficou tenso.

Depois que descobriu que estava grávida, sua barriga havia se tornado um lugar sagrado que evitava tocar. Deixar alguém acariciar sua barriga, seria como um tapa de realidade. Tapa que ela levou naquele momento quando menos esperava.

Emily olhou para ela, Lia estava com os olhos marejados e sorriu.

— Você precisa fazer exames, temos que ver se está tudo bem com o bebê.

— Pode ser outro dia? Hoje não vou ao hospital, estou muito enjoada. Você pode me dar um atestado? — Lia pediu e Emily assentiu rindo.

Emily a fez companhia enquanto Lia tomava seu café da manhã, depois foi para o hospital.

— Promete que qualquer coisa você me liga?

— Pode deixar, eu ligo. Não sei o que seria de mim sem você. — Lia a abraçou.

Depois que Emily saiu, Lia foi para sua suíte. Se trancou no quarto, deitou na cama se encolhendo, queria fechar os olhos e dormir até que tudo passasse, ou voltar no tempo e mudar tudo. Ela se sentia pior por precisar de alguém para ser o pai do bebê. Era algo horrível de se pensar, mas era a verdade. Não sabia se era pior ter um filho de Mark, que era quem considerava o amor da sua vida, mas parecia tê-la abandonado. Ou não sabia se era melhor que Jack fosse o pai, apesar de estúpido, ele estava mais perto.

A coisa que mais a preocupava era como contaria à sua família. Diria que o bebê não tinha pai? Ou contaria a verdade? Dizer que teve um caso de uma noite com seu ex-noivo, que por acaso é casado. Já podia imaginar o que todos diriam “Lia Collins, a destruidora de casamentos.”?

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



Lia sentiu-se culpada. Não era certo uma futura mãe desejar que seu bebê não existisse, mas era a realidade dela. Aquela criança representava todos os problemas da sua vida naquele momento. Era horrível pensar assim, mas era assim que ela pensava. Sentia sono em excesso, mas seus pensamentos não a deixavam dormir. Quando finalmente conseguiu fechar os olhos, sonhou com Mark. Ele apareceu em sonho para ela, lindo como sempre, mas sua expressão parecia tão triste e desanimado.

Acordou suada, sentiu uma coisa ruim, desejou que ele estivesse ali com ela. Passou praticamente o dia todo deitada, só se levantou quando Constance lhe chamou, avisando que o almoço estava pronto e então, ela desceu até a cozinha.

— Meu Deus, esse cheiro é lasanha? — ela falou animada sentando de frente ao balcão da cozinha.

— Sim, fiz para ver se você se animava a comer. — a senhora respondeu sorrindo.

— Está muito bom. — Lia disse enquanto comia.

Agradeceu mentalmente por não sentir enjoo depois de comer. Deitou no sofá da sala e perguntou a si mesma se seu bebê seria bonito. Pensamento fútil, deveria torcer para que tivesse saúde e não beleza. Mas no fundo sabia que não tinha como seu bebê nascer desprovido de beleza; se fosse filho de Mark ou Jack, no quesito beleza não faria tanta diferença.

À noite, Emily ligou para ela.

— Lia, conversei com Christian, meu noivo e ele tem um amigo que é dono de um Spa no Mississippi, e nos convidou para passar alguns dias por lá. Vai ser divertido, podemos ir, o que acha?

— Seu amigo ofereceu isso do nada?

— Não, claro que não. Christian ligou para ele justamente porque estava procurando um lugar para irmos.

— É... até parece ser legal, estou precisando mesmo respirar novos ares. Quando vamos? — perguntou Lia.

— Amanhã, que tal? Podemos aproveitar o feriado.

— Ótimo então.

— Amanhã nos encontramos no aeroporto. Fica bem, boa noite.

Lia respirou fundo encarando o teto e passou a mão na barriga, imaginou que tudo poderia ser diferente se não tivesse deixado Mark ir embora.

A viagem começou bem, Lia encontrou suas amigas no aeroporto, Stacy, Emily e seu noivo. Não tinha tido nenhum enjoo até o momento, o que considerava ótimo. Desembarcaram em Columbus, Mississippi e alugaram um carro para seguir até o *Spa Beautiful Hilltop*, que ficava à beira da estrada, era simples, mas enorme. O lugar contava com piscinas, sauna, quadra de tênis, um pequeno haras e uma parte da floresta de pinheiros da região onde se podia fazer caminhadas. Eles foram recepcionados pelo próprio dono do lugar, um homem consideravelmente jovem, bonito e com um sotaque britânico.

— Aqui nós dividimos os hóspedes por bangalôs. Separei os dois melhores bangalôs duplex para vocês. — disse o homem com o braço pendurado no ombro de Christian.

— Se eu soubesse que aqui é tão bonito, teria me aproveitado de seus convites antes. — disse Christian enquanto caminhavam rumo à enorme e elegante cabana que era o prédio principal do local.

Não ficaram muito tempo na recepção, logo foram levados para suas acomodações. Dois bangalôs duplex, Emily e Christopher ficaram em um e Lia e Stacy em outro.

Lia admirou a decoração, no andar de baixo havia um banheiro, uma sala com um sofá cheio de almofadas coloridas, no andar de cima, apenas o quarto. Tinham duas camas de solteiro, do lado de fora uma pequena sacada com vista para todo o Spa.

— Eu estou tão cansada, talvez algumas horas de sono sejam bem-vindas. — Lia disse para Stacy.

Ela planejava dormir algumas poucas horas e então depois aproveitar aquele lugar, mas acabou dormindo demais e acordou só a noite. Olhou pela sacada, tudo tão lindo e iluminado ao redor. Passou as mãos sobre a barriga e pensou em Mark.

É difícil se acostumar com a ausência daquela pessoa que um dia fez parte da sua rotina.

— É hora do jantar. — Stacy anunciou, fazendo Lia despertar de seus pensamentos.

— Tá, eu vou tomar um banho rápido.

As refeições sempre eram servidas na cabana principal, para todos os hóspedes. Lá havia um grande salão que mais parecia um restaurante. Havia todo tipo de comida ali, Lia estava a ponto de literalmente morrer de fome, era sempre assim quando se aproximava da hora das refeições. Podia fazer um prato digno de um trabalhador braçal, mas se conteve por vergonha. Serviu-se razoavelmente, sabendo que repetiria no mínimo mais duas vezes.

— Passei o final da tarde inteira na massagem. Lia, você não deveria ter dormido tanto, o boy tem mãos de fada, você precisa ver. — disse Stacy enquanto comiam.

— Eu não planejava dormir tanto.

— Chris e eu nem saímos do bangalô. — disse Emily olhando para o noivo e tendo uma pequena conversa com o olhar.

— Hmm. Ninguém quer saber da vida sexual de vocês. — Lia respondeu.

— Eu não falei nada demais... — Emily se defendeu e o noivo apenas riu.

— Lia, você está desconfortável? — Stacy perguntou quando viu que sua amiga estava um pouco pálida, mais do que o normal.

— Não sei, de repente senti um perfume e me enjoou. — Respondeu ela, pousando o garfo sobre o prato.

— No seu lugar, eu também me sentiria mal se o suposto pai do meu filho estivesse tão perto.

— Quê? — Lia sentiu o coração disparar enquanto os olhos claros rodaram pelo salão em busca de alguém conhecido.

— Lia, você está bem? — Emily perguntou, tocou sua mão e sentiu que estava gelada. Olhou com repreensão para Stacy.

Lia se levantou e saiu andando pelo salão atraindo olhares, deixou a elegante cabana a passos largos, andando pelo caminho de pedras que levava aos bangalôs.

Jack estava ali em alguma daquelas mesas e ela não conseguiu ver? Estava com medo, concluiu. Medo de Jack? Talvez. Ele não sabia sobre o bebê e temia a reação que pudesse ter se soubesse. Depois da conversa que tiveram e da forma como ele defendeu seu casamento, o mínimo que poderia fazer era exigir que ela fizesse um aborto. Mesmo que Jack não estivesse ali, queria ir embora. Ela queria a segurança de sua casa onde ninguém a incomodava. Estava decidida, faria as malas e inventaria uma desculpa qualquer para voltar para casa.

A mente continuava a trabalhar enquanto andava pelas pedras, prestando atenção no caminho para evitar cair. Deveria ter focado menos a visão no chão e mais no caminho à sua frente. Isso teria impedido que ela trombasse com alguém vindo na direção oposta.

Seu corpo bateu contra algo firme e ela se desequilibrou, viu o chão se tornando cada vez mais próximo. Enquanto se preparava para a queda que parecia inevitável, pensou em seu bebê e sentiu medo. No entanto toda a aflição foi passageira quando mãos firmes a seguraram antes que ela caísse. Tudo o que sentiu foi alívio. Pelo menos até ouvir a voz.

— Você está bem? — perguntou-lhe o homem de voz rouca.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



— Você está bem? — ele repetiu a pergunta quando ela não respondeu.

Lia continuou a encarar os olhos azuis à sua frente, ele usava uma camiseta branca que deixava suas tatuagens à mostra e fez com que ela ficasse sem conseguir pensar direito.

— O que aconteceu? — perguntou uma mulher saindo de um dos bangalôs. Lia a reconheceu da foto que viu uma vez. Os cabelos negros estavam presos em um coque e o corpo magro invejável estava coberto por um curto vestido de verão.

— Nada demais, amor. Apenas nos esbarramos. — Jack respondeu a esposa.

— Sim, nos esbarramos. Mundo pequeno. Eu preciso ir... — Lia queria sair correndo dali.

Ela continuou pelo caminho sentindo ainda a adrenalina em seu corpo. Stacy não tinha mentido, Jack realmente estava ali. Aquilo era assustador. Estavam num país enorme e tinham que estar no mesmo Spa ao mesmo tempo?

Que infelicidade do destino.

Agora mais do que antes, Lia queria ir embora daquele lugar. Não queria ter outros esbarrões com Jack e sua esposa de aparência ridiculamente perfeita.

Tinha pressa, talvez pudesse sair dali aquela noite, partir de carro para Columbus e depois pegar o primeiro avião até Atlanta. Suas amigas poderiam ficar, ela não se importava, só precisava estar longe dali.

Ouviu barulhos no andar de baixo, e então passos na escada.

— Lia. — Emily a chamou antes de abrir a porta do quarto. — O que está fazendo? — olhou a bagunça que ela fez enquanto tentava arrumar as malas.

— Vamos embora, por favor?

— Seu problema é o Jack? — Emily perguntou e Lia não respondeu, mas estava estampada a surpresa em seu rosto.

— Eu sei que ele está aqui, mas não vamos embora.

— Por que não? Eu tenho que ficar longe dele...

— Você não precisa fugir, ele nem sabe que você está grávida. E se você não quer que ele saiba que ele é o suposto pai, diga que o filho é do Mark e que estão felizes.

Lia suspirou e sentou na cama.

— Ah claro, eu e Mark estamos tão felizes, eu aqui e ele lá sabe Deus onde e nem sabe que estou grávida.

— Lia, guarde as coisas, não vamos embora, pelo menos não hoje.

Emily saiu e deixou Lia sozinha, solitária com todos seus problemas reais e os que inventava. Ela chegou a uma conclusão: não estava feliz.

Acordou sozinha na cama, por mais que tivesse passado dois meses que Mark não estava mais com ela, ainda sentia falta de acordar ao lado dele, dormiam juntos todas as noites como se praticamente já estivessem casados.

Deixou o quarto apreensiva. Não queria encontrar Jack e sua esposa de novo, seria constrangedor, ela lembrou a maneira como ele a tratou na última vez que se encontraram.

Viu suas amigas à mesa do café da manhã. O salão estava quase vazio, provavelmente porque era mais de nove e meia da manhã e a maioria dos hóspedes acordavam cedo.

— Você vai comer cinco maçãs? — perguntou Stacy olhando as maçãs que Lia colocava em sua frente.

— Vou. Sonhei a noite inteira com macieiras e estou com fome.

— Que bonitinha, uma grávida eficiente que realiza os próprios desejos. — disse Emily.

— É. — ela sorriu de leve. — O Jack também está hospedado aqui...

— Nós já o vimos. — Emily a interrompeu.

— Eu não acho que Jack irá aceitar se eu contar e acharia que estou usando o bebê para prendê-lo.

— Lia, você não precisa disso, o Mark te ama...

— Emily, o Mark me ama eu sei disso, mas onde ele está? Já parou para pensar nisso? Meu filho precisa de um pai.

— E por que não o Jack então? — sugeriu Emily.

— Porque ele não quer.

— Ele nem sabe dessa criança. Ele é casado, ok. Mas você não fez o bebê sozinha, não vai ser o fim do mundo você dizer à sua família e seu bebê merece saber a verdade. — Emily falou e Lia bufou.

— Eu estou grávida e o lugar mais seguro e estável que eu tenho por enquanto é... — parou de falar quando percebeu que havia alguém atrás dela. Virou-se.

Jack a encarava com os olhos azuis mais saltados que o normal e o rosto apreensivo. Lia não sabia a quanto tempo ele esteve por ali, ou quanto ouviu, mas sabia que teria caído se já não estivesse sentada.

— Jack? — a voz saiu fraca, o corpo tremia, o coração palpitava, os olhos só focavam no rosto dele.

— Você deixou cair ontem. — disse ele estendendo a mão para ela segurando uma delicada pulseira de ouro.

— Obrigada. — Lia pegou a pulseira torcendo para que ele não percebesse o quanto ela tremia.

Jack apenas assentiu e se afastou, não sem antes lançar um olhar rápido para o ventre dela.

— Você acha que ele ouviu? — Stacy falou baixo mesmo que ele já estivesse consideravelmente longe chegando à mesa onde sua esposa o esperava.

— Acho que não, ele não parecia ter ouvido algo. — disse Emily.

— Ele sabe. Ele ouviu... Droga, não era para isso ter acontecido. — Lia falou impaciente.

— Talvez fosse justamente o que era para ter acontecido. Você deveria contar tudo para ele e resolver isso logo. — Emily concluiu.

— Não, eu não deveria. Do que adianta contar para ele? Ele não vai largar a esposa perfeita e se casar comigo. Eu preciso de alguém.

— Minha mãe foi solteira e não morreu por isso. — disse Stacy.

— Sua mãe não tinha uma família religiosa para julgar ela e você.

— Acho que não adianta ficarmos dando sugestões. No fim a Lia faz sempre o que ela acha que deve fazer. — Emily tentou ser a voz da razão e Lia deu de ombros.

— Deixa só eu te perguntar uma coisa... — Emily falou.

— Diga.

— Quem você quer que seja o pai verdadeiro?

— Obrigada Emily por me lembrar que sou uma vadia e nem ao menos sei quem é o pai do meu bebê.

— Desculpa amiga, não foi essa a intenção.

Lia respirou fundo antes de responder.

— É claro que quero que seja o Mark. Eu o amo, não deixo de pensar nele um só dia. Tenho tanto medo que ele não volte... — ela começou a chorar e se levantou da mesa.

“Eu estou grávida”, foi tudo o que Jack ouviu Lia dizer. Uma frase simples que não deveria mexer nem um pouco com ele. Eles não faziam mais parte da vida um do outro, era natural que aquilo acontecesse mais cedo ou mais tarde. Lia estava com Mark a um certo tempo, isso não o deveria incomodar, afinal, depois de tudo foi ele quem disse que queria ficar com sua esposa, que a queria longe.

Mesmo assim aquilo incomodava.

Lia foi dar uma volta com suas amigas, passeavam pelo haras.

— Sinto tanta falta de cavalgar. — Lia falou enquanto olhava os cavalos.

— É, imagino. Sei o quanto você gostava de montar. — disse Emily com ar de riso.

— Senti a ironia na sua frase, dona Emily. Mas estou falando sério, desde que quebrei a perna, nunca mais montei num cavalo.

— E nem vai poder tão cedo.

Ouviram vozes se aproximando, Lia virou-se para trás por pura curiosidade, não teria dado importância para qualquer pessoa que estivesse ali, mas deu porque não era qualquer pessoa. Jack caminhava de mãos dadas com sua esposa. O sorriso tremulou e o olhar desviou tão rápido como uma flecha, procurando olhar para qualquer coisa que não fosse ele.

Jack envolveu a cintura de sua mulher com um abraço e tentou prestar atenção no que o instrutor dizia, mesmo que agora soubesse que seria difícil manter a atenção em alguma coisa além da mulher bonita que estava a alguns metros dele: Lia.

— Vamos? — Holy chamou.

— Prefiro atividades mais... intelectuais. — ele respondeu e a mulher riu prendendo os cabelos.

— Pois eu vou, alguém de nós dois tem que ser o corajoso da relação.

— Estarei olhando você. — Jack beijou-lhe os lábios.

Ele encostou-se na cerca de madeira pintada de branco. Ele observava sua mulher, quando sentiu algo colidir contra seu rosto. Pegou de forma atrapalhada o chapéu que fora trazido pelo vento.

— Desculpe. Foi o vento. — ele reconheceu a voz doce assim que ouviu.

— Não foi nada. Talvez não seja uma boa ideia você montar. — olhava para a barriga dela, não havia nenhum sinal de que ela estivesse grávida, parecia tão magra e bonita quanto antes.

— Eu não vou. — Lia respondeu desconfortável. — Jack, sobre o que você ouviu...

— Você não precisa me dizer nada sobre isso, Lia. Cada um de nós tem sua própria vida, eu tenho uma esposa, você tem o Mark e agora vocês vão ter um filho. Você não tem que me dizer nada sobre isso, porque eu não tenho nada a ver. Mark deve estar muito feliz.

Lia apenas assentiu. Sentia o coração o pequeno e apertado.

— Holy e eu conversamos sobre ter filhos... Mas acho que esse tipo de coisa tem que ser algo bem planejado. — ele tentou ter uma conversa casual com Lia, mesmo ela parecendo incomodada com a situação.

Ela o encarou, sorriu e olhou para os próprios pés tentando conter a vontade de rir que estava sentindo.

— Eu disse algo engraçado?

— Sim, você disse. Engraçado e irônico. Essa é uma daquelas situações tragicamente cômicas. — ela o encarou ainda com o ar de riso.

— O que você quer dizer? — sua confusão era perceptível.

— Quero dizer que... Você não pode me falar que não tem nada a ver com isso e depois dizer que uma gravidez tem que ser planejada.

— Me desculpe se te ofendi, não era a intenção...

— Eu sei que não. O problema não é esse, o problema é que... — ela respirou fundo, não tinha certeza se devia fazer aquilo, mas sabia que se não fizesse nunca mais teria coragem de fazer.

— Qual o problema? — Jack a questionou, percebendo a confusão mental que ela tinha.

— O problema é que o pai dessa criança completamente não planejada pode ser você. — as palavras saíram da boca de Lia numa velocidade que nem ela mesmo esperava.

Jack não teve reação alguma, apenas ficou parado olhando para ela. Lia deduziu que ele provavelmente estava em estado de choque. Lembrou-se de quando o teste de gravidez deu positivo, a forma como ela saiu de órbita, como não conseguia pensar em nada. Ele devia estar sentindo o mesmo naquele momento.

— Eu... Eu... — ele tentou dizer algo, seu olhar foi para Holy, que estava andando a cavalo.

Lia se lembrou o que ele lhe disse a última vez que conversaram, quando ele disse que não queria que ela se intrometesse em seu casamento. Imaginava o que estava passando pela cabeça dele naquele momento.

— Não se preocupe. — disse ela. — Eu não tenho a intenção de estragar seu casamento, nem espero nada de você. Estou bem e vou continuar bem. Eu só achei que você tinha o direito de saber.

— Que eu tinha o direito de saber? — ele parecia irritado e pronto para dizer coisas que Lia sabia que não queria ouvir. Por sorte, ou não, foram interrompidos por Holy.

— Jack, você viu aquilo? Você tem que experimentar, você vai... — Ela parou de falar quando viu a mulher que estava ao lado do marido.

— Que bom que você gostou. — ele a beijou carinhosamente.

Lia simplesmente virou o rosto, sentia uma intrusa e talvez fosse justamente isso que Jack queria mostrar. Ela era uma intrusa em seu casamento perfeito, assim como o seu bebê que carregava.

Holy a encarou, depois de olhá-la de cima a baixo.

— Estavam conversando ou você apenas esbarrou no meu marido de novo? — a morena perguntou. Lia deu uma olhada para o rosto da “rival” e sorriu.

— Estávamos conversando apenas, nada demais. — Jack puxou a mulher para perto, abraçando sua cintura.

— Sim, nada demais. Eu preciso ir agora... — Lia disse.

— Sim, você precisa. — Holy concordou, dava para ver vestígios de ira em sua expressão. Lia não a julgava, se as coisas fossem invertidas, provavelmente teria tido a mesma reação ou pior.

Lia sorriu de maneira tímida e se afastou, indo em direção às amigas. Os joelhos tremiam e os olhos ameaçavam lacrimejar.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE



— Podemos sair daqui? — Lia falou, forçando a voz para passar através do nó que estava se formando em sua garganta.

— O que aconteceu, Lia? Você contou a ele? O que aquele idiota disse para você ficar assim? — Emily perguntou.

— Lia, o que ele disse? — Stacy insistiu.

— Podemos só sair daqui? Eu não quero chorar. — Lia falou e o lábio inferior começou a tremer.

— Tudo bem, acho que já deu de brincar de fazendeiros hoje. — Christian, o noivo de Emily falou.

Todos voltaram para o bangalô, Lia teve que convencer Emily a ir embora, ela já estava mais do que cansada de ficar no mesmo lugar que Jack e sua esposa.

Lia colocou as roupas na mala de qualquer jeito, quanto mais rápido fosse embora, seria melhor.

Durante todo o voo, ficou olhando em seu iPhone fotos dela junto com Mark. Sorriu por alguns segundos, lembrou tantos momentos maravilhosos que tiveram. Sentiu vontade de voltar à Los Angeles, mas seria triste ir até lá sem ele. Sentia-se tão angustiada, a pior coisa era não ter notícias, isso deixava seu coração ainda mais partido do que já estava.

Desembarcaram em Atlanta e Lia se despediu de suas amigas.

— Amiga, desculpe se esses dias não foram como você esperava, eu só queria que você relaxasse um pouco, mas acabou acontecendo o contrário.

— Emily, você não tem culpa de nada. Eu preciso dormir um pouco, você se importa se eu ficar sozinha?

— Eu até me importo, mas se é pelo bem do meu afilhado ou afilhada... Fica bem, tá? Eu amo você. — Emily disse a abraçando.

— Eu sei disso. — ela riu. — Também amo você.

— Estou começando a ter ciúmes. — disse Christian querendo descontraír.

— Não precisa, porque se houvesse algo a mais entre a Emily e eu, já teria acontecido. Somos amigas a muitos anos.

— Lia! O que o Chris vai pensar? — Emily a repreendeu.

— Relaxa Christian, eu jamais trocaria o Mark ou qualquer outro homem por uma baixinha de olhos orientais como a Emily. — disse rindo.

— Ufa! — ele respondeu rindo.

Se despediram e Lia entrou em casa.

Foi para sua suíte, levou o telefone e ligou para sua avó.

— Lia, minha querida!

— Oi vó, estou com saudades.

— Eu também, minha linda! Quando pretende vir me visitar?

— Ah, vovó acho que agora é a sua vez de vir aqui. Eu preciso de companhia, embora eu não esteja mais sozinha...

— Mark voltou?

— Não. Eu... Eu estou grávida. — ela falou e as lágrimas instantaneamente surgiram.

— Ow, meu amor e como está se sentindo?

— Muito mal. Vó, o Mark não tem dado notícias e eu estou tão angustiada. — ela começou a soluçar.

— Lia, não fique assim. Pense pelo lado bom... Você o ama tanto, agora você tem um pedacinho dele com você.

— Eu não sei ao certo se o bebê é filho dele. O Jack... ai vó, eu sou uma vadia.

— Não diga isso, querida. Olha, amanhã eu prometo ir até aí para conversarmos. Richard e Elisabeth já sabem?

— Não, eles não sabem ainda. Não conta para eles, por favor?!

— Tudo bem, eu não vou dizer nada. Promete que não vai fazer nenhuma besteira?

— Claro que não vou fazer nada, eu jamais teria coragem.

— Eu sei que não, você será uma ótima mãe e eu terei mais um bisneto.

— Obrigada vó, preciso desligar, vou tomar banho e me deitar.

— Isso, descansa. A vovó ama você.

— Também te amo vó, um beijo! — desligou.

Lia entrou no banheiro do quarto, tomou banho e voltou para sua cama, tudo o que queria era deitar e ter como companhia as lágrimas.

Acordou no dia seguinte sentindo frio e um pouco de cólica, mas achou ser normal. Entrou no banheiro, tirou a roupa e observou a própria barriga no espelho que dava poucos indícios de que realmente havia alguém ali dentro. Sorriu se imaginando quando a barriga estivesse bem grande. Quando tirou a calcinha, o corpo todo estremeceu.

Sangue nunca era um bom sinal.

A água estava quente, mas Lia continuava a sentir frio. Era algo que vinha de dentro, arrepios e calafrios enquanto tomava banho. A mão desceu delicadamente pelo ventre até tocar a própria intimidade. A água escorreu pelas pernas num tom claro de rosa.

Tremeu e rapidamente fechou o chuveiro. Vestiu o roupão branco, foi para o quarto, sentou-se na cama, pegou o celular e respirou fundo. Ligou para Mark e mais uma vez não obteve êxito, deixou uma mensagem dizendo que precisava dele. Se sentiu sozinha, abandonada e extremamente assustada.

Pegou o celular e procurou pelo número de Emily que estava salvo nos contatos. Caía direto na caixa de mensagens.

— Constance. — gritou pela empregada.

— Pois não. — a mulher apareceu na porta, enxugando as mãos no avental branco pendurado em sua cintura. — Você está bem? Quer que eu traga o café aqui no quarto?

Lia apenas negou com a cabeça enquanto tentava não chorar.

— Trinta e oito e meio. Está mesmo com febre. — disse Constance olhando o termômetro que Lia havia acabado de tirar do braço.

Lia fechou os olhos sentindo as pálpebras quentes. Não precisava ter usado o termômetro para saber que estava com febre. Estava deitada na cama ainda com o roupão e sentia calafrios subindo e descendo pelo corpo.

Ouviram a campainha tocar no andar de baixo, Constance foi abrir a porta. Madeleine surgiu na porta do quarto segundos depois. Bastou apenas Lia olhar para sua avó e seus olhos encheram de lágrimas.

— O que está acontecendo? — a avó perguntou se aproximando dela.

Lia soluçou, a voz não conseguia passar pelo nó que se formava na garganta. Sentia medo e culpa mais ainda. Era evidente que havia algo de errado com seu bebê e não podia deixar de pensar que era algum tipo de castigo. Foram incontáveis as vezes que inconscientemente desejava não estar grávida e agora estava acontecendo o que ela queria. Mas naquele momento não queria que algo de ruim acontecesse ao bebê.

Madeleine a abraçou, envolvendo-a em seus braços como se Lia fosse um bebê.

— Você está quente.

— Eu estou sangrando, vó. — se forçou a falar, sentiu sua avó ficar tensa.

Ela estava perdendo o bebê.

Madeleine se afastou, lhe lançou um olhar perdido e desesperador. Foi até o closet e começou a procurar alguma roupa para sua neta vestir. No fim pegou três peças.

— Troca de roupa, vou te levar para o hospital. — entregou a ela a calcinha, um vestido e um casaco.

Lia se despiu do roupão, sem pudores em ficar nua na frente da avó. Ela empalideceu um pouco vendo a mancha em vermelho vivo no tecido branco.

Lia terminou de se vestir e sentiu-se exausta pelo pequeno esforço. Sua avó penteou

seus cabelos e calçou sapatilhas nos pés dela. Lia sentiu-se cuidada, o que era um pouco melhor do que a forma como sentia-se minutos atrás.

O caminho até o hospital foi silencioso dentro do carro. Emily estava no hospital e logo levou Lia para a sala de exames.

— O colo do útero está fechado, isso é bom. — disse Emily depois de fazer o exame de toque em Lia. — Vamos fazer um ultrassom para termos certeza de que o sangramento não é algo com o bebê.

Madeleine estava ao lado de Lia e a confortava.

— Vai ficar tudo bem. — ela falou enquanto a obstetra ligava o aparelho de ultrassom.

Algumas imagens se formavam na tela ao passo que Emily passava o bastão sobre a barriga de Lia. Ela e sua avó tentavam distinguir algo na tela.

— Ele está bem aqui. — a médica que tinha traços asiáticos sorriu. — Parece bem, a placenta está bem fixada. — Emily apertou um botão e o barulho preencheu a sala.

A batida forte e constante do coração do bebê era como um bálsamo para Lia e sua avó. O bebê ainda estava ali e estava tudo bem. Lia sorriu se sentindo aliviada, agora mais do que nunca queria o seu bebê.

— Ele parece ótimo. Você está de nove semanas e três dias. O bebê está medindo cinco centímetros e pesando cerca de oito gramas. Agora que já sabemos que meu afilhado está bem, vamos procurar a origem do sangramento.

Demorou cerca de quinze minutos para que finalmente o motivo do sangramento fosse descoberto.

Um pólip.

CAPÍTULO CINQUENTA



Antes que Lia ficasse ainda mais assustada, Emily explicou:

— Lia, um pólipó é um tecido adjacente que cresce dentro do útero. Pelo que consegui ver, está inflamado, por isso a febre e o sangramento. — explicou Emily. — Uma pequena cirurgia pode ser feita para retirá-lo, mas prefiro esperar pelo menos alguns meses para que o bebê esteja maior.

— Se ela fizer essa cirurgia, não prejudicaria o bebê? — perguntou Madeleine.

— Caso ela faça a cirurgia, o ferimento teria que cicatrizar e parar de sangrar sozinho, porque uma cauterização poderia acarretar contrações. — Emily explicou — Não é o melhor que ela sangre por uma ou duas semanas nessa etapa da gestação, mesmo que não seja em grandes quantidades. Por enquanto Lia vai tomar alguns antibióticos apropriados para gestantes, afim de reduzir a inflamação e cessar o sangramento e algum remédio para febre.

Lia não queria passar a noite no hospital, mas não protestou quanto a internação. E não seria tão ruim porque sua avó parecia disposta a paparica-la de todas as formas possíveis.

— Emily, preciso falar com você. — Lia disse enquanto a médica e amiga entrou no quarto.

— Sim, diga.

— Você disse que estou de nove semanas e três dias...

— Sim. — ela assentiu.

— Isso significa que o meu bebê, é meu e do Mark. Eu fiz as contas e engravidei na última noite que tivemos em Los Angeles, antes que ele fosse viajar.

— Ai, amiga isso é ótimo. Fico feliz porque ninguém merece ter um filho do Jack, desculpe.

— Me sinto tão aliviada. Eu quero muito esse bebê porque ele é meu e do amor da minha vida. Foi a melhor noite que tivemos, quem diria que eu ia engravidar. — ela disse sorrindo.

— Own isso é tão romântico! — Emily falou rindo. — É muito bom te ver mais contente, não é bom que você fique tão depressiva, por mais que o bebê ainda seja tão pequeno, ele sente as suas emoções. Você precisa ficar bem para que ele fique também.

— Eu vou ficar. — ela sorriu.



— Quanto tempo ela está dormindo? — perguntou uma voz tão familiar que ela ficou frustrada em não reconhecer. Seu cérebro não parecia pronto para processar informações.

— Acho que dezesseis ou dezessete horas. — respondeu uma outra voz que ela não precisou de muito esforço para saber que era sua avó.

Lia se esforçou para abrir os olhos, as pálpebras pareciam estar amarradas a uma tonelada de chumbo. A primeira coisa que viu foi um homem parado à sua frente.

— Pai. — olhou para ele e sorriu.

— Finalmente! Pensei que iria completar vinte e quatro horas dormindo. — disse ele.

— Ainda estou com sono. — reclamou manhosa e sentiu-se estranha, seu pai já sabia da gravidez. — Onde está a mamãe?

— Ficou em Rome. Um de nós dois precisava ficar para um culto importante, mas ela ficou preocupada com vocês. — ele respondeu rapidamente quando viu o semblante desapontado da filha.

— Vocês pareceram se preocupar bastante nas últimas semanas. — foi sarcástica.

Richard não disse nada para se defender ou defender a esposa. Afinal não havia nada que pudesse dizer. Desde que Mark foi viajar, Elisabeth não estava tendo muito contato com a filha, ela nunca escondeu a desaprovação do namoro. Ele tinha se preocupado de verdade e sabia que Elisabeth também, mesmo que quisesse parecer que não se importava. Elisabeth ficou pálida quando soube por um telefonema de Madeleine que a filha estava no hospital, mas quando Richard questionou se ela iria acompanhá-lo para ver a filha, ela disse um decisivo não.

— Como você está se sentindo? — perguntou à ela.

— Cansada, mas a cólica passou. — respondeu Lia.

- E o sangramento também. Examinaram você enquanto dormia. A obstetra disse que se você estivesse se sentindo bem, poderia receber alta logo. — disse Madeleine.

— Eu estou me sentindo ótima se isso significa que posso ir embora.

— Vou procurar sua obstetra para te dar alta. — falou Madeleine saindo do quarto.

— Você está mesmo bem ou está falando isso só para ir embora? — Richard perguntou fazendo um carinho no rosto da filha.

— Eu estou bem, só vou querer dormir por mais algumas horas quando chegar em casa.

— Você vai poder dormir o tempo que precisar. — ele sorriu.

— Pai, desculpa não ter contado antes, mas é que eu estava tão confusa e nem tinha aceitado ainda o fato de estar grávida, me perdoa? Mark e eu estamos juntos há quase dois anos, eu o amo.

— Não precisa pedir perdão, eu sei como são essas coisas. Sua mãe é mais rígida por causa da igreja, mas ela também não casou virgem e não foi comigo que perdeu.

— Hmmm essa eu não sabia. — Lia ficou com vontade de rir.

Emily e Madeleine entraram no quarto.

— Lia, você pode ir para casa, mas é importante ficar de repouso. Se houver mais sangramentos, em dois ou três meses você vai ter que fazer a pequena cirurgia para a retirada do pólip. Mas vai ficar tudo bem. — Emily segurou a mão de Lia para tranquilizá-la.

Emily deu alta para Lia que estava mais do que pronta para ir. Não disse nada quando seu pai se despediu dela, ele pediu para que ela se cuidasse. Madeleine levou Lia para o carro afim de levá-la para casa.

— Podemos parar em algum supermercado? Estou com vontade de tomar sorvete. — Lia pediu enquanto sua avó dirigia.

— Então não é melhor ir à sorveteria?

— Não porque quero deitar na minha cama e tomar um pote de sorvete inteiro assistindo TV.

Sua avó sorriu e parou em um supermercado que ficava próximo. Lia pegou dois potes de sorvete levando até o caixa. Chegaram em casa, Lia estava em sua suíte acomodada em sua cama devorando todo o pote de sorvete e rindo das histórias que sua avó contava.

— Sabe vó, eu sinto tanta saudade da Chloe, queria que ela estivesse aqui. Ela mudou tanto depois que David nasceu, quem diria que ela mudaria tanto né? E depois teve uma morte tão horrível. — Lia falou com os olhos ameaçando a lacrimejar.

— Deus gosta de pessoas boas perto dele. O importante é que ela mudou, encontrou o amor e partiu. — Madeleine falava e Lia já não conseguia conter as lágrimas.

— Pode me levar ao túmulo dela outra hora?

— Lia, você está muito fragilizada por causa da gestação, não é bom que tenha fortes emoções. Você precisa ficar de repouso por causa do pólip.

— Eu sei vó, mas eu preciso ir lá, quero ficar uns minutos a sós, como se eu pudesse conversar com ela.

— Tá, eu vou pensar.

O celular de Lia tocou e ela não reconheceu o número que apareceu na tela, mas logo atendeu.

— Lia?

O coração acelerou quando reconheceu a voz que tanto esperava ouvir novamente.

— Mark! Meu amor, você está bem? Ai graças a Deus você ligou.

— Meu amor, estou com tanta saudade. Não estou podendo ligar, mas dei um jeito aqui.

— Mark, eu...

— Lia, escuta. — ele a interrompeu. — Eu não sei quando vou poder ligar de novo, tá? Eu só liguei pra dizer que ainda não sei quando vou poder voltar, mas nunca esqueça que eu te amo muito. — Mark dizia e as lágrimas não paravam de escorrer nos olhos dela.

— Mark, eu estou... — a ligação caiu, sem ao menos dar tempo dela contar sobre o bebê.

— Vó, era ele. Parece que ele está bem, só não deu tempo de contar sobre o bebê. — ela abraçou sua avó.

— Vai ficar tudo bem, logo ele estará aqui com você e o filho de vocês.

— Deus te ouça, vó. Deus te ouça.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM



Lia acabou pegando no sono, o que foi bom, e acordou com Constance lhe chamando.

— Lia, tem visita para você lá embaixo.

— Cadê minha avó? — ela perguntou coçando os olhos sonolenta.

— Está dormindo no quarto de hóspedes. — respondeu Constance.

Lia se levantou, ela usava uma camisola, vestiu um robe por cima e foi até o andar de baixo.

Jack estava sentado no sofá parecendo inquieto.

— O que você faz aqui? — Lia perguntou franzindo a testa.

— Eu vim te fazer só uma pergunta. — ele disse sério e Lia nada respondeu. — Esse filho é meu? Tem alguma possibilidade de ser meu?

— Não, não é.

— Então por que você disse aquilo há dias atrás lá no Spa? — os olhos azuis e inquisidores de Jack analisavam os verdes de Lia.

— Porque eu pensei que poderia ser, mas não é. Estou de nove semanas, se fosse seu eu teria que estar com no máximo seis semanas.

— Ah. — ele olhou para o chão parecendo estar desapontado.

— Se era isso o que você queria saber, então agora já sabe. Eu vou ter um filho do homem que eu amo.

— Será que ele te ama também? — ele se aproximou — Porque já fiquei sabendo que ele sumiu e sabe lá se foi para fugir da responsabilidade... — ele foi interrompido quando sentiu a mão de Lia lhe dar um tapa no rosto.

— Mark não fugiu e quem é você para falar dele? Eu não posso me aborrecer, eu além de grávida, estou com um problema no útero, eu preciso ficar calma e você não vai me tirar do sério. Faça o favor de ir embora agora. — ela caminhou até a porta e abriu, esperando que ele saísse.

— Tudo bem, mas se precisar de mim, sabe onde me encontrar. — ele a encarou e saiu.

Lia fechou a porta, passou a mão na barriga e respirou fundo tentando não chorar.

Sentiu enjoo e teve que correr para o banheiro, estava prestes a colocar para fora todo o

sorvete que havia tomado. Escovou os dentes e viu sua avó aparecer na porta.

— Está tudo bem?

— Está, estamos bem. — ela deu um meio sorriso e desceram até a cozinha.

— Vó, preciso te contar uma coisa...

Lia contou sobre a noite que passou com Jack, semanas depois que Mark viajou.

— Quem nunca errou que atire a primeira pedra. — foi o que sua avó respondeu.

— Espero que o Mark me perdoe algum dia.

— Não fique pensando nisso, Lia. Pense que agora vocês terão um filho e tudo vai mudar. Daqui para frente os seus planos serão para o seu bebê, você vai ficar tão linda quando sua barriga estiver enorme. — Madeleine falou sorrindo.

Dias depois, Emily foi ver como Lia estava.

— Estou bem, estamos bem. — ela sorriu acariciando a própria barriga.

— O resultado do exame de sangue não deu muito bom... sua glicose está um pouco alta, então nada de doces nem refrigerantes.

— Ah Emily, nem um chocolatinho? — disse fazendo cara de sofrimento.

— Por enquanto não. Coma bastante frutas, legumes, essas coisas.

— Tá, né.

Emily foi embora, Lia pegou o celular para enviar uma mensagem para Mark. Digitou a mensagem, dizendo que estava grávida, teriam um filho e ela precisava dele, mais do que sempre, queria tê-lo por perto, mas a mensagem não foi enviada. Não conseguiu, tentou várias vezes sem sucesso e perguntou por que aquilo estava acontecendo? Quando mais precisava dele, ele estava longe.



— Catorze semanas. Você cresceu rápido. — Lia passou a mão pela barriga, um gesto que fazia sempre. Entrou no carro e foi para o hospital, não para trabalhar, mas para a consulta com a obstetra.

— Finalmente, está atrasada Dra. Lia. — falou Emily.

— Eu não demorei.

— Imagina se tivesse...

— É que passei no shopping, fui olhar algumas coisas, mas não comprei nada, preferi esperar para saber se é menino ou menina.

— Então vamos lá! Também estou ansiosa para saber se terei um afilhado ou afilhada.
— Emily disse enquanto ligava o aparelho de ultrassom. — Vamos ver se ele ou ela está numa posição boa para descobrirmos.

Lia olhava ansiosa para o monitor, saltou mais os olhos quando conseguiu ver o bebê, estava se mexendo.

— É tão fofo. — Lia falou emocionada.

— Ou fofa. Está com a perninha na frente do sexo. — Emily mexeu com o bastão na barriga de Lia, o bebê se mexeu e conseguiram ver o sexo do bebê.

Enquanto Lia via seu bebê se mexendo, memórias vinham à sua cabeça.

(...)

— Sabe, você fica sexy na cozinha só de bermuda.

— Eu sou muito sexy mesmo. — Mark falou enquanto mexia na geladeira e Lia riu quando a barriga roncou de forma audível.

— Está mesmo com fome. — brincou Mark.

— Nada mais justo que cozinhe para mim.

— Estou cozinhando. — ele falou como um empregado obediente mexendo nas panelas. — Quando tivermos um filho, ele vai se chamar Fome ou Grande Apetite? — ele falou rindo.

— Grande Apetite é mais elegante.

— Também achei. — ele riu. — Eu gosto de Benjamim ou Noah.

— Vamos discutir nomes agora? Pois bem, eu gosto de John e se for menina eu não sei. — disse Lia.

— John é bonito, eu gostei. E se for menina eu gosto de Helena.

— Ah, Mark, você diz isso porque Helena é a capital de Montana e você nasceu lá.

— Não, eu não falo só por isso não. Então que tal Nina?

— Nina é um nome bonito, e é meigo. — disse ela.

— Então Nina, tem certeza?

— Tenho. — ela assentiu.

Mark sorriu e foi até ela beijando seus lábios.

— Imagina uma menininha linda como você e com o nome de Nina.

(...)

Lia enxugou os olhos marejados e sorriu.

— Então já sabe o nome que vai colocar nessa princesa? — Emily perguntou sorrindo.

— Sim. Significa menina graciosa. — Lia fungou. — Nina.

— Um lindo nome para a minha afilhada. — concluiu Emily.

Horas depois, Lia estava em seu quarto com Emily. Sua avó teve que voltar para Nova Iorque, tinha trabalhos a fazer na revista, na qual trabalhava.

— Esse é lindo. — disse Lia olhando para a tela do notebook e vendo um berço branco.

— Você disse isso dos últimos quatro. — falou Emily.

— Ah, mas esse é ainda mais bonito. — ela sorriu e pousou a mão sobre a barriga. — Eu já consigo imaginar o quartinho dela pronto. Quero cortinas brancas na janela, esse berço com um mosquiteiro em cima, uma poltrona confortável para ficar com ela e uma prateleira com algumas pelúcias e bonecas.

— Vai ficar lindo. — Emily também sorriu. — Mas agora eu tenho que ir, antes que meu príncipe encantado chegue.

— Vai lá. Seu casamento está chegando, cuidado para não engravidar antes senão o vestido não vai entrar em você. — Lia falou brincando com a amiga.

— Deus me livre! Já tenho a Nina de afilhada, está ótimo!

— Obrigada por me ajudar a escolher as coisas.

— Madrinhas servem para isso. — deu um beijo na amiga. — Não precisa me acompanhar, eu desço sozinha.

— Eu não ia te acompanhar mesmo.

— Vaca. — xingou carinhosamente e saiu rindo.

Lia continuou a ver os artigos de bebê, favoritando em seu computador tudo o que gostava para depois mostrar à sua avó. Tomou banho e quando chegou no quarto teve uma surpresa, sua mãe estava lá. Elisabeth olhou para a barriga da filha que já mostrava ter um bebê ali dentro.

— Filha, deixa eu te dar um abraço. — ela abriu os braços e abraçou Lia que sentiu as lágrimas quentes rolares em seu rosto.

— Eu trouxe algo para você. - Elisabeth entregou uma caixa branca e Lia logo abriu.

— Mãe, você ainda tem esse vestido! — ela falou surpresa.

— Sim, eu o guardei até hoje. Foi o seu primeiro vestidinho, não é lindo? — Elisabeth falou emocionada.

— É lindo, já estou imaginando como vai ficar na Nina. — ela colocou o vestido em frente a barriga e sorriu.

— Esse vestido foi seu pai quem comprou pra você quando eu ainda estava grávida. — Elisabeth falava com Lia.

— E está bem conservado. Eu tenho uma foto que estou usando-o. — Lia sorriu. — Mas quem te contou que é menina? Como sabia?

— Ninguém contou, eu trouxe caso fosse menina, você poderia querer. Então é Nina o nome da minha neta?

— Sim. — Lia assentiu. — Mark sugeriu a um tempo atrás, eu gosto do nome.

— É bonito. Ele tem dado notícias?

— Ele ligou algumas semanas atrás...

— Lia, tem certeza que quer continuar sofrendo?

— Mãe, eu o amo. Ele também me ama e agora vamos ter uma filha. Quer que eu o esqueça assim sem mais nem menos? Poxa.

— Tá, tá bom eu não vou falar mais nada.

Lia riu do jeito que sua mãe falou.

— Queria ver David, mas não acho que seja bom eu fazer uma viagem longa. Emily disse tenho que ficar de repouso.

— Melhor mesmo. Também faz tempo que não o vejo. Já contou à sua sogra sobre a gravidez? - perguntou Elisabeth.

— Não, ainda não.

— Você precisa contar, eles também precisam saber.

— É, eu sei. Vou ver se consigo ir até lá.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS



Semanas depois, Lia foi até Montana. Emily a liberou para fazer a viagem desde que não fosse sozinha, então Elisabeth acompanhou a filha. Lia estava surpresa com a atitude de sua mãe, ela estava lhe apoiando, e era tudo que ela precisava, já bastava não ter o pai de sua filha por perto.

Todas as noites antes de dormir, chorava com saudades de Mark, e tudo o que mais queria, era vê-lo chegar.

Visitou os pais de Mark, todos ficaram surpresos e muito felizes quando receberam a notícia de que eles teriam um bebê, uma menina. Bryan estava seguindo a vida, ainda sentia a falta de Chloe, a saudade era constante, mas com o tempo a dor ia diminuindo. David era a alegria da casa, estava quase completando um aninho de vida. Bryan, Amália e Charles cuidavam muito bem do pequeno.

Lia já estava entrando no quinto mês de gestação, e depois que voltou de viagem, teve outro sangramento, mas como foi pouco e logo passou, ela não contou a ninguém. Emily iria se casar no fim de semana, então Lia ficou hospedada na casa dela para ajudar a amiga com os últimos preparativos, assim também era bom que ela se distraísse, porque embora estivesse feliz e ansiosa com a chegada de Nina, estava ultimamente desanimada e sentia-se cansada a maior parte do tempo.

— Uma pena que você não pode vir na minha despedida de solteira. — lamentou-se Emily enquanto acomodava Lia no quarto de hóspedes. — Você perdeu a Stacy dançando em cima da mesa. Foi épico!

— Eu estava em Montana. Mas não fique triste, vou te compensar sendo a madrinha mais bonita de todas.

— Não mais bonita que eu, por favor.

— Claro que não, só a mais bonita que uma madrinha grávida pode ficar.

— Christian chamou o amigo dele, Peter para ser padrinho junto com você. — disse Emily.

Era para Mark ser o padrinho junto com ela, era óbvio que agora não seria mais.

— Desculpe ter feito ele procurar outra pessoa assim tão em cima...

— Está tudo bem, Emily. Não tem problema.

Não entraram em muitos detalhes, porque Emily sabia que ficar tocando na ferida fazia

com que nunca cicatrizasse. Lia foi ao banheiro, depois voltou ao quarto e se deitou.

— Amiga, está tudo bem? — Emily perguntou enquanto Lia se acomodava no travesseiro.

— Está, por quê?

— É que... eu vi uns pedaços de papel higiênico com sangue na lixeira do banheiro.

— Foi meu nariz, deve ser porque está calor.

Ela mentiu porque não queria preocupar a amiga que estava prestes a se casar em alguns dias. Lia sabia que Nina estava bem porque ela frequentemente se agitava em sua barriga.



Quando finalmente chegou o dia do casamento de Emily e Christian, a agitação na casa começou cedo, impedindo Lia de dormir até tarde como ela bem queria. Emily foi para o salão de beleza e Lia ficaria encarregada da maioria das coisas, o que considerou até mesmo relaxante ocupando-se de todas as maneiras possíveis, assim evitava pensar no que tanto a deixava angustiada: a falta de notícias de Mark.

Lia ficou encarregada de dar as ordens e ela deu várias. Para o buffet chegar na hora certa, para a florista agilizar na decoração, para as madrinhas não usarem acessórios que não combinassem com o vestido que Emily escolheu para todas. Confirmou o horário com a banda que tocaria na festa e ligou até mesmo para o padre.

— Um passarinho me contou que você está deixando todo mundo louco. -

— Stacy falou rindo e Lia bufou.

— Eu só quero que tudo saia perfeito no casamento da minha melhor amiga. — respondeu Lia.

— E qual era a necessidade de mandar o padre escovar o cabelo para trás?

— Você já viu o cabelo dele? — Lia riu. — Me ajude a fechar o vestido. Será que já aparece que estou grávida?

— Só um cego não veria. — Stacy disse enquanto ajudava a amiga com o vestido.

Lia terminou de se arrumar e foi para a suíte de Emily que estava terminando de se aprontar.

— Como está se sentindo hein, noivinha?

— Eufórica, ansiosa e quase louca. — Emily respondeu animada e sorriu em frente ao espelho.

— O vestido ficou perfeito em você, o bom é que fizeram pequeno e você não vai tropeçar na barra.

— Sinto que isso é uma piada sobre a minha altura.

— Não sei... — Lia se fez de sonsa e recebeu um leve tapa no braço. — Você está batendo em uma mulher grávida!

— Desculpe, Nina, mas sua mãe é uma vadia. — ela falou tocando a barriga de Lia. — Agora me ajude com o véu.

— Engraçado você casar de véu, porque Deus sabe como você não é uma virgem. — Lia falou rindo.

— Rá, engraçado. Se me lembro bem, seu véu que ia usar no casamento com o Jack, era enorme e cobria até seu rosto e Deus sabe como você é mil vezes mais rodada que eu.

— Cala a boca! — agora foi a vez de Lia dar um tapa na amiga. As duas estavam sorrindo. — Estou muito feliz por você, de verdade. Está linda.

— Own amiga! Eu não quero chorar.

Foram até a igreja, Lia sentia um incômodo na parte debaixo da barriga. Pensar que teria que ficar em pé durante a cerimônia inteira a deixava desesperada. Não mais desesperada do que saber da presença de Jack ali. Não gostava da ideia de estar no mesmo lugar que ele, mas estava encarando como um pequeno esforço pela felicidade da amiga. Na verdade, nem sabia o porquê de ele estar ali, uma vez que os noivos eram amigos dela e não dele.

Felizmente não o viu quando entrou na igreja de braços dados com Peter, se emocionou quando viu do altar, sua melhor amiga entrar na igreja vestida de noiva. Emily ajoelhou no altar ao lado de seu noivo e o padre, estava com o cabelo penteado para trás como Lia mandou. Ela mal conseguiu prestar atenção na cerimônia. Estava sentindo calafrios pelo corpo, o incômodo ao pé da barriga se tornava mais frequente e começou a doer. Sentia uma vontade louca de sentar, iria sair dali assim que tudo acabasse, mas estava tentando se manter firme para não estragar o grande dia da amiga.

Ela não conseguia sentir nada além de desconforto. Até que viu ele, sentado em uma das últimas fileiras, os olhos tão focados nela que ela não pôde olhar para ele muito tempo sem sentir a extrema vontade de desviar o olhar. Não deixaria que Jack a fizesse ficar pior, começou a respirar fundo, sentiu suaves cócegas dentro da barriga e as pernas começaram a tremer.

Lia tocou no braço de Stacy, que estava bem ao seu lado e a amiga desviou o olhar dos noivos para ela.

— Eu não estou muito bem. Acho que vou me sentar na sacristia. — ela falou baixo.

— Eu vou com você.

Lia estava prestes a dizer que não poderiam sair das quatro madrinhas, quando ouviu uma terceira voz.

— Pode deixar, eu vou com ela. — disse Jack na beira do altar, olhando para Lia com preocupação.

— Eu não preciso de você. — ela falou dura.

Olhou para as pessoas na igreja para se certificar de que ninguém estava olhando. Então saiu pela lateral do altar, sentindo a dor na parte baixa da barriga aumentar a cada passo. Se curvou lentamente e Jack a segurou pelo braço.

— Vamos até ali fora para você se sentar e tomar um ar. — disse ele.

A noite estava amena do lado de fora quando eles se sentaram num banco.

— O que você está sentindo? — Jack olhava para ela.

— Só estou cansada, daqui a pouco vai passar. — ela acariciou a barriga.

— Cresceu. — ele sorriu olhando a barriga dela e sentindo uma vontade de tocar, mas não podia.

— Eu não quero conversar com você, ainda estou magoada.

— Me desculpe... — ele parou de falar vendo a expressão de dor no rosto dela. — O que está acontecendo?

— Nada, só uma dor chata embaixo da barriga, vai passar.

— Você disse que estava com um probleminha no útero, será que não é isso?

— É um pólipio. Se Emily souber, ela vai querer que eu faça uma operação para retirar, pode acontecer algo com a Nina, não posso fazer isso.

— Ela não faria algo que prejudicasse sua bebê. E pelo visto ainda faltam quantos meses para ela nascer?

— Quatro, estou de cinco meses.

— Então, você não pode ficar com dor até lá. E talvez nem seja o pólipio, espero que não, mas pode ser algo com sua filha.

— Eu não quero que ela se machuque. Eu até ficaria mais tranquila se Emily fizesse a operação, mas ela está lá dentro casando.

— Você precisa ir para o hospital, vem eu te levo.

Ela não podia recusar a ajuda, estava sentindo dores, seria pior se não fosse ao hospital.

Entraram no Range Rover de Jack, Lia estava apreensiva sobre o que estava acontecendo em seu corpo e pensativa sobre Jack. Ele estava a ajudando, talvez por remorso por não ter lhe tratado bem a tempos atrás, ou talvez por apenas caridade.

Quando chegaram ao hospital, Lia foi atendida por outra obstetra e bastou dizer que estava sentindo dores e teve sangramentos nas últimas semanas, para ela saber que era algo com o pólipio.

— Vou mandar que deem entrada na sua internação, vamos ter que fazer a cirurgia.

Lia estava com a expressão assustada e a médica tentou a acalmar.

— Não é nada invasivo, na verdade é bem simples e vamos fazer hoje mesmo. Em torno de uma hora mais ou menos, já teremos feito tudo. Mas vou pedir que você fique vinte e quatro horas em observação porque pode ser que a cauterização a leve a ter

contrações. Se nada acontecer, você vai poder ir, não se preocupe.

Lia assentiu ficando mais tranquila.

— Você não precisa ficar, sua esposa perfeita deve estar precisando de você. — ela falou com Jack quando já estava acomodada em um dos quartos do Atlanta Memorial Medical Center, esperando para ser levada ao centro cirúrgico de pequenas operações.

A noite tinha tomado rumos que ela não imaginava, esperava estar na festa de casamento de Emily se enchendo de besteiras e doces.

— Lia, eu posso ficar...

— Não precisa, eu já disse. Obrigada por me trazer, agora pode ir embora.

Jack passou a mão pela cabeça parecendo nervoso por não conseguir convencê-la.

— Ok, faça como quiser. — ele foi um pouco grosso e saiu.

Ela foi levada ao centro cirúrgico minutos depois, tudo ocorreu de forma tranquila como a obstetra prometeu. Apenas lhe deram a anestesia e introduziram um aparelho transvaginal, retiraram o pólipó da parede do útero como quem tira uma verruga. A cauterização foi rápida e de quebra deixaram que ela ouvisse os batimentos cardíacos de Nina, para que ela ficasse mais tranquila e soubesse que ela estava realmente bem.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS



Quando Lia foi levada de volta ao quarto do hospital, encontrou Stacy no sofá branco, ainda usava o vestido de madrinha.

— Jack me ligou. — ela falou se levantando do sofá e indo até a beira da cama. — Já avisei sua avó e seus pais que você está aqui.

— Obrigada. — ela sorriu. — E Emily? Como foi o restante do casamento?

— Foi lindo, antes de vir, avisei o que aconteceu e ela ficou preocupada, quis vir até aqui, mas eu a convenci a ficar e disse que logo daria notícias.

Lia assentiu e instantaneamente as lágrimas vieram em seu rosto.

— Lia, não fique nervosa, você precisa descansar depois de tudo isso.

— Eu não estou nervosa, eu só... acho que estou decepcionada. Quando eu soube que estava grávida, um dos poucos e talvez único consolo foi pensar que Mark logo voltaria e ficaríamos juntos, ele seria um bom pai. — fungou — O Mark pelo qual me apaixonei, seria incapaz de fazer isso que ele está fazendo. — ela confessou enxugando as lágrimas.

— Talvez ele não tenha mudado tanto como você pensa. Você sabe que ele não foi nessa viagem para simplesmente “tirar férias” de você. Ele foi porque precisou ir, é o trabalho dele. No fim tudo ficará bem.

Lia tentou acreditar nas palavras de sua amiga e tentou descansar um pouco. Dormiu e quando acordou, observava o soro misturado com medicamento que pingava lentamente, estava no final e quanto menos tinha, mais parecia demorar para acabar. Era o terceiro daquele e sempre que acabava ela tinha a falsa esperança de que poderia ir embora dali e no fim, sempre acabavam colocando outro frasco de soro.

Stacy teve que ir embora e assim que partiu, Madeleine chegou e pegou a pior parte de se fazer companhia, já que Lia teve algumas contrações durante a madrugada, consequência da pequena cirurgia. Nada muito doloroso, mas que a deixou preocupada, Nina ainda não estava pronta para nascer. No entanto, conforme os medicamentos foram fazendo efeitos, cessou qualquer dor ou contração; estava tudo bem.

Passou o dia deitada, seguindo ordens que lhe foram dadas, assistindo desenhos na televisão e se sentindo infantil por isso. Quando era fim de tarde, veio a notícia que ela menos queria, teria que passar mais uma noite ali. Bufou começando a comer a comida desprovida de qualquer gosto que o hospital servia. Sem um pinga de sal.

— Eu já estou bem, deveria ir para casa. — reclamou.

— Eles pararam de te dar remédio para conter as contrações, querem ver como seu corpo vai reagir. É normal. — disse sua avó.

— Essa comida é muito ruim vó, não vou aguentar comer. — falou toda manhosa.

— O que você quer comer?

— Um lanche do McDonald's, ou pizza e um suco de limão.

— Ok, espere que já volto.

— Tá falando sério? — Lia riu, não achava que sua avó faria suas vontades.

— Estou, você quer comer, não quer? — Madeleine perguntou e ela assentiu.

Trinta minutos depois, ela voltou com uma bolsa, colocou sobre a cama e abriu.

— Desculpe por demorar, tive que passar com isso escondido pela portaria do hospital.

Os olhos de Lia brilhavam de gula quando viu os lanches.

— Obrigada vovó, você é demais. — falou enquanto pegava o apetitoso sanduíche.

— Desejo de grávida não pode recusar.

Madeleine lhe fazia perguntas sobre o enxoval da bebê e Lia parecia entusiasmada. Sua avó gostou de vê-la assim.

— Agora que já comeu, você precisa descansar. — lhe deu um beijo na testa e Lia assentiu.

No dia seguinte, recebeu alta logo pela manhã, sua avó havia levado uma roupa para ela trocar e ir para casa.

— Tenho uma coisa para te mostrar. — Madeleine falou assim que entraram na casa da Lia. — Você quer abrir?

Lia franziu as sobrancelhas desconfiada e colocou a mão na maçaneta, a girou lentamente e abriu.

O quarto de Nina tinha paredes revestidas com papel de parede em tom de rosa bebê, a janela cercada por uma cortina branca de tecido delicado, o berço branco com um mosquiteiro, uma poltrona e algumas pelúcias.

— É tão lindo! Eu amei! Obrigada vó! — ela sorriu e a abraçou. — Vó, não precisava... — Lia disse olhando tudo ao redor do quarto.

— Precisava sim. Você gostou?

— É claro que eu gostei, é perfeito, tudo perfeito. — ela a abraçou. — Como conseguiu fazer tudo isso em dois dias?

— contei com a ajuda desses dois aqui. — Madeleine falou olhando para a porta, Richard e Elisabeth apareceram e Lia sorriu indo em direção a eles.

— Obrigada por tudo. — ela falou enquanto abraçava os pais num só abraço.

Qualquer coisa era motivo para chorar, Lia estava muito sensível por conta da gravidez, se sentiu muito feliz naquele momento, só faltava o homem que amava, assim

tudo ficaria perfeito.

Depois do almoço, Lia estava em seu quarto, dormia profundamente e sua mãe a observava dormir. Ela passava o dia falando e até mesmo sorrindo, e quando dormia, parecia uma criança frágil que merecia toda a atenção do mundo. Elisabeth queria dar isso a ela e muito mais. Sabia como a filha no fundo estava sofrendo, complicações na gravidez, o noivo fora sem dar notícias, eram problemas demais para uma pessoa só, ainda mais num momento em que ela estava tão sensível e fragilizada. Elisabeth olhou o volume mediano da barriga da filha, sorriu por imaginar que daqui a alguns meses Lia estaria se tornando mãe também.

Lia acordou algumas horas depois, sentiu Nina mexer e ficou ali sorrindo, era uma sensação única e tão prazerosa sentir sua filha mexendo. Queria muito que Mark estivesse ali e acompanhasse tudo.

Se perguntava o quão longa poderia ser uma espera. Estava esperando por seu bebê e a medicina era capaz de lhe dizer quando Nina chegaria, e por mais que estivesse ansiosa, passava a mão por sua barriga e percebia como o tempo estava passando rápido. Infelizmente o mesmo não acontecia para o amor.

Esperava que Mark fosse chegar como uma criança espera pelo Natal. A diferença era que ao contrário do Natal, ela não tinha uma data marcada, não sabia quando seu presente ia chegar.

Sempre ouviu dizer que o tempo era a cura para tudo, agora percebia que era uma lâmina de dois gumes, o tempo também podia torturar como o mais impiedoso dos torturadores. Até quando teria que esperar sendo torturada pelo tempo para que Mark voltasse e pudesse amá-la como um dia amou? Queria mais do que sempre, ter a tão sonhada família que planejavam juntos. Ela amava a filha deles de uma forma incondicional, tinha plena certeza que Mark também amaria sua filha assim, ele só precisava saber de sua existência.

Dias maus vêm e vão, como dias de chuva. Às vezes, até nos acostumados com eles, mas não quando estes se tornam intermináveis e tudo à nossa volta se torna cinza e triste.

— Foram tantos momentos vividos, tantas palavras bonitas, tanto medo de te perder. — Lia dizia olhando uma foto dela com o noivo em seu iPhone. — Eu queria muito que você estivesse aqui. — ela falou acariciando a barriga e deixando uma lágrima cair.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO



Quarenta semanas de gestação. Nove meses. Nina já estava pronta para vir ao mundo a qualquer momento. Lia estava sempre alerta, principalmente quanto à movimentação de Nina. Achava que ela não estava se mexendo como deveria e já começava a entrar em pânico.

— Deve fazer umas doze horas que ela não se mexe. — Lia falava com sua mãe ao telefone.

— Como você pode saber? Você estava dormindo. — perguntou Elisabeth.

— Ela me acorda durante a noite quando se mexe.

— Não deve ser nada, Lia. Ela deve estar dormindo. Tenho uma reunião agora no escritório, assim que acabar eu vou aí, fique tranquila. — desligou.

Lia levantou-se do sofá num movimento lento, a barriga estava enorme e pesada. Foi até a cozinha e pegou um copo de água gelada. Iria fazer Nina se mexer apenas para acalmar sua preocupação. Bebeu o líquido do copo em vários goles e deitou-se no sofá, sempre funcionava, ela sempre se agitava quando fazia isso. Mas dessa vez não, Nina permaneceu quieta.

— Nina, não brinque assim com a mamãe. — falou enquanto passava a mão pelo lado da barriga que sabia onde ela estava, afinal não conseguia sentir ela se mexer, mas conseguia senti-la dentro de sua barriga.

Pegou o celular e ligou para Emily, apertou “discar” na tela do celular e esperou a chamada ser realizada. Caixa postal. Ligou para a recepção do hospital e perguntou por ela. A secretária atendeu.

— Desculpe, mas ela não está. — respondeu a moça depois de Lia perguntar sobre a obstetra.

— Como assim ela não está?

— Ela teve que sair para um parto de emergência, deve demorar um pouco para voltar. Era muito importante?

— Não, eu só... — parou a frase no meio quando a dor lhe atravessou as costas, como uma flecha acertando-a por trás e cortando caminho até o centro de sua barriga. O ar fugiu dos pulmões.

Não precisava de resposta nenhuma, já sabia que não estava bem. Seu celular tocou,

era sua mãe.

— Nina se mexeu? Você está bem?

— Não, ela não mexeu e estou sentindo dor. — ela respondeu ofegante.

— Constance está aí?

— Ela foi ao supermercado.

— Estou indo para aí, chego daqui a pouco. — desligou.

Lia não iria aguentar esperar sua mãe chegar, então ligou para a emergência e a levaram para a maternidade. Ela estava acompanhando as gotinhas de soro pingando quando viu sua mãe entrar no quarto, parecia em pânico, ainda assim a primeira coisa que disse foi: — Fique calma.

— Eu estou calma, quem não está é você.

Elisabeth assentiu, tinha subido correndo três andares de escada porque não teve paciência de esperar o elevador.

— Como vocês estão?

— Bem, mais ou menos, por enquanto. Os médicos me examinaram, ao que parece, tinha restado só trinta por cento do líquido amniótico dentro da bolsa, por isso Nina não estava se mexendo. Os batimentos cardíacos estão oscilando, uma hora rápido demais, outra devagar demais. — ela parou de falar, os olhos marejaram. — Ela está no que se classifica como sofrimento fetal. Estouraram a minha bolsa e agora estão me dando remédio para dilatar mais rápido. Mas não está tão quanto deveria.

Elisabeth podia ver o medo nos olhos de Lia, medo que não era por ela mesma, era pela filha.

— Quanto você tem de dilatação? — Elisabeth perguntou.

— Dois centímetros. Emily chegou, eu a ouvi falando para a enfermeira que provavelmente fariam uma cesariana.

— Vai dar tudo certo, você está com dor? — ela perguntou e Lia assentiu.

— Não podem me dar anestesia agora, estou tendo contrações a cada dez minutos.

Não demorou para que viesse uma delas. Lia fechou os olhos e a mão segurou a de sua mãe e apertou enquanto a dor passava por seu corpo. Ela respirou fundo quando passou.

Emily entrou no quarto e a examinou.

— Vamos optar pela cesariana. Você dilatou um pouco, mas os batimentos da Nina continuam instáveis, ela talvez não resistiria a um parto normal, melhor não arriscar. Vai ficar tudo bem minha amiga. — Emily falou apertando a mão de Lia.

— Eu não posso perder a Nina. Ela deve estar sentindo dor, ela é tão pequena e não deveria passar por isso.

— Você tem que ficar calma. Logo teremos ela aqui conosco. — Emily enxugou algumas lágrimas que desciam pelos olhos de Lia.

Duas enfermeiras levaram Lia para a sala de preparação cirúrgica. Richard e Madeleine chegaram, fizeram companhia à Elisabeth na sala de espera.

— Você consegue sentir isso? — perguntou-lhe o médico anestesista.

— Isso o quê? — Lia perguntou, sentia como se estivesse com sono, mas não o suficiente para dormir.

— Excelente. — falou o médico, tirando a mão da coxa dela onde apertava, ela não sentia absolutamente nada. Sinal de que a anestesia já estava fazendo efeito.

— Seu marido está logo ali. — uma enfermeira gentil apontou-lhe para o vidro, porém Lia não conseguiu ver ninguém. Pensou será que ela estava confundindo? Será que Mark estava ali?

— Emily, Mark está aqui?

— Lia, você não pode ficar nervosa. Sua filha já vai chegar. Me diga se sentir qualquer incômodo, certo?

— Certo. — ela tinha os olhos fixos no monitor de seus batimentos cardíacos. Tinha preocupação apenas para Nina. A cada instante a necessidade de ter seu bebê em seus braços só aumentava.

— Eu preciso estar lá, ela precisa de mim. — Mark falou ao ver Lia através do vidro.

Estava aflito, ansioso e nervoso.

— Você não pode. Vai ficar tudo bem. — Elisabeth falou colocando a mão sobre o ombro dele num gesto de apoio.

Mark voltou a olhar pelo vidro, Emily estava ao lado de Lia e lhe mostrava sua filha enrolada num pano azul. De longe ele podia ver os olhos verdes da noiva e futura esposa, os olhos umedeceram até transbordar. O coração acelerou quando a enfermeira deu passos lentos até a janela de vidro, segurando Nina e mostrando-a. Foi como se todos os seus outros sentidos fossem desligados e ele só pudesse ver o rostinho pequeno e corado.

Tudo mudaria naquele instante. Sua filha veio ao mundo.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO



Uma enfermeira saiu de dentro da sala, Mark correu em busca de informações. No momento se sentia muito feliz por ter chegado a tempo e ter visto sua filha nascer, mas estava preocupado. Depois de ver Nina nascer e admirá-la por alguns segundos no centro cirúrgico, a janela de vidro por onde olhava foi fechada e ele não pôde ver mais nada. Minutos depois avisaram que Nina estava no berçário com os outros recém-nascidos, mas não lhe deram nenhuma informação sobre Lia ou sobre qual era o estado de saúde de sua filha.

— Você sabe me dizer onde está minha esposa? Ela acabou de dar à luz, uma cesariana. — abordou uma enfermeira.

— Ela ainda está no centro cirúrgico. — a mulher que parecia atarefada respondeu.

— Ok, obrigado. — ele voltou a olhar Nina através do vidro, queria entrar lá para ver de perto os detalhes de seu pequeno rosto. De longe ela parecia estar em um sono tranquilo.

Mark saiu andando e voltou para a sala de espera, juntando-se a seus sogros, Elisabeth e Richard.

— Alguma notícia sobre Lia? — Elisabeth perguntou e ele negou com a cabeça.

Instantes depois, Emily apareceu.

— Como Lia está? — Elisabeth se apressou em perguntar.

— Está muito fraca, ela teve muita hemorragia e irá precisar passar por uma transfusão de sangue, para que os órgãos não sejam afetados pela falta de sangue no corpo e consequentemente, de oxigênio.

Mark estava completamente aflito, assim como também os pais de Lia estavam.

— Eu vou doar, é minha filha. — Richard logo se prontificou.

— Richard, isso não será possível. — Elisabeth falou.

— É o quê, Elisabeth? O que está dizendo?

— Lia não tem o sangue compatível com o seu... o sangue dela é A negativo, ela só pode receber de alguém com sangue A ou O negativo.

— Elisabeth... o que está querendo dizer? — ele parecia nervoso.

— Lia não é sua filha.

Os olhos de Richard saltaram e ele teve um princípio de desmaio. Mark correu para chamar algum enfermeiro. Ele não ficou surpreso com a notícia, ele já sabia que Lia não era filha de Richard.

Apenas Elisabeth e Mark sabiam.

Elisabeth chorava enquanto levaram Richard para uma das salas do hospital, ele teve um infarto.

— Eu vou doar, meu sangue é O negativo, posso doar para Lia. — Mark falou com Emily.

Ele foi levado ao hemocentro do hospital, onde ali fez a doação de sangue.

Richard permanecia internado e horas depois, Mark foi autorizado a ver Lia que já havia recebido o sangue que ele mesmo doou.

Já era noite, a única luz no quarto era proveniente de um abajur. Lia tinha os olhos fechados e os batimentos cardíacos acompanhados por uma máquina, o que o assustou. Estava pálida e parecia dormir, mas abriu os olhos quando ele se aproximou.

Seus olhos escuros fixaram nos claros dela. Mil coisas passando pela mente de ambos, mas nenhum dos dois transformou qualquer coisa em palavras, não conseguiam. Então Mark fez a única coisa plausível a se fazer: a beijou. Lágrimas vieram nos olhos de ambos e os batimentos dela começaram a acelerar.

— Eu só pensava em vocês, o tempo todo. Eu pensava que não podia morrer e abandonar vocês. Eu não podia morrer e deixar você pensando que eu não te amo por um motivo idiota, porque eu amo você mais do que já amei qualquer outra pessoa. — Mark tocou o rosto dela, enxugando a lágrima que descia por ali. — Eu não consigo imaginar como eu ficaria se perdesse você. Eu te amo, Lia, te amo totalmente fora dos planos que já tive de amar qualquer outra pessoa. Desculpe se fui um idiota, se te machuquei e te deixei sozinha. Se eu soubesse que você estava grávida... — os olhos dele estavam marejados.

— Eu também amo você. — ela falou com a voz fraca. Nem eu sabia que estava grávida, eu engravidei na nossa última noite. Eu tive tanto medo que você não voltasse. — ela falou emocionada.

— Eu também, tive tanto medo de morrer. Eu te liguei várias vezes e não consegui, então liguei para minha mãe e ela me contou que você estava grávida. Na hora não sei nem o que pensei, as lágrimas caíram na hora, eu larguei tudo e vim correndo. Quando cheguei em sua casa, Constance falou que você estava no hospital e eu vim correndo.

— Meu amor, eu esperei tanto por esse momento, eu sofri tanto durante a gravidez. Eu precisei tanto de você, nem acredito que você está aqui. — ela falou passando as mãos pelo rosto dele num gesto desesperado como se precisasse mais do sempre ter ele por perto. Lia o beijou intensamente, enquanto seus lábios encontravam os lábios de Mark, ambos só pensavam no quanto era bom estarem juntos. A distância que antes os separava, agora não era nada perto do amor que sentiam.

— Eu te amo, Mark. — ela falou ofegante assim que terminaram o beijo.

— Eu também te amo, muito! A nossa filha é tão linda. Eu quero cuidar de vocês duas.

— ele disse acariciando o rosto dela.

— Eu quero vê-la, quase não me deixaram ficar com ela assim que nasceu. Ela está bem?

— Ela está bem, dormindo no berçário. A enfermeira logo vai trazê-la para a primeira mamada.

Alguém bateu na porta e Mark riu quando a máquina registrou a agitação cardíaca de Lia. Esperavam que fosse a enfermeira com Nina, mas quem entrou era Elisabeth.

— Eu trouxe a bolsa com as coisinhas da Nina. — ela colocou a bolsa sobre a poltrona e foi até a filha. — Como está se sentindo, minha filha?

— É pra falar que estou bem ou posso ser sincera? Porque pra falar a verdade, parece que minha vagina está morta e nunca mais vou transar com ninguém. — Lia respondeu e Mark olhou para ela com os olhos saltados e riu.

— Meu Deus! Lia, será que pode ser menos sincera? — Elisabeth falou tímida.

— Mãe, não precisa ficar com vergonha do Mark. — ela riu de leve. — Onde está meu pai?

Mark olhou para Elisabeth, a fim de lhe dizer com o olhar para ela não falar que ele teve um infarto, pois Lia ainda estava fragilizada.

Nem deu tempo de Elisabeth responder, então ouviram uma batida na porta e dessa vez era quem todos esperavam. A pequena Nina.

Ela estava enrolada em uma manta do hospital. Lia teve medo de segurá-la quando a enfermeira a entregou em seus braços. Ela sorriu ao ver o rostinho corado de sua filha. Nina era uma mistura dos dois, os ralos fios de cabelo eram escuros como os da mãe, os lábios bem desenhados como o de ambos, o queixo marcado e com uma covinha no rosto igual de Lia. Quando Nina abriu os olhos, eram verdes como os de Lia.

Ela tinha olhos que mais pareciam pedras preciosas ilustradas pelo sol em pleno entardecer; trazia consigo pouca coisa, quase nada, exalava uma mistura de flores campestres misturadas as mais delicadas essências. Havia algo bem mais que tocável naquele semblante, era como se o próprio vento tivesse criado pernas e saísse por aí em dias ensolarados. Um vento diferente, desses que trazem cheiros e gostos do passado, junto daquelas sensações de já ter vivido certos momentos. Ela era, com toda uma graça, braços já feito abraços que não se importavam em acolher espinhos. Ela tinha no rosto aquela emoção boa de chegada. O choro manso e traziam olhos, traziam risos, traziam lágrimas e sorrisos de uma vez só. Ela olhava e tudo vinha ganhando cor, era como se o arco-íris estivesse sendo injetado aos poucos dentro de Lia e Mark. Os dois a olharam e começaram a sorrir, não precisavam dizer algo, já havia entendido... Eles já sabiam que seus dias mudariam a partir dali. Ela chegou em um encontro despretendido, feito esbarrões na rua. Mas, havia um elo. Ela precisava deles e eles precisavam dela.

— Vamos fazer um teste. — disse a enfermeira, quebrando o momento em família. — Você vai tentar amamenta-la de forma normal, para ver se ela é forte o suficiente para conseguir sugar. Se ela não conseguir, faremos a extração de leite e vocês terão que ficar mais algum tempo no hospital. Se ela conseguir, vocês podem receber alta em no máximo

dois dias.

— Não precisa se preocupar. — Mark passou os braços em volta dela. — Se ela tiver puxado a fome da mãe, nada no mundo vai impedi-la de comer.

Lia riu e ficou feliz. Ela admirava a filha mamando enquanto ignorava as incômodas fisgadas de dor a cada sugada de sua menina. Ela tinha a mão pequena encostada em sua pele, o corpinho quente e pequeno, às vezes se mexia em seus braços e ela se lembrava de como era senti-la se mexer em sua barriga.

— Estive tanto tempo esperando por ela que é estranho finalmente tê-la aqui. É como pedir um presente de Natal no começo do ano e quando finalmente chega o Natal, você percebe que ganhou bem mais do que havia pedido. — Lia falou enquanto segurava as mãozinhas da filha.

— Você me deu o melhor presente da minha vida. — Mark beijou carinhosamente a filha.

A enfermeira ajudou Lia a colocar Nina para arrotar e depois da insistência de Lia em não se separar da filha, cedeu em deixar que a menina ficasse no berço ao lado da cama.

— Você me ajuda a trocar a roupinha dela? — Lia falou com Mark e ele assentiu.

Ele procurou um macacão na mala de maternidade que Elisabeth levou, escolhendo um rosa que estava dobrado com os outros. Mark ajudou Lia a vestir o corpinho pequeno com o macacão e colocou uma touca porque o quarto estava frio.

— Coloca ela no berço para mim.

Mark ficou paralisado, olhando-a com Nina parecendo uma boneca em seus braços.

— Mark, você ouviu?

Ele assentiu.

— É que ainda não peguei ela no colo, eu não sei se tenho muito jeito, ela é tão pequena...

— Você não vai machuca-la. É só segurar com cuidado.

Ele se aproximou dela e podia sentir o coração batendo forte enquanto Lia passava a filha para ele. Mark a encarou, mantendo os braços do jeito que Lia mandou. Nina respirava calmamente em seu sono.

— Eu vou cuidar de você. — ele falou para a filha em tom de promessa.

— E com isso você quer dizer, trocar as fraldas dela, colocá-la para dormir...

— Sim e você também vai fazer tudo isso. — falou para ela em tom de petulância que a fez rir.

— Eu não deveria fazer nada, já tive todo o trabalho até aqui. — Lia falou.

— E foi ótima nele. Você sempre é ótima. — Mark se aproximou dela e deu um beijo carinhoso em seus lábios. - Agora acho melhor colocá-la no berço.

Ele deitou Nina cuidadosamente no berço elevado com proteções transparentes.

— Você também precisa dormir, descansar vai te fazer se recuperar mais rápido, assim podemos ir logo para casa. — ele falou para Lia.

— Obrigada por ser tão carinhoso comigo e com a nossa filha. — Ela agradeceu sorrindo.

— É meu dever cuidar de vocês. E meu prazer também, porque eu amo vocês duas. — a beijou de forma lenta e carinhosa.

Lia se ajeitou na cama e Mark ficou no sofá que era pequeno demais para seu corpo, mas estava perto de suas princesas, isso era o que realmente importava.

Lia olhou para o berço ao lado de sua cama, era como um porta-joias gigante, como o diamante mais precioso do mundo. Para ela, Nina sempre seria a pessoa mais preciosa do mundo.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS



Pela manhã, Mark havia saído para tomar café, a avó de Lia chegou para visitar a neta e a bisneta. Ao chegar, encontrou Lia amamentando Nina.

— Oi vó! — ela sorriu.

— Oi minha querida, como estão? — ela perguntou baixinho e deu um beijo em sua neta.

— Bem. Ela é tão quietinha. — Lia falou segurando a mãozinha da filha.

— Ela é linda, lembra muito você quando nasceu. — Madeleine sorriu.

— E meu pai, onde está? — Lia perguntou.

— Ele está internado aqui.

— O quê? Por que não me disseram? Meu Deus! O que aconteceu com ele?

— Lia, tenha calma. Você estava muito fraca e frágil, você precisou de uma transfusão sanguínea e sua mãe e seu pai acabaram tendo uma discussão. Seu pai sofreu um infarto e ele permanece internado.

— Então por isso ele ainda não veio aqui... Eu quero vê-lo.

— Lia, espere. Sua mãe precisa conversar com você. Eu estou muito decepcionada com ela, nem sei se ainda tenho coragem de olhar para ela...

Madeleine parou de falar quando Elisabeth apareceu na porta do quarto.

— Vou deixar vocês a sós. — ela passou por Elisabeth, nada falou e saiu.

— Mãe, o que está acontecendo? — Lia tinha os olhos marejados.

— Filha, espero que me perdoe algum dia. Tudo o que eu fiz, foi para te proteger, te dar um futuro...

— Mãe, fala logo. O que aconteceu?

— Richard não é seu pai.

— Como assim, meu pai não é meu pai? Que brincadeira é essa? — Lia parecia não acreditar no que acabara de ouvir.

— Filha, me escuta por favor. Depois você pode dizer o que quiser. — Elisabeth respirou fundo antes de continuar. — Quando me casei com Richard, eu já estava grávida de você. Eu sei que foi horrível o que eu fiz, mas... — os lábios dela começaram a tremer.

— Eu reencontrei um ex-namorado, o seu verdadeiro pai, eu juro que não queria, eu já estava de casamento marcado com Richard, mas esse meu ex-namorado me obrigou a ter relação com ele, eu era ingênua e juro que eu era moça de família. — as lágrimas começaram a surgir. — Ele me obrigou, eu tentei fugir, mas não consegui, ele era muito forte. Se eu contasse a alguém... Eu não podia contar. Seu pai não ia querer casar comigo. Descobri que estava grávida na semana do meu casamento. Decidi até então que eu não ia falar nada com ninguém. Então logo depois eu disse que estava grávida, como se eu estivesse engravidado na lua de mel. — as lágrimas interromperam sua fala e Lia também estava mergulhada no choro.

— Mãe, por que você não me contou antes? — Lia falou chorando.

— Porque eu não podia. Seu pai biológico é um criminoso. Ele é um homem extremamente perigoso, chefe de uma máfia. Tive tanto medo que ele soubesse e quisesse tirar você de mim. Seu pai sempre será Richard, independente de tudo. Foi ele quem te criou, te deu estudos, imagina se não fosse assim?

— Eu sei mãe, mas você escondeu isso durante todos esses anos. Passei vinte e nove anos da minha vida sem saber quem realmente sou. Meu pai não merecia que você tivesse escondido isso, mãe. — ela secava as lágrimas.

— Lia, me perdoa, por favor. Eu já perdi a Chloe, não quero perder você. Tudo o que fiz foi para que você pudesse ter um futuro, foi pra te proteger. Talvez se eu tivesse contado, seu pai não ia me querer, meus pais eram tão rígidos, não sei o que fariam comigo...

Mark entrou no quarto e viu que as duas conversaram.

— Desculpe, não quis atrapalhar...

— Mark, pode ficar. — Elisabeth falou e ele se aproximou de Lia, a envolvendo em seus braços.

— Eu já sabia de tudo. — ele confessou após respirar fundo.

— Como assim você sabia? — Elisabeth perguntou e ficou tão surpresa quanto Lia também.

— Lia, como você sabe, sou agente secreto do FBI, recebi a missão para ir desvendar uma máfia, foi quando fiquei todos aqueles meses fora. Até então eu não sabia e coincidentemente, era a máfia do seu pai biológico. — ele segurou as mãos dela. — Quando eu soube do que se tratava, eu fiquei muito mal. Pensei que aquele homem pudesse se aproximar de você e isso eu jamais deixaria. Eu não ia deixar que um criminoso pudesse se aproximar de você, embora ele seja seu verdadeiro pai...

— Não, meu pai é e sempre será o meu pai Richard. Eu nem quero saber quem é esse homem. — Lia falou.

— Quando eu recebi a notícia de que você estava grávida, eu desisti da missão, larguei tudo, deixei tudo para trás e vim correndo ver vocês.

— Mark, mas é o seu sonho...

— Lia, era o meu sonho. O meu sonho desde criança sempre foi fazer parte do FBI.

Meu pai era da academia de polícia, eu achava o máximo, mas eu quis ir além... por isso eu tinha todas aquelas armas que você viu lá no meu apartamento, lembra? — ele falou e ela assentiu, relembrando aquela noite em que brigaram.

— Mas você não pode largar a sua profissão, o seu sonho por minha causa. — ela falou.

— Lia, conversamos depois quando chegarmos em casa, tudo bem?

Lia apenas assentiu.

— Obrigada por cuidar da minha filha, eu quero te pedir desculpas por não aceitar o namoro de vocês, sei que já errei muito, mas não me resta dúvidas do quanto você é bom para a minha filha e agora para a minha neta. Posso te dar um abraço? — Elisabeth pediu e Mark assentiu, abraçando a sogra em seguida.

Lia se emocionou com a cena, depois foi ver seu pai que estava internado na unidade de terapia intensiva. Sabia que ele não era seu pai biológico, mas isso não mudaria em nada em relação aos seus sentimentos. Richard continuaria sendo seu pai independente dos laços sanguíneos.

Lia estava bem assim como Nina, no final do dia, receberam alta e Mark as levou para casa.

Tudo que desejava era que agora nada mais os impedisse de serem felizes, e isso incluía ser sempre sincera, não esconder nada. O que fez com que Lia lembrasse de que precisava ser franca com Mark. Precisava contar sobre algo desagradável que havia acontecido quando ele esteve fora.?

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE



À noite, já em casa, Lia colocou Nina para dormir no berço. Ela e Mark estavam no quarto se preparando para dormir.

— Amor, nós precisamos conversar. Eu preciso te contar uma coisa. — Lia falou apreensiva.

— Pode falar. — ele se sentou na cama ao lado dela.

— Eu errei, sei que errei muito, mas eu amo você, não tenha dúvidas. Eu estava completamente perdida, você não me dava notícias, então uma noite eu saí para tomar vinho e... — ela parou de falar, as lágrimas a interromperam.

— Fala, Lia. O que aconteceu? — seu rosto estava tenso.

— Eu passei a noite com outro homem. Eu tenho quase certeza que você não vai me perdoar, mas eu estava completamente bêbada. — ela falava chorando. — Eu senti nojo de mim mesma, eu...

— Você prometeu que ia me esperar. Eu mal virei as costas e você já foi se entregar para outro? — Mark se levantou da cama. — Como você foi capaz? Lia, eu larguei tudo, desisti de uma missão importante e agora você me diz isso. — Ele exaltou a voz e passava as mãos pelo cabelo num gesto desesperado. — Quem é o cara?

Lia não respondeu, apenas chorava.

— Fala, Lia! — ele gritou. — Foi o Jack?

Ela nem conseguia falar nada, apenas assentiu.

— Eu não esperava isso de você.

O semblante de Mark era decepcionado.

— Mark, por favor me perdoa. Eu estava tão bêbada, se eu pudesse voltar atrás...

— Mas você não pode voltar atrás.

Mark caminhou para fora do quarto e Lia foi atrás dele.

— Onde você vai? — ela perguntou secando as lágrimas.

— Vou acabar com aquele idiota. —

Mark falou vestindo a camisa.

— Meu amor, por favor, não vá fazer nenhuma besteira!

— Eu não vou deixar aquele babaca pensar que pode fazer o que quiser e tudo vai ficar por isso mesmo. — foi a última coisa que ele falou antes de sair.

Lia foi até o quarto da filha, a observava dormir e pedia a Deus para não deixar que seu noivo fizesse alguma besteira.

Mark pegou o carro e foi até a casa de Jack. A fúria estava visível em seus olhos, parou em frente a casa. Passava das nove horas da noite quando Mark tocou a campainha, Jack abriu a porta e mal teve tempo de ver quem era, Mark lhe acertou um golpe no rosto, fazendo Jack se desequilibrar e cair no chão.

— Você ficou louco? — Jack falou, levando a mão ao rosto onde Mark o acertou.

— Isso ainda é pouco, eu deveria fazer muito mais. Mas não vou sujar minhas mãos com você.

— Imagino que toda essa sua fúria seja porque já descobriu que eu e a sua “noiva” e eu a alguns meses atrás passamos uma noite juntos. Mas eu não tenho culpa se a sua mulher é uma vagabunda.

— Engula suas palavras, seu estúpido. — Mark o segurava pelo colarinho. — Fica longe da Lia, ouviu? Nunca mais ouse chegar perto dela.

A esposa de Jack chegou na porta e viu o que acontecia.

— O que está acontecendo? — perguntou Holy.

— Pergunte ao seu marido. — Mark soltou Jack e voltou para o carro.

Ele chegou em casa completamente perdido em seus pensamentos. Amava Lia, mas estava muito magoado com ela. E ela estava com muito medo de que ele não a perdoasse. Tinha consciência de seu erro, mas acreditava que seu amor por Mark estava acima de qualquer outra coisa. E agora que tinham uma filha, era mais do que sempre, o melhor momento para estarem juntos.

— Graças a Deus você chegou. — Lia falou assim que viu Mark entrar em casa. — O que você fez?

— Não fiz menos do que ele mereceu. — ele foi até o banheiro e tomou banho para relaxar.

Depois que Mark foi para o quarto, Lia já estava deitada. Ele pegou o travesseiro e foi dormir no outro quarto.

Lia sabia que Mark não viveria mais com ela como deveria ser. Talvez ficariam debaixo do mesmo teto por causa da filha. E assim foi, os dias passaram, mal trocavam palavras dentro de casa. Estavam juntos apenas por causa de Nina e não pelo motivo óbvio que deveria ser: porque se amavam.

Mas Mark sabia que nenhum sentimento morre, eles apenas adormecem. Uns para sempre e outros até serem despertados novamente.

Lia e Mark passaram quase um mês dentro de casa vivendo como se fossem dois estranhos. Cuidavam de Nina e conversavam, mas nada que fosse romanticamente. Dormiam sempre em quartos separados.

— Nina dormiu?

Mark assentiu e Lia voltou a desviar os olhos dele.

— Podemos conversar agora? — ele perguntou e ela assentiu. Eles estavam no quarto, na suíte principal.

— Quero te dar uma coisa. — ele saiu do quarto e voltou instantes depois com uma pasta preta em mãos.

— Pensei que pelo menos você iria embrulhar. — ela brincou quando ele lhe entregou a pasta.

— Abre. — ele pediu.

Lia soltou os elásticos das extremidades e abriu a pasta, havia algumas folhas dentro e ela não precisou ler muito para entender do que se tratava.

— Mark, você abriu mão de continuar como agente do FBI? — ela o olhou franzindo a testa.

— Eu estava errado em muitas coisas. Fui estúpido em me afastar de você durante esse tempo... Mas o maior erro entre todos foi pensar que desistir da minha carreira, me faria menos homem, menos quem eu sou. Só agora eu sei que posso perder qualquer coisa, menos você.

— Mark... — Lia estava com os olhos cheios de lágrimas.

Mark se levantou, foi até uma gaveta da cômoda e pegou uma pequena caixa.

— Mais um presente sem embrulho? Sinceramente você já foi melhor nisso. — ela brincou e ele sorriu.

— Não acho que eu precisava embrulhar isso. — ele abriu a pequena caixa em veludo vermelho e lhe entregou duas alianças de ouro.

Lia sorriu e Mark pegou de volta a aliança que estava na mão dela, pegou sua mão esquerda, deslizando o anel por seu dedo anelar. Depositou um beijo sobre seus dedos. Lia repetiu o movimento, colocando a aliança no dedo dele e Mark juntou seus lábios aos dela.

Não havia mais a barreira que impediam de se entregar, não havia mais filtros.

Em um movimento sinuoso, Lia deslizou para seu colo.

— Lia... o resguardo acabou? — ele sussurrou em seu ouvido, espalhando beijos por seu pescoço.

— Sim. — ela falou ao ouvido dele.

Mark abaixou a camisola dela, deixando seus seios fartos à mostra. Seus lábios e mãos foram ávidos, porém, cuidadosos porque ele sabia como estavam sensíveis.

— Me leve para a cama. — ela pediu e como se fosse uma ordem, ele se levantou com ela em seus braços, a deitando cuidadosamente sobre a cama. Antes que Lia pudesse fazer qualquer coisa, ele tirou suas duas únicas peças de roupa, deixando a calcinha e a camisola no chão do quarto. As mãos fortes seguravam suas coxas e ele sentiu o gosto dela, movendo sua língua e os lábios enquanto ela arrancava o lençol da cama de tanto puxá-lo.

— Mark... — ela sussurrou seu nome e ele a segurou com mais força contra a cama, não parando o que fazia quando sentiu que ela teve o primeiro orgasmo, pelo contrário, fez ainda melhor e ele sabia exatamente como a satisfazer, porque naquele sentido ele a conhecia melhor do que ela mesma.

— Me avise se sentir algo. — ele foi cuidadoso porque a muito tempo não faziam aquilo. Tinha garantido que ela estivesse mais do que pronta para recebê-lo, quando deslizou para dentro dela sentiu o corpo todo se arrepiar.

Ele não conseguia expressar o quanto sentiu falta dela, estar nela e fazer o que faziam de melhor: se completar.

Sentia tanto desejo por ela que seu maior impulso era saciar-se de uma vez, mas não queria que a primeira vez deles depois de tanto tempo fosse rápida. Então ele se movimentou lentamente, de forma que provocava a ambos. Lia cruzou as pernas em volta de seu corpo e se contorceu mais uma vez sob ele quando pela segunda vez atingia seu ápice, levando Mark consigo.

Ele deitou ao seu lado, tão ofegante quanto ela, puxando-a para se deitar em seu peito.

— Eu tinha me esquecido de como você é bom. — ela sussurrou.

— Não vou deixar você se esquecer de novo. — ele beijou seus lábios carinhosamente.

— Bom, temos mais uma hora antes da Nina acordar para mamar... — Lia tinha um sorriso malicioso no rosto.

— Tinha me esquecido de como você é incansável. — ele suspirou e ela continuou a sorrir.

— Não vou deixar você se esquecer de novo.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO



Pela manhã, Lia desceu a escada de sua casa, indo até a cozinha. Mark colocava torradas e frutas sobre a mesa. O cheiro de café fresco era irresistível, como toda manhã.

Lia o abraçou por trás e deixou um beijo em sua nuca, precisando ficar na ponta dos pés para depositá-lo.

— Bom dia, meu amor. — Mark virou-se e juntou seus lábios num beijo carinhoso e lento. Era como se ele nunca pudesse beijá-la o suficiente.

— Nina está dormindo, ela acordou várias vezes durante a madrugada.

— Não se preocupe, ela vai entrar no horário de rotina em breve, é normal ela acordar muito. — Mark falou sentando-se em uma das cadeiras ao lado de Lia.

As mãos de Mark repousaram nos ombros dela e ele começou a apertá-los massageando de leve, fazendo com que Lia fechasse os olhos e relaxasse por alguns segundos.

— Hmmm, isso é tão gostoso. Continua, não para não. Mais pra esquerda, mais forte...

— Mas o que está acontecendo aqui? — Constance, a senhora que trabalhava mantendo a grande mansão limpa e arrumada, tinha acabado de adentrar o ambiente e certamente havia se equivocado quanto à origem dos sussurros que ouviu.

— Só uma massagem na minha esposa antes do dia começar de verdade. Constance, não é nada do que você está imaginando. — Mark riu e a senhora apenas balançou a cabeça negativamente com um sorriso tímido no rosto.

— Não posso negar que os barulhos me assustaram, Sr. Mark. — ela deu de ombros, Lia e Mark riram.

Ouviram o chorinho de Nina através da babá eletrônica.

— Parece que alguém acordou e está com fome. — Lia falou já se levantando da cadeira.

— Pode deixar que eu vou buscá-la. — Constance falou indo até o andar de cima, logo voltou trazendo Nina nos braços e entregando à Lia.

— Bom dia princesinha da mamãe! — Lia falou distribuindo beijos no corpinho da filha. — Bom dia papai! — ela imitava uma voz de criança como se fosse Nina falando.

Mark sorriu e beijou o rostinho da filha. Lia amamentava Nina, enquanto terminava de

tomar seu café da manhã. A campainha tocou e Constance foi abrir a porta, era a família do Mark. Os pais, os irmãos e os sobrinhos.

— Viemos ver essa princesinha. — Amália falou sorrindo para a neta. — Ela se parece tanto com o Mark!

— Mamãe exagera sempre, ela é a cara da Lia. Diz que parece comigo só porque eu sou o filho preferido. — Mark disse fazendo todos rirem.

— O filho preferido sou eu que sou o caçula. — Bryan defendeu-se.

— Não seja por isso querido, eu sou a única menina. — Brittany disse.

— Nós não temos filhos preferidos, amamos todos iguais, não é mesmo querida? — Charles falou com a esposa e ela assentiu.

David já falava algumas palavrinhas e ao ver a priminha Nina falou: “neném!” Fazendo com que todos ali achassem a coisa mais fofa.

Mark estava muito feliz, assim como Lia também. O aniversário dela era no dia seguinte, por isso a família dele estava ali para comemorarem todos juntos. Almoçaram, passaram o dia em casa falando sobre as crianças e assuntos de família.

No dia seguinte, a avó e os pais de Lia também foram até lá. Elisabeth e Richard voltaram a se entender depois que ele teve alta do hospital. Estavam casados há trinta anos, não seria depois de tanto tempo juntos que haveriam de se separar. Se amavam e não iriam deixar um erro do passado interferir no futuro deles. Exatamente assim era com Lia e Mark. Se amavam e nada mais nem ninguém impediria que fossem plenamente felizes.

Holy, a esposa de Jack o deixou depois que ele voltou a beber. Ele teve um vício por bebidas alcoólicas no passado e então deixou que o maldito vício o dominasse novamente. Já não tinha mais responsabilidade nem mesmo com trabalho. Perdeu o ótimo cargo que tinha como médico responsável pelo centro cirúrgico. O homem que antes vivia cercado por mulheres, se tornou um homem fracassado e solitário.

Mark havia organizado uma festa de aniversário surpresa para Lia. Brittany conseguiu tirar a cunhada de casa com a desculpa que precisava ir ao shopping comprar algo para o seu filho, e pediu para ela acompanhá-la. Quando chegaram em casa, o jardim estava todo iluminado e coberto com flores de cerejeira cor-de-rosa. Estava a família e as amigas de Lia também. Bryan e Stacy estavam conversando desde que Lia os apresentou uma vez quando ele foi visitar a família e Stacy estava na casa da Lia. Trocaram olhares e pareciam estar se conhecendo melhor.

Lia abriu seu maior sorriso e Mark foi até ela segurando Nina nos braços.

— Feliz aniversário, meu amor! Desejo que essa nova fase seja melhor do que todos os outros anos que ficaram para trás, no que depender de mim, quero fazer parte de toda a sua felicidade para sempre. Nina, eu e toda essa galera amamos você. — ele sorriu e a abraçou, mas logo se beijaram depois que todos gritaram “Beija! Beija!”

Então Mark a beijou fazendo Lia sorrir e ao mesmo tempo ficar tímida.

— Muito obrigada, eu nem desconfiei de nada. Está tudo muito lindo de verdade. Eu amo vocês!

Sorriu olhando todas as pessoas que amava, e percebeu que tinha de volta o seu paraíso.

EPÍLOGO



Atlanta, Estados Unidos. Maio de 2019.

— Não vai descer? Estão perguntando de você. — Mark perguntou batendo na porta do banheiro.

— Eu já vou. — Lia respondeu lavando as mãos na pia e olhando seu rosto no espelho, concluindo que estava bem. Era possível ouvir as crianças gritando no andar de baixo.

— Vão pensar que sou o Barba Azul, que mantenho minha esposa trancada dentro do porão. — disse Mark a fazendo rir.

Lia olhou a aliança em seu dedo. Lembrava-se perfeitamente do dia, há um ano e meio, quando oficializaram a união em Los Angeles. Se casaram em uma cerimônia linda na praia. Mark fez questão de que o casamento deles fosse algo bem grandioso, com direito à vestido de noiva, festa para muitos convidados e tudo o que tinham direito. Lia esperou tanto por aquele dia e com certeza foi mais bonito e mais especial do que ela sempre sonhou.

Lembranças bonitas de um dia especial.

— Finalmente! — disse Mark quando ela saiu do banheiro.

— Eu nem demorei.

— Imagina se tivesse demorado. — ele riu e ela bateu no braço dele.

— Vamos descer, antes que pensem coisas piores do que você me trancar no porão.

— Eu adoraria que pensassem coisas piores. — Mark deslizou para baixo a mão que estava encostada nas costas da esposa, apalpando seu quadril sobre o tecido fino do vestido de verão.

— Você é um tarado! — ela riu enquanto atravessavam a sala rumo ao jardim dos fundos.

Assim que abriu a porta, Lia foi atingida por um garotinho de cabelos dourados e olhos azuis.

— Cuidado para não se machucar, David. — Lia advertiu o sobrinho que vinha sendo seguido por outro menino de praticamente a mesma idade, Charles Neto.

— Por que vocês não vão brincar perto da piscina? — sugeriu Mark e Lia olhou para ele indignada.

— Você está mandando crianças de três anos brincarem perto de uma piscina?

— Não se preocupe, se caírem lá, eu banco o salva-vidas.

Ela rolou os olhos e voltou a olhar aonde os sobrinhos estavam. O quintal estava cheio; adultos sentados, crianças correndo e os garçons desviando de seus caminhos, crianças escorregando no escorregador inflável e pulando na cama elástica.

Lia não precisou procurar por mais de dez segundos para achar Nina, brincando com mais duas meninas, filhas de amigos de Mark, perto da piscina.

Lia andou com Mark pelo jardim, cumprimentando os amigos pelo caminho até a mesa deles, onde se sentaram e ficaram conversando e rindo.

Era um dia feliz.

Lia olhava para Mark de maneira significativa, além do fato óbvio de ser aniversário de Nina. Estavam felizes, casados, tinham uma filha linda, venceram os obstáculos que impunham um ao outro. Após Nina nascer, talvez ficariam juntos pela filha, como pais e não como marido e mulher. Um plano que, felizmente, tinha falhado por um motivo simples e ainda assim extremamente complexo: amor.

— Tia. — ouviu a vozinha aguda e se virou para David. — A Nina caiu. — disse o menino.

— Onde? — Lia se levantou imediatamente.

Nina chorava e só pareceu mais aliviada quando viu a mãe.

— O que aconteceu? Você se machucou? — Lia se abaixou ao lado dela.

Nina nada respondeu, apenas soluçou.

— Vamos lá dentro beber um pouco de água e lavar o rosto. — Mark a pegou do chão, segurando-a em seu colo enquanto ela deitava a cabeça em seu ombro.

Entraram na casa e Mark sentou a filha no balcão da cozinha. Nina esfregou os olhinhos verdes já avermelhados pelo choro. Mark achava incrível como ela lembrava Lia em suas fotos da infância, ainda que sua aparência dividisse opiniões entre parecida com o pai e parecida com a mãe.

— Você se machucou? — perguntou Mark. Lia enchia a caneca com água.

— Não. — Nina pegou a caneca rosa que a mãe lhe ofereceu.

— Você caiu sozinha? — Lia perguntou.

— Você não... ficar brava. — disse a menina. Lia tentou prestar atenção por ela quase conseguir formar frases.

— Eu não vou ficar brava.

— David. — Nina respondeu.

— Ele te empurrou? — Mark perguntou e Nina negou.

— Não bravo. — ela falou rapidamente para o pai, quase tropeçando nas duas palavras.

— Não estou bravo. — Mark falou passando a mão pelos cabelos lisos e escuros da

filha.

— David jogou “*bóia*”. Eu caí.

Lia limpou o rostinho da filha.

— Vamos lá para fora. Você pode brincar com seus amiguinhos, só cuidado para não cair de novo.

Nina se animou, Lia pegou a filha no colo levando-a de volta para o quintal.

A tarde caiu e logo foi a hora de cantar parabéns. Nina estava radiante. Ela não se lembrava da festa de aniversário de um aninho e provavelmente se esqueceria dessa de dois anos também, mas Lia e Mark não se importavam, o importante era comemorar o dia especial de alguma forma.

Depois que todos foram embora, Lia deu banho em Nina e a colocou na cama, estava cansada. Lia deitou-se na própria cama exausta.

— Você não vai comer um pedaço? — perguntou Mark, surgindo na porta do quarto com um pedaço de bolo em um pratinho. Foi até a esposa e sentou na cama ao lado dela.

— Não ia comer, mas já que você trouxe para mim...

— Ei, ei, ei! Não é para você, esse é meu.

— Não vai me dar um pedacinho? — ela fez o melhor olhar de pedinte que sabia.

— Com esse olhar comovente. — ele riu e cortou um pedaço do bolo e levou até a boca da esposa.

Lia sentiu o bolo de chocolate derreter na boca, Mark roubou-lhe um beijo e a fez rir.

— Meu pagamento. — disse ele.

— Como você é barato! — ela brincou.

— Hmmm então posso exigir um pouco mais. — ele colocou o prato sobre o criado-mudo e beijou Lia de forma demorada.

— Estou tão feliz que não sei nem mesmo definir meu grau de felicidade. — ela falou sorrindo.

— Eu também. Principalmente agora que estou de férias e você também, podemos passar mais tempo juntos.

Mark continuava trabalhando para o FBI, só que agora no escritório, trabalhava como diretor de investigações criminais.

— Pensei que poderíamos fazer uma viagem para fora do país. Nós quatro. — Lia falou.

— Quatro? — Mark franziu a testa.

— Eu sei que não estava nos planos, mas eu já estava suspeitando, então fiz o teste essa manhã e...

— Você está grávida? — ele adivinhou o óbvio.

— Estou. Eu achei que não poderia ter mais filhos, por causa daquele problema que tive na gravidez da Nina, então eu dei uma pausa nas pílulas e aí...

— É uma bênção. — Mark sorriu. — Eu estou feliz, ainda mais feliz agora.

— De verdade?

— Sim, com toda a verdade. Eu amo você, amo a Nina e vou amar esse bebê. Eu não acompanhei sua gravidez, agora vou poder acompanhar tudo. — ele pegou a mão dela e a beijou.

— Eu também amo você.

Foram interrompidos por Nina aparecendo na porta do quarto. Ela segurava sua fraldinha de pano e tinha o olhar assustado. Mark saiu da cama e foi até ela, pegando a filha no colo e levando-a até a cama.

— Não está conseguindo dormir? — Lia perguntou e ela assentiu deitando-se no meio da cama, entre os pais.

Mark beijou o rosto da filha e olhou a esposa. Lia tinha os olhos nos seus, os olhares trocavam palavras e carícias que nem as palavras mais doces ou os toques mais íntimos eram capazes de fazer. Mark e Lia eram capazes de ver o infinito, ou o infinito que lhes cabia. O resto da vida.

EM BREVE O OUTRO LADO DO AMOR!



A história de amor entre Lia Collins e Mark Harris, um casal que conseguiu transpor inúmeras barreiras para finalmente ficarem em paz com sua família.

Agora, grávida pela segunda vez, Lia descobre que seu futuro lhe reserva algumas surpresas nem tão agradáveis assim.

Mark finalmente está ao lado de sua mulher e sua filha Nina, mas isso não significa que tudo está em paz.

O casal ainda irá enfrentar dificuldades que irá pôr o amor à prova.

Este é o livro 2 a continuação de O lado Oculto do Amor, que em breve estará também disponível na Amazon.



um romance de

**O
OUTRO
LADO
DO
AMOR**

LÍVIA MAYER

VOL. II

SOBRE A AUTORA



LÍVIA MAYER

Lívia nasceu no Rio de Janeiro em 24 de dezembro de 1988. Lívia é cristã, ama ler e escrever; essas são algumas das coisas que mais ama fazer na vida. Romântica por natureza, gosta de escrever desde a infância quando já fazia minilivros nos tempos de escola. Recentemente trocou o calor do Rio para viver em uma cidade mais tranquila no estado de Minas Gerais.

Para ela, não existe nada melhor que salmão grelhado, sorvete de pistache e cerejas frescas.

Lívia ama ouvir as músicas do John Mayer, principalmente enquanto escreve. Katy Perry é a sua cantora favorita, e acredita que é a melhor pessoa desse mundo.

Lívia é apaixonada pelo ator Chris Evans, que segundo ela, é o homem mais bonito de universo.

A autora também ama criar memes e atualmente, além de escrever livros, trabalha como educadora de informática numa instituição filantrópica.

Lívia possui outras obras como: *Respire*; *Nick: Sobrevivendo*; *Uma noite com Katherine*; *Iminente*; *Marjorie: Surpresas em New York*, todas disponíveis na plataforma. Futuramente também estarão disponíveis na Amazon o segundo livro desta saga, *O Outro Lado do Amor*, o livro *No Sangue*, vencedor do concurso *Diamond Writers*, na categoria drama, e também o conto *Bem-vindo ao Lar*.

RECADO DA AUTORA



Agradeço a você que leu até aqui esta história que eu gostei tanto de escrever e espero que você também tenha gostado.

Deixe uma avaliação para que eu possa saber sua opinião sobre este livro. Sua opinião e sua avaliação são importantes para o meu crescimento como autora. Mais uma vez, obrigada.

Deus te abençoe!

Contato:

 facebook.com/autoraliviamayer

 instagram.com/autoraliviamayer

 wattpad.com/user/Liviamayer

 [email: liviaamayer@outlook.com](mailto:liviaamayer@outlook.com)

Livia Mayer